BACKGROUND: CANDLEMASS PÔSTERES: MARILLION E BENEDICTION

BrasilRevistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

30 ANOS DE "BLACK ALBUM"

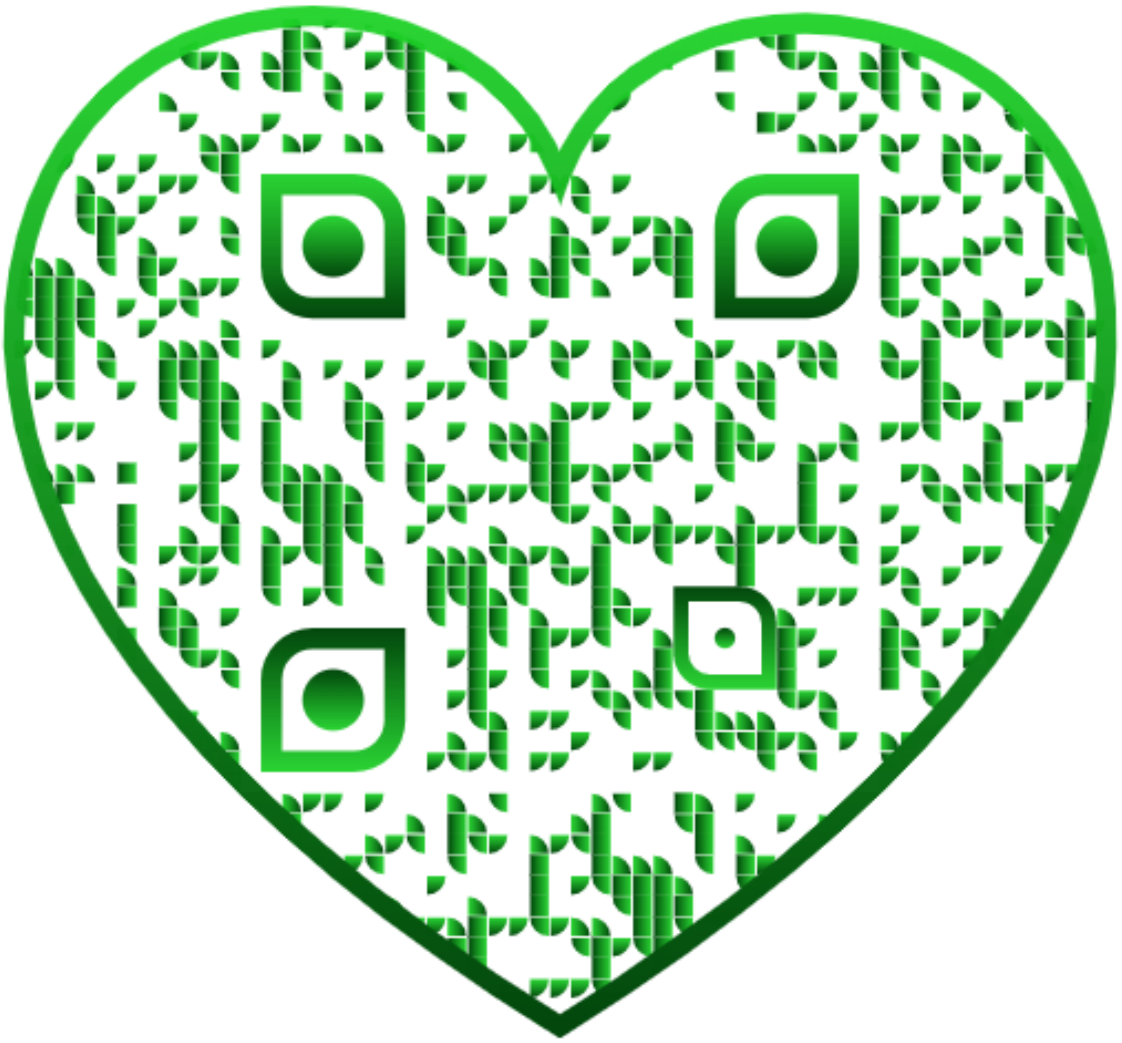
REVERÊNCIA À REFERÊNCIA

COMO O METALLICA SE TORNOU O MAIOR EXPOENTE DA MÚSICA PESADA!

ENTREVISTAS:

DEE SNIDER PARADISE LOST EVERGREY INGLORIOUS ARTILLERY
THE VINTAGE CARAVAN AT THE GATES HARDLINE LABYRINTH
FEAR FACTORY JOEL HOEKSTRA'S 13 TEMPLE OF VOID
DORSAL ATLÂNTICA MONSTER MAGNET DESASTER EVILDEAD

ISSN 1415-2223 Ed #263 R$ 18,90 9 771415 222001 00263



Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

Hoffman & O'brian
marketing artístico e entretenimento
APRESENTA:

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

DE LAS VEGAS PARA O MUNDO

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes

Brasil Revistas

CLASH BULLDOGS

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

ANGER GROWS

FEAT.

BLAZE BAYLEY

ESCUTE AGORA O

NOVO SINGLE

Spotify · DEEZER · amazon music · Available on iTunes · YouTube MUSIC · TIDAL

Brasil Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 METALLICA - 30 ANOS DE "BLACK ALBUM"
26 EVERGREY
30 HIDDEN TRACKS
Rei Lagarto
32 THE VINTAGE CARAVAN
34 AT THE GATES
38 FEAR FACTORY
42 COLLECTION
Deicide
44 HARDLINE
46 INGLORIOUS
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Blind Guardian - Imaginations From the Other Side
55 ROCK AVERAGE
Badlands - Badlands
60 DEE SNIDER
64 DESASTER
66 TEMPLE OF VOID
68 PLAYLIST
Marielle Loyola (Volkana)
70 ETERNAL IDOLS
John Lawton (Uriah Heep)
72 ARTILLERY
74 EVILDEAD
76 DORSAL ATLÂNTICA
78 PARADISE LOST
80 CLASSICREW
Type O Negative, Made In Brazil e Uriah Heep
82 BACKGROUND
Candlemass (Parte 1)
86 HEADPHONES IN FURY
Renan Roveran (Warshipper)
88 MONSTER MAGNET
90 JOEL HOEKSTRA'S 13
94 LABYRINTH
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood /
A Look At Metal / Campo de Batalha
98 PROFILE
Morten Veland (Sirenia, Mortemia, ex-Tristania)

CARTA DO EDITOR

A AMPLITUDE DO "NOSSO ROCK"

Black Sabbath, AC/DC, Deep Purple, Scorpions, Beatles, Metallica, Mötley Crüe, Megadeth, Journey, Guns N'Roses, Airbourne, Survivor, Suicidal Tendencies, The Clash, Dire Straits... Não estou criando nenhum playlist, mas mostrando a amplitude do rock, já que estas bandas fizeram parte da trilha sonora dos DJs nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, encerrados em 8 de agosto. Geralmente, não nos damos conta disso, mas, em sentido amplo, o "popular", aquele que não é um "doente" aficionado pelo rock e heavy metal como nós da equipe e você, leitor da ROADIE CREW, também aprecia o "nosso tipo som". Obviamente que não estou mencionando os hits atuais e mais antigos usados quando o Brasil estava em cena. Alguns utilizaram sons de bandas do chamado "Rock Brasil" da década de 80, mas rolou até *Aumenta que isso aí É Rock And Roll*, do saudoso Celso Blues Boy.

Pois bem, a matéria de capa desta edição traz outro exemplo típico da magnitude do heavy metal. Sim, porque celebrar trinta anos de "Black Album" é lidar com algo que transcendeu todos os limites do som pesado para se tornar mainstream e até mesmo fazer do Metallica um sinônimo do estilo. Basta ver a lista de artistas de diversas vertentes do cenário musical que integram o trabalho comemorativo intitulado *The Metallica Blacklist*, a ser lançado em setembro (digital/streaming) e outubro (vinil e CD).

Quarenta anos atrás, quando Ron Quintana estava com dificuldades para encontrar um nome para seu fanzine, foi o baterista Lars Ulrich quem sugeriu uma das opções ao amigo: Metal Mania. A outra era justamente Metallica. A própria ROADIE CREW começou sua trajetória como fanzine e, desde antes de sua criação, eu mesmo já colecionava tudo relacionado ao Metallica. Já contei a história aqui, mas o meu despertar se deu ouvindo o programa de rádio Sessão Rockambole, da 97FM, comandado por Beto Peninha, o "Capitão de Aço". Quando escutei *Seek & Destroy* o impacto foi grande. Em 1989, pude ver a banda pela primeira vez ao vivo, sensação que repeti inúmeras vezes, sempre com a mesma emoção.

Veja, não importa se esse é seu álbum preferido do Metallica – ainda considero *Ride the Lightning* –, mas "Black Album" é o *Back in Black*, o *The Dark Side of the Moon* da banda. Quando se atinge esse nível de sucesso, você não precisa de mais nada. Porém, o Metallica sempre quer mais e assim vai fincando sua marca na história da música.

Esta edição ainda traz entrevistas variadas para todos os gostos, com Dee Snider, Paradise Lost, At the Gates, Fear Factory, Artillery, EvilDead, Dorsal Atlântica, Hardline, Inglorious, Desaster, Monster Magnet, Temple of Void, Joel Hoekstra's 13 e Labyrinth. Além disso, trazemos a primeira parte do "Background" do Candlemas e uma lembrança aos trinta anos do primeiro álbum do Volkana, *First*, na seção "Playlist". Boa leitura!

Claudio Vicentin

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 263
AGOSTO/2021
ANO 24

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Junior, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Acesse mais conteúdos em Brasil Revistas

Brasil Revistas

FACES OF DEATH

SIDNEY RAMOS (bateria) | LAURENCE MIRANDA (vocal e guitarra) | SYLVIO MIRANDA (baixo) | FELIPE RODRIGUES (guitarra)

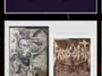
Banda de **Thrash Metal do Brasil** formada em **1990**, em **1996** interrompe as atividades retornando em **2016**. Em **2017** lançam o EP **"Consummatum Est"** e em **2018** lançam o álbum completo **"From Hell"**, eleito pela mídia especializada entre os melhores lançamentos.

Em **2020**, com o lançamento do cd **"Usurper of Souls"**, **Laurence Miranda** (vocal e guitarra), **Felipe Rodrigues** (guitarra), **Sylvio Miranda** (baixo) e **Sidney Ramos** (bateria) apresentam um trabalho ainda mais agressivo, mesclando thrash e death metal. O álbum foi produzido por **Friggi Mad Beats**, masterizado na **Absolute Master** e conta com trabalho gráfico de **Marcelo Vasco** (The Troops of Doom, Slayer e outros). O sucessor de **"From Hell"** (2018) está disponível nas plataformas de streaming e também em formato físico.

TIMELINE

1990
O **Faces of Death** surgiu no início dos anos **1990** em Pindamonhangaba com o objetivo de tocar **Thrash Metal** para destilar toda a fúria e agressividade em suas músicas e letras.

1994/1996
Foram lançadas duas demo-tapes, sendo a segunda, intitulada **"Retrocesso"**, resenhada na edição **nº 114 da revista Rock Brigade**.



1996
Com a mudança de um dos integrantes para outra cidade e a dificuldade de manter a frequência dos ensaios, o grupo encerrou suas atividades.

2016
Laurence Miranda convida seu irmão **Sylvio Miranda** a retomar as atividades da banda. O baterista **Sidney Ramos** entendeu a proposta e decidiu entrar de cabeça no renascimento do **Faces of Death**.

2017
Após reformada, sai o EP **"Consummatum Est"** em 2017, que obteve boa receptividade no cenário underground e foi eleito destaque pela mídia especializada, como no **Heavy M' Bol**.

2018
Entra **Felipe Rodrigues** e gravam seu 1º álbum, **"From Hell"**, que ficou entre os principais destaques do ano em mídias especializadas, principalmente pela **Revista Roadie Crew (ed. #238 e #246)**.

2020
É lançado o segundo álbum, **"Usurper of Souls"**. Fala, entre os principais destaques do ano em mídias especializadas, principalmente pela **Revista Roadie Crew (ed. #258)**.

FUTURO
Em **2022**, ocorre a **turnê pela Europa**, a **"Hellropean Tour"**, organizada pela empresa **Onfire Agency**, que passará por países como **Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Polônia e República Tcheca.**

DISCOGRAFIA

2020
CD - Usurper of Souls

2018
CD - From Hell

2017
EP - Consummatum Est

1996
2º Demo - Retrocesso

1994
1º Demo

RESENHAS ENTREVISTAS

EDIÇÃO Nº 114
REVISTA ROCK BRIGADE

EDIÇÃO Nº 240
REVISTA ROADIE CREW

EDIÇÃO Nº 238
REVISTA ROADIE CREW

EDIÇÃO Nº 257
REVISTA ROADIE CREW

EDIÇÃO Nº 258
REVISTA ROADIE CREW

Acervo Digital Brasil Revistas

facesofdeath.hearnow.com | facesofdeath@hotmail.com | youtube.com/facesofdeathband | facebook.com/facesofdeathband | instagram.com/facesofdeathoficial

ACESSE

APOIO

ON FIRE | ASE | FRIGGI MAD BEATS | CORDAS CLUB

Brasil Revistas

ICON OF SIN

RAPHAEL MENDES EM MÚSICA AUTORAL

A história do vocalista Raphael Mendes bate com a de muitos de nós, "camisas pretas", quando somos apresentados ao universo da música pesada: os primeiros discos, a paixão por determinadas bandas e a escolha por seguir uma carreira igual à dos ídolos. Após seus primeiros passos cantando e a criação de um canal no YouTube, no qual cantava versões de Iron Maiden, sua banda favorita, deu novos rumos à carreira. Tal exposição chamou a atenção da Frontiers Music, o que possibilitou um contrato, e disso saiu a banda Icon of Sin. Em entrevista à ROADIE CREW, o vocalista, chamado por muitos de "Bruce brasileiro", nos contou um pouco de sua história, influências e tudo o que ronda o universo do Icon of Sin. E, claro, o nome Bruce Dickinson também entrou na conversa!

Caio Vidal, CJ Dubiella, Raphael Mendes, Sol Perez e Mateus Cantaleão estrearam em grande estilo

Mateus Cantaleão

Você ficou conhecido por fazer covers do Iron Maiden, nos quais, além da semelhança de seu timbre com o do Bruce Dickinson, chama a atenção a fidelidade nas interpretações. Como começou isso na sua vida e quando teve ideia de começar a gravar vídeos?

Raphael Mendes: Minha admiração pelo Maiden começou em 2005, quando meu primo trouxe o *Rock in Rio* para assistir na minha casa e fiquei fascinado. Comecei a aprender a tocar violão e depois guitarra para tocar as músicas, mas nunca levei muito jeito. Nunca tinha cantado antes, mas comecei a tentar cantar as músicas e notei que tinha certa facilidade para soar um pouco semelhante ao Bruce: os vibratos, a potência, estava tudo ali... Fui aprimorando com o tempo e lembro que ouvia Maiden o tempo todo, queria ver cada detalhe do que Bruce fazia na voz. Em 2011, montei minha primeira banda cover em minha cidade, Cachoeiro de Itapemirim (ES), na qual toquei até 2018. A ideia dos vídeos surgiu em 2016, após um convite do meu grande amigo e violonista Fábio Lima, que me chamou para gravar alguns vídeos. Comecei a ter reconhecimento na internet, criei meu canal e assim foi.

Quando sentiu que era o momento de aproveitar a boa divulgação de suas versões e partir para o autoral com o Icon of Sin? Alguém o encorajou ou era algo que já tinha em mente?

Raphael: Sempre quis uma banda autoral, mas nunca tive uma oportunidade antes como foi com o Icon Of Sin. Por causa dos meus vídeos e da boa visibilidade que isso me deu na internet, a Frontiers Music se interessou em criar um projeto para eu trabalhar com eles e assim foi criado o Icon Of Sin. Eles deram uma proposta do que queriam que a banda soasse: heavy metal tradicional inspirado em Judas, Maiden, Dio... Assim, me colocaram junto com Sérgio Mazul (Semblant) e Marcelo Gelbcke (Landfall) e tudo começou a ser criado do zero. Eles são os grandes responsáveis das composições e fizeram um trabalho impecável.

Como se deu o contato com a Frontiers, que está apoiando bandas e artistas brasileiros, como Electric Mob, Semblant, Spektra, Alirio Netto e Nando Fernandes?

Raphael: Realmente, eles têm olhado com atenção para o Brasil, onde tem muitos talentos que merecem o devido reconhecimento na música. O primeiro contato foi da Frontiers. Serafino Perugino, dono da gravadora, me colocou em contato com Sérgio e Marcelo, e assim começamos a trabalhar.

No álbum, a sonoridade encorpada e pesada chama a atenção e faz o ouvinte se deliciar em sons como *Virtual Empire*, *Night Breed* e *Shadow Dancer*. Como foi o processo colaborativo e quais faixas destacaria?

Raphael: Sergio e Marcelo foram os compositores, me mandavam as demos e eu analisava. Mudei algumas coisas, como tonalidade e algumas melodias. Gravei as demos de casa e depois fui para Curitiba (PR) para a gravação final. Minha favorita é *Virtual Empire*, mas *Clouds over Gotham* e *Survival Instinct* merecem destaque.

Vale mencionar momentos 'fora da curva', como a rock'n'roll *Road Rage* e a longa e épica *Clouds over Gotham*, que você citou e que traz uma temática abordando a cidade ficticia conhecida por Batman e Robin, da DC Comics. Qual foi a importância de tê-las em *Icon of Sin*?

Raphael: Quando Sergio me mostrou *Clouds over Gotham* eu fiquei louco! Não me lembro se alguma banda de heavy metal abordou um tema assim, e achei muito interessante. Sempre curti muito o universo Batman e achei incrível a referência que ela traz. *Road Rage* é bem na cara, acho que tem uma pegada Judas e é bem direta. É uma que agitaria muito ao vivo, seria sensacional.

Afora o Icon of Sin e seus vídeos, qual seu envolvimento com a obra *Legend of Valley Doom*, de Marius Danielsen, e *The Enigma Birth*, álbum mais recente do Avalon, de Timo Tolkki (ex-Stratovarius)?

Raphael: *Legend of Valley Doom* foi o primeiro projeto internacional de que participei. Marius me convidou em meados de 2016/2017 para gravar uma música e achei incrível, pois do álbum participaram também grandes nomes do metal, como Michael Kiske, Vinny Appice, Blaze Bayley e outros. Então foi uma grande oportunidade que tive depois que ele me encontrou no YouTube. Com o Avalon foi graças à Frontiers também. Depois de já ter gravado com o Icon Of Sin, me indicaram para Timo Tolkki. Gravei as duas músicas para o álbum e ainda tive a surpresa de escolherem *Master of Hell*, uma das que gravei, para ser o primeiro single. Me senti muito realizado por ter feito parte disso.

Tendo realizado o sonho de muitos, pois começou fazendo covers e hoje possui uma banda autoral e um contrato com uma gravadora internacional, você já se considera um vencedor?

Raphael: Realmente, é algo muito gratificante, tenho orgulho do que consegui até agora, pois sabemos como é difícil o metal no Brasil. Antes, quando eu só tinha uma banda cover aqui na cidade, nunca achava que isso seria possível, mas hoje a internet é uma grande aliada para alcançar os objetivos. Basta sempre acreditar em si mesmo e buscar cada dia mais o que você almeja. Posso dizer que sou muito grato por ter um contrato com uma grande gravadora, que é a Frontiers.

Tirando Dickinson, quais são suas outras referências no vocal? Acredita que daria para se desvencilhar de ficar conhecido mundialmente por ser o 'Bruce brasileiro' ou isso será motivo de orgulho eterno?

Raphael: Gosto muito de Michael Kiske, Dio e Freddie Mercury, que também são referências vocais para mim. Sinceramente, tenho muito orgulho quando falam que minha voz é parecida com a do Bruce. Foi aquilo que quis desde a primeira vez que eu o ouvi cantar e muita gente também gostaria de cantar assim. Afinal, é a maior lenda viva do heavy metal e um vocalista inigualável, então me sinto realizado por isso. Posso dizer que minha voz soa natural assim, foi como aprendi a cantar e gosto muito de poder cantar dessa maneira.

João Messias Jr.

Compartilhe no Telegram @BrasilRevistas

Brasil Revistas

DARK ASYLUM

REABRINDO O "HOSPÍCIO"

Quatro anos após seu nascimento em 2003, a Dark Asylum entrou em estúdio para registrar dois EPs de puro heavy/thrash. Porém, com o fim da banda em 2008, esses álbuns ficaram arquivados. Treze primaveras depois, o vocalista e fundador Aparício "Dark" Neto, único remanescente da formação original, resolveu reabrir o "hospício", como ele gosta de rotular o grupo de Porto Alegre (RS), lançar material do passado e, com uma nova formação, disponibilizar em breve novos atos de insanidade causados por uma incurável doença chamada heavy metal.

Divulgação

Após 13 anos, Aparício 'Dark' Neto reabriu o "hospício" da Dark Asylum

O EP *Deep in the Madness* surge junto com o retorno da Dark Asylum. É minha primeira pergunta é: se entre 2003 e 2008, na primeira fase da banda, o ideal era tocar metal em estado bruto e promover uma união na cena local, quais seriam a principal motivação e as metas do grupo neste regresso às atividades?

Aparício "Dark" Neto: Nossos valores como banda permanecem inalterados: fazer música poderosa e acessível, desenvolvendo nossos conceitos, para divertir as pessoas. Porém, preciso salientar que o foco nessa nova fase será construir um legado. Estou mais velho e quero devolver um pouco para o metal o que ele fez por mim.

Dentro disso, quais as maiores diferenças que você encontra na cena atual em relação à de mais de dez anos atrás? E como foi reabrir esse 'hospício' que é a Dark Asylum?

Dark: É preciso conscientizar as novas gerações que o metal sobrevive através do apoio e do suporte de cada um de nós. Qualquer pequena atitude, desde comprar uma revista ou ir a um show, é fazer sua parte para que o metal continue existindo. Já a realidade atual é composta por bandas maravilhosas tocando para um público cada vez menor, o que nos obriga a ter diferenciais muito mais fortes. Voltar nesta nova realidade é um desafio enorme.

A banda havia gravado dois EPs em 2007, mas infelizmente eles não chegaram a ser lançados naquela época. Quais foram os motivos e os entraves? E houve algo relacionado a isso que resultou no fim da banda no ano seguinte?

Dark: Sim, infelizmente estava tudo conectado. A ideia original era lançar os trabalhos em alto nível, enviar para toda a imprensa e, aproveitando a repercussão, sair em turnê. Era meu sonho, então resolvi segurar um pouco o lançamento dos EPs para quando a banda encontrasse um baterista fixo. Seguimos fazendo shows e ensaios malucos, com músicos nos ajudando, e acabamos cansados, esgotados e decidindo, em 2008, dar um tempo.

Um desses EPs é *Deep in the Madness* (2021), e o outro está previsto para 2022, certo? Como foi para você ver esse primeiro rebento, enfim, sendo lançado?

Dark: É sensacional o que está acontecendo! Tanto *Deep* quanto *Underground Warriors* foram gravados com muita dedicação e amor, que é o jeito de a gente fazer tudo na banda, nosso mantra. Vê-lo tomando a forma final, com arte, encarte e, o principal, chegando às pessoas com essa repercussão extraordinária, é a realização de um sonho!

Aliás, a produção é ótima, traz uma sujeirinha que dá um 'algo a mais' em um disco de metal. Creio que houve um cuidado especial também nessa parte, além das composições e da performance. Embora tenha sido gravado em 2007, soa até como se tivesse sido feito recentemente.

Dark: Cara, que legal tu notar isso, é muito especial para mim. Eu gosto de produções orgânicas, então desde o início foquei nisso com o incrível André Brasil, que fez esse trabalho conosco. Queríamos um som matador e atual, mas com aquela sensação de seres humanos tocando, não máquinas. Acho que o resultado diz tudo. Mesmo gravado em 2007, foi feito com tanta vontade, garra e tesão que tu sente isso em cada nota ainda aqui em 2021.

E o pacote se torna completo pela capa assinada por Günther Natusch, uma figura conhecida no metal. Como chegaram a ele, e o que achou do resultado final da arte? Aproveito para dizer que, quando li e ouvi o conteúdo das letras e vi a arte, me passou a ideia de um EP conceitual, com tudo se conectando.

Dark: A Dark Asylum é uma banda conceitual, ela parte de uma ideia simples: o metal é uma doença que infecta seus ouvintes e os deixa loucos pelo estilo. Para todos esses malucos é que existe o 'Hospício Sombrio', um lugar onde você pode viver seu amor e sua insanidade tranquilamente. Quanto a Günther, ele é um astro em ascensão, muito talentoso. O descobrimos através de nossa assessoria e é incrível como se apaixonou e interpretou a mitologia e os simbolismos que transmiti para ele.

A respeito dessa formação atual, como foi reunir esse novo time? Ao mesmo tempo, imagino que você mal possa esperar para voltar aos palcos neste retorno.

Dark: Os antigos insanos não puderam voltar. Tenho contato apenas com Vilmar 'The Teacher' Gusberti, que se tornou um dos maiores professores de música do país e é meu parceiro neste lançamento. Sendo assim, fui atrás das pessoas certas para defender nossa bandeira com a garra e a intensidade necessárias. Dei sorte e o 'hospício' tem um novo surto de insanidade com William 'The Axe Murderer' Leite e Ângelo 'Angel of Death' Gobbi nas guitarras, John 'Doomslaye' Xavier no baixo e Peter "Samurai' Pavan na bateria. Sempre tivemos shows teatrais e empolgantes, somos lembrados por isso até hoje. Estamos com fúria assassina para reestrear e voltar a arrancar cabeças!

Aproveitando a deixa, o que podemos aguardar da banda para este e os próximos anos? O que poderia nos adiantar em termos de novas composições ou outras novidades?

Dark: Devido à pandemia, priorizaremos, durante o resto do ano, os festivais online e o contato próximo aos fãs via redes sociais. Para 2022, temos o EP *Underground Warriors* programado e em 2023, o EP *The Dark Asylum* será lançado, com composições novas e a formação atual. Estamos bem ocupados (risos).

Por fim, uma curiosidade. Já que você ressalta que a Dark Asylum seria como um 'hospício', em uma forma carinhosa de tratar seu amor pelo metal, queria saber quais bandas que o deixaram 'louco' por esse estilo que tanto amamos?

Dark: Slayer, Judas Priest, Memento Mori, Death, Iron Maiden... A lista é infinita. Sim, sou completamente louco por metal... Me internem (risos).

Thiago Prata

Brasil Revistas

BROTHER AGAINST BROTHER

VOZES DO BRASIL NA FRONTIERS

Renan Zonta e Nando Fernandes tinham em comum o fato de serem vocalistas de duas bandas brasileiras de som pesado: Electric Mob e Sinistra. A mais nova semelhança é o fato de fazerem parte da Frontiers Music, gravadora italiana que conta com uma imensidão de nomes consagrados como Whitesnake e Journey, citando só alguns. O detalhe é que agora estão juntos representando o Brasil no Brother Against Brother, novo projeto criado por Serafino Perugino, que chefia o selo. A ROADIE CREW conversou com a dupla para saber mais detalhes e como foi a gravação do álbum, que conta ainda com o sueco Jonas Hörnqvist (guitarra) e os italianos Alessandro Del Vecchio (baixo, teclado e backing vocals) e Michele Sanna (bateria, Sweet Oblivion, Coma e Sunstorm).

Marco Mirra

A italiana Frontiers Music aposta no talento dos brasileiros Renan Zonta e Nando Fernandes

Renan, como você e Nando Fernandes foram escolhidos para este projeto da Frontiers?

Renan Zonta: A gravadora vinha falando comigo há um tempo sobre me incluírem em um projeto com outro vocalista, mas ainda não tinham encontrado o nome certo. Quando fiquei sabendo que era o Nando, achei incrível! Sempre fui fã do trabalho dele e trabalhar com ele é uma honra.

Mas vocês se conheciam?

Nando Fernandes: Na verdade, não. Renan tinha acompanhado algumas apresentações minhas em Cascavel (PR), cidade natal dele, e também havia me procurado para algumas aulas online, antes do lançamento do CD do Electric Mob, sua banda atual, que por sinal é incrível. Nós nos conhecemos pessoalmente na gravação do clipe de *Valley of the Kings*, em Curitiba (PR).

Vocês são de gerações diferentes, mas as influências musicais também são distintas?

Nando: Somos de gerações diferentes, mas acredito que boa parte das influências é bem parecida. As minhas principais vêm de alguns vocalistas dos anos 70, 80 e 90. Nomes como David Coverdale, Ian Gillan, Robert Plant, Dio, Jeff Scott Soto, Chris Cornell, Ray Gillen e Paul Rodgers são sempre marcantes nas minhas interpretações.

Renan: Também carrego muita influência dos clássicos vocalistas de rock, como Paul Rodgers, Coverdale, Dio, Gillen, Cornell e Mickey Thomas. Além disso, tenho muito de soul e R&B também, graças a nomes como Marvin Gaye, Stevie Wonder, Ray Charles, Patti LaBelle e Etta James.

As composições que saíram no álbum já estavam prontas?

Renan: Alessandro Del Vecchio veio com todas as demos e letras prontas, mas nos deixou livres na interpretação e escolhas melódicas.

Vocês tiveram oportunidade de se encontrar pessoalmente com os demais integrantes?

Nando: Infelizmente, a pandemia nos privou de muitas possibilidades, inclusive de viajar para a Itália para gravar o álbum, vídeos e algumas apresentações. Mas com certeza, depois da normalidade, muitas coisas legais irão acontecer.

Como está sendo a repercussão do álbum?

Nando: Dentro e fora do Brasil, a repercussão tem sido positiva. Até mais no mercado internacional, devido ao trabalho de promoção da Frontiers. Temos respondido muitas entrevistas de sites importantes da Itália e de outros lugares da Europa, como no grego Grande Rock, e de sites americanos. A resposta maior tem sido para os singles que foram lançados, da *Valley of the Kings* e da *Deadly Sins*, que saíram com videoclipes, além de *Demons in My Head*, que canto individualmente, e *Heaven Sent*, que Renan assume os vocais principais. Estas tiveram lyric videos no canal da Frontiers. Não tivemos tanta procura no Brasil sobre esse trabalho especificamente e acredito que a única entrevista que respondemos é exatamente esta da ROADIE CREW.

Como foi conciliar os estilos vocais?

Nando: Recebemos o material pronto, inclusive as linhas vocais e arranjos dos backings, tudo já separado para cada um, pois se trata de uma história bíblica que, de uma forma mais moderna, retrata a saga dos irmãos Moisés e Ramsés. Porém, nos foi dada liberdade de mudar o que fosse do nosso gosto pessoal em termos de melodia, e isso aconteceu em algumas poucas partes das músicas, mas sem um saber o que o outro estava gravando. Ouvir o CD mixado foi uma grande surpresa.

Renan: Além disso, confiamos um no trabalho do outro. A gente sabia que, mesmo sem ensaiar ou discutir direcionamentos, ia funcionar.

Essa oportunidade de reconhecimento de dois talentos brasileiros pode contribuir para a cena nacional e ser uma chance para outras bandas?

Nando: Sim, claro! A oportunidade só fortalece o nome do Brasil perante o mundo, onde o nosso rock/metal/hard/thrash sempre foi bem visto e muito bem representado. E, mesmo esse não sendo meu primeiro trabalho internacional, já que participei de muitos outros, estar na Frontiers ao lado de nomes como Whitesnake, Revolution Saints, Survivor, Def Leppard, Yes e Journey é uma grande conquista e que deixa nossos fãs muito orgulhosos!

O estilo do Brother Against Brother não é exatamente o mesmo do Sinistra e do Electric Mob. Como foi ser adequar a essa proposta mais épica, prog e power metal, Renan?

Renan: Para mim foi uma loucura total. O Electric Mob tinha recém começado as composições para nosso novo álbum quando Nando e eu recebemos as demos para gravar. Nesse meio-tempo, tive que transformar o meu approach de hard rock/alternativo em metal. Foi um desafio, até porque estar lado a lado com um dos melhores cantores do estilo é de uma responsa gigante. Mas, no final, foi incrível! Sempre quis fazer algo mais voltado ao metal e nunca tinha tido a oportunidade. Peguei essa e agarrei com força.

Quais os próximos passos em suas atuais bandas?

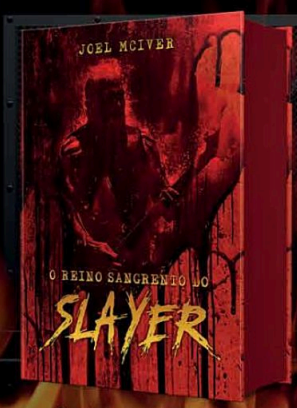
Nando: O Brasil já sabe da existência da Sinistra e sempre deixo claro que essa é a minha prioridade, pois canto o que eu escrevi, na nossa língua e com muito orgulho. Estamos com tudo pronto, quatro singles apresentados e muito bem aceitos, esperando apenas o momento certo para lançar o CD e sair em turnê pelo Brasil. Outra novidade que gostaria de falar em primeira mão é sobre mais um projeto da Frontiers de que faço parte, a The Grandmaster, uma banda nova em que estou ao lado do guitarrista Jens Ludwig (Edguy). O CD está pronto e em breve será lançado!

Renan: O Electric Mob está terminando o processo de pré-produção do próximo álbum. Enquanto isso, estamos conversando com nossos empresários e com a gravadora sobre uma turnê fora do Brasil. A pandemia foi um choque muito forte, mas seguimos trabalhando pesado, animados e esperançosos para pôr os pés na estrada o quanto antes.

Alessandro Bonassoli

Brasil Revistas

OS MELHORES LIVROS DE THRASH / DEATH



O reino sangrento do **SLAYER**

SLAYER
Repentless

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

SEPULTURA
1984 / 1998 - Os Primórdios

DEATH BY METAL
A história de Chuck Schuldiner

Estética Torta
www.esteticatorta.com.br
/esteticatorta
/esteticatorta
arte @aeperga

Brasil Revistas

SEGREGATORUM

DENSO, OBSCURO E SOMBRIO

Dissertações sobre as mazelas do ser humano, reflexões a respeito da natureza pecaminosa do homem e referências ao filme "Hellraiser" se entrelaçam a um death/doom orgânico, caótico e intenso. Células que compõem o tecido musical que reveste as dez faixas do debut do Segregatorum, batizado de *Lemarchand's Dominus*. Formado atualmente por Lucas A. Lazzarotto (vocais), Luiz Felipe Dias Flores e Christian Gedoz (guitarras), Lucas Carbonera (baixo) e Carlos Acosta (bateria), a banda de Bento Gonçalves (RS) colhe os frutos neste início de saga enquanto prepara os próximos passos.

Lucas Carbonera, Christian Gedoz, Lucas A. Lazzarotto, Luiz Felipe Dias Flores e Carlos Acosta já planejam novo álbum

A banda surgiu em 2016 e rapidamente mostrou a que veio. A proposta desde o início era trafegar pelos campos do doom e do death? Que análise vocês fazem daquele período entre o nascimento do grupo e o lançamento do EP *Death Bells* (2017)?

Lucas A. Lazzarotto: Sim, a proposta sempre foi de que cada membro trouxesse suas influências, que envolvem diversos subgêneros do metal extremo, mas nas composições sempre buscamos um direcionamento musical em uma linha de death/doom. O *Death Bells* ainda não estava caracterizado como um álbum excêntrico. Faltava uma timbragem genuína e diferenciada, junto com discernimento nas composições, estrutural e liricamente falando, mas ali nascia o primeiro conceito do que é a temática da banda.

Ainda sobre as raízes do grupo, consta que a origem do nome, que vem do latim, tem a ver com a música *Isolate*, do Paradise Lost. De quem partiu a ideia de batizar o grupo de Segregatorum e de que forma o Paradise Lost exerce influência no som e na poética da banda?

Lazzarotto: O nome da banda surgiu da música *Isolate*. Mas, antes, a ideia foi estudada por mim e, junto à proposta de temática da banda, tornou-se envolvente, fazendo menção a pessoas individualistas, que vivem para si mesmas e para alimentar seu ego. Essas características de caráter são referidas ao personagem Frank do filme "Hellraiser". Mas além do significado do nome da banda, o Paradise Lost influencia em alguns aspectos nas composições, tanto na parte lírica, envolvendo letras obscuras, reflexivas e densas, quanto em alguns momentos do instrumental. O primeiro nome da banda era Lemarchand's, mas em função dos direitos autorais com outra banda brasileira de nome Lemarchand, optamos por Segregatorum.

Chegamos agora ao debut, *Lemarchand's Dominus*, que, acredito eu, seja o encerramento de uma era e o início de uma nova fase da banda, devido à saída de Igor Alves Bidigaray e à entrada, após as gravações do álbum, de Christian Gedoz. Vocês também veem dessa forma no sentido de alçar novos voos daqui para frente?

Lazzarotto: Certamente! Cada membro aqui da banda é livre para expor, não nos retemos a um padrão de estilo. Fazemos isso para trazer uma nova experiência ao ouvinte e não nos acomodarmos em uma zona de conforto. Com Igor, através de suas influências, conseguimos um som bem melódico e harmonizado, elementos marcantes em *Lemarchand's Dominus*. Para o segundo álbum, traremos um som diferente em alguns aspectos, não só pelas influências trazidas pelo novo guitarrista, mas também pela evolução geral de cada um dos outros membros.

E o que Gedoz traz de mais importante para agregar ao grupo?

Lazzarotto: Ele trouxe um ponto de vista diferente para a guitarra solo. Em alguns trechos, muda as nuances, fazendo uma guitarra mais rítmica e dando um realce para as linhas do Luiz Felipe. Em outros, vem com linhas de guitarra extremamente grudentas, acompanhando o vocal, contribuindo da melhor maneira possível para o andamento da melodia.

Antes de falarmos da musicalidade, gostaria que nos descrevesse o conteúdo lírico do disco, conceitos relacionados às falhas e os defeitos humanos, aos sete pecados capitais... E como é utilizarem o latim como idioma principal em algumas músicas?

Lazzarotto: A temática da banda seria ficcional se explorássemos apenas o filme "Hellraiser", dirigido por Clive Barker. Porém, queríamos trazer o ouvinte para mais próximo da gente. Precisávamos mexer com suas emoções, então atrelamos seu cotidiano, concentrando a temática nas imperfeições, falhas e corrupções humanas. As letras descrevem os sete pecados capitais, juntamente com as práticas pecaminosas realizadas pelo ser humano, o que faz referência à parte melancólica/perturbadora do filme. Já o uso do latim nas letras traz certa elegância por ser uma língua morta e acaba gerando uma sensação blasfema como se um dos cenobitas estivesse se pronunciando em algum determinado trecho da música.

Das dez faixas do álbum, três fizeram parte do EP. De quem partiu a ideia de colocar versões remasterizadas de *Hex Ov N'guize*, *Gli Scultori di Carni* e *Threnody*? Aliás, cabem a *Gli Scultori di Carni* e *Threnody*, respectivamente, a abertura e o encerramento do álbum.

Lazzarotto: Foi uma ideia dada no final de um ensaio, através de Lucas Carbonera, de remasterizar algumas faixas do EP. As faixas escolhidas têm um significado muito forte dentro da temática da banda. *Gli Scultori di Carni* detém em sua letra o desenvolvimento do início dessa jornada em busca da caixa de Lemarchand. Já *Threnody* cita o lamento de Frank por ter encontrado pela primeira vez a caixa de Lemarchand e ter ido parar no abismo (outra dimensão), sendo punido por seus pecados pelos cenobitas desde então. Mas cita também o escape momentâneo deste inferno, voltando ao plano terrestre e fugindo dos cenobitas. A busca por salvação irá se desenvolver no próximo álbum. Já *Hex* foi nossa primeira composição e também nosso primeiro single, tendo assim uma importância sentimental, além de tudo.

Como vem sendo o período de quarentena em relação a criatividade e lives? O que podemos esperar da banda daqui para frente? Já há novas composições em andamento? Já se pode fazer previsão de um novo EP ou disco?

Lazzarotto: Está sendo um período para nos reinventarmos e criarmos novas possibilidades. Sim, estamos fazendo lives para nos aproximar dos fãs, falando um pouco da temática e das influências dos membros etc. Em função da quarentena optamos pela criação e desenvolvimento musical e, com isso, pretendemos lançar o segundo álbum durante o próximo ano. Até o momento, estamos com a maior parte das oito composições bem encaminhada.

Thiago Prata

Brasil Revistas

NO ONE SPOKE
VITÓRIAS EM MEIO À PANDEMIA

André Medeiros, Iva Giracca, Thiago Gonçalves, Carla Domingues, Gabriel Porto e Artur Cipriani participaram da 15ª edição do 'Roadie Crew Online Festival'

Divulgação

Desde seu início, em 2020, a pandemia do novo coronavírus mudou o mundo para pior em todas as áreas da atividade humana. Uma das mais prejudicadas, sem dúvida, foi a cultura em todos os segmentos. Na música, por exemplo, shows foram proibidos e artistas e trabalhadores do setor ficaram sem trabalho. Por outro lado, muita gente no mundo todo aproveitou para enfrentar o temor da covid-19 e a frustração da imperiosa necessidade de distanciamento social para se reinventar e dar continuidade à vida. Dentro do Brasil, um exemplo vitorioso vem de Florianópolis (SC). A banda No One Spoke não só conseguiu criar, gravar e lançar o álbum de estreia, *Nine Mirrors*, como viu seu nome se fortalecer no cenário nacional. A ROADIE CREW conversou com a vocalista Carla Domingues sobre isso e a repercussão no exterior graças à participação especial no disco do lendário Rudy Sarzo (Quiet Riot, Ozzy Osbourne, Whitesnake e Dio, entre outros).

Como está sendo a repercussão de *Nine Mirrors*?

Carla Domingues: Nós ficamos muito surpresos com a repercussão. As críticas têm sido extremamente positivas, resenhas com nota 9 para cima e muitos comentários das pessoas que acompanham nosso trabalho. Ficamos muito contentes e realizados. Já na primeira semana o CD foi ouvido em mais de quinze países e isso foi realmente surpreendente!

Com a facilidade criada pela internet e pelas plataformas digitais fica inevitável perguntar como está sendo a resposta no exterior?

Carla: Recebemos muitas mensagens de pessoas de fora do país, respondemos algumas entrevistas também, além de algumas propostas para distribuição, as quais estamos avaliando. Temos recebido pedidos de envio do CD para países como Japão, França e Alemanha. Isso é muito significativo, saber que as pessoas querem ter *Nine Mirrors* em mãos!

O álbum foi feito totalmente durante a pandemia. Que tipos de desafios isso gerou para vocês?

Carla: Nós ponderamos muito se prosseguíamos com a ideia de fazer o financiamento coletivo para arrecadar fundos para o CD ou não, mas uma vez que decidimos fazer e que tivemos um retorno tão positivo, isso renovou nossas energias para levar adiante o processo de pré-produção e gravação. O maior desafio foi fazer toda a finalização dos arranjos trocando ideias apenas de forma online, uma vez que nós nos vimos muito poucas vezes durante o ano passado. A pandemia atrapalhou bastante a questão da produção de material fotográfico e de vídeo também.

O quê, além da óbvia satisfação pessoal da banda, a participação de Rudy Sarzo vem proporcionando para vocês?

Carla: Foi emocionante contar com a participação de Mr. Sarzo no nosso CD! Ele foi extremamente solícito. Obviamente a colaboração dele na nossa versão da *Rainbow in the Dark* fez com que o nome da No One Spoke chegasse a pessoas que de outra forma não chegaria. Mas o mais importante é, com certeza, o feedback positivo que temos recebido dessas pessoas. Às vezes ainda não acreditamos que isso aconteceu. Foi arrepiante escutar a linha de baixo dele junto com nossas trilhas.

Com o álbum surgiu maior demanda por participações em lives?

Carla: Temos recebido vários convites e, infelizmente, não temos dado conta de atender a todos. Como uma banda independente, os integrantes dividem-se entre vida pessoal, trabalho e banda, e toda a questão de mídias sociais, produção e envio de merchandising, bem como edição de material audiovisual, são tarefas divididas entre nós. Então nem sempre conseguimos atender à demanda, visto que a grande maioria dos festivais tem pedido material inédito. Mas posso dizer que tem muita coisa legal vindo por aí.

Quem são os principais compositores da banda?

Carla: É um processo coletivo. Em alguns casos, a ideia central da música parte de um integrante em especial, mas em geral nós trabalhamos o desenvolvimento das ideias e os arranjos de forma conjunta nos ensaios, o que agora tem sido um problema. Já estamos pensando em como resolveremos isso daqui para frente, pois com certeza a pandemia abalou esse nosso processo.

Não se pode deixar de falar em Renato Pimentel, experiente guitarrista do Brasil Papaya e há anos um produtor com nome estabelecido. Além de ter sugerido Rudy Sarzo, como se pode dimensionar a participação dele no álbum?

Carla: Eu tive a oportunidade de trabalhar com o Renato em diversas oportunidades. Além de dividir o palco com ele há mais de dez anos no Rock'n Camerata, estive no estúdio The Magic Place fazendo outras gravações, tanto líricas como populares, então eu já conheço muito bem a maneira dele de trabalhar e vice-versa. Ele foi o responsável pela produção do EP da Enarmonika, minha banda anterior, e já tinha gravado as faixas *Milonga para las Reinas* e *Sigh*. Então, quando lançamos o financiamento coletivo já tínhamos em mente fazer as demais gravações com ele. E foi muito legal, pois ele já conhecia bem as músicas, sabia o que queríamos em termos de sonoridade e teve muito cuidado em todas as partes do processo, desde a escolha do equipamento mais adequado para a captação até a atenção a detalhes dos arranjos. O resultado vocês podem conferir no CD.

Vocês têm forte ligação com a Camerata Florianópolis. Isso ajuda na divulgação?

Carla: Nós procuramos não misturar as coisas, mas é inevitável que haja a ligação, não só pela minha participação na orquestra, mas pelo fato de a Iva Giracca ser a spalla (primeiro violino de uma orquestra). Temos muito apoio do maestro Jefferson e da Maria Elita (promotora cultural da Camerata Florianópolis), mas queremos trilhar nosso próprio caminho.

O atual estágio da pandemia no Brasil não dá sinais de que deva aliviar sequer em médio prazo. Quais os planos para se manter em evidência?

Carla: Lançamos recentemente um videoclipe para *Fear of Regret*, na 15ª edição do 'Roadie Crew Online Festival' e, em seguida, vamos nos dedicar à gravação de outro cover, para *Kashmir*, do Led Zeppelin, para um tributo de que fomos convidados a participar. Temos ainda outros convites para festivais online e queremos produzir uma live da banda, mas ainda não fomos a fundo no assunto.

Mas vocês já estão trabalhando no próximo álbum?

Carla: Ainda não. Temos expectativa de que em breve possamos estar vacinados para então ter a tranquilidade de retomar os ensaios e aí trabalhar em um material novo. Por enquanto estamos colhendo os louros do *Nine Mirrors*.

Alessandro Bonassoli

Brasil Revistas

Brasil Revistas

JAEDER MENOSSI
VIAGEM ESPACIAL

Jaeder Menossi é conhecido como guitarrista da banda Javali (ex-Pop Javali), que já gravou três discos de estúdio e um ao vivo. Agora que a banda está em recesso, ele aproveitou para gravar seu primeiro disco solo. Acompanhado por Jere Nery (vocais), Rodrigo Barros (baixo) e seu parceiro de Javali Loks Rasmussen (bateria), Jaeder lançou *Interestellar Experience*, disco parte instrumental e parte com vocais que narra uma aventura espacial. Jaeder falou sobre o processo de concepção e sobre a gravação do disco.

Divulgação

Jaeder Menossi criou uma ficção científica em *Interestellar Experience*

Você completou trinta anos de carreira. Por que só agora resolveu lançar um disco solo?

Jaeder Menossi: Fazia um tempo que vinha namorando a ideia de lançar um álbum solo e o projeto começou a tomar corpo em 2019 com algumas composições instrumentais que foram surgindo. No início de 2020, me apresentei na NAMM de Los Angeles, a convite de meu patrocinador, Tesla Pickups, onde essas músicas foram executadas em primeira mão. O feedback foi ótimo, o que me animou a dar continuidade ao projeto.

Demorou muito tempo entre a concepção e a conclusão do disco?

Jaeder: Como disse, a ideia foi amadurecendo aos poucos. Passei uma temporada muito bacana nos Estados Unidos no início do ano passado, me apresentando em feiras, casas e assistindo a vários shows. Já tinha algumas músicas prontas e voltei de lá muito motivado e inspirado. Em questão de um a dois meses tinha praticamente toda a pré-producao finalizada. Somente a parte de captação acabou demorando um pouco, devido às restrições de circulação e algumas sessões de gravação precisaram ser remanejadas e postergadas.

Antigamente, disco de guitarrista era sinônimo de 'masturbação virtuosa'. Atualmente, os guitarristas têm procurado fazer discos com faixas com vocais e nas instrumentais a guitarra é muito mais melodiosa do que tecnicamente exacerbada, como é o caso do seu trabalho. A que você acha que isso se deve?

Jaeder: Logicamente que essa busca do equilíbrio entre feeling e técnica é uma constante na vida de qualquer guitarrista. Porém, no caso do meu álbum, desde a primeira vez que ouvi a playlist da pré-produção notei que estava naturalmente balanceado, alternando momentos mais virtuosos com partes mais progressivas, até mesmo experimentais, abrangendo desde o heavy metal mais pesado até certos flertes com o jazz.

***Interestellar Experience* é um disco conceitual no sentido de contar uma história?**

Jaeder: Sim, é um álbum conceitual, sugerindo uma viagem de ida e volta até Netuno. Foi uma história interessante: estava na estrada a caminho do aeroporto nos EUA em companhia do meu irmão. Comentei que ia gravar um CD solo, ele me sugeriu alguns nomes e foi daí que surgiu *Interestellar Experience*. No avião, assisti ao filme 'Ad Astra: Rumo às Estrelas', que veio ao encontro da conversa que tivemos mais cedo e aquilo foi a faísca que faltava para a ignição da nave. Durante o voo fui anotando algumas ideias e é basicamente como se eu estivesse fazendo uma trilha sonora livre inspirada no filme, como alguém que pinta um quadro partindo de um tema específico.

Esse é um tema que sempre te fascinou? De onde vem esse seu interesse pelo assunto?

Jaeder: Eu comecei a me interessar ainda na adolescência, por ocasião da passagem do cometa Halley, em 1986. Na época foi fundado um observatório na minha cidade, Americana (SP), chamado OMA. As pessoas envolvidas na concepção e criação do observatório eram próximas a amigos meus e a astronomia passou a ser assunto recorrente em nossas conversas. Desde então, não parei mais de me interessar e não há um dia em que não me fascino com a grandeza do universo e sua exuberância.

Chama a atenção a excelente produção de *Interestellar Experience*. Como foi o trabalho com Rodrigo Barros? Você orientou-o sobre o que desejava ou deu total liberdade para ele conduzir a produção da forma que preferisse?

Jaeder: Este é um dos pontos altos do álbum: Rodrigo é, sem dúvida, um dos melhores produtores com quem trabalhei, senão o melhor. Posso garantir que, em termos de produção, é meu melhor registro até hoje. Ele teve total liberdade e até mesmo fez ótimas sugestões que agregaram muito ao resultado final. Participei somente da mixagem, ponderando sobre pouquíssimas alterações pontuais. Creio que a qualidade do CD reflete o ambiente positivo e a convivência harmoniosa que marcou todo o processo desde o início.

Um detalhe que chama muito a atenção no disco é o seu cuidado com os efeitos. Esse é um aspecto a que você sempre deu atenção especial?

Jaeder: Acredito que a própria temática do disco sugere essa atmosfera. Tive possibilidade de ousar mais em relação aos lançamentos anteriores, principalmente pela proposta do álbum em si, que me permitiu experimentar e explorar texturas e efeitos mais marcantes.

***Interestellar Experience* saiu pela Heavy Metal Rock, que também lançou o novo álbum solo do guitarrista Kiko Shred. Eles estão se especializando em discos de guitarristas?**

Jaeder: A Heavy Metal Rock Records é um dos maiores e mais tradicionais selos do Brasil. Sou amigo do Wilton Cristiano desde o final dos anos 80 e grande admirador de seu trabalho abnegado. Entrei em contato quando estava na Flórida, no ano passado, e ele demonstrou muita empolgação em firmar uma parceria. Havia outras opções, mas diante de seu interesse a escolha acabou recaindo naturalmente pela sua gravadora.

Você chamou o baterista do Javali, Loks Rasmussen, para gravar o disco. Foi uma escolha natural?

Jaeder: Sim, o Loks Rasmussen é um dos melhores de todos os tempos em seu instrumento, além de um parceirão de décadas. É impressionante o que acontece: quando componho as músicas fico imaginando a forma como ele poderá tocá-las, é uma sinergia absoluta. Qualquer arranjo ganha um aporte muito significativo quando se tem o privilégio de uma colaboração deste gabarito.

Ainda falando no Javali, você vê mais semelhanças ou diferenças entre seu disco solo e o trabalho do Javali?

Jaeder: Sim, vejo muitas semelhanças, mesmo porque a linhagem das referências e influências musicais é a mesma. A principal diferença é que a guitarra está mais em evidência, sem afetar em nada o espaço dos outros instrumentos e vocais, todos são protagonistas ao mesmo tempo. Conheço alguns discos de bandas que são bem mais trabalhos solo do que o meu trabalho solo (risos).

Antonio Carlos Monteiro

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

MALVADA

A NOVA CARA DO ROCK BRASILEIRO!

fotos: Felipe Prado Varga
arte: www.juliartedesign.com

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

ÁLBUM DE ESTREIA DA BANDA BRASILEIRA FEMININA DE ROCK 'N' ROLL.

Com os vocais de Angel Sberse, participante da edição 2020 do THE VOICE BRASIL da Rede Globo.

SHOWS:
TC7 produções
11 99653-9014
tc7producoes@gmail.com
www.tc7producoes.com

SITE OFICIAL E MERCHANDISING:
www.MalvadaBanda.com.br
/malvadabanda /malvadabanda

Shinigami 死神 Records
www.shinigamirecords.com.br

Brasil Revistas

ORGANIC REACTION

PROGRESSIVO E DE MUITO BOM GOSTO

Existe toda uma cronologia até chegarmos a *Mysteries of the Lost World*, discaço de estreia do Organic Reaction, grupo de rock progressivo idealizado pelo multi-instrumentista Alex Curi. Nascido em berço artístico (o pai dele, o saudoso Ronaldo Curi, era músico e diretor na Rede Globo), o carioca se apaixonou pela música nos primeiros anos de vida e de aspirante se tornou profissional no meio. No currículo estão trabalhos ao lado da banda Bacamarte e de Rogério Skylab. Do desejo de "criar e expressar não somente na bateria", como o próprio Alex enfatiza, nasceu o projeto instrumental Sequaz. A criatividade atingiu outros patamares, com novas composições, que viriam a semear o Organic Reaction. Contando com o baixista Jorge Mathias (Sleepwalker Sun), o tecladista Luiz Alvim (Swappers Eleven, Sleepwalker Sun), o guitarrista Dallton Santos (Felipe Andreoli Trio, Geoff Tate) e o vocalista Cris DeLyra, Alex nos conta mais sobre essa nova e muito bem-vinda empreitada.

Dallton Santos, Alex Curi, Cris DeLyra, Jorge Mathias e Luiz Alvim: prog com feeling

Bruna Vilara

Todos os integrantes possuem vastos currículos, lembrando que Jorge Mathias e Luiz Alvim são velhos conhecidos do Sequaz. Como foi juntar esses músicos e o quanto cada integrante acrescentou à proposta do grupo?

Alex Curi: Bom, inicialmente eu teria músicos contratados, de apoio, para executar o que eu compunha. Mas esses caras são muito além disso e tive a grande felicidade de estar cercado de músicos excelentes e, ao mesmo tempo, pessoas incríveis, sem vícios, de caráter, parceiros mesmo. Por isso a coisa flui tão bem. Cada um opina em diversas questões, mas sempre com muita gentileza e bom senso. Cada um deles tem sua característica musical bem forte. Porém, isso não chocou com as linhas que eu criei. Pelo contrário, o Luiz melhorou os timbres dos teclados, o Jorge acrescentou ótimas intervenções no baixo, o Dallton sempre nos surpreende com solos fantásticos e o Cris... Cara, o Cris tem um timbre incrível e consegue fazer diversas texturas vocais na mesma música.

Por ser um álbum conceitual, em que momento você sentiu a necessidade de compor algo mais novo para completar a proposta?

Alex: Cara, coisas da vida... Fizemos um EP com quatro músicas e depois um single. E aí eu percebi: 'Ei, falta pouco para um álbum, precisamos ter um álbum!' Então, parti para finalizar as demais canções, juntando ideias que gravava no meu celular e criando coisas novas. Quis ter uma música criada com meus amigos e essa foi *Darkened Moon*, uma balada menos prog, em que entreguei a base pronta para o Jorge e o Luiz e pedi que fizessem letra e melodia, considerando a temática do álbum.

E já que estamos falando de disco conceitual, qual é o mote de *Mysteries of the Lost World* e quais suas principais camadas líricas que tornam tudo tão bem amarrado?

Alex: Eu sou uma dessas pessoas que tem o cérebro recebendo e enviando dados o tempo todo (risos). Giram muitas ideias aqui e uma coisa que sempre gostei foi de pensar nos mistérios do universo. Por isso o nome do álbum. E se você olhar para o Sequaz, a temática é bem similar: o álbum *Ilha Distante* é uma aventura no espaço e essa ilha é distante porque acontece em outro planeta. *M.O.T.L.W.* trata de um paralelo do mundo real, crença em Deus, sentimentos e situações vividas por nós aqui, com mistérios de outros lugares.

Qual o grande desafio, enquanto músico, em compor um trabalho diversificado e ainda assim manter o feeling? Existe alguma canção que chegou a ser finalizada e não entrou no disco por não se enquadrar na proposta ou não aparentar ser forte o suficiente, podendo ser melhor trabalhada para o futuro?

Alex: Compor já é um desafio hoje em dia, né? Em meio a tantas e tantas bandas com facilidade em produzir e distribuir... Mas, de fato, compor prog e passar feeling é algo que não se planeja. É diferente de pensar 'quero fazer uma música mais difícil que o Dream Theater, vou começar em 9/8 e depois 5/8 com a guitarra e o teclado dobrando tudo.' Meu processo criativo não é matemático, mas sim adaptativo. Crio as melodias e depois vejo como dividi-las. Sobre canção não aproveitada, não ficou nada fora naquele momento, mas já tenho uma composição nova para um futuro lançamento.

Qual o diferencial de ter o álbum gravado nos estúdios Nas Nuvens e Órbita e masterizado no Fusão Studio?

Alex: Rapaz, diferença total! Não falo apenas sobre sonoridade. Claro que isso pesa demais, mas o clima nesses estúdios é inexplicável. As baterias não poderiam ser gravadas em outro lugar senão no Nas Nuvens porque lá eu já vinha fazendo diversos trabalhos com o Liminha e com o Daniel Alcoforado (engenheiro de som do local), e é um estúdio histórico, com uma baita sonoridade de sala e microfones fantásticos. No Órbita, gravamos os vocais, e mais uma vez veio a magia do estúdio onde Renato Russo gravou seus discos solo. Para finalizar com chave de ouro, após a mixagem na Cia. dos Técnicos, levamos pessoalmente os arquivos até o estúdio Fusão, outro lugar incrível, para nosso amigo Thiago Bianchi fazer a master. Aliás, um fato curioso: nessa mesma época eu estava produzindo o documentário *Vera Cruz*, do Edu Falaschi, também no Fusão, e o próprio Edu estava com a gente na master e deu alguns 'pitacos' que foram super bem-vindos.

Quais são seus próximos planos, com o Organic Reaction e outros projetos e bandas?

Alex: Quero focar minhas ideias no Organic Reaction e produzir cada vez mais, não só músicas, mas clipes, conteúdo audiovisual que agregue valor aos seguidores etc. O Sequaz eu 'estacionei' e tenho integrado algumas músicas ao Organic Reaction. Tem funcionado bem. Com o Bacamarte, não sei ao certo, pois com a pandemia a banda teve que parar tudo, mas tem um DVD gravado em 2019 que vai sair em breve.

Por fim, o quão importante é e foi para você acompanhar o artista Rogério Skylab?

Alex: Eu considero um grande aprendizado! Com o Skylab fiz muitas coisas, desde simplesmente acompanhá-lo, até produzir um show inteiro, cuidando de toda a parte burocrática, inclusive. Estou com ele desde 2003, fui baterista dele e depois fiquei uns dez anos como baixista. Nesse período (como baixista) pude praticar muito o instrumento e isso me ajudou a criar mais. E depois voltei para a bateria. Nesse tempo, me afastei algumas vezes e outros músicos me substituíram, mas sempre acabamos nos unindo. Ele é um cara admirável.

Thiago Prata

Brasil Revistas

DO CULTO AO COMA
SINCERIDADE DE PESQUISA SONORA

Do inicial arranjo orquestrado, seguido pela intensidade de *A Euforia entre Nós* até os mais de dez minutos da progressiva e "nietzschiana" *Eterno Retorno*, existe um vasto mundo musical inserido nas camadas de *Imago*, segundo álbum de estúdio da banda *Do Culto ao Coma*. Nesta entrevista à ROADIE CREW, o quarteto paulista – composto por Thiago Holzmann (vocal, teclados, violão e percussão), Leandro TG Mendes (guitarra e vocal) Guilherme Costa (baixo, vocal e teclados) e Leonardo Nascimento (bateria e vocal) – dá detalhes sobre o sucessor do debut *Destinorama* (2015), destaca a facilidade de se reinventar ao longo de um disco de dez faixas, ou mesmo dentro de uma música, e revela significados que estão por trás de algumas de suas novas criações.

Leandro TG Mendes, Thiago Holzmann, Guilherme Costa e Leonardo Nascimento se despem de rótulos no Do Culto Ao Coma

De que forma vocês apresentariam o som da banda Do Culto ao Coma para quem ainda não a conhece?

Guilherme Costa: Eu acho que a gente pode dizer que o ouvinte vai encontrar uma sinceridade de pesquisa sonora. Gostamos muito de misturar todas as referências que temos, sejam conscientes ou inconscientes. Apesar de a gente se considerar uma banda essencialmente de rock, assumimos o termo no seu mais amplo aspecto. Nós nos sentimos independentes para ampliar a forma e o conteúdo, chegando perto do progressivo, mas passando pelo stoner, pelo hard e até pelo indie.

Embora o grupo tenha uma identidade própria, ele não se restringe mesmo a uma fórmula. Sobretudo quando tentamos traçar um paralelo entre *Destinorama* e *Imago*. Chega a ser fácil para vocês identificarem a evolução de um disco para o outro? Não apenas pelo hiato de seis anos entre eles, mas também pelas influências, a busca de novos sons e até mesmo a mudança de vocalista (N.R.: Lucas Martins foi o responsável pelos vocais do primeiro álbum).

Leandro TG Mendes: Na verdade é fácil, sim, identificar a evolução da nossa música. A gente compreende que está numa trajetória, numa estrada, e, caminhando por ela, mudamos a cada passo. Um disco, por conceito, é um registro de um pedaço dessa trajetória e vai refletir quem somos naquele momento. O hiato nos ajuda a perceber isso. Nesse meio tempo, a gente tocou muito por aí, conheceu muitas pessoas maravilhosas e entrou em contato com muita música foda, que inevitavelmente agrega à nossa percepção de som. A troca de vocalista propõe isso também num âmbito muito grande, porque a pessoa traz consigo suas influências e acaba abrindo uma porta preciosa que possibilita conquistas enormes de textura e música.

O single *A Euforia entre Nós* estreou com exclusividade no programa 'Autoral Brasil', da emissora de rádio Kiss FM, e antecipou o álbum *Imago*. Desde aquele momento, como se deram os comentários de fãs e da imprensa especializada? E mais: nos falem da introdução da música, que tem um lance mais orquestrado.

Leonardo Nascimento: Ela foi a primeira música que fizemos, e estava pronta antes mesmo da entrada do Thiago. Acho que ela é bastante enérgica e confesso que no começo a gente ficou bastante em dúvida se as pessoas iriam gostar, porque tem uma construção não muito óbvia. Para nossa surpresa, teve uma ótima repercussão, ficamos até meio assustados! (risos) A orquestração foi uma ideia de arranjo que tivemos logo que o riff surgiu. Eu programei uma prévia dos samples no GarageBand (N.R.: aplicativo que permite que usuários criem música ou podcasts) mesmo. Por muito tempo, ensaiamos e até apresentamos a música ao vivo com essa 'versão beta', até que, na produção do álbum, conseguimos chegar à versão final.

***Imago*, de uma forma geral, parece propor um diálogo entre várias vertentes musicais. Pelo menos é o que aparenta diante de sua versatilidade. Pegando os elementos progressivos como base, diriam que a banda chegou a um ponto em que consegue utilizar essa veia prog de maneiras tão diferentes que provocam o efeito de angariar pessoas de vertentes tão distintas?**

Thiago Holzmann: Acreditamos que conseguimos fazer um álbum de rock progressivo voltado para pessoas que não conhecem ou até mesmo que não gostam – ou acham que não gostam – do gênero. Isso só foi possível porque nos permitimos explorar nuances e elementos bem distintos, mesmo que pudessem parecer desconexos. Há momentos em que chegamos perto do prog metal; em outros, revisitamos uma vibe mais anos 70. Tem um pouco de 'fritação', mas também tem psicodelia; há longos momentos instrumentais e outros com arranjos elaborados de vozes; também existem elementos eletrônicos modernos unidos a timbres mais clássicos.

A última faixa, *Eterno Retorno*, talvez ilustre melhor isso que acabo de dizer. A priori, associei a expressão a um conceito presente na obra do filósofo Nietzsche. Mas acompanhando a música, nota-se que isso vai além. Como se deu o processo de composição, lapidação e o resultado final de letra e música?

Leandro: O nome dela, o termo 'nietzschiano', veio depois da música pronta. Eu tinha criado um loop harmônico muito variado que soava como um baile eterno e a gente estava apostando nele para fechar o disco. No mesmo período de criação da composição, tive o infortúnio de ter tido a perda de uma amizade antiga. A letra da música fala um pouco sobre a despedida e, quando a gente se deu por conta, estava num certo 'baile da eternidade', do retorno do corpo à terra. Foi quase uma construção pictórica, um riff forte para marcar o início da música, uma melodia de lamento junto com despedida e um loop hipnotizante, que, ao mesmo tempo em que repete, vai se elevando com a ajuda dos efeitos.

Outro ponto interessante na banda é a veia mais social e crítica presente em letras como *Tempos de Dor*. Ela possui um lyric video com imagens publicitárias em alusão ao 'american way of life'. Essa crítica, na verdade, se estende à nossa sociedade, certo?

Leandro: Com certeza, sim! Acho que em muitos aspectos somos uma cópia insistente e meio torta do 'american way of life'. Como país, estamos vivendo tempos muito turbulentos e esses modelos acabam vindo à tona na discussão, porque sempre entraram em conflito direto com nossa diversidade social. É inevitável nos depararmos com o pensamento de que tipo de sociedade queremos para nós.

Após dois discos com duas propostas distintas, que pista vocês dariam para as próximas composições da banda? Embora, claro, imagino que diferentes linhas musicais estejam por vir. O que poderiam nos adiantar a respeito?

Guilherme: É muito cedo para falarmos sobre próximos trabalhos. *Imago* ainda está muito fresco na nossa vida! Mas ele nos mostrou que temos muito mais possibilidades e direções para explorar do que imaginamos, e foi uma maravilha perceber e se entregar a isso.

Thiago Prata

Brasil Revistas

HAMMATHAZ

EXTREMISMO MUSICAL, CONSCIÊNCIA LÍRICA

Já são mais de quinze anos de estrada... Opa, vamos fazer uma pausa no texto para reforçar essa primeira frase: na estrada mesmo! Foi nos palcos que o Hammathaz encontrou sua "morada", escrevendo capítulos importantíssimos em sua antologia musical, como em shows ao lado de Shaman, Angra, Mike Portnoy e Ratos de Porão e em festivais da grandeza da Virada Cultural. A experiência adquirida serviu de combustível em algumas paradas no estúdio para registrar demos, EPs e o debut, o ótimo *The One* (2020). A pandemia freou alguns planos do grupo paulista, impedido de seguir na estrada, mas não brecou o ímpeto de sua evolução. Saiba mais nas palavras dos guitarristas Thales Statkevicius e Rodrigo Marietto e do baterista Lucas Santos.

Lucas Santos, Rodrigo Marietto, Fernando Xavier (à frente), Thales Statkevicius e Anderson Andrade estão produzindo novo material do Hammathaz

A máxima de que não se deve julgar um livro pela capa pode ser utilizada também aos discos. Mas no caso do Hammathaz ela cai por terra, já que a capa de *The One*, tão enigmática e interessante, acaba sendo um convite e tanto para um som de qualidade e brutal que se manifesta em suas nove faixas.

Rodrigo Marietto: Ficamos agradecidos pelas palavras e pelo reconhecimento do nosso trabalho. O Hammathaz se utiliza muito dessa cultura relacionada ao ocultismo e ao retrocesso da humanidade. Esse conceito está presente em cada um dos integrantes e simplesmente fizemos a junção nas composições, que ficaram totalmente relacionadas ao conceito da arte gráfica, elaborada pelo Anderson (Andrade, baixista) e reproduzida pelo Jean Michel. A ideia foi retratar o mundo desde o início dos tempos a caminho do fim, sendo que já presenciamos muitas coisas atualmente. Há muita simbologia presente na arte, o que a deixou realmente mais enigmática. Com uma simples olhada não seria possível descobrir todo o conteúdo, e essa foi nossa intenção

E ao que parece esse convite a uma reflexão já na capa também está presente nas letras, certo? Como as letras surgiram ao longo do processo de composição e que mensagem elas trazem de forma latente e patente?

Rodrigo: A capa nos abriu um leque de possibilidades, e dessa forma as letras casaram com essa ideia. As letras surgiram aos poucos com as ideias dos integrantes se unificando. A maioria surgiu após as músicas estarem prontas, encaixando-se o vocal no fim e o restante simultaneamente. Ou seja, a rítmica e a letra foram se encaixando ao mesmo tempo. Deixamos alguns pontos abstratos em aberto para dar margem à interpretação própria do ouvinte e também para manter suas convicções para que viva e se sinta dentro da música. Já os pontos aparentes basicamente retratam coisas que estão dentro da nossa compreensão, assuntos como os que ocorrem na humanidade, a corrupção das pessoas até o fim de tudo.

Musicalmente, o fã poderá encontrar death, thrash, heavy e outros elementos, como groove e prog. Embora seja considerado um álbum de estreia, a banda está na estrada há mais de quinze anos e já colocou na praça EPs como *Inner Walls* (2013). O quanto essa experiência acumulada influenciou para termos um disco tão versátil e porrada?

Lucas Santos: A estrada faz parte da história do Hammathaz. Acreditamos que o álbum veio na melhor hora e com uma formação incrível. O legal desse álbum é que começamos a tocar os sons na estrada antes mesmo de os lançarmos, então conseguimos sentir a energia da galera. Fizemos um show no Rio de Janeiro em que a música *The End* foi muito bem aceita. A estrada e a resposta do público fazem toda a diferença ao Hammathaz. Adoramos a estrada e esperamos que todo esse momento caótico que estamos passando acabe o mais rápido possível. Cada um da banda tem suas influências e é na estrada que sentimos que esse é o caminho certo.

A produção ficou a cargo de Thiago Bianchi, que dispensa comentários. E o interessante é que em meio à ótima produção, na qual é possível ouvir com clareza todos os instrumentos e os vocais, existe uma 'sujeirinha' tão característica do death e do thrash. Como se deu esse trabalho ao lado do Thiago?

Thales Statkevicius: O trabalho do Bianchi, juntamente com todo o equipamento que ele tem no Estúdio Fusão, forma uma fonte de destruição em massa. Digo isso porque a gente pôde gravar nos equipamentos que a gente sempre viu nossos ídolos gravando e o resultado não poderia ser diferente. A produção de *The One* ensinou muito para cada um do Hammathaz. Experimentamos coisas novas e tivemos uma liberdade incrível durante toda a produção.

O resultado são músicas de alto nível, como *From the Grave*, *New Blood* e *Irrational Beings*, atos distintos uns dos outros, mas que mantêm uma coerência musical. Qual a grande sacada para alcançar esse equilíbrio e versatilidade?

Thales: Eu diria que o entrosamento, o bom gosto e a diversidade da banda. No Hammathaz, temos influências em comum, mas ao mesmo tempo influências totalmente diferentes. Desde o metal mais 'cru' até o mais moderno. Metal mais tradicional até o mais experimental. Tudo isso contribui para a mistura que a gente fez no *The One*.

Com o álbum sendo lançado no finalzinho de 2020 e em meio à repercussão em 2021, quais as pretensões daqui para frente no que diz respeito à promoção do disco e aos próximos lançamentos?

Thales: Estamos com uma nova formação. Fernando Xavier entrou nos vocais (N.R.: Thiago Pasqualini gravou as vozes em *The One*) e estamos muito ansiosos para começar a gravar com ele. O processo de composição das músicas com ele está indo muito bem. Uma voz sensacional, com diferentes texturas. E estamos trabalhando na divulgação de *The One*. Clipe e lyric video estão sendo produzidos e lançados. A música *The End*, inclusive, acabou de ganhar um lyric video e está disponível no YouTube.

Para terminar, o quanto acrescenta a uma banda turnês e shows ao lado de nomes como Ratos de Porão, Angra, Shaman e Portnoy? Não apenas no quesito musical e com relação aos palcos, mas até em termos de troca cultural e na questão da indústria musical.

Thales: A gente costuma dizer que cada show é uma aula. Em todos os aspectos. Desde a questão de nos ajudar a evoluir com presença de palco até consertar os problemas que vão acontecendo aqui e ali. Além disso, a estrada é o principal elemento da construção do nome Hammathaz. Uma banda com mais de quinze anos de estrada acaba sendo lembrada por muita gente por aí, e é sempre uma surpresa enorme para a galera que já conhecia a banda ver como ela está hoje.

Thiago Prata

Acesso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

WEST HILL
SUPERAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Formada por Álamo Balzer (vocal e guitarra), Kiko Zubek (guitarra e backing vocals), Rafael Bochnia (baixo e backing vocals) e Marcelo Lacerda (bateria), a West Hill é mais um exemplo de bandas que aproveitaram a distância dos palcos de uma maneira criativa: fazer arte. Entre o vaivém de decretos de lockdown, os paranaenses deram vida a *Rock'n'Bubble*, o segundo de uma carreira de 17 anos no underground nacional. À ROADIE CREW, o vocalista e guitarrista Álamo Balzer detalhou o processo de composição do mais recente álbum e fez um balanço do atual momento da banda.

A atual formação com Marcelo Lacerda (bateria), Álamo Balzer (guitarra e voz), Kiko Zubek (guitarra) e Rafael Bochnia (baixo)

O West Hill gravou e produziu *Rock'n'Bubble* durante a pandemia, em um processo comandado por você. A decisão foi tomada por conta do isolamento?

Álamo Balzer: Sim. A banda estava com alguns shows marcados e, devido à rotina corrida dos integrantes, não era o plano entrar em estúdio naquele momento para gravar um álbum. Mesmo já tendo uma boa quantidade de músicas prontas, não estávamos conversando a respeito. A quarentena, todos os shows cancelados e a nova realidade de isolamento social foram determinantes pra gente decidir começar a gravação.

Qual o balanço positivo e negativo dessa decisão?

Álamo: É complicado falar em lado positivo nesse momento em que, infelizmente, tantas pessoas estão sofrendo no mundo todo, mas considerando apenas o processo de gravação do álbum *Rock'n'Bubble*, com certeza, o lado positivo foi a possibilidade de poder estar por mais tempo em estúdio na produção do álbum. Montei um estúdio para dar aulas e fazer gravações de bandas e, como precisei parar o atendimento por causa do isolamento, pude usar o espaço e o tempo livre para me dedicar mais à produção. O lado negativo foi a dificuldade financeira que isso gerou e também todo o atraso e as dificuldades que, no início das gravações, não calculamos que teríamos que enfrentar. Muita coisa não dependia mais da banda, a cada semana os decretos municipais mudavam e então a agenda de gravações já não era mais possível de ser cumprida. De qualquer forma, a experiência foi muito interessante. No final deu tudo certo e o resultado final superou nossas expectativas! Ficam guardados pra história da banda todos os perrengues que enfrentamos para conseguir terminar o disco.

Acredito que, mais do que nunca, o poder da arte foi externado. Ela tornou-se uma válvula de escape, um alento, dentro de um cenário tão ruim, tanto para o artista quanto público. Vocês concordam?

Álamo: Totalmente! Foi interessante o quanto conseguimos, ironicamente, nos aproximar mais do público nesse momento. Virtualmente mesmo, por meio das redes sociais da banda! E está bem legal esse feedback que estamos tendo do pessoal contando o quanto passaram a valorizar mais cada detalhe de uma música e principalmente como se sentem bem ao se identificar com o que estamos falando em alguma letra. Pra nós, artistas, é muito gratificante saber que estamos contribuindo, de alguma forma, com esse processo de ajudar as pessoas a ficarem bem e a passarem da forma mais tranquila possível por qualquer dificuldade.

Voltando a falar sobre *Rock'n'Bubble*, quando ouvi o material fiquei com a impressão de que tudo foi gravado ao vivo, soando como uma grande e despojada jam. Essa foi a ideia?

Álamo: Confesso que todas as músicas foram planejadas e produzidas nos mínimos detalhes, mas acredito que essa impressão seja porque temos variadas influências musicais e isso reflete na hora de compor.

As músicas do álbum são uma reunião de composições antigas da West Hill?

Álamo: O álbum conta com dez faixas, sendo que cinco delas já estavam sendo trabalhadas há algum tempo. As outras cinco criamos com inspiração justamente no momento atual.

O primeiro single do disco, *Hope Sweet Hope*, faixa também escolhida para ser o vídeoclipe, traz uma mensagem positiva acerca da pandemia, certo? Aliás, algum trocadilho com o clássico do Mötley Crüe?

Álamo: Exatamente! O guitarrista Kiko e eu tocávamos, em outra formação, a *Home Sweet Home*, do Mötley (risos). E, sim, ela carrega uma mensagem peculiar em relação à pandemia, falando sobre a situação em que estávamos em casa, de mãos atadas, mas lembrando sempre que dá para ter esperança e tudo pode melhorar.

Na minha resenha, pontuei que a West Hill passeia por diversas praias do hard rock. Vocês acreditam que isso mostra a liberdade musical da banda na hora de compor?

Álamo: Sim. Apesar de a principal influência da banda ser o hard rock clássico dos anos 80, ouvimos muita música e somos fãs de variadas vertentes do rock. Nunca pretendemos ser uma banda com som experimental, mas sempre nos permitimos essa liberdade de passear um pouco entre vários estilos dentro do rock'n'roll.

A diferença de tempo entre *Rock'n'Bubble* e o debut, *Rockin' in the West Hill*, é de oito anos. Há algum motivo para esse hiato?

Álamo: A formação da banda mudou um pouco desde que lançamos o primeiro álbum. Como é a realidade de muitos músicos no Brasil, infelizmente não conseguimos viver apenas da música. Com a pandemia vimos a oportunidade de ter mais tempo livre e conseguimos ter a dedicação necessária que a gravação de um álbum precisa.

Qual é o público da West Hill no Brasil? Agora é a hora de investir em materiais remotos diferenciados e criativos? Afinal, sair da bolha, isto é, fazer shows, principal combustível do underground, infelizmente, deve demorar..

Álamo: Várias pessoas já conheceram nosso trabalho nesses 17 anos em que a banda existe mas, com certeza, remotamente podemos alcançar muito mais ouvintes que se identifiquem com nosso som. Acredito que cada fã de rock está sempre querendo mais, são fãs fiéis e querem ouvir novidades, independente da forma como isso é apresentado. Vemos que ainda há demanda por LPs e CDs, além das atuais plataformas digitais. Já nós, músicos, sempre queremos extrair algo de melhor e de novo nas nossas composições. É uma pena não estarmos tão ativos nos palcos para sentir a verdadeira energia do público, então essas músicas e a interação digital são o que podemos oferecer no momento. A parte legal disso é gerar essa saudade tanto na banda quanto no público. Quando os shows puderem voltar a acontecer, com certeza todos teremos muito combustível acumulado e o retorno aos palcos será ótimo!

Matheus Vieira

Brasil Revistas

ENTREVISTA
SUICIDAL ANGELS
Thrash metal da Grécia

O Suicidal Angels, liderado por Nick Melissourgos, sempre guiou sua música para o campo do thrash metal e atualmente promove o sétimo álbum, *Years of Aggression* (2019). A banda grega estreou com o EP *Bloodthirsty Humanity* (2005) e agora completa exatos vinte anos de agressão thrash. O repórter Valtemir Amler conversou com o guitarrista e vocalista, que começou falando sobre como os anos passaram rápido. "Eu nem mesmo consigo acreditar que já estou com 36 anos (risos)", brincou. "Começamos a tocar thrash metal simplesmente porque era isso que amávamos! Nós tocamos thrash do jeito que gostamos, e gostamos dele violento e perigoso. Eu tinha uma ideia muito clara do que queria com a música do Suicidal Angels, não era para ser uma dessas bandinhas de cerveja e festinha. Thrash metal é algo mais sério. Pelo menos, na minha vida sempre foi assim", acrescentou.

ENTREVISTA
IRON MAIDEN: Produtores brasileiros do novo clipe

O Iron Maiden surpreendeu os fãs com o lançamento de um novo single e vídeo, *The Writing on the Wall*, e Leandro Coppi entrevistou, com exclusividade, membros da equipe brasileira de produção do novo clipe: Tiago Calliari (diretor de arte e visual development artist), Fabio Alencar (marketing artist e freelancer) e Fabio Perez (concept artist e ilustrador freelancer). "A equipe toda trabalhou remotamente em conjunto, de certa forma estávamos sempre conectados e atualizados sobre o andamento do projeto", disse Calliari.

Acesso exclusivo para assinantes Brasil Revistas

ENTREVISTA
KAT
40 anos de estrada

A ROADIE CREW conversou com o guitarrista Piotr Luczyk, que fundou o Kat em 1979. O grupo, que atualmente promove *The Last Convoy*, se tornou uma referência do heavy metal underground na Polônia.

ENTREVISTA
OPERA IX
O evangelho das bruxas

O guitarrista Ossian falou à ROADIE CREW sobre a estreia da nova vocalista, Dipsas Dianaria, desvenda o conceito central e a proposta da lenda italiana do black metal em seu mais recente álbum, *The Gospel*.

#CLASSICTBT 11
BATHORY: Under the Sign of the Black Mark

Valtemir Amler dá uma geral no começo de carreira do Bathory e esmiúça *Under the Sign of the Black Mark*, em que o saudoso Quorthon se uniu a Paul Lundburg e Christer Sandström.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

Envie o "Roadie Mail" (roadiemail@roadiecrew.com) colocando seus dados (nome completo, cidade/estado) e o seu TOP 3. Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor)
Swallow The Sun - *Hope*
Rivers of Nihil - *Where Owls Know My Name*
Eminence - *Dark Echoes*

Leandro de Oliveira (Diretor de Arte)
Metal Church - *Damned If You Do*
Burning Witches - *The Witch of the North*
Moonspell - *Hermitage*

Augusto Caprianni (Leitor)
Arch Enemy - *War Eternal*
Deep Purple - *Machine Head*
Deafhaven - *Sunbather*

Ricardo Batalha (Redator-Chefe)
The Night Flight Orchestra - *Aeromantic II*
Levara - *Levara*
Cinderella - *Long Cold Winter*

Rogério Cerdeira (Leitor)
Asphyx - *Necroceros*
Fear Factory - *Aggression Continuum*
Metallica - *Ride the Lightning*

Carlos Afonso Pires (Leitor)
Saxon - *Thunderbolt*
Iron Maiden - *A Matter of Life and Death*
Journey - *Frontiers*

Brasil Revistas

HOMENAGEM
BON SCOTT
Site oficial

O primeiro site oficial do saudoso Bon Scott foi lançado no último dia 9 de julho, data em que icônico vocalista do AC/DC faria 75 anos. O portal informativo também traz homenagens de figuras renomadas do rock.

LANÇAMENTO
THE TROOPS OF DOOM
Novo EP em setembro

The Troops of Doom lançará um novo EP, *The Absence of Light*, que terá participações de Lars Nedland (Borknagar) e Jeff Becerra (Possessed).

MEMÓRIA
Roadie Crew
#186

"Nunca imaginei que eu deveria me preocupar com o marketing, também. E como isso deixei muitas boas oportunidades passarem. Uma vergonha...", Kip Winger, compositor, vocalista, baixista e tecladista.

LIVRO
SAXON: Denim & Leather

"Saxon: Denim and Leather", biografia sobre os dez primeiros anos da banda inglesa escrita pelo canadense Martin Popoff, chega ao Brasil em setembro pela editora Estética Torta.

YOUTUBE
Roadie Crew
Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

THE METAL BAR
SÃO PAULO • PINHEIROS
BAR DE HEADBANGER
PARA HEADBANGER
RUA ARTUR DE AZEVEDO, 637
PINHEIROS - SÃO PAULO/SP
INFORMAÇÕES: 11 98122-5532
@THEMETAL.BAR

Brasil Revistas

SOBRE LOBOS E HOMENS...

OS TRINTA ANOS DE "BLACK ALBUM"

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

Fotos: Divulgação

Jason Newsted, Lars Ulrich, James Hetfield e Kirk Hammett conquistaram 16 Discos de Platina nos EUA com "The Black Album"

Brasil Revistas

Por Valtemir Amler

"LIBERDADE OU MORTE É O QUE ORGULHOSAMENTE ACLAMAMOS"

Do ponto de vista histórico, a jornada do Metallica é digna de uma observação bastante cautelosa, e não pelo fato de ela ter longos trechos desconhecidos. Muito pelo contrário, pois a gênese e o alvorecer da banda californiana talvez sejam os mais bem documentados de todo o gênero. Sim, são inúmeras as fontes de pesquisa que estão ao seu dispor para checar cada pequeno acontecimento, cada pequeno pedregulho no caminho do grupo que há quatro décadas só faz crescer o seu nome em todo o planeta. Até por isso, não é nosso intento revisitar uma vez mais uma trajetória que você, leitor e fã, está cansado de conhecer.

O que é digno de observação atenta e o que queremos desvelar são os porquês e os "como" dessa trajetória: se tantas vezes o Metallica apostou todas as suas fichas exatamente naqueles mesmos fatores que levaram tantas bandas ao fracasso, como então conseguiu lograr tamanho sucesso? Uma parte significativamente importante para a resposta está justamente na gênese do seu quinto álbum completo de estúdio, o autointitulado de 1991, que celebra 30 anos de sucesso e ainda influencia o cenário musical, dentro e fora dos ciclos metálicos.

Para chegarmos nos porquês do "Black Album", convém termos ao menos um pequeno vislumbre do passado. Desde o seu surgimento, o Metallica nunca teve uma "fase Black Sabbath", aquela coisa mágica de lançar dois trabalhos clássicos em um mesmo ano. Na verdade, o espaço entre um e outro álbum de estúdio foi crescendo ao longo dos anos. Também não é muito do feitio do quarteto viver uma "fase Motörhead", aquela em que uma banda encontra sua sonoridade e insiste nela até o fim. Não, desde os primeiros dias, o quarteto se agarrou a uma gama de influências grande demais para poder ter um som pronto e definitivo, algo que você pode perceber claramente ao colocar lado a lado *Kill 'Em All* (1983) e *Ride the Lightning* (1984), os dois primeiros passos dessa jornada.

Acesse isso e muito mais em Brasil Revistas

Absorver as mais variadas referências e trabalhá-las à sua própria maneira sempre pareceu ser o que cativava a criatividade de James Hetfield (vocal e guitarra), Kirk Hammett (guitarra) e Lars Ulrich (bateria), trio que tocou em todos os álbuns do Metallica. Portanto, se a crueza bombástica de Motörhead e Venom foram referências, também foi o punk de G.B.H., Discharge e Misfits, tanto quanto as melodias cativantes e pungentes de grupos surgidos na New Wave of British Heavy Metal. Você conhece bem toda essa história, afinal, eles mesmos exemplificaram essa mistura em seus dois discos de covers, reunidos em *Garage Inc.* (1998).

Porém, embora os fãs mais antigos estivessem plenamente satisfeitos com a mistura de elementos apresentada até 1988 em *...And Justice for All*, a verdade é que o Metallica nunca prometeu parar de incorporar diferentes referências à sua fórmula, e o processo obviamente seguiria adiante. Invariavelmente, chegaria o dia em que essa mistura alcançaria o ponto máximo, para delírio de alguns e desespero de tantos outros.

Com a década de 1990 batendo à porta, o grupo sentiu o vento da mudança. Para os músicos, parecia certo que precisariam passar por aquela que era, até então, a maior transformação de sua história, apostando todas as fichas em uma liberdade criativa que não era ansiada, mas até mesmo condenada por boa parte dos seus seguidores. Como diriam em uma de suas novas músicas, "liberdade ou morte é o que orgulhosamente aclamamos".

"FAÇA SUAS PRECES, PEQUENINO"

Lançado originalmente em agosto de 1991, via Elektra Records, *Metallica*, ou "The Black Album", foi o quinto álbum completo de estúdio da banda californiana e, de longe, é seu mais conhecido. Na verdade, tão cultuado que guiaria o grupo para universos muito distantes daqueles em que antes habitava, não só musicalmente falando. Reconhecido e aclamado mundialmente como um dos pioneiros do thrash metal, o Metallica entrava na nova década disposto a arriscar alto, em busca de ganhos também muito substanciosos. Como é sabido, tal postura costuma cobrar seu preço, mas Hetfield, Hammett, Ulrich e Jason Newsted estavam dispostos a pagar.

É conhecida a história de que a produção do disco custou US$ 1 milhão destruiu três casamentos (de fato, Ulrich, Hammett e Newsted se divorciaram naquela época), mas não era com a saúde financeira nem com a vida

Brasil Revistas

amorosa do quarteto que os fãs estavam preocupados. A questão toda girava em outro aspecto específico, que tinha nome e sobrenome: Bob Rock.

Para muitos, o Metallica já tinha abdicado de seu posto no mundo do metal simplesmente por contar com o trabalho do produtor, que vinha de ótimas experiências (e extremamente lucrativas para todos os envolvidos) ao lado de Mötley Crüe, Bon Jovi, The Cult e Aerosmith, não exatamente os amores maiores do séquito do quarteto californiano – e foi justamente o quinto disco do Mötley Crüe, o multiplatinado *Dr. Feelgood* (1989), que motivou Ulrich a trabalhar com Rock. Como que a confirmar todas as mais receosas expectativas, o lançamento mundial do single *Enter Sandman*, em 29 de julho de 1991, mostrava uma banda mais contida, consciente, dona de um som mais maduro e refinado. Quase tudo ao contrário daquilo que o universo thrash esperava. Bem, para os fãs, restava esperar pelo lançamento do disco e até lá torcer muito. Como a própria banda dizia em seu primeiro single (e última canção a ganhar letra): "Faça as suas preces, pequenino".

"RECONHECIDO E ACLAMADO MUNDIALMENTE COMO UM DOS PIONEIROS DO THRASH METAL, O GRUPO ENTRAVA NA NOVA DÉCADA DISPOSTO A ARRISCAR ALTO (...)"

"LEMBRE-SE: A MISÉRIA AMA COcompanhia"

Se você leu o especial sobre o thrash metal de 1990, publicado na edição #254 da ROADIE CREW, sabe que o estilo iniciou a nova década passando por profundas transformações. E não foi apenas o thrash que viveu uma era de reformulações forçadas em suas mais profundas estruturas. A verdade é que parecia estar sobrando para todo mundo, em especial para aqueles gêneros musicais considerados mais tradicionais no universo da música pesada. Embora muitos ótimos álbuns ainda continuassem sendo lançados, os anos 1990 não eram o território mais fértil para os gigantes do hard rock, do heavy e do thrash metal; enquanto o metal extremo abraçava, com seus longos tentáculos, territórios cada vez mais distantes, o grunge se tornava uma espécie de porta-voz da nova geração.

James Hetfield, Lars Ulrich, Kirk Hammett e Jason Newsted foram rápidos em identificar em que direção o vento soprava e onde as ondas batiam. Mais do que isso, eles simplesmente foram rápidos em notar o que atraía a nova geração para o então novo caminho: a maior parte dos jovens se identificava com a vibração do grunge, que aliava músicas firmes e pesadas com um ambiente denso e lúgubre, que estava a anos-luz das festas regadas a glitter da década anterior. Neste sentido, o Metallica tinha ao seu lado um grande trunfo: Hetfield era um ótimo letrista, talvez aquele que melhor tenha abordado suas emoções na hora de compor. Bastava levar esse aspecto da sua música ao conhecimento da nova geração, e todo o resto estaria encaminhado.

Para alcançar os novos fãs, vinha o trabalho de Bob Rock. Como poucos, o produtor canadense era especialista na identificação e concepção daqueles "ganchos" que imediatamente prendem o ouvinte, e foi trazido justamente para ajudar o quarteto a encontrar essa nova dimensão para sua música. Como disse certa vez Lars Ulrich à Billboard, "nós sentíamos que ainda tínhamos nosso melhor álbum para ser feito, e Bob Rock poderia nos ajudar a fazê-lo."

Para tanto, eles definitivamente não reinventaram a roda. O Metallica não partiu em busca de referências audaciosas, não incorporou a classe do jazz e nem acenou para o universo do progressivo. Nada disso sequer foi colocado em discussão. O som estava ainda mais simples que antes, o disco foi inteiramente trabalhado de forma cooperativa (soando assim mais natural e próximo do som que a banda executava ao vivo), e, principalmente, eles cuidaram não da busca de elementos alheios a sua própria jornada, mas do controle de seus mecanismos mais viscerais e no exagero de suas características mais acessíveis.

Assim, não era a boa e forte melodia que diferenciava *Enter Sandman* de *Eye of the Beholder*, mas o predomínio da melodia e do groove sobre a fúria e a densidade. Da mesma maneira, não era o uso de partes acústicas que diferenciava *Nothing Else Matters* de *Fade to Black*, mas o fato de que eles poderiam construir toda a canção em torno desse único recurso de uma maneira ainda mais íntima e direta, como o próprio Hetfield talvez aferisse ao cantar "nunca antes eu me abri assim".

Brasil Revistas

Se eles tinham encontrado a fórmula musical perfeita para se inserir em uma época devotada ao groove e às melodias cativantes, é hora de voltar novamente nossa atenção para a parte lírica. Hetfield sempre foi bom em abordar as próprias emoções em suas letras, e seu passado, repleto de incidentes, parecia ser uma fonte inesgotável de letras ácidas e até mesmo taciturnas e melancólicas. Essa habilidade parecia estar previamente ajustada com aquela geração que começava a consumir música nos anos 1990 e nascia com um enorme fardo sobre os ombros, já que se esperava que esses jovens aplacassem os anos de medo vividos sob ameaça de um confronto nuclear global, como foi o caso até a década anterior, com a Guerra Fria.

Sentindo esse fardo esmagando suas forças, essa juventude sequer havia encontrado seu lugar no mundo, e não era de se estranhar que se identificassem tanto com as letras de Alice in Chains, Soundgarden e similares. Hetfield tinha uma abordagem semelhante e um conhecimento de causa inquestionável. Quando ele cantava sobre julgamentos preconcebidos em *Holier than Thou* ou sobre ilusões e mentiras em *The God that Failed*, o ouvinte sabia que ele tinha vivido isso na carne, e, em geral, quem sofre se sente reconfortado ao saber que não é o único sofrendo. Como dizia a música, "a miséria ama companhia".

"JAMES HETFIELD, LARS ULRICH, KIRK HAMMETT E JASON NEWSTED FORAM MUITO RÁPIDOS EM IDENTIFICAR EM QUE DIREÇÃO O VENTO SOPRAVA E ONDE AS ONDAS BATIAM."

"E A ESTRADA SE TORNA MINHA NOIVA"

No fim das contas, era impossível evitar aquilo que viria a acontecer. Depois de anos e mais anos arranhando as mais altas posições nas paradas musicais, finalmente o Metallica se firmaria no topo. *Enter Sandman* puxou a fila, e todos os outros singles do álbum entraram para a lista de mais vendidos da Billboard. O álbum alcançou o topo da Billboard 200 e permaneceu quatro semanas lá, e conta-se que jamais vendeu menos do que mil cópias por semana desde o dia do seu lançamento. Claro, todo o universo do Metallica mudou desde aquele 12 de agosto de 1991.

Acesse nosso canal no WhatsApp e fique por dentro das notícias

Fotos: Divulgação

É conhecida a reação de Lars Ulrich a todo esse sucesso, mas a sua declaração à Rolling Stone é tão hilária que merece ser reproduzida: "Você acha que um dia algum filho da puta vai lhe dizer: 'Você tem um álbum número um nos Estados Unidos', e o mundo inteiro vai ejacular. Eu estava no meu quarto no hotel e tinha um fax que dizia: 'Você é o número um'. E foi, tipo, 'Bem, tudo bem'. Era apenas mais uma porra de fax do escritório".

Brincadeiras à parte, o Metallica havia definitivamente se transformado em um fenômeno mundial do pop e não mais apenas nos favoritos do metal. De repente, mais pessoas passaram a acompanhar a banda todos os dias, e as sucessivas turnês se transformaram em fenômenos cada vez mais pomposos e concorridos, com a banda chegando ao ponto da exaustão, mas ainda assim sempre seguindo em frente. Já em 1991, eles tocaram pela quarta vez no festival Monsters of Rock e, em setembro do mesmo ano, se apresentaram em Moscou (RUS) diante de milhares de fãs naquele que é considerado o primeiro concerto de rock a céu aberto da história soviética, honraria que o Metallica com Esbjörn Svensson Trio, AC/DC, The Black Crowes e Pantera.

As sucessivas turnês "Wherever We May Roam" e "Nowhere Else to Roam" levaram o grupo a lugares ainda mais distantes. Além disso, cada vez mais eles se apresentavam com mais artistas e grupos musicais fora da sua "bolha", aumentando sua reverência no universo pop. Mais do que algo procurado, esse sucesso foi inevitável. Seja pela música ou pela atitude, o Metallica redefiniu a forma como as bandas de heavy metal se comunicariam com suas audiências, além de ter trazido um holofote do tamanho do sol para o mundo da música pesada. Para o bem ou para o mal, nada foi igual no mundo do rock desde o lançamento do "Black Album", 30 anos atrás.

"SEJA PELA MÚSICA OU PELA ATITUDE, O METALLICA REDEFINIU A FORMA COMO AS BANDAS DE HEAVY METAL SE COMUNICARIAM COM SUAS AUDIÊNCIAS."

Brasil Revistas

"DA NÉVOA DO NOVO DIA EU VIM"

Chega a ser curioso pensar nisso, mas se você nasceu depois de 1990, jamais conheceu um mundo em que a marca Metallica fosse relacionada apenas à música pesada. Na verdade, não conheceu um mundo em que esse nome era ligado estritamente à música, embora ela seja a base sob a qual todo esse império da cultura pop foi construído. Desde que lançou *Kill 'Em All*, em 1983, o Metallica se tornou uma espécie de obsessão para a indústria fonográfica, e fãs de música pesada, além de empresários obstinados dos mais variados setores, começaram a seguir o quarteto com um interesse quase angustiado ao longo de suas quatro décadas.

Da parte dos fãs de música, a coisa é certa: seja para elogiar seus feitos gloriosos ou para dizer que esses mesmos feitos jamais serão novamente alcançados, o grupo é tema frequente nas rodas de conversa – pessoal e virtual. E não apenas naquelas dedicadas ao heavy metal e suas demais vertentes. Bandas são diariamente formadas para tentar seguir exatamente os mesmos passos do Metallica, outras tantas nascem para dedicar todas as suas forças a não repetição dos "pecados" que eles cometeram. Seja como for, é como se eles estivessem ditando os caminhos.

Entre os homens de negócios, uma coisa também é certa: é um fenômeno pop e uma marca extremamente consolidada. Então, é sempre necessário buscar novos produtos para aplacar a ânsia consumista dos fãs, sempre dispostos a ter mais um item na sua coleção. Da mesma maneira que não se espera que todos que usam um boné do Los Angeles Dodgers ou do New York Yankees sejam necessariamente fãs de beisebol, também é sabido que nem todos aqueles que usam uma camiseta ou qualquer outro produto do Metallica são, de fato, aficionados por música pesada. Esse estágio já ficou para trás, algumas décadas no passado, quando o grupo era tão radical e sem visão de marketing que dizia que jamais gravaria um videoclipe.

Nos dias atuais, ter um produto com a marca Metallica é tão comum quanto possuir um endereço de e-mail, simplesmente se espera que você, de alguma maneira, tenha uma relação com a banda, seja ela de grande proximidade ou apenas de forma superficial e desligada. Mas eles sempre estarão ali, como que aparecidos do nada, milagrosamente.

Embora isso seja compreensível, é na música que nos apoiamos. E também é nela que o Metallica se apóia. Celebrando as três décadas e o imenso legado de seu quinto álbum, o grupo preparou toda uma nova série de produtos relacionados ao disco, que incluem os óbvios relançamentos em edições luxuosas, o sempre bem-vindo livro de fotografias e um item muito especial, o disco de covers intitulado *The Metallica Blacklist*. Nele, todas as 12 faixas do "Black Album" são revisitadas 53 vezes – sim, 53 vezes! – em versões cover.

A gama de artistas convidados é tão gigantesca quanto variada: no álbum você tem vários grandes astros do rock prestando tributo aos clássicos dos seus maiores ídolos. Nomes como Corey Taylor (Slipknot, Stone Sour), Ghost e Volbeat dividem espaço com o rock alternativo de Biffy Clyro, Weezer, Cage The Elephant e Portugal. The Man, ao mesmo tempo em que o country de Chris Stapleton tem os mesmos holofotes do pop açucarado de Myles Cyrus. Tudo aqui é possível, afinal, estamos falando de um fenômeno pop internacional ao mesmo tempo em que falamos de uma das bandas mais influentes da história do rock.

A parte mais legal é que todo o lucro obtido com as faixas de *The Metallica Blacklist* será destinado à fundação de caridade da banda, a All Within My Hands, além de outra escolhida por cada artista. A lista completa, claro, você pode conferir no site oficial do grupo (metallica.com).

Por fim, coloque o disco para rodar e aprecie a obra que transformou os pais do thrash metal em grandes estrelas do cenário da música mundial. Com ótimos riffs, melodias pungentes, letras interessantes e, sim, bastante peso, *Metallica* continua sendo para o cenário atual um disco tão importante e inovador quanto foi no dia do seu lançamento. Aceite um pequeno desafio e atente para os álbuns mais elogiados de rock pesado que estão sendo lançados hoje. Tenho certeza de que você encontrará muitas referências nada veladas àquilo que o Metallica fez em 1991. Como eles mesmos disseram, "tudo o que é, foi e será".

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

"NOS DIAS ATUAIS, TER UM PRODUTO COM A MARCA METALLICA É TÃO COMUM QUANTO POSSUIR UM ENDEREÇO DE E-MAIL."

O QUE OS MÚSICOS DIZEM SOBRE O "BLACK ALBUM"

ANDREAS KISSER (SEPULTURA)

"Acho que é um dos discos mais importantes, se não for o mais importante, da música pesada, pela própria vendagem e pela linguagem nova que o Metallica trouxe com Bob Rock. Tinha músicas um pouco mais pop, vamos dizer assim, como *Enter Sandman*, mas também tinha músicas como *Sad But True*, *The Unforgiven* e até *Nothing Else Matters*, que é um passo completamente diferente que o Metallica deu. E tem um som fantástico, é uma das melhores gravações da história, uma gravação perfeita. É um puta disco! Muita gente não curtiu quando saiu, aquela galera mais radical, mas eu curti desde o começo."

Música favorita: *Sad But True*.

MOYSES KOLESNE (KRISIUN)

"A imensa exposição que o metal passou a ter e atingir marcas nunca antes alcançadas por uma banda thrash metal que veio do underground. Foi também um dos únicos discos de metal a ter sucesso estrondoso nos anos 90, que já estavam dominados pelo grunge. Minha favorita é *Holier than Thou*, porque ainda tem uma reminiscência dos álbuns antigos, uma música direta e rápida com as palhetadas tripletadas do James."

Música favorita: *Holier than Thou*.

PRIKA AMARAL (NERVOSA)

"*Black Album* foi um dos álbuns mais importantes para o thrash metal. Por mais que muitos não gostem porque dizem ser mais 'comercial', é um álbum de excelente qualidade sonora, referência de timbres, mix e master até hoje. O Metallica foi a banda de thrash metal que voou mais longe e foi graças a esse disco. Foi a partir daí que Metallica se tornou grande de verdade.

Música favorita: *Enter Sandman*.

AMILCAR CHRISTÓFARO (TORTURE SQUAD)

"Um dos grandes legados desse álbum foi ter feito pessoas que antes não conheciam heavy metal, começarem a se interessar e gostar. Foi o pontapé inicial para muita gente no mundo do metal. Esse disco tem esse poder."

Música favorita: Sempre varia, mas agora vou de *Wherever I May Roam*.

Brasil Revistas

PEAVY (RAGE)

"Como é o álbum mais vendido de todos os tempos, ele apresentou o metal a uma grande audiência em todo o mundo. Então, abriu muitas portas para nosso tipo de música favorito."

Música favorita: *Sad But True*.

AXEL RUDI PELL

"O *Black Album* foi o primeiro grande sucesso do Metallica, porque se tornou mais comercial. O álbum tem um som fantástico e acabou por atingir um público muito maior. Fiquei realmente surpreso quando saiu. Eu amei o novo direcionamento, que mudou completamente a cena metal."

Músicas favoritas: *The Unforgiven* e *Enter Sandman*.

IVAN BUSIC (DR. SIN, NITE STINGER)

"O álbum é um divisor de águas em muitos sentidos, inclusive para o próprio Metallica, com uma superprodução que colocou a banda definitivamente no patamar de mainstream absoluto. Minha favorita é *Enter Sandman* pelo riff poderoso, linha de batera perfeita influenciada por Tommy Lee (inclusive, consta que no som de bumbo foi usado um sampler do som de Tommy). Aquela música em que acertaram em tudo, da letra à masterização. Um hino!"

Música favorita: *Enter Sandman*.

JOÃO GORDO (RATOS DE PORÃO, LOCKDOWN)

"Foda-se o *Black Album*, ouvi muito pouco. Comercial demais."

Música favorita: Nenhuma.

ALAN WALLACE (EMINENCE)

"*Black Album*, em minha opinião, foi um divisor de águas na história do heavy metal."

Música favorita: *Enter Sandman*.

FELIPE ANDREOLI (ANGRA)

"O *Black Album* foi minha porta de entrada para o heavy metal, assim como de muitos amigos na época. Me fascinei pelo peso e agressividade, mas também pelas melodias e pela produção impecável, que se estendeu aos clipes que foram parte da divulgação na época. O Metallica virou minha obsessão. Foi a banda que serviu de inspiração para meus estudos no baixo."

Música favorita: *Wherever I May Roam*.

HUGO MARIUTTI (SHAMAN)

"*Black Album* é muito importante porque apresentou o heavy metal para muitas pessoas que não conheciam o estilo e passaram a gostar e buscar outras bandas. Lembro que muitos amigos não gostavam de metal e após escutar esse álbum foram buscar o material mais antigo."

Música favorita: *Sad But True*.

AQUILES PRIESTER (EDU FALASCHI, HANGAR)

"Quando *Black Album* saiu, em 1991, eu tinha 20 anos de idade e já estava me aventurando na minha jornada musical. Mesmo não sendo um grande fã de Metallica (sou mais Iron Maiden), preciso admitir que o disco foi um divisor de águas em termos de sonoridade de bateria, mixagem e qualidade musical."

Música favorita: *Enter Sandman*.

LAURENCE MIRANDA (FACES OF DEATH)

"O álbum colocou o heavy metal nas rádios no mundo. Na época não havia aplicativos de música, as pessoas ouviam música pela rádio e o Metallica fez um álbum pesado e com músicas que poderiam tocar em rádios e abriram as possibilidades para o heavy metal."

Música favorita: *Sad But True*.

BAFFO (PROJECT 46)

"A sonoridade do *Black Album*, muito mais do que suas músicas, mudou definitivamente a minha vida. Esse disco provou ser possível subir a barra do heavy metal ao mais alto patamar do negócio da música, e como o fã do heavy metal é um cara que se enxerga dentro dessa cultura e se identifica com seus semelhantes, todos se sentiram absolutamente bem representados. É como se todos nós tivéssemos vencido junto a Lars, James, Kirk e Jason e, para quem é músico e se enxerga como artista do estilo, aquele disco foi uma injeção brutal de coragem."

Música favorita: *Sad But True*.

TOM ANGELRIPPER (SODOM)

"Acho que esse álbum teve pouco impacto na cena do metal. Para mim, esse impacto aconteceu com os três primeiros álbuns. Mas é e continua sendo um álbum fantástico e com uma produção enorme, embora tenha perdido muito de seu culto e autenticidade devido ao sucesso comercial."

Música favorita: *The Struggle Within*, que o Sodom fez um cover.

TREVOR (UNEARTH)

"O *Black Album* catapultou o metal para o mainstream e mostrou ao mundo a poderosa atração e o impacto da música pesada. Eles normalizaram sons que muitos consideravam extremos e fizeram aqueles que não entendiam de música pesada começar a prestar atenção, aprender e entender a importância desse gênero musical. Eles fizeram tudo isso compondo um álbum mais acessível e menos pesado, com canções mais curtas que atendiam mais a uma estrutura pop do que qualquer coisa que haviam lançado."

Música favorita: *Wherever I May Roam*.

ANTONIO ARAUJO (KORZUS, LOCKDOWN)

"Para mim, o *Black Album* é a consolidação definitiva do heavy metal como algo possível dentro do mainstream. Um disco para o qual muitos radicais torceram o nariz por pura teimosia, mas que a maioria ouvia escondido no quarto e curtia muito (risos)."

Música favorita: *Of Wolf and Man*, que fiz uma collab com os amigos Alexandre Grunheidt, Jorge Anielo e Paulo Anhaia.

ALEXANDRE GRUNHEIDT (ANCESTTRAL)

"*Black Album* é a mudança de patamar. O Metallica levou o heavy metal ao mainstream e não o contrário, como alguns costumam dizer. Mais de 90% das bandas de metal que vieram depois devem sua exposição e sua carreira ao *Black Album*. Não fosse ele, essas bandas ainda estariam no underground, no sentido literal da palavra."

Música favorita: *My Friend of Misery*.

SASCHA PAETH (AVANTASIA)

"*Black Album* é o link entre o metal e o mainstream. Pop no som, na produção, mas ainda assim muito pesado. Quando foi lançado pegou todos de surpresa e achei muito interessante."

Música favorita: *Enter Sandman*.

KENNETH BREINBJERG (LIVLØS)

"Como o álbum foi, e ainda é, extremamente popular, foi capaz de influenciar muitas gerações de músicos. Eu ganhei o álbum quando tinha cerca de 10 anos. Ouvindo *Sad But True*, *Enter Sandman* e *Wherever I May Roam* pela primeira vez, era impossível não pegar na guitarra, pois os riffs eram muito contagiosos. O álbum mostra o alcance da musicalidade do Metallica e, realmente, me fez apreciar os momentos pesados e melódicos e a importância da dinâmica."

Música favorita: *The Unforgiven*.

OLAV (BOKASSA)

"Foi o primeiro álbum de metal a atingir as massas, então realmente colocou o metal no centro do palco pela primeira vez na história. Com seu sucesso, ele também mostrou que até mesmo bandas de metal podiam experimentar diferentes sons e gêneros, e até mesmo ser mais 'diretas' do que nos álbuns anteriores, enquanto ainda mantinham seus próprios som e estilo. Eu amo *Wherever I May Roam*, que, como muitas outras, mostra como o Metallica desacelerou neste álbum, tornando-se mais groove e, de certa forma, mais pesado do que nunca."

Música favorita: *Wherever I May*

Acesso exclusivo para assinantes Brasil Revistas

Brasil Revistas

Johan Niemann, Henrik Danhage, Tom Englund, Jonas Ekdahl e Rikard Zander saem da zona de conforto para encarar o seu desenvolvimento

Paris Dukes - Gaten Nates

Evergrey

DESACORRENTADO

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Direcionado pela vontade de crescer e pela necessidade de mudança, Tom Englund revela o que sentiu e quem se tornou durante a produção do novo disco

Por Guilherme Spiazzi

Os mais de vinte e cinco anos de estrada e o crescente sucesso não foram o suficiente para atenuar a fome de fazer música de Tom Englund (vocal e guitarra), Henrik Danhage (guitarra), Johan Niemann (baixo), Jonas Ekdahl (bateria) e Rikard Zander (teclado). Vindo cada vez mais pesado, o grupo sueco agora lança o décimo segundo de estúdio – *Escape of the Phoenix*, trabalho tão intenso quanto os discos mais recentes do grupo. Porém, dessa vez, conforme conta Englund, as letras, elemento essencial do Evergrey, tratam da sua vida sob uma nova perspectiva. De fala segura e honesta, sem esconder o que sente, o vocalista respondeu as nossas perguntas de forma tão sincera quanto sua música.

Depois de *Hymns for the Broken* (2014) e *The Storm Within* (2016), o Evergrey fechou a sua trilogia com *The Atlantic* (2019), que rendeu excelente respaldo para a banda e se tornou o mais bem sucedido comercialmente até então. Como você encara essa ascensão, pois nos últimos anos o grupo tem crescido a cada lançamento?

Tom Englund: Esse é a grande coisa de ser uma banda menor, pois você vai ficando maior conforme faz isso por mais tempo (risos). Sempre ficamos surpresos com o fato de as pessoas aparentemente gostarem da nossa música. Elas gostarem não é algo para ser considerado banal e certo, uma vez que, falando honestamente, compomos para nós mesmos e entregamos a música para o mundo. Ficamos muito felizes com o fato de as pessoas gostarem delas. De qualquer forma, depois de tanto tempo não temos grandes expectativas.

O novo trabalho traz no título e na capa uma alusão à fênix, o pássaro da mitologia grega que ressurge das próprias cinzas, num contexto de fuga. O que está por trás dessa ideia?

Tom: No início eu tinha isso como apenas um jogo de palavras, mas a ideia foi crescendo conforme o trabalho foi acontecendo. Para mim, estar condenado a renascer todos os dias era um destino terrível. Como eu não gostaria de estar amarrado a esse destino, minha ideia inicial era de libertar esse pássaro. Coloquei essa ideia dentro do contexto humano e, de repente, parece que eu estava na quarta parte da trilogia, pois escrevi sobre como eu estava me sentindo naquele momento. Para mim, *Escape of the Phoenix* representa o outro lado de *The Atlantic*. Pelo menos é como me sinto hoje. De certa forma, tudo faz sentido para mim (risos).

Segundo você, *Escape of the Phoenix* não é uma sequência da trilogia, mas

Brasil Revistas

funciona como se fosse. Explique isso melhor, por favor.

Tom: Escrever a trilogia criou uma espécie de zona segura de criatividade, na qual podíamos ligar e desligar o processo criativo. Foi um ótimo lugar para se estar durante esses sete anos. Entenda que ao mesmo tempo em que escrevo sobre onde estou e quem me tornei hoje, isso não faz com que *Escape of the Phoenix* forme a 'quadrilogia'. Se compararmos as letras desse disco com as dos onze que lancei antes, eu diria que sempre escrevi sobre a solitude e a solidão – o sentimento de ser um estranho, um forasteiro ou intruso a partir de uma perspectiva de desesperança e até mesmo tristeza. Acho que esse é o tema do Evergrey (risos). Sempre falo do contrastes entre luz e escuridão e minha posição no mundo em cada um dos contrastes. Sempre há muita escuridão, porém, agora escrevo sob uma perspectiva de força, autoestima e autoconfiança, além de refletir sobre o que me tornei justamente por ser considerado um estranho minha vida toda. Acho que as pessoas têm se conectado a isso ao ouvir o disco. Sempre recebemos bons comentários, mas dessa vez é diferente. Parece que alcançamos partes que nunca havíamos atingido, um público que nunca havíamos visto.

Esse é um trabalho de autorreflexão em que aqueles que estão buscando seu lugar no mundo e na vida podem se relacionar. Trata-se de algo bastante humano e difícil de se abordar, concorda?

Tom: Sim, mas quando faço as letras, escrevo como se estivesse preenchendo um diário e então entrego isso para o mundo sem necessariamente pensar que se trata de algo extremamente privado e pessoal. Eu não poderei dizer que sou um escritor sincero e honesto se fizer metade do trabalho. Tem que ser tudo ou nada. Porém, tem vezes que essa atitude faz com que eu seja descuidado com pessoas que circundam a minha vida, uma vez que elas não têm escolha.

Voltando à criação de *Escape of the Phoenix*, você disse que ele aconteceu fora de uma zona segura de criatividade. O que mudou exatamente?

Tom: Nós mudamos as coisas porque precisamos. Não se sentir seguro é uma necessidade. Em minha opinião, você não pode se sentir confortável no que tange ao processo criativo. Esse processo tem que ser divertido e recompensador. Nós conseguimos isso mudando as coisas. Tudo bem que esse é o quarto disco trabalhando no mesmo cenário, mas sair da ideia da estrutura conceitual era o que precisávamos para nos revitalizar. Se tivéssemos uma quarta parte na mesma pegada, acho que faltaria qualidade, pois seria muito confortável.

Sair dessa zona de conforto proporcionou um disco com mais guitarras, mais pesado e direto. Por sinal, essa é uma característica que vem crescendo com o tempo, ao passo em que a presença de corais e orquestrações tem diminuído.

Tom: Na verdade, ainda trazemos tantos detalhes que talvez você não os descubra nas primeiras audições, mas que depois aparecem. Isso para mim é o sinal de um ótimo disco. Ekdahl e eu cuidamos da produção, como de costume, e Jacob Hansen mais uma vez assumiu a mixagem. Hansen é a combinação perfeita para nós, pois ele nos disse como deveríamos soar em *Hymns for the Broken*. Trazer Hansen foi uma excelente forma de deixar algo novo entrar nesse ambiente conciso e fechado que era o Evergrey da época. Para nós, essa ideia de ser mais direto vem da energia de viver e escrever sob uma perspectiva de força e autoestima. Isso é automaticamente traduzido na música. *Escape of the Phoenix* é um disco que soa faminto – ele tem um propósito. Nós não estamos estagnados ou largados num canto querendo morrer. Estamos indo numa direção, estamos em movimento. Para mim, essa é a maior conquista. É do que tenho mais orgulho. Estamos fazendo música contemporânea e cada vez conquistando mais fãs há muitos anos.

ESCAPE OF THE FENIX
AFM/Valhall - Nac.

Outra novidade do disco é a presença de James LaBrie (Dream Theater) em *The Beholder*.

Tom: Já estávamos avançados no processo de composição quando ouvimos essa música no estúdio e percebemos que havia uma parte que pedia algo. Ficamos pensando no que poderia ser feito até eu dizer que precisávamos de um vocalista convidado. Nós cinco ficamos em silêncio até que, de repente, todos nós, quase que em uníssono, dissemos que tinha que ser LaBrie. Como o conheço de turnês passadas e somos bons colega. Escrevi um e-mail explicando o conceito da letra e como o enxergávamos como única opção para essa música. Depois de ouvi-la, LaBrie disse que adoraria fazê-la.

Dream Theater e Evergrey já dividiram o palco várias vezes, mas sua relação com a banda começou muito antes de você formar o Evergrey, não foi?

Tom: Dream Theater foi a razão para eu começar o Evergrey, pois queria soar como ela, mas logo percebi que não era capaz de tocar daquele jeito (risos). O Dream Theater é parte responsável pelo modo como o Evergrey soa hoje. Pensando na relação entre as bandas e a faixa *The Beholder*, LaBrie foi uma espécie de pessoa que é retratada na música. A representação de um modelo, um eu superior durante a minha educação artística. Fiquei extremamente lisonjeado e grato pela oportunidade de fechar um ciclo, um capítulo que às vezes eu sinto que deveria ser escrito.

Assim como tem LaBrie como modelo, alguém já declarou ter você como modelo de pessoa e o chamou para gravar?

Tom: Sim, muita gente (risos). Esse ano de pandemia foi o meu ano mais criativo de todos, pois ofereci meus serviços para os fãs. Afinal, eu precisava de dinheiro. Eu estava lá para cantar em discos, demos... O que fosse. Só não canto rap – exceto por isso, sou uma prostituta da música (risos). As pessoas começaram a me enviar músicas e eu fiz aqui o que quis fazer. Isso é recompensador, tanto para mim, por participar de músicas que nunca teria composto, quanto para eles, que me querem em suas músicas. Tem sido uma colaboração extremamente recompensadora. Acho que fiz umas 35 músicas ano passado, além de discos com Silent Skies, Redemption e Evergrey (N.R.: *Satellites, Alive in Color* e *Escape of the Phoenix*, respectivamente). Estou feliz de ver a minha voz se espalhando por diferentes por diferentes ramos.

Além do lançamento do novo disco, o Evergrey comemora os vinte anos de lançamento de *In Search of Truth* e dez anos de *Glorious Collision*. Essas foram duas fases bastante distintas da banda, em que numa ela estava crescendo e noutra se desmanchando. O que você se recorda de ambas as épocas?

Acesso exclusivo para assinantes Telegram Brasil Revistas

Patrick Ulmes - Guests Nation

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

"O Dream Theater é parte responsável pelo modo como o Evergrey soa hoje."
Tom Englund

Tom: A época de *In Search of Truth* foi um período incrível da minha vida. Primeiro, porque pude trabalhar naquilo que me propus a fazer, considerando a visão que eu tinha da banda. Em segundo lugar, eu pude gravar com amigos com os quais eu gostava de passar tempo. Além disso, pude conhecer, trabalhar e me tornar amigo de ídolos como Andy LaRocque, do King Diamond (N.R.: LaRocque produziu *In Search of Truth*). A coisa só continuou depois disso (risos). É um tanto incompreensível pensar que isso aconteceu há vinte anos. Cacete... Quem diria que duas décadas se passariam e eu continuaria fazendo música relevante. Isso é algo do que eu devo ser muito feliz. Já a época de *Glorious Collision* foi o período mais complicado da minha vida. Época em que eu havia decidido sair do Evergrey. Eu já não tinha mais a energia, nem a vontade e o desejo de criar música. Para completar, o baterista na época, Hannes (Van Dahl), foi chamado para o Sabaton e ainda tínhamos dois shows agendados. Como Van Dahl e Marcus Jidell (ex-guitarrista) não poderiam tocar neles, eu resolvi chamar os dois únicos dois caras que eu conhecia que poderiam tocar - Danhage e Ekdahl. Liguei oferecendo quinhentos euros por show e eles aceitaram. Na época já fazia três ou quatro anos que eles haviam saído. De repente, percebemos que tínhamos de volta a diversão que estava faltando.

Foi na época de *Glorious Collision* que você decidiu ir para a universidade estudar serviço social e psicologia?

Tom: Sim. Eu cursei a universidade durante duas turnês europeias e norte-americanas. Enquanto todos estavam fazendo festas, eu estava lá no ônibus. Tínhamos um acordo – todas as manhãs, às oito horas, eles tinham que ir para cama e eu começava estudar. Era ótimo. Enquanto eles festejavam, eu ia dormir.

É uma história e tanto, quem sabe você nos conte em mais detalhes numa próxima. Para finalizar, quais seus planos para o Evergrey diante desse cenário de incerteza de hoje?

Tom: Estamos nas mãos do universo. Acho que isso é algo que nós, humanos, aprenderemos muito. É algo que nós acompanharemos para o resto de nossas vidas. Mudará a nossa forma de pensar e tornará a maioria de nós melhor. Veremos quando poderemos tocar novamente. Se isso durar mais um ano, trabalharemos em outro disco e faremos uma turnê para dois álbuns. Acho que o mundo estará tão faminto por música que teremos shows todos os dias. As pessoas irão à falência (risos).

BrasilRevistas

IRON MAIDEN

SENJUTSU

戦術

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

NOVO ÁLBUM ESTREIA NO DIA 03 DE SETEMBRO

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
E NO FORMATO CD FÍSICO

IRONMAIDEN.COM

Parlophone

Brasil Revistas

HIDDEN TRACKS

REI LAGARTO

ORIGEM:
Brasil

ÉPOCA:
1991 a 2011

ESTILO:
Hard rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Fabiano Negri (vocais), James Twin (guitarras), Yon Berry (baixo) e Ric Matos (bateria)

DISCOGRAFIA:
Overdrive (1998), Free Fall (2001), Older (EP, 2007), Road of Freedom (EP, 2008), Live at the Hammer (ao vivo, 2008), Oceans (2010), The Clockmaker's Dream (2011) e Never too Old for this Shit (ao vivo, 2019)

Por Antonio Carlos Monteiro

Foi em 1991, na cidade de Campinas (SP), que uma das mais importantes bandas do hard rock brasileiro foi criada. Só que no início Yon Berry (vocal), Dudu Brito (guitarra), Flávio "Chegado" (baixo) e Pedro Paulo (bateria) eram adeptos de um heavy metal com toques de gótico. A formação começa a se apresentar regularmente em Campinas e no ano seguinte passa a contar com o tecladista Daniel Eboli, que muda para o baixo em 1993 com a saída de Chegado.

Antes de a banda gravar o primeiro álbum, Eboli decide sair. Yon, então, passa para o baixo e é chamado Fabiano Negri (na época no Mindfreak) para os vocais. Com essa formação é gravado o primeiro disco, *Overdrive* (1998). Logo após o lançamento, a banda sofre uma reformulação com as entradas de James Twin (guitarra) e Rogério Ferrari (bateria), e a partir de então o Rei Lagarto passa a fazer hard rock. "O Fabiano foi um dos músicos que mais contribuiu para criar o estilo definitivo do Rei Lagarto", lembra Yon, "e as entradas de James e Rogério, logo depois, também contribuíram nesse sentido."

Yon, Fabiano, Ric e James experimentaram grande sucesso no início dos anos 2000

Divulgação

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

Com Fabiano, James, Yon e Rogério, a banda entra em estúdio para gravar seu segundo disco, *Free Fall* (2001), que teve na produção de um certo Antonio Carlos Monteiro...

Após a gravação, Rogério deixa o grupo e é substituído por Victor Marcellus. Na sequência, a banda entra em uma forte maratona de shows. "Foi uma época bem legal em termos de venda de discos, shows e exposição na mídia", afirma Fabiano. James: "A gente tinha consciência de que pra chegar em algum lugar tinha que tocar. Então, fazíamos de dez a quinze shows por mês. O Rei Lagarto era uma banda de palco." Yon concorda: "A banda amava os palcos como nenhuma outra que conheci."

No mesmo ano, o Rei passa a contar com um segundo guitarrista, Gustavo "Jungle" Matos. Em 2002 é a vez de Victor sair, sendo substituído pelo irmão de Gustavo, Ric Matos. "Quando meu irmão entrou, eu conheci realmente o Rei Lagarto e gostei da energia da banda no palco. Fiquei amigo dos integrantes e até fiz algumas canjas. Imagino que talvez esse tenha sido o meu processo seletivo (risos)."

No ano seguinte, a banda viveu um de seus piores momentos com o falecimento de Gustavo aos 24 anos, vítima de câncer. A banda deu uma parada nas atividades, retornando alguns meses depois, mas logo em seguida o Rei Lagarto decide encerrar atividades.

Após algumas reuniões pontuais, em 2007 Fabiano, James, Yon e Ric resolvem recolocar o Rei Lagarto na ativa. No mesmo ano sai o EP *Older*. O passo seguinte seria a gravação de um trabalho ao vivo, o que aconteceu num show em 26 de janeiro de 2008 no Hammer Rock Bar, em Campinas, que se transformou no disco *Live at the Hammer*.

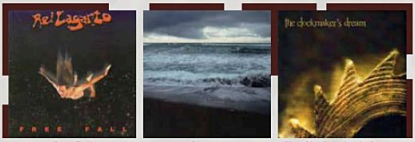
No final do ano a banda grava mais um EP, *Road of Freedom*, que sairia no ano seguinte e conta com a participação especial de Aquiles Priester na faixa *Dance in the Moonlight*.

Porém, no final do ano James decide deixar a banda. Ele resume sua decisão: "Eu estava querendo tocar um outro tipo de som." Para seu lugar é chamado Ivan Melo: "Minha audição foi fazer um ensaio com eles. Mas os caras não gostavam muito de ensaiar, tocamos umas duas músicas e eles me convidaram pra entrar." (risos)

Com Ivan, gravam *Oceans* (2010), que já estava composto quando ele entrou, e, no ano seguinte, o duplo *The Clockmaker's Dream*, com forte participação de Ivan na composição. Mas logo em seguida a banda encerra atividades novamente com as mudanças de Yon para a Suíça e Ivan para a Inglaterra.

Em 2019, numa passagem pelo Brasil, Yon reúne-se com Fabiano, James e Ric para um único show no bar Jimmy Rocker, em Campinas, que, segundo James, "foi uma apresentação de velhos comedidos (risos), mas bem legal." O show foi gravado e lançado em CD sob o sintomático título *Never too Old for this Shit*.

Atualmente, todos continuam atuando na música. Mas o Rei Lagarto não é passado para eles. Segundo Fabiano, havia alguns planos que a pandemia se encarregou de esfriar: "A gente tem vontade de fazer alguma coisa, só que pra isso é preciso que o mundo volte ao normal." Yon concorda, mas é otimista: "Tenho certeza de que o Rei Lagarto ainda vai mostrar as caras em muitos palcos por aí."



Free Fall (2001) | Oceans (2010) | The Clockmaker's Dream (2011)

Brasil Revistas

"Courage Is Born from Fear"

Novo EP da **April 21st**

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

Lançamento mundial em 10 de Setembro de 2021
Pré-venda https://ffm.to/aprl

ECLIPSE

www.april21st.com.br
www.eclipserecords.com

Brasil Revistas

Alexander Örn Númason, Óskar Logi Ágústsson e Stefán Arí Stefánsson, pausa apenas nos palcos

Divulgação

Acesse notícias, resenhas e muito mais em Brasil Revistas

A CARAVANA SEGUE EM MOVIMENTO

Óskar Logi Ágústsson fala sobre o momento atual e o novo álbum da banda islandesa

Por Valtemir Amler

O vocalista e guitarrista Óskar Logi Ágústsson era pouco mais do que uma criança quando fundou o Vintage Caravan em 2006, na Islândia, mais como uma distração, algo para passar o tempo. A situação não era muito diferente quando ele resolveu levar a banda mais à sério, em 2012, época em que o baixista Alexander Örn Númason se uniu ao grupo. Porém, desde então a "Caravana" foi colocada em movimento e as coisas não pararam mais de acontecer. Do contrato de gravação com o selo islandês Sena (para o álbum *Voyage*, de 2014) para um acordo mundial com a Nuclear Blast (para os álbuns *Arrival* e *Gateways*, de 2015 e 2018, respectivamente) e chegando até a nova parceria com a Napalm, cujo primeiro fruto é conhecido agora, com *Monuments*, o fato é que a banda nunca parou e se manteve em movimento e crescimento constante desde o seu primeiro dia, seja no estúdio, seja nos palcos. Bem, estava sendo assim, mas ao menos nos palcos as coisas precisaram parar em 2020. Óskar falou conosco sobre esse momento recente e sobre como manteve a banda ativa e produtiva nestes dias sombrios.

Três anos se passaram desde *Gateways*, então, já estava na hora de aparecerem com um novo álbum, mesmo neste momento conturbado.

Óskar Logi Ágústsson: Pois é, três anos passam mais rápido do que imaginamos (risos). Gravamos este álbum entre fevereiro e março de 2020, logo antes do início da pandemia, e, claro, tudo tem sido estranho desde então. Aliás, tudo sempre é estranho conosco (risos), o álbum anterior foi gravado em 2017 e sofreu atraso no lançamento, esse novo foi gravado no início do ano passado e também sofreu um atraso... Acho que estamos nos tornando uma espécie de especialistas nisso (risos).

Mas isto também tem um lado bom...

Óskar: Sim, com certeza. Claro, desta vez tudo acabou sendo afetado pelos eventos do momento, mas esses atrasos também acontecem por outros motivos. A verdade é que não vivemos mais os anos 70, em que as bandas lançavam dois álbuns incríveis por ano e ainda assim viviam em turnês constantes. Mudou demais, existem muitas bandas e todas precisam de espaço, não adianta soterrar os fãs de música pesada com tanta coisa que eles nem consigam absorver nada direito, então, esses atrasos acabam sendo bons por isso, eles dão as pessoas tempo o suficiente para digerir o que ouvem.

Sim, as pessoas precisam passar o tempo necessário com o álbum para amá-lo além da superficialidade.

Óskar: É verdade. Claro que todos gostamos de novidades, queremos descobrir novas músicas, mas precisamos dedicar um tempo para cada coisa, não é só ouvir uma

Brasil Revistas

vez e dizer 'gostei' ou 'odiei'. Muitos dos meus discos favoritos me causaram uma péssima impressão quando ouvi pela primeira vez, outros eu adorei quando ouvi e detestei depois de algumas audições (risos). O importante é dar tempo para que uma opinião possa ser formada. Ah, e também existe outro fator positivo nos atrasos de lançamento: as bandas não ficam tão esgotadas, tão destruídas quanto ficavam nos anos 70. Muita gente não aguentava aquilo, muitas bandas decaíram demais simplesmente porque não podiam ser criativas o tempo todo, sem descanso algum. Hoje poucos têm esse problema.

Bem, como o novo *Monuments* foi gravado no início do ano passado, suponho que vocês não passaram pelo problema de cancelar parte da promoção de *Gateways*, certo?

Óskar: Tivemos bastante sorte com isso, conseguimos tocar tanto quanto planejamos para o álbum anterior, algo que foi impossível para muitas bandas. Além disso, tivemos todo um tempo extra para voltar para as nossas canções, rever detalhes, pensar em diferentes soluções. Não havia razão para não fazer isso, já que sabíamos que o álbum seria atrasado e o mundo estava basicamente se fechando na primeira metade do ano passado. Acho que passamos por umas quinze diferentes 'sessões de produção musical', vou chamar assim (risos). Tudo por e-mail, pois era assim que as coisas estavam. Produzíamos uma música, achávamos que estava boa, mas de repente surgia aquela ideia: 'Como ela soaria se tivéssemos mais bumbo nessa parte?' Logo recebíamos a nova versão e aí variava muito, às vezes era ótimo, mas às vezes era: 'Esqueça isso, volte ao original, está terrível' (risos). Acontece, é preciso testar para ver o resultado. Dessa vez tivemos tempo para não colocar os testes no álbum (risos), não posso reclamar disso.

Algo de positivo ocorreu no álbum por conta desse distanciamento forçado?

Óskar: Eu acredito que, no geral, é o álbum com a melhor sonoridade do Vintage Caravan. Estou dizendo isso no sentido do som mesmo, da produção e da mixagem. Sinto que foi assim justamente porque eu e os outros caras ouvimos o álbum em diferentes lugares e tipos de aparelhos. Acabamos usando desde um ótimo equipamento de som até um celular com um único alto-falante, e *Monuments* acabou soando muito bem em todos os dispositivos. Nunca antes tínhamos pensado em fazer um teste como esse e foi algo que desta vez acabou acontecendo naturalmente, por conta da situação.

Qual foi o maior desafio que você assumiu em *Monuments*?

Óskar: Bem, eu poderia dizer que nos desafiamos para criar o melhor álbum da banda, mas isso é o que todos sempre fazem, então não foi isso. Eu diria que o maior desafio que assumi foi o de transformar *Monuments* no álbum liricamente mais aberto e ainda assim pessoal de toda a nossa jornada. Isso aconteceu porque no passado, canções que eram muito pessoais, como *Inner-verse* (N.R: do álbum *Arrival*, 2015) acabaram rendendo aquele que considero o maior elogio possível à minha música, que é alguém chegar até mim e dizer que aquela letra a ajudou a superar um momento difícil. Quer dizer, eu não consigo pensar em nada mais incrível do que a minha música fazendo a diferença na vida de alguém, eu nunca teria imaginado isso. É uma grande honra e algo lindo,

MONUMENTS
Napalm - Imp.

então decidi tomar isso como um direcionamento e posso te dizer com certeza que não é nada fácil ser ao mesmo tempo aberto e direto em suas palavras, mas foi um trabalho muito recompensador e que acho que complementou muito bem o álbum. *Monuments* é um álbum muito pessoal e muito especial para mim e espero também seja para todos que se conectarem realmente com ele.

Este é o caso, por exemplo, com a faixa *This One Is for You*, certo?

Óskar: Sim, esta música eu compus para o meu irmão, que morreu em 2018. Ele tinha 41 anos e foi uma época horrível para mim. Eu tentei falar sobre essa experiência na canção e abordar um tema tão doloroso, mesmo que em uma canção... É difícil conter a emoção. É incrível que tantos jornalistas e fãs hoje estejam comentando essa música, acho que as pessoas realmente conseguem se conectar ao tema, elas sabem como é isso, elas vivem isso e acho que uma música como essa acaba ajudando todos a tirarem essa angústia do peito, tanto eu quanto os fãs. É isso que eu quis dizer com pessoal e aberto ao mesmo tempo, essa facilidade em se relacionar com o tema. Bem, quando buscamos uma abordagem assim, um novo leque de possibilidades se abre para a nossa música também. *This One Is for You* é uma música muito calma, serena, e tentei buscar até o melhor instrumento para garantir a vibração correta. Então, usei uma guitarra Epiphone Casino de 1964, semelhante àquela que os Beatles usaram na época. Álex usou um baixo Hofner Violin Bass de 1962, justamente como Paul McCartney usava, e Stefán gravou em uma bateria dos anos 60 da Ludwig. Então realmente foi um esforço para encontrar não apenas os elementos musicais, mas a sonoridade que sentíamos que a canção demandava.

E o resultado foi incrível. Acho que você usou um pouco de 'tape echo' nela também, não?

Óskar: Ah, sim, exatamente. Obrigado por perceber, isso foi incrível (N.R: nos velhos tempos os produtores usavam fita de gravação analógica para obter o efeito de delay ou eco. O som era gravado, depois reproduzido e gravado novamente até conseguir o efeito com a amplitude desejada). Foi a primeira vez que tive a chance de trabalhar com esse efeito de verdade e foi uma experiência muito interessante.

Parece ter sido uma experiência muito boa em estúdio.

Óskar: Sim, cara, foi incrível, e não estou exagerando. Desta vez foi como se tudo tivesse se alinhado, tudo parecia estar em outro nível desde o início. A proposta que falei antes, a ideia que trazíamos para o álbum estava em outro nível, a nossa experiência está em outro nível. Shows em grandes festivais, tocar ao lado do Opeth, tudo ajudou a expandir a nossa visão. Trabalhar novamente ao lado de Ian Davenport (N.R: que também atuou com a banda em *Gateways*) também foi algo gigante e o estúdio em si não existe lugar melhor na Islândia. Gravamos o álbum todo no Hljóðriti Studios, que foi o primeiro estúdio realmente construído e planejado para essa função em todo o país, é o mais importante e mais famoso que temos. O estúdio foi erguido por John Storyk, que é o mesmo cara que construiu o Electric Lady Studio em Nova York para o Jimi Hendrix, então você pode imaginar a acústica que ele tem. Sem contar o equipamento incrível, eu toquei até banjo nesse novo álbum (risos gerais).

Brasil Revistas

AT THE GATES

Agentes do Pessimismo Cósmico

Tomas Lindberg fala sobre a inspiração lírica e musical que dá cores ano novo álbum da lendária banda sueca

Por Valtemir Amler

Surgido em 1990, durante os anos de ebulição da cena death metal sueca, o At the Gates poderia muito bem ter se conformado em ser mais um dos ótimos nomes florescendo em seu país natal, mas o papel de coadjuvante nunca agradou a banda formada por Tomas Lindberg (vocal), Jonas Björler (baixo) e Adrian Erlandsson (bateria). O protagonismo sempre foi o projeto do At the Gates. Com uma sonoridade extremamente pesada e melódica aliada a uma temática lírica poética e sombria, o grupo de Gotemburgo divide a paternidade do death metal melódico com seus conterrâneos In Flames e Dark Tranquillity, mas dispõe de um trunfo que nenhum outro tem: um colosso chamado *Slaughter of the Soul*, que desde 1995 é referência obrigatória para todos aqueles que buscam unir peso e melodia em música extrema. Consciente do seu papel no cenário, mas ainda inquieto e desconfortável no trono que ocupa, o grupo permanece criando e o novo álbum, *The Nightmare of Being*, apenas reafirma tudo aquilo que dissemos até aqui. Eles ainda não estão dispostos a viver das glórias do passado e novamente exploram, lapidam e alargam as fronteiras do metal extremo. Com a palavra, o vocalista e letrista Tomas Lindberg.

Qual é a importância da literatura na sua vida?

Tomas Lindberg: Basicamente é o meu passatempo preferido. Todo momento livre de que disponho prefiro passar com um bom livro nas mãos. É engraçado, pois eu nunca realmente tive tempo para um hobby, já que o meu primeiro hobby se tornou o meu trabalho, que é a música. A literatura entrou então originalmente neste pequeno nicho da minha vida, para ocupar aquele espaço destinado ao hobby, mas o fato é que acabou se tornando algo muito maior, toda uma parte da minha existência. Todas as formas clássicas de arte são muito importantes para mim, eu não as busco apenas pela diversão, quero participar delas, quero criar, e muitas influências vêm justamente dali. A literatura, como uma das maiores expressões artísticas, tem um papel fundamental na compreensão da dinâmica das sociedades, pois ela nos oferece a possibilidade única de compreender as situações sob o ponto de vista do outro, é uma forma de buscar o equilíbrio.

Você diria que a literatura ofereceu uma forma de fuga da realidade para você no início da sua jornada?

Tomas: Sim, especialmente nos velhos tempos foi isso, e foi algo fundamental para mim. Hoje existem tantos tipos diferentes de livros que aprecio ler, existe tanta coisa ainda para ser lida... (risos) Mas ainda existe um bocado do velho Tomas em mim, quando estou muito atarefado, num daqueles dias em que estou extremamente cansado, ainda gosto de pegar uma ficção com uma história empolgante, um daqueles livros que você simplesmente não consegue parar de virar as páginas até terminar... Às vezes ainda fujo da realidade com livros de fantasia, muito frequentemente corro para a ficção científica para mergulhar em um novo mundo, isso é fundamental na minha vida. Já nos feriados do verão, quando realmente disponho de tempo, costumo mergulhar fundo em literatura histórica, pois ali não funciona exatamente como escapismo, já que minha mente continua fervilhando e criando conjecturas e hipóteses diferentes para cada capítulo, é quase que uma continuação do trabalho. Mas a verdade é que eu não seria quem eu sou sem tudo isso na minha vida.

THE NIGHTMARE OF BEING
Rock Brigade/Xaninho Discos/Voice Music - Nac.

Na sua adolescência você tinha um autor favorito?

Tomas: Ah, sim. Primeiro foram os clássicos, aqueles que você estuda na escola e que eram indicados pelos professores. Pouco depois, quando comecei a desenvolver meu próprio caráter e meus próprios gostos, isso foi migrando para algo maior, que tinha mais a minha cara. Eu já estava envolvido com música extrema, então a literatura que consumia também começou a gravitar em torno disso. Descobri autores como Lovecraft, Poe, Stephen King, essas coisas. Eu sei que algumas pessoas vão dizer que isso é o genérico (risos), mas a verdade é que esses caras foram e são escritores extremamente hábeis, existe de fato muita qualidade literária naquilo que eles escreveram. Para mim, foi como um vulcão em erupção na minha cabeça, comecei a escrever letras baseando-me naquilo que eu gostava de ler. Horror, terror, mistério, tudo isso tinha que estar no que eu escrevia.

E é exatamente nesse ponto que eu queria chegar. Você trouxe muito disso nos primeiros discos do At The Gates, mas também existia uma enorme carga de filosofia naquelas letras.

Tomas: Isso acontece porque eu ia ganhando experiência conforme ia lendo aqueles autores e existem muitas ideias profundas sendo abordadas na literatura de ficção. Eu ficava com a dúvida circulando na cabeça e ia procurar respostas em outras fontes, então comecei a ter uma relação muito próxima com a obra de Albert Camus, Jean-Paul Sartre e assim por diante. Foi como se eu abrisse os olhos pela primeira vez, existia agora todo um novo mundo de possibilidades. Comecei a escrever impelido pelas ideias que vinham de toda essa literatura. Veja, eu acho que conseguiria escrever letras mais genéricas de death metal se eu tentasse, mas não acho que estaríamos conversando hoje se esse fosse o caso, pois aquilo não dizia nada para mim. Para ser criativo eu preciso ser provocado, preciso de um desafio. Sem um desafio, não haveria necessidade nenhuma de ser criativo, e aí não haveria um At the Gates.

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

Essa postura realmente foi impactante. Lembro que na época estávamos acostumados com álbuns de death metal com títulos como *Severed Survival* (Autopsy, 1989), *Slowly We Rot* (Obituary, 1989) e *Scream Bloody Gore* (Death, 1987), e então vocês aparecem com títulos como *The Red in the Sky Is Ours* (1992) e *With Fear I Kiss the Burning Darkness* (1993). Havia algo poético ali e isso definitivamente cativou a atenção.

Tomas: Eu também acredito nisso. Acho que tudo isso tem a ver com o fato de que sempre existiram pessoas que quiseram ser desafiadas pela música que ouviam, que aceitavam e até esperavam ser colocadas diante de uma situação fora do comum. Isso também é uma realidade no death metal e acho que este é exatamente o tipo de público que costumamos atrair. Eu sempre tive a impressão de que as pessoas que querem uma música mais adequada aos padrões sempre estiveram há quilômetros de distância do At the Gates, mas aqueles que gostam de ficar intrigados com o que estão vendo e ouvindo costumam estar entre a nossa base de fãs.

Mas imagino que este foi um grande desafio para vocês também. Quer dizer, quando você tem uma nova banda, é preciso chamar a atenção do público, existe muito a perder se você for incompreendido. Mesmo assim, vocês resolveram arriscar.

Tomas: Eu entendo perfeitamente o que quer dizer e concordo, seria muito mais fácil se tivéssemos seguido o caminho usual das bandas suecas na época, mas isso também não garantia que chegaríamos a algum lugar. Então, nós nem pensamos nos riscos naquela época, simplesmente seguimos adiante fazendo aquilo que queríamos, e éramos garotos muito ambiciosos naqueles dias, eu diria até que um bocado pretensiosos (risos). Nós tínhamos uma postura do tipo 'não existe limites para a música do At the Gates, apenas ouça se estiver disposto a assimilar a experiência completa'. Sim, éramos um tanto arrogantes (risos), mas artisticamente estávamos fazendo as coisas pela razão certa, faziamos aquilo em que acreditávamos. Muito daquela postura ainda existe em nós, ainda achamos que não existem limites artísticos para a nossa banda, mas as coisas hoje têm uma dimensão totalmente diferente, uma vez que já temos uma longa experiência. Na época nós tínhamos que arriscar, hoje talvez não precisássemos correr riscos, mas é o desafio que nos atrai. Por isso seguimos adiante.

Que bom que tenha dito isso, pois no novo *The Nightmare of Being* temos tudo que falamos até aqui. Literatura, música sem limites... Quanto à parte lírica, a inspiração partiu de um livro, correto?

Tomas: Isso mesmo. Eu estava me reconectando com os meus autores de terror favoritos por conta da minha outra banda, The Lurking Fear, que tem toda essa temática lírica 'lovecraftiana', então estava buscando também por autores contemporâneos e foi assim que descobri Thomas Ligotti e mergulhei de cabeça nos livros dele. Foi então que o Martin (Larsson, guitarrista do At the Gates) falou sobre outro livro dele, *The Conspiracy Against the Human Race* (2010), que era uma espécie de 'introdução ao pessimismo'. Claro que eu corri para ler isso (risos) e ele cita todos os grandes pensadores do pessimismo: Schopenhauer, Emil Cioran, todos eles. Essa ideia me cativou e alguns daqueles pensamentos se conectaram com os meus.

Bem, então você precisa ler *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. Ele foi traduzido para o inglês com o título *The Book of Diquiet*.

Tomas: Espera um pouco, deixe-me anotar isso (N.R: ele pede para soletrar o nome do autor, além de uma breve introdução ao tema do livro). Isso parece ótimo, vou tentar encontrar este livro, obrigado pela dica. Você sabe, sempre precisamos de mais informação, pois sempre temos um novo álbum.

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Adrian Erlandsson, Jonas Björler, Tomas Lindberg, Jonas Stålhammar e Adrian Erlandsson, o At The Gates mais experimental do que nunca

Clive Bigara

Brasil Revistas

Dan Argyn

Acesse nosso canal no Telegram: Brasil Revistas

E quanto ao aspecto musical, o que pode nos contar?

Tomas: Eu sabia que queria um álbum mais sombrio desta vez, mas que também fosse mais variado e dinâmico, e o grande desafio que nos propusemos foi o de incorporar mais daquilo que chamamos de 'sons diferentes', ou seja, elementos de fora do death metal, mas sem perder a sonoridade típica do At the Gates. Construir um álbum ao redor dessa premissa, e de maneira que ele soasse como uma única entidade, foi ideia original. Eu conseguia visualizar esse álbum bem antes de criá-lo, já sabia onde queria chegar, então conversei muito com Jonas (Björler) sobre como poderíamos chegar nesse objetivo musical, pois sempre é preciso fazer ajustes. O que quero dizer é que uma banda pode mudar, mas não de forma que não pareça mais a mesma, então quisemos encontrar a fórmula musical correta para nossa música e nossos fãs.

Sim, e acredito que alcançaram o que pretendiam. Mesmo músicas bem diferentes, como *Garden of Cyrus*, ainda mantêm aquele algo que faz delas canções do At the Gates.

Tomas: Obrigado, que bom que isso é perceptível. Sempre partimos do ponto que sabemos compor músicas do At the Gates, mas que nunca estamos satisfeitos com a forma como fazemos isso. Sempre queremos fazer diferente, pois precisa ser interessante para nós. Sabe, poderíamos ter escrito um *Slaughter of the Soul Part 2*, isso seria muito fácil para nós, pois conhecemos a fórmula. Porém, isso seria muito artificial e comercial para uma banda como a nossa, então seguimos adiante na nossa proposta. Vocês nos conhecem, sabem das nossas influências musicais e do que gostamos, então acho que estamos num nível em que podemos arriscar mais, até porque evoluímos como instrumentistas e compositores. O que quero dizer é que qualquer um pode compor um disco muito estranho e cheio de referências, qualquer um faz isso. O problema é fazer um disco variado, dinâmico e estranho que não vá contra tudo o que a sua banda representa. E esse não é um jogo que estamos dispostos a jogar, então, mesmo variada, nossa música sempre será reconhecível.

> "Mesmo variada, nossa música sempre será reconhecível."
> Tomas Lindberg

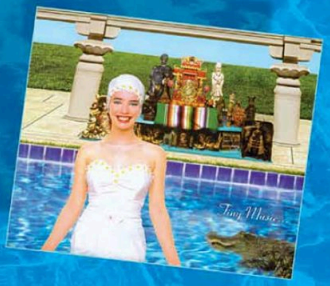
Bem, se *Garden of Cyrus* traz partes de krautrock para o seu universo, *The Paradox* é o típico ataque do At the Gates.

Tomas: Tínhamos que ter equilíbrio e essa música precisava estar ali para o álbum ter uma boa estrutura. *The Paradox* tem todos aqueles elementos death metal típicos da nossa música, buscamos essa aproximação intencionalmente, mas também queríamos experimentar nela, então incluímos muito mais melodia do que costumamos. É quase como misturar o nosso som com o do Mercyful Fate, algo que jamais conseguiríamos fazer no passado, mas que hoje temos a habilidade necessária para tanto.

STONE TEMPLE PILOTS

Tiny Music... Songs from the Vatican Gift Shop

EDIÇÃO DELUXE REMASTERIZADA E COM 15 VERSÕES
INÉDITAS EM COMEMORAÇÃO AOS 25 ANOS DO ÁLBUM



DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
E NA VERSÃO 2 CDs NAS LOJAS DE TODO PAÍS!

WarnerMusicLegends warnermusic.com.br

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

WHITE STONES
- DANCING INTO OBLIVION -
THE NEW ALBUM OF THE
PROGRESSIVE DEATH METAL PROJECT
FROM **MARTIN MENDEZ (OPETH)**

Nuclear Blast Records
www.NUCLEARBLAST.de
www.FACEBOOK.com/NUCLEARBLASTRECORDS

CD | LP IN GATEFOLD | DIGITAL
IN STORES **27.08.**

Brasil Revistas

FEAR FACTORY

TEMPO DE MUDANÇAS

Sem papas na língua, Dino Cazares fala de maneira franca sobre o impacto da saída do vocalista Burton C. Bell

Por Daniel Dutra

Pode um disco composto e gravado quatro anos atrás ser lançado apenas agora e continuar soando atual? Sim, pode, especialmente se a banda for o Fear Factory, que desde o começo tem a agradável mania de romper barreiras e trazer algo realmente diferente. E se você levar em consideração que a banda se encontra sem vocalista, uma vez que Burton C. Bell deixou Dino Cazares (guitarra), Tony Campos (baixo) e Mike Heller (bateria) na mão antes mesmo do lançamento do ótimo *Aggression Continuum*, o feito é ainda mais impressionante. Só que há muito mais nessa história, e Cazares deu os detalhes sem rodeio algum. Confira!

Considerando especialmente o momento de pandemia que vivemos, como você está?

Dino Cazares: Ah, eu estou bem, obrigado! E está tudo bem também em relação ao meu trabalho com música. Passei por muitas mudanças pessoais nos últimos cinco anos, e é muito libertador poder lançar esse disco como Fear Factory. *Aggression Continuum* é um álbum matador.

De fato, o novo trabalho do Fear Factory envolve muito mais do que música, do que as dez faixas do disco...

Dino: Foi uma situação bastante única, né? Não consigo me lembrar de nenhuma outra banda ou integrante que tenha passado por isso. Ou por algo que tenha sido tão ruim assim. Claro que muitas bandas têm brigas judiciais, mas essa durou tempo demais, foram anos e anos. Mesmo quando eu saí do Fear Factory, em 2002, havia algumas questões judiciais. Tudo começou ali, aí avançamos para 2009, quando surgiu mais uma, e tivemos outra que durou de 2016 a 2020, exatamente a última. Eu passei por muitas dificuldades pessoais durante o processo de *Aggression Continuum*. Divórcio, falência, julgamento, processos judiciais... Foi muita coisa, mas tive sorte. Tudo deu certo para mim no fim, então consegui manter meu espólio e venci os ex-integrantes da

Brasil Revistas

banda no tribunal (N.R.: Cazares se refere ao baixista Christian Olde Wolbers e ao baterista Raymond Herrera). Por outro lado, as coisas não foram bem assim para o Burton, já que o espólio dele se tornou disponível. O tribunal colocou para leilão, e eu consegui a posse total da marca Fear Factory, por isso ele decidiu sair. Não há nada que eu possa fazer sobre isso, porque é uma decisão dele. A única coisa que posso fazer é olhar para o futuro e seguir adiante. No momento, estou muito feliz por esse disco ser lançado, porque é mesmo um trabalho sensacional.

E como está a busca por um novo vocalista?

Dino: Está ótima! Consegui afunilar a lista a alguns nomes, mas há vocalistas que ainda não podem estar aqui, por causa da pandemia. Preciso que eles venham até a Califórnia para ver como será a química entre nós, porque já sei que todos soam muito bem. Eles me enviaram demos de músicas antigas... Bom, temos algumas mulheres na lista, inclusive, e estou falando isso agora porque quero que as pessoas se preparem caso seja uma mulher. Cara, eu estou ansioso para escolher logo um nome, até porque, em primeiro lugar, nem todas as relações dão certo. Às vezes sim, às vezes não, mas nesta situação eu não tive outra escolha que não fosse buscar um novo vocalista. A pessoa escolhida também precisará compreender a tradição e a fórmula do Fear Factory, e será um processo necessário para que ela entenda a banda. E essa pessoa também terá de saber lidar com a mídia, que pode ser boa ou ruim, e com as mídias sociais, especialmente, porque haverá gente que será contra a decisão. Haverá fãs fazendo comparações com o Burton, então quero me certificar de que o novo nome esteja pronto para tudo isso. Mas será um processo lento, porque devo levar o resto de 2021 para preparar quem assumir o posto.

Recentemente, você disse que gostaria de dar a chance a alguém desconhecido e cru, o que me lembrou da escolha do Sepultura por Derrick Green para substituir Max Cavalera. Seria isso?

Dino: Quase, porque o Derrick havia feito parte de bandas com discos lançados quando entrou no Sepultura (N.R.: Outface e Alpha Jerk). As pessoas que estou avaliando estão em bandas menores, que tocam localmente, e quero pegar um talento desconhecido e dar a ele a chance de estar numa banda grande. Acho melhor assim. Escolher um nome conhecido poderia até facilitar o processo, mas prefiro alguém novo. Além disso, tão logo a escolha seja feita, haverá bastante trabalho. Tenho conversado com esses nomes da minha lista sobre algumas coisas, e boa parte de tudo o que aconteceu com o Fear Factory é totalmente estranho para eles. Ninguém viveu nada semelhante.

De qualquer maneira, foi uma escolha que os fãs do Sepultura não esperavam, mas que funcionou muito bem...

Dino: Sim, isso é verdade, e Derrick é um vocalista incrível. Ele teve que lidar com as comparações com o Max, mas já está na banda há mais tempo do que o Max esteve! Da mesma forma, acredito que também dará certo para nós porque vou escolher a pessoa certa para o Fear Factory.

Eu apenas tento imaginar essa sua busca, porque estamos falando de mudar o vocalista, de ter outra voz no lugar da do Burton. Mas quando você disse, certa vez, que ele não conseguia mais cantar clássicos como *Linchpin* ao vivo, me veio à mente outra comparação: Todd La Torre substituindo Geoff Tate no Queensrÿche...

AGRESSION CONTINUUM
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Dino: Sim! E acho que o Todd é a pessoa ideal para o Queensrÿche. Ele é excelente, e a banda teve êxito, porque continuou a gravar, lançar discos, tocar ao vivo e fazer turnês. E é isso mesmo. Eu quero uma pessoa que consiga cantar todas as músicas que Burton não conseguia mais cantar, como *Linchpin*, que é uma das nossas maiores canções. Os fãs já estavam reclamando que os nossos setlists eram sempre iguais, e isso se dava porque tínhamos de escolher apenas as músicas que ele conseguia cantar. Agora, tão logo escolhamos uma pessoa que possa cantar todas, poderemos pegar canções diferentes, como as que não tínhamos como tocar ao vivo antes. Só que eu não preciso de alguém multitalentoso como o Todd, que canta, toca bateria e faz várias outras coisas, afinal, preciso apenas de alguém que se concentre em cantar (risos).

Para encerrar o assunto, Burton disse que saiu do Fear Factory porque não podia se alinhar com alguém em que não confia e que não respeita. Confesso que achei estranho, uma vez que ele queria apenas seguir outro direcionamento musical...

Dino: Honestamente, eu não sei. Ele já estava trabalhando em outro projeto, mas eu não consigo entrar na cabeça dele. Para mim, isso é típico de gente que gosta de culpar outras pessoas em vez de assumir responsabilidade por suas próprias ações. Se você tiver oportunidade, o aconselho a perguntar ao Burton o que ele quis dizer com isso.

Já estaria na minha pauta, assim como perguntar se ele se sentiu desconfortável com o fato de você agora deter 100% dos direitos sobre o Fear Factory.

Dino: Talvez Burton nunca tenha confiado em mim e nunca tenha me respeitado. E talvez ele tenha feito tudo somente pelo dinheiro, mesmo, porque é parecido com o que ele disse à Metal Hammer quando o repórter perguntou se ele havia retornado pelo dinheiro, e Burton respondeu que sim. Então, eu só consigo me guiar pelo que ele disse à imprensa e nada mais do que isso, porque não nos falamos há dois anos. Tudo o que sei foi o que eu fiz, como as decisões que tomei no tribunal para que continuássemos como Fear Factory.

O imbróglio judicial permitiu que você conseguisse que Mike Heller (também integrante do Raven) gravasse a bateria no novo álbum, para não ter que lançá-lo com programação. A situação em relação aos vocais é diferente, mas você considerou adiar o lançamento de *Aggression Continuum* até achar um novo nome e, assim, regravar as vozes?

Dino: Sim, eu pensei nisso! E estava pronto para seguir adiante nessa questão de substituir os vocais do Burton com o novo vocalista ou a nova vocalista, mas a gravadora quis manter os vocais dele no disco, e eu respeitei a decisão. Algumas pessoas não entendem que, quando se assina um contrato com uma gravadora para um álbum, ela passa a ser a dona das gravações, ou seja, as masters, o disco pronto, tudo mesmo. Então, se o selo diz que quer manter Burton no disco, eu não tenho escolha. Cedi também como forma de *Aggression Continuum* ser o último trabalho dele no Fear Factory, mesmo achando estranho fazer turnê do disco com outro vocalista. No entanto, está tudo bem, e preciso dizer

Brasil Revistas

que entrevistas como esta fazem com que as pessoas se preparem para as mudanças na banda, especialmente porque estaremos em turnê com outro vocalista apesar de ser o Burton no álbum.

Vamos falar especificamente sobre o novo álbum, até porque você tem dito que o *Demanufacture* (1995) foi uma inspiração para o *Aggression Continuum*. Isso é bem interessante, porque o segundo disco do Fear Factory foi um divisor de águas para a banda e no metal. Então, qual é o link?

Dino: Ah, o link sou eu tocando de 1995 até 2021 (risos). O Fear Factory tem um corpo de música estruturado, com dez discos em 30 anos de carreira, então é possível usar sua própria música como referência ao compor novo material, ser influenciado por algo que fez no passado. Se eu ficar travado em alguma música ou estrutura, posso recorrer a álbuns como *Obsolete* (1998) ou até mesmo *Genexus* (2015) e pensar: 'O que eu fiz quando fiquei preso nessa parte? Ah, lembrei!' (risos). Às vezes, música é matemática, mas às vezes é preciso apenas encontrar a combinação certa. Assim, recorrer aos trabalhos anteriores pode ajudar a encontrar essas combinações para um novo disco.

Você respondeu de uma maneira que combina com algo que penso, porque seu jeito de tocar é bem peculiar. Há músicas do Divine Heresy, por exemplo, que eu consigo ouvir como Fear Factory, apesar de o material ser mais agressivo. Faz sentido?

Dino: Talvez sim, talvez não. O disco do Fear Factory mais próximo de um do Divine Heresy talvez seja o *Mechanize* (2010), mas desde então eu não necessariamente retorno a ele. O que eu gosto sobre fazer música é separar dois estilos diferentes para cada banda, apesar de ser eu tocando guitarra nas duas. Às vezes, você ouvirá alguns elementos semelhantes, mas com andamentos diferentes. Amo tudo o que já fiz, e o Divine Heresy não é o som mais extremo na minha carreira, porque tenho o Asesino e o Brujeria. Desenvolvi meu estilo de tocar guitarra quando ainda era bem novo, mas a cada projeto eu tento fazer algo diferente. O Asesino, por exemplo, não tem nada mecânico e é death metal, enquanto o Divine Heresy tem um estilo mais moderno, digamos assim, com mais riffs, é mais rápido. O Fear Factory é 99% sem solos de guitarra, e há algum tempo não usávamos preenchimento de bateria, o que faz parte do estilo industrial, então tudo é influenciado por algo diferente. Talvez não seja tão popular como algumas bandas que levaram nossas influências adiante, mas não se pode dizer que não somos parte disso, de uma mudança de definição de gênero musical e de outra de definição do gênero heavy metal. Acredito que deixamos nossa marca e nossa influência no metal, e não importa qual lado. O Brujeria também modificou o estilo, afinal, não sei de nenhuma outra banda cantando em espanhol naquela época. Mesmo o Sepultura passou a cantar em inglês, mas com o Brujeria nós quisemos manter a tradição de cantar em espanhol, e não sei mesmo de nenhum grupo com contrato com um selo americano que cantasse, dentro do metal, naquele idioma. Com o Fear Factory, também pudemos criar um estilo próprio, então acredito que essas duas bandas influenciaram muita gente e alteraram algumas coisas no metal.

E há algo que considero muito importante em relação a *Aggression Continuum*. Trata-se de um álbum forte, sem dúvida, mas o fato de ter sido composto e gravado há quatro anos o torna ainda mais forte.

Dino: Ah, obrigado! Eu gosto de compor músicas e discos que passam na prova do tempo, como *Demanufacture* e *Obsolete*, porque eles continuam influentes, inspirando pessoas até hoje porque seguem inovadores. Acredito que essa é a beleza do som do Fear Factory. Nossa música continua relevante porque as pessoas a ouvem atualmente.

Brasil Revistas

Acesse nossas novidades em www.brasilrevistas

PENTRAL

What Lies Ahead of Us

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS!

Spotify DEEZER amazon Prime music Available on iTunes

Brasil Revistas

COLLECTION

Por Valtemir Amler

Nascido em 1987 sob o nome Amon, o quarteto americano formado por Glen Benton (vocal e baixo), os irmãos Eric e Brian Hoffman (guitarras) e Steve Asheim (bateria) alterou o seu nome dois anos depois para Deicide e rapidamente se tornou uma das mais desafiadoras e influentes forças do death metal mundial. Tendo sempre à frente a figura desafiadora e mal encarada de Benton, a banda contou com um início meteórico e problemático, já que a postura e as opiniões do líder do grupo não poucas vezes colocaram seus integrantes diante de situações difíceis, como o atentado a bomba ocorrido em um show na Suécia nos anos 90. A despeito de tudo isso, a banda não retrocedeu e, pelo contrário, assumiu uma postura cada vez mais agressiva e inadequada aos padrões da civilidade, o que a trania uma das mais fiéis legiões de fãs do cenário, assim como alguns dos mais furiosos detratores, que viam nela (não sem motivo) uma ameaça para o ideal estético-social das religiões organizadas. Com uma discografia longa (são doze álbuns completos de estúdio) e muitas mudanças na formação (algumas delas bem problemáticas), o Deicide goza da reputação de ser um dos atos mais celebrados da cena da Flórida, uma das mais reverenciadas da música extrema.

English, Asheim, Benton e Quirion, formação da banda de Tampa no seu álbum mais recente

IMPERDÍVEIS

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

DEICIDE (1990)

O caminho do nascimento do debut autointitulado já iniciou lendário. Segundo conta a história, Glen Benton teria entrado no escritório de Monte Connor (Roadrunner), entregado a demo e dito simplesmente: "Assine com a gente, cuzão." Estranha o suficiente, a estratégia de alguma forma funcionou e pouco depois, em março de 1990, o quarteto entrou no Morrisound Studios para gravar este disco ao lado de Scott Burns (Obituary, Atheist, Death, Cannibal Corpse e outros). Revisitando muitas das canções originais dos tempos de Amon, *Deicide* é o álbum que mais conta com o talento de composição dos irmãos Hoffman, já que depois Steve Asheim assumiria o protagonismo. Lançado em uma época em que havia o PMRC, o selo Parental Advisory e em que bandas como Judas Priest e Ozzy Osbourne eram acusadas por supostas "apologias ao suicídio", o álbum trazia a icônica *Sacrificial Suicide*, uma clara provocação, como Asheim contou a este repórter em 2018: "Naquela época todo mundo estava enlouquecendo com essa coisa de mensagens subliminares, de uma mensagem escondida na letra ou na música tocada ao contrário. Nós pensamos: 'Que tal pegarmos a mensagem e colocá-la bem debaixo do nariz das pessoas e foder com essa porra de mensagem subliminar?' Esse é o nosso jeito de fazer as coisas... Bem sutil." Confira mais "sutileza" em *Dead by Dawn*, *Lunatic of God's Creation* e *Oblivious to Evil*.

LEGION (1992)

Se com o seu disco de estreia o Deicide ajudou no estabelecimento e na popularização do death metal no mundo, com seu segundo álbum, *Legion*, redefiniu o patamar da fúria presente no estilo e se tornou um dos nomes mais influentes para o cenário black e uma referência onipresente para o nascente cenário brutal death metal. Rápido, intenso e furioso, o disco instantaneamente fez a cabeça dos fãs do gênero ao redor do mundo, e até hoje é raro achar um trabalho que faça frente a tamanho poder de destruição. Para que tal resultado fosse possível, o quarteto precisou refinar sua técnica, e é facilmente perceptível que estamos diante do trabalho mais técnico e veloz da primeira encarnação do Deicide. Conta-se, inclusive, que a perícia exigida na gravação das músicas aqui presentes foram motivo de desentendimentos entre Benton e os irmãos Hoffman, então guitarristas da banda. Alheio a tudo isso, este é mais um dos grandes trabalhos com a impressão digital de Scott Burns, produtor que é uma lenda na cena death mundial e que soube como ninguém extrair toda a fúria que o Deicide tinha a oferecer nas oito composições do repertório. Obrigatório desde os primeiros segundos da faixa de abertura, *Satan Spawn, the Coco-Daemon* até o último e derradeiro soco nos pratos em *Revocate the Agitator*, que encerra a obra.

Brasil Revistas

EXCELENTES

ONCE UPON THE CROSS (1995)

Pouco após o lançamento da coletânea *Amon: Feasting the Beast*, em 1993, o quarteto partiu para o terceiro disco. Logo de cara, o fã percebeará que a arte de capa buscou um caminho mais brutal que antes, especialmente quando você abre o disco e vê a imagem interna. Musicalmente, ficava longe da brutalidade técnica e desenfreada de seu antecessor, o que Benton via com bons olhos: "Quando fazemos shows, eu gosto de ver a plateia se divertindo, mas quando você vai lá e cria coisas tão técnicas que todo mundo fica parado apenas olhando para você, isso não é divertido. Eu quis me separar disso após *Legion*." Asheim também oferece a sua opinião, um pouco diversa: "Escutando novamente, *Once upon the Cross* parece muito lento. Ao vivo, nós tocamos muito mais rápido. Quando entramos no estúdio em 1994 e eu gravei as linhas de bateria originais, nós tínhamos apenas 22 minutos para a mesma quantidade de músicas. Gravei novamente as linhas com um andamento mais controlado, mas elas continuaram atingindo menos de trinta minutos". Confira a faixa-título, *When Satan Rules His World e They Are the Children of the Underworld*.

SERPENTS OF THE LIGHT (1997)

Com sua nova fórmula musical já encontrada (com o groove assumindo o lugar da brutalidade pura), eles partiram para a gravação do quarto álbum já com uma das bandas de death metal que mais vendiam discos em todo o mundo. E, se era assim, para que mudar? Portanto, Benton, Asheim e os Hoffman (Eric e Brian) se uniram novamente a Scott Burns, pelo quarto álbum seguido, e novamente no Morrisound, já um lar conhecido das lendas thrash e death. "Scott é nosso amigo e todos na banda respeitam a opinião dele", disse Benton, na época. "Nós não o tratamos como um empregado, ele é parte da banda quando nós gravamos", completou. Continuando seu ataque às religiões organizadas em suas letras, Benton falou sobre o possível impacto dos fenômenos alienígenas na religião em *The Truth Above* e versou sobre escândalos sexuais ligados à igreja em *Father Baker's*. Porém, os destaques deste álbum estão mesmo em seu perigoso início: confira *Serpents of the Light*, *Bastard of Christ*, *Blame it on God* e *Slave to the Cross* em sequência.

THE STENCH OF REDEMPTION (2006)

Muita gente ficou preocupada e não era para menos. Depois de quase duas décadas, Eric e Brian Hoffman estavam fora do Deicide e foi natural que os fãs ficassem apreensivos. Porém, o primeiro disco do grupo sem a sua dupla de guitarristas fundadores esteve longe de ser uma decepção, muito pelo contrário: *The Stench of Redemption* faz frente aos clássicos e se prova como um dos melhores registros de toda a carreira do grupo de Tampa. Para alcançar a "renovada" sonoridade, o Deicide contou com uma dupla de guitarristas bem conhecida: Jack Owen (atual Six Feet Under) havia passado pelo Cannibal Corpse nos anos 90 e o saudoso Ralph Santolla (falecido em 2018) já tinha feito turnês com Vital Remais e Death. Se o primeiro trazia uma pegada old school, o segundo era garantia de técnica refinada, o que reflete positivamente em canções mais abrangentes, mesmo quando brutais: "Steve e Glen nos disseram para fazer o que quiséssemos, então, enquanto Steve criava os riffs, eu tinha liberdade para colocar minhas ideias na música", comentou Santolla. Confira *Homage for Satan*, *Not of this Earth* e a faixa-título.

BONS

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

SCARS OF THE CRUCIFIX (2004)

Quem acompanhou na época, sabe o terror que foi para o Deicide se livrar de uma relação já sem condições de continuação com a Roadrunner. Após uma longa e produtiva parceria, banda e selo já não se suportavam mais e o último prego no caixão veio com *In Torment in Hell*, de 2001. Livre da obrigação de um contrato que não queria, o Deicide se mudou para a Earache, mas permaneceu no Morrisound, onde gravaria este sétimo álbum completo. Com a produção de Neil Kernon (Nile, Flotsam and Jetsam, Judas Priest) e gravado por Mark Prator (Monstrosity, Coroner, Obituary, Morbid Angel), *Scars of the Crucifix* acabou também se tornando notório como o último passo do Deicide com Eric e Brian Hoffman, que pouco mais tarde voltariam como uma versão renovada do Amon. Musicalmente, a coisa aqui não fugia da qualidade habitual, com riffs ótimos e densos, sempre marcados pelo groove evidenciado pelas levadas de Asheim. Não deixe de conferir a ótima faixa-título (que abre o álbum), *Conquered by Sodom*, *When Heaven Burns e The Pentecostal*. Uma pena que muitos pensem neste registro com mágoa, apenas como "o último com os Hoffman".

OVERTURES OF BLASPHEMY (2018)

Como veio se tornando tradição desde a saída dos Hoffman, o mais recente trabalho de estúdio também marcou a estreia de uma nova formação, desta vez com Kevin Quirion (na banda desde 2008) dividindo as guitarras com o ótimo Mark English. E, pelo visto, também será o único com essa formação, já que logo após o lançamento, English se desligou do grupo para dedicar toda atenção ao Monstrosity, sendo prontamente substituído por Chris Cannella (Autumn's End). Sobre o trabalho nas guitarras, Asheim nos falou, na época: "Kevin não compôs todos os riffs, mas trouxe boa parte deles. Ele é um grande músico e ótimo compositor, mas costumamos trabalhar novamente nas músicas para conseguir o arranjo ideal, o som funcional de cada uma." Já quanto a English, a contribuição foi mais na performance mesmo, como Asheim esclarece: "Ele entrou na banda quando a maior parte das músicas já estava gravada. Mas precisávamos de uma boa guitarra solo e foi por isso que o chamamos." E arremata: "O diferencial de Mark é que ele realmente faz ótimos solos." Sem demora, confira o single *Excommunicated*, *One with Satan e Seal the Tomb Below*.

CUIDADO

TILL DEATH DO US PART (2008)

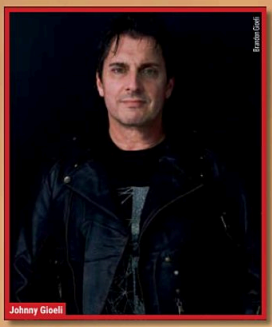
É aquela velha história: você não vai cometer a asneira de colocar esse álbum na caixa de areia do seu gato, mas de maneira alguma essa é a melhor mostra para um novo fã do Deicide. Os problemas que o vocalista Glen Benton enfrentava por ocasião de seu divórcio e a subsequente batalha pela guarda dos filhos transparecem em tudo, desde o título ("até que a morte nos separe") até a concepção das letras, todas com um humor mais denso e sombrio do que o usual, captando a frustração e desanimo do seu autor naquela época. Asheim, porém, parece ter amado o álbum, chegando a compará-lo com um dos maiores clássicos: "Se eu estivesse comparando-o com material mais velho, eu diria que é uma mistura de *The Stench of Redemption* com *Legion*. Acho que fomos capazes de recuperar esse estado de espírito da velha escola", ele declarou. A acolhida morna da imprensa e dos fãs guiou Benton por um caminho mais realista: "Ele foi nosso último álbum pela Earache e a promoção deixou um pouco a desejar. Na minha opinião, foi um álbum transitório." Ainda assim, temos boas composições aqui, como *Horrors in the Halls of Stone* e *Severed Ties*.

OUTROS: Além dos oito petardos destacados aqui, o Deicide ainda possui um bocado de material para ser colecionado pelos seus fãs e os de death metal em geral. No tocante a vídeos, há os DVDs *When London Burns* (2006) e *Doomsday L.A.* (2007), o primeiro com a presença de Dave Suzuki (Vital Remains) ao lado de Jack Owen, o segundo com Santolla ao lado de Owen. De álbuns ao vivo, *When Satan Lives* (1998) é obrigatório, pois capta a banda naquele que era considerado o auge da sua potência, ainda com a formação original. De álbuns de estúdio, os transitórios *Insineratehymn* (2000) e *In Torment in Hell* (2001) dividem espaço com os muito bons *To Hell with God* (2011) e *In the Minds of Evil* (2013), dois discos que reapresentaram o Deicide aos seus velhos fãs e prepararam o caminho para o que a banda é hoje.

Brasil Revistas

UMA LIÇÃO DE VIDA

Johnny Gioeli esbanja simpatia ao falar do sétimo disco de estúdio, *Heart, Mind and Soul*, enquanto dá uma aula de empatia e humanidade


Johnny Gioeli

Por Daniel Dutra

Os fãs de hard rock melódico não têm do que reclamar de 2021, especialmente aqueles que curtem um pouco mais de peso num estilo que vive de mãos dadas com o AOR. Em um ano cheio de ótimos lançamentos, Johnny Gioeli (vocal), Alessandro Del Vecchio (teclados), Mario Percudani (guitarra), Anna Portalupi (baixo) e Marco Di Salvia (bateria) reforçaram o time colocando na praça o novo álbum do Hardline, *Heart, Mind and Soul*. E num bate-papo que durou muito mais do que o previsto - e que só acabou porque a bateria do celular do entrevistado estava com 3% -, o simpaticíssimo Gioeli foi além do disco e de vários outros assuntos musicais, mostrando um lado humano cada vez mais bem-vindo nos dias de hoje.

Para começar, a pergunta que tenho feito em todas as entrevistas: como você está nesta pandemia que não acaba?

Johnny Gioeli: Eu estou bem, e obrigado por perguntar! Foi uma coisa estranha e que continua estranha, agora com essa nova variante, a Delta. Com isso, perdi alguns shows e mudei a data de outros, mas já perdi a conta de quantas vezes mudei a data dos mais de 60 shows que estavam agendados para 2020. Mudei tudo para 2022, 2023, 2024... (risos) É um pesadelo! Mas devo admitir que foi bom ficar em casa, porque não estou acostumado com isso. Para você ter uma ideia, eu não sabia que era preciso tirar o lixo toda semana! (risos) A vacinação nos Estados Unidos está a todo vapor, em todos os lugares há postos para as pessoas se vacinarem, então é uma vergonha que todos os países não estejam na mesma fase, unindo esforços para vacinar toda população. E eu quero voltar a subir num palco! Hoje mesmo eu fiquei três horas aguardando atendimento telefônico, tentando atualizar o meu passaporte para poder trabalhar, porque enquanto aqui as pessoas querem tirar férias e viajar, eu quero trabalhar! (risos) Mas tenho esperança de que as coisas comecem a andar, porque em agosto terei shows solo na Rússia e na Bulgária, e o Hardline vai tocar na Noruega e na Suécia. Como não vejo a hora de voltar, vou beijar o chão do primeiro palco quando acontecer! (risos)

Os shows fazem muita falta, mesmo! De qualquer maneira, você tem lançado ao menos um disco por ano desde 2018. São seis até agora, e três deles somente em 2018. Tem sido um período bem criativo, não?

Johnny: Com certeza! Sou um cara ocupado porque escolho ser assim, e amo trabalhar com tantos artistas diferentes, então faço muitos projetos paralelos como vocalista convidado. *Heart, Mind and Soul* é o 96º disco da minha carreira, mas, nos anos 1980 e 1990, quem lançava muitos álbuns ou trabalhava com várias e diferentes bandas era chamado de 'pula bandas'. Para mim, isso é ser criativo e fazer música. Um pintor não para porque fez muitas pinturas, e eu não creio que sou diferente. Lancei muitos discos e gravei muitas músicas, tenho mais de 700 canções registradas, e só de pensar nisso fico cansado (risos), mas é o

Anna Portalupi

Alessandro Del Vecchio

que amo fazer. Isso é a minha vida, e estou muito feliz por poder dizer que assinei contrato de mais álbuns com a Frontiers. Tenho alguns projetos que ainda não posso falar... Ok, vou dar uma pista para você, porque será anunciado em breve: um deles é um novo trabalho com Deen Castronovo! Além disso, eu sempre quis fazer algo meio metal europeu. Todos sabem que eu canto com o Axel Rudi Pell, e esse tipo de música serve naturalmente para a minha voz, porque fui criado ouvindo Ronnie James Dio, Black Sabbath e Rainbow, então eu quero tentar fazer algo heavy metal. Nada drástico, só que mais pesado. Como já estou velho, posso experimentar coisas e me divertir. Você pode ver que tenho bastante trabalho pela frente, mas não gosto mesmo de ficar parado. Sou grato por ter acesso a uma plataforma que me ajude a trabalhar, já que conheço vários colegas músicos que estariam tão animados quanto eu por poder fazer um disco. Sou grato pelo meu público se manter fiel e presente, por respeitar o que eu faço e por me permitir continuar a fazê-lo. E é tudo pelos fãs, não por mim. Não é por fama ou por dinheiro, mas para impactar alguém, fazer com que as pessoas se sintam ótimas com a minha música. É levar uma mensagem.

E vamos falar um pouco do Hardline, especificamente sobre o fato de que muita gente ainda acha que Neal Schon montou a banda depois do fim do Bad English, mas a história não é essa...

Johnny: Exatamente! O Hardline nunca foi uma banda do Neal. Na verdade,

Brasil Revistas

Mario Percudani

quando ele pediu para entrar na banda, eu e me irmão (N.R.: o guitarrista Joey Gioeli) negamos. Nós queríamos um grupo bem hard rock, sabe? Dois irmãos, de Los Angeles e com cabelos compridos, fazendo algo tipo Nelson, só que hard rock mesmo. Neal era meu cunhado à época, e quando voltamos para a casa da nossa família para as festas de fim de ano, eu e Joey estávamos tocando na cozinha quando Neil veio correndo, pediu a guitarra e começou a tocar, e... Cara, nós ficamos tão chocados com o conhecimento dele de acordes, com a forma de tocar arranjos e tal, que perguntamos se ele teria interesse em produzir o disco, mas não para entrar na banda. Neal disse que estava ocupado com o Bad English, mas que poderíamos trabalhar em algo quando ele voltasse para casa. Assim, eu passava o dia todo sozinho lá, compondo músicas como *Can't Find My Way* e *Change Your Heart*, até ele chegar à noite. Neal se animava com as músicas, e nós trabalhávamos nelas durante a madrugada. Eu era muito novo e quase não dormia, então levantava bem cedo para recomeçar, enquanto ele ia para o estúdio do Bad English. Eu tocava todos os instrumentos, escrevia tudo e esperava o Neal voltar, e foi assim que fizemos o *Double Eclipse* (1992). A banda virou o Hardline, mas era nossa, nunca foi do Neal.

Adiantando a fita, temos o novo álbum, e *Heart, Mind and Soul* me parece um álbum com uma mensagem mais forte do que o normal...

Johnny: E é mesmo. Durante o lockdown, eu assisti à TV muito mais do que antes, afinal, estávamos todos confinados em casa. Acompanhei uma matéria sobre saúde mental que dizia que 1/3 da população mundial sofre de algum problema de saúde mental, seja de origem química ou fruto do ambiente onde se vive. Fiquei estarrecido com esse dado, porque é muita gente! Eu tenho a sorte e o privilégio de não ter nenhum problema de saúde mental, mas sou empático com essas pessoas. Assim, quando pensei em fazer esse disco, imaginei as iniciais das palavras do título da seguinte maneira: o 'H' é uma escada, que nós subimos nas nossas vidas; o 'M' representa os altos e baixos de nossas vidas; e o 'S' é a estrada que seguimos, que às vezes é reta, às vezes tem curvas. Não é para falar esquisitices, mas eu sou meio esquisito criativamente, mesmo (risos). Pensei em criar um disco que permitisse às pessoas entender que elas têm valor e propósito. Isso é a base do que nós somos enquanto humanos: entender que temos valor e propósito.

Essa mensagem fica clara em *Surrender*, o segundo single e videoclipe do álbum, apesar de o título dar a entender o contrário.

Johnny: E eu amo *Surrender*, que fala

HEART, MIND AND SOUL
Frontiers Music - Imp.

de alguém que pensou em tirar a própria vida na época do Natal. Quando descobri, foi algo que me fez pensar que todos nós temos responsabilidade. Claro, há artistas que fazem música, lançam e fica por isso mesmo, tudo bem, mas eu tenho um senso de responsabilidade. Quando aquilo aconteceu, fiquei muito chocado, porque essa pessoa ouviu a minha música e desistiu de se matar! Ela se apegou ao meu trabalho porque trazia bons sentimentos e a fazia se sentir bem enquanto ouvia. Então, *Surrender* é, na verdade, sobre nunca se entregar. Outra canção que pode confundir quem ouvir o novo álbum é *We Belong*, porque não se trata de uma sobre relacionamento amoroso entre duas pessoas. É sobre o relacionamento amoroso entre uma pessoa e a música, porque a música nunca lhe abandonará, não partirá seu coração, não pedirá divórcio. A partir do momento em que uma música causa um sentimento numa pessoa, o relacionamento é para sempre.

Voltando a *Surrender*, o clipe tem cenas bem fortes, como um pai perdendo a paciência com os filhos, a mulher em depressão na cama... Ainda assim, termina de um jeito bem positivo.

Johnny: O vídeo fala do estresse a que todos nós estamos sujeitos e que vivenciamos, não importa quem você é! Conheço alguns dos maiores rock stars do mundo, e acredite: alguns já acordam chorando, depressivos, querendo se enforcar, querendo desistir. Para mim, é importante que, com *Surrender*, o ouvinte receba boas mensagens e reconquiste o seu valor. As imagens são justamente para fazer com que as pessoas que se sentem sozinhas percebam que não estão sozinhas. Ainda que alguém se sinta sozinho, todos nós passamos por bullying na escola, dificuldades financeiras ou momentos de desespero com nossos filhos. Quando estou em algum aeroporto, sempre me pego pensando se sou um bom pai e se falta algo a fazer ou que eu possa fazer melhor. Portanto, o clipe mostra que todos passamos por coisas ruins na vida, mas que podemos continuar mesmo assim. Fiquei mesmo bastante impactado com o que aprendi sobre a situação da saúde mental no mundo, então acredito que devemos cuidar do assunto como fazemos com a gripe, por exemplo: quem tem problemas de saúde mental deve buscar tratamento e ajuda, assim como tratamos a gripe quando adoecemos. É uma doença que precisa ser tratada porque... Cara, estamos falando de 1/3 da população de todo o planeta! Depois que assisti à matéria, busquei meios de ajudar de alguma forma, porque quero poder ajudar quem eu conseguir! Fiz caridade para bancos de alimentos, fiz conferências on-line com fãs, quero estar presente de alguma forma e ajudar quem eu puder e como eu puder, porque as pessoas são importantes para mim.

Marco Di Salvia
Foto: Marcio Del Picolo

Brasil Revistas

INGLORIOUS

Acervo Digital Roadie Crew ©Brasil Revistas

VERSÃO 2.0: MAIOR E MELHOR

O vocalista Nathan James e o baixista brasileiro Vinnie Cola falam do primeiro disco de inéditas com a nova formação e do momento especial que vive a banda inglesa

Por Daniel Dutra

Depois da debandada antes do lançamento do terceiro álbum (saiba mais na ed. #244 da ROADIE CREW), o Inglorious de Nathan James (vocal) e Phil Beaver (bateria) ganhou os talentos de Danny Dela Cruz e Dan Stevens (guitarras) e do brasileiro Vinnie Colla (baixo). E ganhou de fato, uma vez que a banda britânica de hard rock não apenas lançou um dos melhores trabalhos autorais de 2021, *We Will Ride*, como aproveitou o clima positivo para o lançamento de *Heroine*, disco de covers para homenagear famosas vozes femininas, do pop ao rock, e com parte da venda revertida ao Women's Aid, instituição beneficente de apoio a mulheres e meninas. Mais uma razão para colocar o Inglorious entre as melhores bandas surgidas dos anos 2010 para cá.

Vamos começar com a pergunta mais frequente das entrevistas que tenho feito: como vocês estão neste momento de coronavírus?

Nathan James: Eu estou bem, mas parece que já me acostumei a ficar preso em casa (risos)...

Vinnie Cola: É uma situação triste, mas é verdade.

Nathan: Vinnie tem estado ocupado em casa porque tem um bebê, e eu tenho um filhote de cachorro, o que é quase a mesma coisa (risos gerais). A verdade é que se trata de um privilégio poder usar todo esse tempo para ficar com a família, e acredito que Vinnie concorda comigo. Isso jamais acontecerá novamente, então, por mais triste que seja o momento que vivemos, há esse lado positivo.

A pandemia adiou o lançamento de *We Will Ride* por duas vezes, mas houve mais alguma coisa em relação ao Inglorious que acabou afetada pela Covid-19? Para o bem ou para o mal...

Nathan: No geral, eu acho que foi bom porque foi a primeira vez que gravamos um álbum sem ser ao vivo, então *We Will Ride* é o primeiro disco do Inglorious no qual dá para ouvir os instrumentos separadamente. Normalmente, você ouve apenas duas guitarras, mas agora dá para ouvir dez! É diferente até para o Vinnie, porque ele esteve no estúdio apenas por um dia.

Vinnie: Sim, mas foi um pouquinho mais do que isso. Gravei 12 músicas em um dia e meio (risos).

Nathan: (rindo) Isso! Thomas, o filho dele, estava para nascer, e ele precisava voltar para casa, então tivemos que fazer tudo em um dia e meio.

Vinnie: Minha esposa estava prestes a dar à luz, e eu poderia ficar lá no máximo dois dias, então tivemos que nos apressar.

Nathan, você disse que consumiu mais TV do que o normal neste período, especialmente documentários sombrios e sinistros da Netflix. Primeiramente, quais?

Nathan: "Tiger King" (2020), que achei fascinante; "Making a Murderer" (2015); e "Evil Genius" (2018), que é sensacional... Eu fico fascinado com a história de pessoas que são como eu, você e Vinnie por fora, mas que têm algo estranho dentro delas.

Ok, e eu trouxe o assunto à tona porque a pandemia nos ensinou que podemos viver sem várias coisas, mas não sem cultura. Música, filmes, séries, livros...

Nathan: Olha, eu não sei como estão as coisas nesse sentido no Brasil, mas o governo britânico ignorou a indústria do

Brasil Revistas

entretenimento. Fomos tratados como algo sem valor, e o cara responsável por empregos (N.R.: John Glen, o secretário econômico do Tesouro) disse que os músicos que vivem no Reino Unido deveriam estudar para virar outra coisa, o que é absolutamente insano.

Vinnie: Ao mesmo tempo, durante o lockdown, todo mundo estava em dificuldades, desenvolvendo problemas psicológicos, e uma das coisas que ajudaram a todos nesse sentido foi justamente a música. A música salvou pessoas no lockdown e nas quarentenas. E não somente a música, mas a arte em geral, e ainda assim nos tratam como algo sem importância.

Como não é diferente no Brasil, vamos falar de coisas boas. O que mudou ao trabalhar com Romesh Gogandod desta vez, já que os três primeiros discos foram produzidos pela própria banda?

Nathan: Devo dizer que eu adorei, apesar do problema que foi não estar no comando desta vez (risos). Mas foi bom e muito fácil porque Romesh sabe o que está fazendo, e eu não consigo fazer daquele jeito. Conheço as minhas limitações! (risos) Eu sei cantar, e ele sabe fazer discos incríveis, então foi bem fácil deixá-lo fazer o que ele sabe fazer. Mesmo quando ele me dizia que algo não estava bom, eu mudava e achava ótimo. Tenho grande respeito por isso. Romesh tem um jeito de fazer álbuns que nós nunca tínhamos feito antes. Os últimos foram gravados basicamente ao vivo, o que não daria para ser feito agora em função da Covid-19. Tivemos que mudar, e foi uma ótima solução. Kevin Shirley, que mixou os discos anteriores, também teria feito maravilhas se fosse o produtor, mas ele não era uma opção na época. Eu gostei muito do resultado. O som está bom demais!

Vinnie: Romesh é um cara que realmente sabe o que está fazendo, e seus conselhos iam além do que estávamos tocando. Ele ouvia algo e pedia para mudarmos porque já estava pensando no todo. O resultado ficou incrível porque ele criou algo verdadeiramente sólido. Foi um salto e tanto.

De início, para mim, o mais interessante é o background diferente, uma vez que Romesh já havia trabalhado com Bring Me the Horizon, Bullet for My Valentine e Motörhead, bandas modernas ou mais pesadas que o Inglorious. Musicalmente, qual foi a influência dele?

Nathan: Ele me fez mudar algumas coisas. Nós compusemos as músicas antes, a banda toda, e eu mandei as demos para o Romesh, que decidiu o que queria mudar. Se insistíssemos muito em manter algumas coisas, ele certamente deixaria, mas a sua função ali era justamente fazer o que sabe que é melhor. Do contrário, não seria necessário tê-lo conosco, porque faríamos tudo sozinhos (risos). Romesh me fez mudar palavras, refrãos, estruturas... Coisas que já havíamos ouvido milhões de vezes, mas que não percebíamos. Ele ouviu, percebeu de primeira e mudou.

E depois de dois anos junta, esta formação do Inglorious compôs e gravou seu primeiro álbum. Uma experiência diferente para todos, mas o que mudou de fato?

Nathan: Para mim, a tranquilidade. Eu estava relaxado e tranquilo. Quando se grava ao vivo, há muita pressão em cada um, porque se o seu take sai bom e o do outro cara sai um lixo, não se usa o take. Nesse caso, todos na banda têm que

WE WILL RIDE
Frontiers Music - Imp.

estar perfeitos do primeiro segundo até o último dos quatro minutos da música. Do contrário, a faixa gravada vai para o lixo. Desta vez, tivemos sorte por não ter essa pressão. Houve bastante tempo para fazer as coisas... Quer dizer, não para o Vinnie (risos), mas tivemos tempo para treinar as partes. Além disso, como o lockdown fez com que os pubs fechassem as portas, nossas mentes estavam mais claras durante a gravação (risos gerais).

Vinnie: Estávamos sóbrios e sem ressaca! (risos)

A propósito, Vinnie, como muitos fãs brasileiros ainda não o conhecem, gostaria que você aproveitasse a oportunidade para se apresentar.

Vinnie: Claro! Eu sou Vinnie Cola, de São Paulo, onde toquei muito na noite durante 15 anos. Tive uma banda no circuito de covers até me mudar para a Inglaterra, porque não dava só para viver de covers. Queria criar coisas minhas e estar num lugar onde o rock tenha relevância já que, queiramos ou não, o rock está um pouco encoberto no Brasil. Estou na Inglaterra há sete anos, e houve uma interação instantânea quando fui apresentado ao Inglorious, rolou uma química muito grande, principalmente musical, e está sendo uma história muito linda. Estamos construindo algo muito legal e, com certeza, duradouro. Este é o primeiro disco com a nova formação, só que já vem outro por aí. Sou baixista há 30 anos e estou na Inglaterra vivendo o sonho de tocar rock numa banda britânica.

O legal disso, incluindo o *We Will Ride*, é mostrar que os novos integrantes fazem mesmo parte do Inglorious. Ou seja, que não foram músicos contratados para fazer a turnê do *Ride to Nowhere* (2019)...

Nathan: Não mesmo! E foi muito difícil encontrar novos músicos. Seria muito mais fácil encontrar três caras para fazer uma turnê, mas encontrar pessoas que quisessem estar numa banda foi difícil, porque isso vai além do dinheiro. É sobre um sonho, e um sonho que eu tive há sete anos, então é como pedir para que as pessoas invistam no meu sonho. Investam seu tempo, suas músicas e seus talentos em algo que eu decidi fazer sete anos atrás. Foi difícil, mas consegui. Na primeira vez que tocamos juntos, eu soube que estava certo, porque o ensaio soou melhor do que o Inglorious jamais soou. No caso do Vinnie, ele entrou no lugar do Colin (Parkinson), que era um membro bastante popular da banda, então sabia que teria de mostrar que é bom mesmo. E no primeiro show, todos os outros caras tiveram a mesma experiência: provar ao público que estavam ali porque são bons mesmo. Aliás, eu adoro o fato de poder finalmente ouvir um baixo de verdade numa música do Inglorious, porque o Vinnie preenche as ondas das guitarras, então tudo fica mais claro, definido e perfeito. Adoro como ele toca e adorei o que o Romesh fez, porque todos nós soamos muito bem no disco!

Vinnie: Eu tenho muitos ídolos, dos quais trago referências, mas tenho a minha identidade, e o Inglorious dá espaço para sermos quem somos. E esse é o momento para a banda se apresentar como algo sólido, para sermos verdadeiramente uma banda e trabalharmos juntos.

Nathan: Quando se está numa banda, todo mundo quer ser a estrela, mas a verdade é que a banda tem que ser a estrela. Pela primeira vez na história do Inglorious, todos querem que a banda seja a estrela. É um trabalho de equipe para o Inglorious crescer.

Acesse o canal do Telegram da Brasil Revistas

Brasil Revistas

Aliás, o título de *We Will Ride* está relacionado ao de *Ride to Nowhere*, como uma resposta por causa das mudanças?

Nathan: Na verdade, não era uma resposta. Eu perguntei aos rapazes qual de duas músicas, *Eye of the Storm* e *We Will Ride*, deveria ser o nome do álbum, e *We Will Ride* foi uma escolha unânime. Mas eu pensei nisso depois de um tempo. De certa forma, o título *Ride to Nowhere* significou o fim daquela banda, e *We Will Ride* anuncia ao público que não acabamos. Não acabamos, mesmo! Vamos continuar maiores e melhores do que antes.

We Will Ride tem músicas que são bem típicas do Inglorious, como _My Misery_, _Do You Like it_, _She Won't Let You Go_ e _Medusa_. Mesmo com um ambiente mais relaxado para compor e gravar, creio que a adaptação de Vinnie, Danny e Dan foi fácil também porque a banda criou uma identidade...

Vinnie: Todos temos background e influências de grandes bandas de rock. Eu cresci ouvindo e tocando todos os meus ídolos desde sempre, porque, apesar de ser brasileiro e ter estudado música brasileira, bossa nova e jazz, a minha grande escola sempre foi o rock. Dan e Danny são guitarristas fenomenais, e todos trouxemos nossas influências. A química que aconteceu entre nós desde o primeiro ensaio é inexplicável, e isso se nota no resultado do álbum.

Nathan: Nossas músicas têm o mesmo princípio: um grande riff que transformamos numa canção. Mas preciso dizer que o processo de composição foi o mais fácil que tive no Inglorious até hoje! Eles estavam totalmente focados e realmente com o sentimento de que tinham algo a provar.

> "Nossas músicas têm o mesmo princípio: um grande riff que transformamos numa canção."
> Nathan James

Marie Clinton

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

E agora que o Inglorious tem um groove brasileiro, está na hora de a banda finalmente vir tocar aqui. Claro, assim, que o mundo estiver 100% aberto novamente...

Nathan: (N.R.: empolgadíssimo) Sim! Por favor! Nós realmente queremos tocar no Brasil, então estamos vendo todas as maneiras possíveis para que isso aconteça. Este ano de 2021 ainda está bem louco, mas espero que consigamos no próximo ano. Cara, eu quero muito comer o churrasco brasileiro! (risos gerais)

Vinnie: Definitivamente, será inevitável tocarmos no Brasil em breve. Não somente por eu ser brasileiro, mas porque sabemos que temos muitos fãs no país. E eu também preciso levar esses caras para comer em restaurantes brasileiros (mais risos).

Obrigado pelo papo, e o espaço final é todo de vocês.

Nathan: Obrigado a você por nos dar esse espaço, e peço desculpas pela demora, mas estamos bem ocupados gravando um novo disco, você sabe (risos)... Visitem nosso site em inglorious.com para mais detalhes, links e muito mais!

Vinnie: Obrigado a você, Daniel, e à equipe da ROADIE CREW. É sempre um prazer poder falar em português, especialmente para o meu país. Meu agradecimento a todos que curtem o Inglorious, também, e nos vemos assim que mundo normalizar.

LANÇAMENTOS CLASSIC METAL RECORDS

Brasilrevistas

PAUL DI'ANNO'S BATTLEZONE
Fighting Back - 1986

BATTLEZONE

Liderado pelo vocalista Paul Di'anno, ex-Iron Maiden! "Fighting Back" (1986) e "Children Of Madness" (1987) finalmente ganham edições nacionais remasterizadas com bônus e capas especiais pela Classic Metal Records!

PAUL DI'ANNO'S BATTLEZONE
Children Of Madness - 1987

RIDER
Midnight Line - 2021

ELIXIR
The Son Of Odin - 1986

Acesse nosso canal no Telegram: t.me/brasilrevistas

Design: JCCV - http://jccvdesigner.wix.com/jccv-design

CDs importados com exclusividade pela Classic Metal!
Confira estes títulos e o nosso catálogo completo em: www.classicmetal.com.br

RIOT
Born In America

RIOT
Fire Down Under

RIOT
Restless Breed

JAG PANZER
Mechanized Warfare

CHINAWITE
Run For Cover

HOLOCAUST
Elder Gods (Digipack)

HOLOCAUST
Predator

GLACIER
The Passing Of Time

STORMWITCH
Season Of The Witch

LEGEND
From The Fjörds (Slipcase)

Classic Metal
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado, entre em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br / WhatsApp (12) 98269 2446

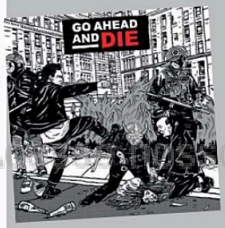
Brasil Revistas

GO AHEAD AND DIE

9,0

GO AHEAD AND DIE

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.



A banda é bastante nova, consta que foi formada ainda no ano passado. Quanto às suas origens, aí é que o papo fica mais sério. Afinal de contas, quando você conta com um dos pioneiros do metal extremo na sua formação, um sujeito que é reconhecidamente um dos melhores criadores de riffs da história da música pesada, é bem fácil deduzir que estará diante de um material bem acima da média. Pois bem, Max Cavalera é a principal atração no Go Ahead And Die e sua marca registrada está em cada uma das onze faixas desse disco de estreia. No entanto, não é o único trunfo de que dispõe o grupo.

Dividindo os trabalhos de guitarra e vocal com o pai, Igor Amadeus (que também gravou o baixo) alcança um nível realmente impressionante nesse álbum, e Zach Coleman (Khemmis e vários outros) é um baterista vigoroso, uma máquina firme que em nenhum momento deixa o ritmo cair, algo fundamental em músicas baseadas em riffs repletos de violência e groove.

Então, já que o assunto é esse, a audição não poderia começar melhor: *Trucklood Full of Bodies* já inicia com um riff visceral e, embora a velocidade seja sempre controlada, a força e a pungência com que as linhas de bateria parecem 'empurrar' os riffs adiante simplesmente não deixam a possibilidade de uma audição tranquila. Sim, é só ouvir e sair 'batendo a cabeça', como convém a esta classe relegada da sociedade que se nomeia 'headbanger'. Essa sensação de vigor além do controle é ainda mais evidente no ótimo refrão, no qual a voz de Max aparece urrando sobre um riff cheio de groove, daqueles que praticamente conjuram 'circle-pits' quando tocados ao vivo.

Se a impressão com a faixa de abertura foi a melhor possível, a sua sucessora, *Toxic Freedom*, vem com aquela pegada crossover da segunda metade dos anos 80 (e início dos 90), quando gente como Broken Bones, Discharge, English Dogs, GBH e Varukers estavam ajudando a dar uma nova cara para a música extrema. Mantendo a variação em alta, *Isolated Desolated* é bem mais contida, e busca extrapolar no peso para dar corpo a levada 'midtempo' que guia a canção (mas que não é o único elemento dela, espere por alguns 'd-beats' vindos do nada para encorpar o caldo).

El Cuco é outra que chega causando impacto com uma levada mais contida, que destaca ainda mais as ótimas linhas de guitarra e voz. O riff é bem simples, daqueles que você ouve uma vez e sai tocando, e as linhas vocais também não fogem daquilo que gostamos, com uma parte bem específica remetendo a *Territory*, do Sepultura. *G.A.A.D.* tem aquele 'crescendo' que sempre combina com música pesada, é surpreendentemente melódica e também remete ao velho Sepultura em partes, mas o que mais chama a atenção neste álbum de estreia é que, enquanto mostra evidências óbvias do passado de Max, ele não se prende a elas, e mostra nas suas variações uma banda com alma própria, pronta para trilhar o seu próprio caminho longe de quaisquer sombras.

Valtemir Amler

ABORTED

MANIACULT

CENTURY MEDIA - IMP.

8,5

Equilíbrio. Esta não é exatamente a palavra que você espera encontrar em uma resenha do Aborted, mas saiba que equilíbrio é exatamente o que o vocalista fundador Sven de Caluwé e seus parceiros buscaram neste *Maniacult*. Contando com Ian Jekelis (guitarra, ex-Abysmal Dawn), Stefano Franceschini (baixo, Hideous Divinity) e Ken Bedene (bateria, ex-Abysmal Dawn), o Aborted não buscou frear os seus instintos mais viciosos no novo álbum. Não é esse o 'equilíbrio' aqui buscado, mas, sim, o balanço perfeito entre o deathgrind dos primeiros dias, o groove do meio da jornada e aquele som mais obscuro do recente EP, *La Grande Mascarade*. A tarefa foi bem sucedida, já que você ouve claramente essas variações ao comparar faixas como *Dementophobia* (com aquelas linhas vocais que remetem ao Carcass noventista), *Impetus Odi* (furiosa como nos velhos tempos) e *Maniacult* (com ótimo groove). A coisa é tão legal que existe até uma novidade – confira a parte industrial/ambient no meio de *Portal to Vacuity*.

Valtemir Amler

L.A. GUNS

RENEGADES

GOLDEN ROBOT RECORDS - IMP.

7,5

Eis outro caso de músico que deixa uma banda, monta outra e a registra com o nome da anterior. Porém, *Renegades* foi lançado antes de Steve Riley selar acordo na justiça com Phil Lewis (vocal) e rebatizar a banda de L.A. Guns para Riley's L.A. Guns. Nesse imbróglio, o bom é que o baterista se reencontrou com seus ex-parceiros de L.A. Guns, Kelly Nickels (baixo) e Scott Griffin (antes baixo, agora guitarra), e encontrou em Kurt Frohlich o vocalista ideal. *Renegades* traz em *Crawl e Don't Wanna Know* o despojamento que se espera do L.A. Guns (seja ele qual for) e o viés taciturno dos "vampiros de Hollywood" na pesada *Well Oiled Machine* e na viciante *Lost Boys*. Mas traz também estéticas inéditas, em que pese a modernidade de *All That You Are*, o flerte com o grunge nas linhas vocais morosas de *Why Ask Why* e referências de punk e do antigo The Cult na própria *Renegades*. Entretanto, *Would*, que perde feio para a também balada *You Can't Walk Away*, e a insossa *Witchcraft* são dispensáveis. Se os fins justificam os meios, da divisão da célula-mãe L.A. Guns surgiu outra boa banda de hard rock.

Leandro Nogueira Coppi

THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA

AEROMANTIC II

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Resgatar o passado com classe, ter o frescor dos tempos atuais, se divertir com isso e obter êxito nos objetivos propostos. Tanto *Aeromantic II* quanto os cinco outros da discografia do grupo sueco The Night Flight Orchestra são provas disso. O sucessor de *Aeromantic* (2020) não só mantém os elementos dos antecessores, com muito AOR e progressivo, além de pop, hard, classic rock e um tempero extra da black e disco music, como até consegue superá-los. A ordem do repertório é coerente, mas chega a espantar o conhecimento de causa de músicos predominantemente do metal criarem algo assim. Afora a habitual classe na performance vocal de Björn "Speed" Strid (Soilwork, Gathering of Kings, At the Movies), os apoios das backing vocals AnnaMia Bonde e Anna Brygård reforçam a proposta. O line-up é completado por David Andersson (guitarra), Sharlee D'Angelo (baixo), Jonas Källsbäck (bateria) e Sebastian Forslund (percussão e guitarra), que agora contam com o novo tecladista, John Lönnmyr,

Brasil Revistas

que brilha em diversas músicas com um bom gosto ímpar. *Aeromantic II* é forte candidato a figurar em listas de melhores do ano e todas as faixas merecem destaque, mas vale conferir *Burn for Me*, *You Belong To The Night*, *Chardonnay Nights*, *Amber Through A Window*, *Zodiac*, *Change*, *I Will Try*, *White Jeans* e *Violent Indigo*. É para quem gosta de diversão, boa música e, principalmente, do que veio nas décadas de 70 e 80.

Ricardo Batalha

TIMES OF GRACE

SONGS OF LOSS AND SEPARATION
WICKED GOOD - IMP.

7,5

Uma década se passou e o Times of Grace agora retorna com seu novo álbum. Nada demais em se tratando de um projeto sem grandes pretensões, que tem Adam Dutkiewicz (guitarra e baixo) e Jesse Leach (vocal), ambos do Killswitch Engage, e o baterista Dan Gluszak. Comparando *Songs of Loss and Separation* com o primeiro trabalho, *The Hymn of a Broken Man*, nota-se que banda atualmente está mais distante da sonoridade do KE. Aqui, Dutkiewicz busca uma sonoridade mais alternativa e melancólica. Afinal, esse lado sombrio vem das letras de Leach e é uma característica dele. Por isso, esse projeto basicamente existe para ele por para fora os seus sentimentos. Além disso, a voz de Leach é um destaque neste trabalho, pois ele consegue explorar muito bem suas emoções tanto nas músicas com um toque mais energético como nas faixas mais lentas e melancólicas, como *Bleed*. São faixas que parecem ser simples e que, de repente, explodem em ótimas melodias e arranjos muito bem feitos. Um grande exemplo é a faixa *Far From Heavenless*, que é muito sombria e ao mesmo tempo de uma construção perfeita nos seus seis minutos de duração. E vale citar *Medusa*, uma música com um riff sensacional nos remetendo ao estilo Zakk Wylde, mas com uma levada arrastada e cheia de peso no estilo Alice In Chains. Embora haja algumas músicas perdidas no repertório, trata-se de um retorno bem-vindo de um dos projetos mais emotivos do metal.

Claudio Vicentin

MONSTER MAGNET

A BETTER DYSTOPIA
NAPALM - IMP.

8,5

Ao resgatar músicas e bandas obscuras, o líder Dave Wyndorf fez de *Better Dystopia* mais do que um ótimo novo trabalho do Monster Magnet, porque se trata de uma respeitável arqueologia musical (saiba mais na entrevista que está nesta edição). *The Diamond Mine* abre o álbum entregando o jogo, com Wyndorf recitando um monólogo do DJ americano Dave Diamond, que popularizou em seus programas de rádio, no fim dos anos 1960 e início da década de 1970, várias bandas de psychedelic rock. E o resto do repertório é quase uma continuidade do trabalho do falecido DJ, porque, tirando Hawkwind (*Born to Go*) e Dust (*Learning to Die*, em ótima versão), temos um festival de "novidades". *Epitaph for a Head* (JD Blackfoot), com um quê bem forte de Jimi Hendrix, incluindo a bateria à la Mitch Mitchell; Be *Forewarned* (The Macabre); *Mr. Destroyer* (Poo-Bah); *When the Wolf Sits* (Jerusalem); *It's Trash* (The Cave Men) ficaram irresistíveis. Mas isso não é demérito para *Solid Gold Hell* (The Scientists), *Death* (The Pretty Things), *Situation* (Josephus), *Motorcycle (Straight to Hell)* (Table Scraps) e *Welcome to the Void* (Morgen), que são um saboroso prato cheio para quem curte stoner e psicodelia. Mais do que isso, é um material para quem gosta de disco de covers e até para quem não curte.

Daniel Dutra

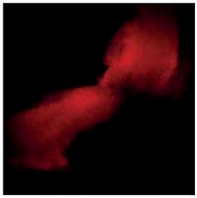
TOTO

WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS
MASCOT - IMP.

8,0

"Não haverá outro álbum de estúdio do Toto, mas vamos continuar fazendo shows, porque temos audiência e ganhamos dinheiro para pagar as pessoas que nos processam. Tomei muita porrada nos últimos 45 anos, ou sei lá quantos anos foram. Foi tempo para caramba, mas eu não desisto", disse recentemente o guitarrista Steve Lukather, justificando a volta do Toto em 2020, um ano depois de a banda ter encerrado as atividades. E se for para lançar algo, que sejam discos ao vivo, então toma *With a Little Help from My Friends*, gravado em Los Angeles numa apresentação com plateia no modo distanciamento social. Falar do Toto ao vivo é falar de classe e elegância, mas a atual situação do grupo não dá espaço para tocar *Hold the Line* "apenas porque temos que tocar", como disse o guitarrista no show. Se o repertório agora não tem mais *Africa*, pode ficar sem *Hold the Line* e, também, *Rosanna*. Ou os fãs da banda não são realmente fãs da banda? De qualquer maneira, Lukather, Joseph Williams (vocal) e David Paich (teclados) – ao lado de músicos contratados para sair em turnê – acertaram em cheio ao incluir pérolas como *Till the End*, *Kingdom of Desire* e *You Are the Flower*. Ah, sim: a obra-prima que dá nome ao álbum, composta por John Lennon e Paul McCartney, fecha o set numa bonita versão.

Daniel Dutra



WHITE STONES

DANCING INTO OBLIVION
NUCLEAR BLAST - IMP.

9,5

Não é um privilégio de que todas as bandas possam dispor. Na verdade, tem sido privilégio para poucos, mas assim como acontece com o Opeth, o White Stones tem a honraria de contar com as distintas linhas de baixo de Martin Méndez. Aliás, é mais do que isso, já que este grupo é capitaneado pelo baixista, que é também o principal compositor. Após surpreender com seu debut, *Kuarahy*, no ano passado, temos o seu sucessor, *Dancing Into Oblivion*, mais um deleite para aqueles que apreciam o som do metal extremo, mas não abrem mão de uma sonoridade rica e variada, repleta de referências a outros gêneros musicais. Falando nestas inserções por outros universos rítmicos, você precisa ouvir *Iron Titans*, uma verdadeira ode ao fusion-jazz, que destaca um trabalho riquíssimo da cozinha formada por Méndez e Jordi Farré (bateria). Se gosta desses mergulhos no universo jazz, logo em seguida temos *Woven Dream*, essa sim um jazz em essência, um ótimo prelúdio para a tempestade de *To Lie Or To Die*, que vem em seguida, e que conta com o melhor trabalho vocal de Eloi Boucherie em todo o álbum: sussurros, declamações, urros e até o som da própria respiração, aqui tudo vale para encontrar a atmosfera procurada. Se é fã de uma sonoridade brutal, mas aberta e sem amarras, não deixe passar.

Valtemir Amler

Assinatura Digital Brasil Revistas

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Foto: Divulgação

SUZI QUATRO

Bob Dylan - *Blonde on Blonde*
Jackson Browne - *Running On Empty*
Joe Cocker - *Mad Dogs & Englishmen*
Neil Young - *Harvest*
Carole King - *Tapestry*

AÐALBJÖRN "ADDI" TRYGGVASON
(SÓLSTAFIR)

Slayer - *Reign in Blood*
Autopsy - *Mental Funeral*
Motörhead - *Overkill*
Darkthrone - *Panzerfaust*
Deicide - *Deicide*

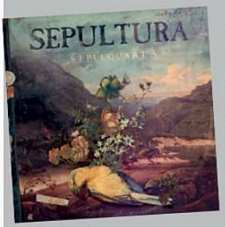
PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Brasil Revistas

SEPULTURA

SEPULQUARTA
BMG - NAC.

8,5



O Sepultura iria promover *Quadra* (2020) em turnês pelo mundo, mas teve que enfrentar a pandemia e o isolamento social. Porém, não ficou parado o realizou um programa especial de lives chamado "SepulQuarta", que contou com conversas com convidados, além de vídeos collab com músicos brasileiros e estrangeiros. Tive o prazer de estar em uma "SepulQuarta" batendo um papo ao lado de Gastão Moreira e do baixista Paulo Jr., e, na ocasião, foi apresentada *Slave New World*, que contou com Matthew K. Heafy (Trivium) dividindo as guitarras com Andreas Kisser e os vocais com Derrick Green. O repertório traz outras 14 faixas, começando por *Territory*, com o agora ex-Megadeth, David Ellefson. Entre os convidados brasileiros, temos Marcello Pompeu (Korzus) em *Slaves of Pain* (ainda com Fred Leclercq, Sinsaenum e atual Kreator), Rafael Bittencourt (Angra) em *Kaiowas*, Emmily Barreto (Far From Alaska) em *Fear, Pain, Chaos, Suffering*, Fernanda Lira (Crypta), May Puertas (Torture Squad) e Angélica Burns (Hatefulmurder) em *Hatred Aside*. Além destas, os bateristas João Barone (Paralamas do Sucesso) e Charles Gavin (ex-Titãs) participaram de *Ratamahatta* com Eloy Casagrande e a banda. Já o cover icônico, *Orgasmatron*, contou com Phil Campbell (Motörhead, Persian Risk, Phil Campbell and the Bastard Sons). Trata-se de uma seleção interessante e bem produzida, mostrando que o grupo trabalhou muito e também se divertiu nestes tempos difíceis. Ah, a lista dos estrangeiros ainda traz Scott Ian (Anthrax), Danko Jones, Phil Rind (Sacred Reich), Devin Townsend, Alex Skolnick (Testament), Rob Cavestany (Death Angel) e Mark Holcomb (Periphery). Confira!

Ricardo Batalha

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

PARADISE LOST

AT THE MILL
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,0

É um sinal dos nossos tempos: muitas bandas estão registrando seus shows e eventos via 'streaming', e então disponibilizando-os em formato físico para os fãs. Caça-níqueis para alguns, a verdade é que para muitos grupos essa é a única alternativa para manterem um contato mais próximo com os fãs nesses tempos estranhos, especialmente para aquelas que lançaram um ótimo álbum e não puderam sair em turnê. O britânico Paradise Lost se encaixa exatamente nessa categoria, e o que ouvimos em *At The Mill* é uma espécie de 'ensaio de luxo', muito bem captado e apenas suficientemente produzido, mantendo a aura de ensaio que a própria banda procurava para o material. Claro que o repertório é especial, você tem aqui canções como *Widow* (de *Icon*, 1993), com todos os 'urg' e 'arg' à moda James Hetfield que você puder imaginar, mas também temos o doom/death da nova *Fall From Grace*, o brilho de *Gothic* e *One Second*, além claro de toda a 'positividade' de *No Hope In Sight*. No fim das contas, um belo registro, uma grande viagem pelo ótimo catálogo dos pais do doom/death.

Valtemir Amler

DESTRUCTION

LIVE ATTACK
HELLION - NAC.

8,5

Pode parecer estranho até para seguidores fiéis que a banda alemã Destruction lance mais um álbum ao vivo, já que no ano passado tivemos *Born to Thrash*, ainda promovendo *Born to Perish* (2019), com o show no "Party San Festival". Porém, o pacotão intitulado *Live Attack*, incluindo na versão importada da Napalm Records dois CDs e BluRay, traz a banda tocando ao vivo com a garra de sempre, mas, pela primeira vez, na frente apenas das câmeras e sem público. A transmissão ao vivo por streaming direto do Z7, em Pratteln (SUI), aliviou os fãs, que obviamente sentiam, e ainda sentem, os efeitos da pandemia. Como o longo repertório de 22 músicas cobre fases diversas da banda, saiba que seu pescoço novamente vai ficar dolorido ao som de pedradas eternas do thrash 80's, como *Mad Butcher*, *Curse the Gods*, *Tormentor*, *Bestial Invasion*, *Invincible Force*, *Life without Sense*, *Antichrist*, *Total Desaster*, *Reject Emotions*, *Sign of Fear* e *Release from Agony*. Destaques ainda para as recentes *Born To Perish*, *Rotten*, e *Under Attack*, e clássicos de outras fases, como *The Butcher Strikes Back* e *Thrash Till Death*. Produção cristalina e performance decente mostra que o Destruction ficou bem encorpado voltando a ser um quarteto. Porém, cabe uma atualização, já que o guitarrista fundador Mike Sifringer, que não se apresentou no Area 53 Festival (AUS) em 30 de julho, declarou que deixou a banda e não estará mais ao lado de Schmier (vocal e baixo), Damir Eskić (guitarra) e Randy Black (bateria).

Ricardo Batalha

YNGWIE MALMSTEEN

PARABELLUM
MUSIC THEORIES RECORDINGS - IMP.

5,5

Depois do fraco e mal gravado *Blue Lightning* (2019), álbum que já começou errado, pois deveria prestar tributo ao blues e no fim homenageou artistas que estão mais para o classic rock, o guitarrista Yngwie Malmsteen está de volta ao neoclássico, fritando as cordas de sua Fender Stratocaster em *Parabellum*. E quer saber? O sabichão voltou a se meter a produtor e vocalista, aniquilando mais um trabalho com seu estilo inexpressivo de cantar e uma produção saturada. Uma pena, pois seu 22° álbum de estúdio tem boas músicas e merecia que o sueco deixasse o ego de lado e trouxesse um produtor competente e um vocalista de verdade. Em *Parabellum*, Yngwie exibe influências da música clássica, principalmente de Niccolò Paganini, em faixas como *Wolves at the Door* e na instrumental *(Si Vis Pacem) Parabellum*, tema em si menor inspirada nos arpejos de quatro oitavas do compositor italiano. Bacana também é a capa do artista David Banegas, que terá a pintura original leiloada para arrecadar fundos em apoio de crianças em um orfanato. *Parabellum* tinha tudo para ser um grande álbum, mas novamente Malmsteen se autossabotou. Ah, o ego...

Leandro Nogueira Coppi

SPEKTRA

OVERLOAD
ANIMAL RECORDS - NAC.

8,5

Demorou, mas aconteceu. Pelo background, e até pelo gosto pessoal dos envolvidos, o que se esperava do Tempestt em sua estreia com *Bring 'Em On*, de 2007, é exatamente o que as pessoas terão agora com *Overload*, o debut do Spektra. Sim, porque é um disco de hard e melodic rock criado por BJ (vocal), Leo Mancini (guitarra, Shaman e Nuturnall), Henrique "Baboom" Canale (baixo) e Edu Cominato (bateria). Se na estreia do Tempestt a melhor faixa, *Insanity Desire*, contava com a participação de Jeff Scott Soto, aqui o vocalista americano e parceiro de bandas (Jeff Scott Soto Band e S.O.T.O.) de BJ e Cominato faz backing vocals, dobras e assina a coprodução ao lado de Alessandro Del Vecchio. Antecipado pelos clipes *Overload* e *Just Because*, o repertório ainda destaca a pegajosa e pesada *Our Love*, além das ótimas *Breakaway*, *Don't Matter*, *Back Into Light*, *Behind Closed Door* (com solo do espanhol Jorge Salán) e *Lonely Road*, com belos riffs, teminhas e solos de Mancini, cozinha poderosa e teclados bem colocados por Del Vecchio. Para quem curte baladas, ouça a bela *Since I Found You*. Quem acompanha BJ desde os tempos de The Pills, no começo dos anos 1990, além de seus trabalhos no Danger Angel e nas passagens pelo Skyscraper, Henceforth ou mesmo os tributos ao Journey, no H.Hits e tantos outros, aguardava por isso. Sorte que foi ao lado de parceiros de banda tão experientes, competentes e criativos quanto ele.

Ricardo Batalha

Brasil Revistas

THE CROWN

ROYAL DESTROYER
METAL BLADE - IMP.

9,0

Com 30 anos de carreira (oito deles ainda como Crown of Thorns), e chegando ao seu décimo álbum completo, o grupo sueco solidifica ainda mais o seu nome entre os gigantes do death metal. E, claro, mantendo sua intempestiva mistura de tudo que existe de mais extremo no metal. De tirar o fôlego, *Baptized in Violence* é puro grind desecrado em pouco mais de um minuto de duração, e abre as portas para as thrash *Let the Hammering Begin* (homenagem ao ex-guitarrista do Slayer, Jeff Hanneman) e *Motordeath* (homenagem a *Motorbreath*, do Metallica). O velho black metal da 'primeira onda' aparece na furiosa *Scandinovian Satan* (com a letra baseada na mitologia nórdica), e o típico death metal sueco é o carro-chefe em composições como *Ultra Faust* e *Full Metal Justice*. Provando que aqui tem de tudo um pouco, ouça ainda o toque Morbid Angel em *Devoid of Light*, a aura épica em *Glorious Hades* e a 'balada' death metal *We Drift On*. Não importa quanto tempo passe, o The Crown continua cada vez melhor!

Valtemir Amler

APRIL 21ST

COURAGE IS BORN FROM FEAR
ECLIPSE - IMP.

8,5

Criada em 2016, em Belo Horizonte (MG), a banda April 21st é um exemplo de que qualidade, dedicação e persistência, quando caminham juntas, podem gerar reconhecimento em tão pouco tempo. Após obter êxito com singles e o primeiro EP, *Remains* (2018), o grupo assinou com a gravadora americana Eclipse Records e retorna agora com mais um play de peso. Aliás, peso e melodia, que, muito bem dosados, guiam o metalcore presente nas quatro faixas (sem contar uma intro) de *Courage Is Born From Fear*. Neste novo trabalho, a banda, formada atualmente por Lukas Akira (vocal), Herbert (guitarra), Helbert Collyn (baixo) e August Nery (bateria), destila criatividade, evolução e variedade musical dentro do gênero em questão. Se você é daqueles que curtem metalcore, ouça os momentos de fúria evocados em *Struggling to Break this Cycle* e *Healing My Wounds* e a variedade de *Stand Up and Scream* (dona de um solo bem legal) e *Decision*. E fique atento aos próximos passos do April 21st, pois, pelo visto, tem muita coisa boa pela frente.

Thiago Prata

L.A. GUNS

COCKED AND LOADED LIVE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,0

Em 2020, o L.A. Guns começou a trabalhar em seu novo álbum de estúdio e lançou o single *Let You Down*. Em meio à pandemia, no entanto, a banda fez uma transmissão global em 28 de novembro, diretamente do Fremont Country Club, em Las Vegas (EUA), para celebrar 31 anos de seu segundo álbum, o aclamado *Cocked & Loaded*. A apresentação está eternizada agora em *Cocked and Loaded Live*. Não dá para dizer que *Cocked & Loaded* foi tocada na íntegra, porque a banda descartou *Letting Go* e a instrumental *I'm Addicted* e adicionou o single *Speed*, de *Missing Peace* (2017). A meu ver, isso não foi legal. Mas é bom ouvir os hits *Rip and Tear*, *Never Enough*, *Malaria* e *The Ballad of Jayne* tocados com a mesma energia de antes e curtir outras músicas menos exploradas ao vivo, como *Sleazy Come Easy Go*, *Magdalaine*, *17 Crash* e etc. A boa produção e a voz preservada de Phil Lewis – que nunca foi um primor de vocalista –, também são aspectos positivos. Se você coleciona L.A. Guns, invista em *Cocked and Loaded Live*, caso contrário, espere pelo novo álbum, *Checkered Past*, que sai em novembro.

Leandro Nogueira Coppi

Acesso cedido pelo Telegram @Brasilrevistas

BLIND GUARDIAN

IMAGINATIONS FROM THE OTHER SIDE

Imaginations from the Other Side é o quinto disco de estúdio do Blind Guardian e o primeiro que ouvi desta banda alemã. Graças ao programa Fúria Metal, da extinta MTV, que trazia boas novidades quando nosso acesso ainda era mais restrito, lembro de ter visto o clipe de *Bright Eyes* e ter ficado maravilhado com o som e o visual. Ali o Blind Guardian me conquistou de cara. E hoje, sem dúvida, é um dos mais importantes nomes do power metal, com uma enorme legião de fãs pelo mundo.

Mas estamos aqui para falar da capa deste álbum, já tido como um grande clássico do heavy metal. A arte é lindíssima, com aquela pegada das ilustrações dos livros de Tolkien, como o famosíssimo "O Senhor dos Anéis", repleta de uma atmosfera mitológica e fantástica, adotando uma paleta de cores majoritariamente quentes, com tons intensos de amarelo e laranja.

A ilustração traz a imagem de uma escrivaninha com um espelho refletindo um mundo tempestuoso e etéreo, formado por um deserto com montanhas e ruínas de castelos, sugerindo o tal "o outro lado", em referência ao título do álbum. Na escrivaninha, vemos um livro fechado que traz "Imaginations from the Other Side" na capa, uma caneta de pena e um tinteiro. Nos cantos direito e esquerdo do espelho, duas pequenas estátuas de dois personagens que me parece já terem ilustrado, mesmo que discretamente, capas de discos anteriores da banda.

Como elemento central vemos um símbolo que é bastante usado pelo Blind Guardian: um tipo de instrumento de cordas medieval e pontiagudo sendo segurado por dragões. A autoria desta belezinha é do mestre Andreas Marschall, talentoso pintor alemão que trabalhou para bandas renomadas como Kreator, King Diamond, Obituary e Sodom, entre muitas outras. Sua primeira capa para uma banda mais conhecida foi justamente para o Sodom em *Agent Orange* (1989) – por sinal, outra obra de arte.

Que Andreas Marschall cravou seu nome no mundo da arte é fato. Ele influenciou toda uma geração de artistas e me incluo nisso. Não foi a primeira vez que falei dele na coluna e, obviamente, mencionar a extrema qualidade de seu trabalho, traço e estilo superdetalhado é chover no molhado, mas, ainda assim, esta capa definitivamente merece lugar de destaque.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Brasil Revistas

NIGHT RANGER

ATBPO
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Night Ranger, uma das grandes instituições do hard americano, está de volta com *ATBPO*, título que significa "And The Band Played On". Jack Blades (vocal e baixo), Brad Gillis e Keri Kelli (guitarras), Kelly Keagy (bateria e vocal) e Eric Levy (teclado) apresentam no sucessor de *Don't Let Up* (2017) um som bem energético e pra cima, a começar pela faixa de abertura, *Coming For You*, e as vigorosas *Monkey* e *Breakout*. Algumas faixas tendem para o rock'n'roll e blues rock, como *Hard To Make It Easy*, outras vão para o hard rock de cara, explorando bem a melodia, como *Dance*. Claro, existem as balada e aqui elas atendem por *Can't Afford a Hero* e *The Hardest Road*. Destaques ainda para *Cold as December* e *Tomorrow*. Ah, confesso que fiquei revirando a memória quando ouvi o hard com toque coutry de *A Lucky Man*, mas logo veio a lembrança do riff e da levada, que lembram a parte do meio de *Torpedo Girl*, do Kiss. Como costumo dizer, não há mudança de personalidade musical do grupo, mas a garantia de sua relevância no cenário.

Ricardo Batalha

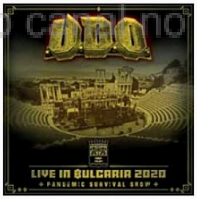
ARMORED SAINT

SYMBOL OF SALVATION LIVE
METAL BLADE - IMP.

9,0

Tudo bem que em termos de registros ao vivo, o Armored Saint conta com *Saints Will Conquer* (1988) e *Carpe Noctum* (2016), além dos vídeos *A Trip Thru Red Times* (VHS, 1987) e *Lessons Not Well Learned 1991 – 2001* (DVD, 2004), bem como faixas na coletânea *Nod to the Old School* (2001), em sua discografia. Porém, conforme prometido inicialmente, *Symbol of Salvation Live* (CD e DVD) vem para celebrar os trinta anos de *Symbol of Salvation*, um dos clássicos da discografia do grupo americano. Gravado durante a turnê de 2018 no Gramercy Theatre, em Nova York, o repertório, que segue fielmente a ordem do disco original, traz faixas antes nunca apresentadas em shows pela banda, como *Burning Question* e *Spineless*. As clássicas *Last Train Home*, *Tainted Past*, *Tribal Dance*, *Warzone* e a faixa-título estão presentes e passam a mesma emoção, além da vontade de ter visto estas apresentações especiais – tudo bem, eu estava no excelente show em São Paulo, a 3 de junho de 2018. De bônus, na versão em vinil, constam *Nothing Between the Ears*, *Get Lost*, *Medieval Nightmares*, *People* e *Pirates* das chamadas *1989 4-track demos*, gravadas ainda com o saudoso guitarrista Dave Prichard, falecido em 1990. Claro que John Bush (vocal), Phil Sandoval e Jeff Duncan (guitarras), Joey Vera (baixo) e Gonzo Sandoval (bateria) mandam bem. Portanto, o material torna-se obrigatório aos fãs.

Ricardo Batalha



U.D.O.

LIVE IN BULGARIA 2020
PANDEMIC SURVIVAL SHOW
AFM - IMP.

9,5

Mais um álbum ao vivo? Sim, *Live in Bulgaria 2020 – Pandemic Survival Show* é o sétimo que Udo Dirkschneider registra com a banda U.D.O., que o consagrou desde 1987, após sua saída do Accept. Mas não é somente outra excelente amostra de uma série de músicas que o vocalista compôs, gravou e encantou o mundo do heavy metal em quatro décadas de dedicação à música pesada. É um material histórico, pois trata-se de um dos primeiros shows gravados durante a pandemia. A data, 18 de setembro de 2020, sem dúvida será lembrada eternamente. O Anfiteatro Romano, em Plovdiv, na Bulgária, recebeu 2500 fãs, todos seguindo os protocolos de segurança contra o maldito novo coronavírus. Foi o único show para uma banda que, em tempos normais, fazia mais de 200 a cada ano. Detalhe: era a primeira vez que Udo, Andrey Smimov e Dee Dammers (guitarras), Sven Dirskschneider (bateria) e Tilen Hudrap (baixo) se reencontravam após nove longos meses. E ainda tem maravilhas como *Animal House*, *Wrong Side of Midnight*, *Metal Machine*, *Timebomb*, *Vendetta*, *Midnight Mover*, *Princess of the Dawn*, *Metal Heart*, *Balls to the Wall* e *Fast as a Shark*! Item obrigatório para quem é colecionador ou não.

Alessandro Bonassoli

SWALLOW THE SUN

20 YEARS OF GLOOM, BEAUTY AND DESPAIR: LIVE IN HELSINKI
CENTURY MEDIA - IMP.

9,0

Em uma época de discos ao vivo gravados sem público, chega a ser uma novidade um álbum como este dos finlandeses, onde a plateia realmente está diante da banda, acompanhando o show. Porém, o fato é que nem tudo saiu como se esperava, já que o plano original era fazer toda uma turnê pela Europa e América do Norte celebrando seus vinte anos de jornada e, então, lançar um álbum especial dessa turnê. No fim das contas, o que o Swallow The Sun conseguiu foi fazer o show na capital finlandesa, e é isso que ouvimos aqui. Dividido em dois sets, o disco apresenta primeiro a sua parte acústica, onde a parte dois do seu ambicioso álbum triplo *Songs from the North I, II & III* (2015) na íntegra. Diante de uma plateia empolgada, mas bem comportada (o que combina com o clima dessas canções, convenhamos) a segunda parte apresenta músicas escolhidas pelos fãs e que, obviamente, destaca clássicos como *Lost And Catatonic*, *Plague Of Butterflies*, *Swallow (Horror Pt.I)* e a insuperável *Falling World*.

Valtemir Amler

MICHAEL SWEET

REBORN AGAIN
MSP INC. - IMP.

8,5

Como um legítimo 'workaholic', Michael Sweet tem trabalhado muito na pandemia. Em 2020, o vocalista e guitarrista lançou com o Stryper o álbum *Even the Devil Believes* e, em 2021, *Evil and Divine*, debut do Sunbomb, projeto com o guitarrista Tracii Guns (L.A. Guns). Além destes, decidiu acertar contas com *Reborn*, álbum que marcou o ressurgimento do Stryper em 2005, após ficar inativo por mais de dez anos. Originalmente, *Reborn* era para ser um trabalho solo de Sweet, mas foi regravado e lançado pelo Stryper. Os fãs torceram o nariz para a sonoridade moderna e a falta de solos. Agora, o material volta ao seu criador e ressurge como *Reborn Again*. Sweet deu novo tratamento às músicas, incluiu os takes originais de baixo e de bateria, inseriu solos e bases de guitarra, harmonias vocais, alguns sintetizadores e uma versão alternativa de *Passion*, que entra no lugar de *I.G.W.T.* - releitura de *In God We Trust*, faixa homônima do álbum de 1988 do Stryper. Agora dá mais gosto ainda ouvir músicas como *Open Your Eyes*, *Reborn*, *When Did I See You Cry*, *Passion* e *Ten Thousand Years*.

Leandro Nogueira Coppi

STEVE WHITEMAN

YOU'RE WELCOME
RED STRING MUSIC - IMP.

8,5

Steve Whiteman apresenta seu primeiro disco solo em companhia de Bob Paré (guitarra), Dean Cramer (guitarra, Funny Money e Goodbye Thrill) e Jimmy Chalfant (bateria, KIX e Funny Money). O baixo foi gravado

Acesso exclusivo no Telegram @BrasilRevistas

Brasil Revistas

por Brad Divens (ex-KIX) e pelo próprio Whiteman – e olha que ele iniciou a carreira tocando bateria numa banda cover de Led Zeppelin. Prestes a completar 65 anos de idade, o americano está em excelente forma tanto em estúdio quanto nos palcos – quem já viu um show do KIX sabe disso. Por sinal, o estilo não foge tanto de sua banda principal, em que ele fez sua estreia fonográfica quarenta anos atrás. Algumas faixas vêm naquele formato "rock descompromissado", nos colocando pra cima imediatamente – ouça *Talking Bout Love*, *Prick Teaser*, *Do Me Like You Done Me Before*, *Shook Me in My Shoes* e *Get The Wild Out*. Vale ainda citar *Lightning Bolt* e *Bad Blood*, dois grandes hard rocks criativos, encorpados e com direito à gaita. Já *Kid Dynamite* pode agradar fãs de Cheap Trick e *Strip* vai para quem curte Led Zeppelin. Por sinal, o disco também é indicado a fãs de KIX (claro!), Georgia Satellites, AC/DC, Aerosmith (70's), Rolling Stones e Tora Tora, da fase *Wild America*. Com rocks básicos, saiba que é um trabalho divertido, como o próprio vocalista.

Ricardo Batalha

GEORGE LYNCH

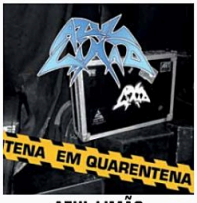
SEAMLESS

HELLION - NAC.

8,5

A primeira experiência efetivamente solo de George Lynch se deu em 1993 com *Sacred Groove*, um dos destaques de sua discografia neste formato ao lado de *Kill All Control* (2011). Porém, mesmo com uma grande quantidade de registros, tanto solo como em bandas como Dokken, Lynch Mob, The End Machine, KXM, T and N, Ultraphonix e projetos com Jeff Pilson e Michael Sweet, o workaholic guitar hero americano dos anos 80 não tinha um disco inteiramente instrumental. Claro, em muitos de seus trabalhos havia músicas instrumentais, inclusive no Dokken, mas com *Seamless*, ele agora tem. Como declarou, Lynch objetivou um trabalho que fosse desafiador, mas não cansativo ou autoindulgente. Assim, trabalhando com Eric Loiselle (baixo) e Jimmy D'Anda (bateria), o repertório traz músicas bem interessantes, encorpadas, além de uma boa diversidade de timbragens e efeitos. Os solos... Bem, estamos falando de George Lynch. Interessante notar ainda a criatividade de títulos bem loucos, como o da instigante *Sharks With Laser Beams* ("tubarões com raios laser"). Ouça ainda *Quiver*, *Supersonic Hypnotic Groove Thing*, *TJ69*, a insana *Death By A Thousand Licks* e *Blue Light Effect*, esta última uma das faixas bônus.

Ricardo Batalha



AZUL LIMÃO

EM QUARENTENA

DIES IRE - NAC.

8,5

O Azul Limão, formado atualmente por Renato Trevas (vocal, ex-Metalmorphose e Symphonic Age), Marcos Dantas (guitarra), Vinicius Mathias (baixo) e André Delacroix (bateria, ex-Metalmorphose, Imago Mortis e Dust from Misery), teve uma ideia interessante ao brindar seus fãs com *Em Quarentena*. Ainda que o mais recente seja o também ao vivo *En Acción*, gravado em Assunção (PAR) em 2019 na turnê de *Imortal* (2018), para não passar em branco as comemorações de seus 40 anos, o pioneiro grupo carioca traz músicas da "Be Magic Convida HR Live Sessions", realizada em 12 de dezembro 2020. Para deixá-lo mais encorpado, o repertório ainda traz gravações da passagem de som, resultando num total de 14 faixas, produzidas por Kleber França. Portanto, trata-se de um resumo mais completo e uma chance de ouvir como soa a nova formação tocando os antigos clássicos, entre eles *Satã Clama Metal*, *Vingança*, *Você Não Faz Nada*, *Sangue Frio*, *O Grito*, *Salve-se Quem Puder*, *Rotina*, *Meta Z*, *Solidão*, além de *Guerreiros do Metal*, de *Imortal*. Execução e produção boas, músicos experientes e o melhor do heavy em português. O disco é dedicado ao baterista Roberto "Tatá" Moura (Inquisição, Dorsal Atlântica e Azul Limão), falecido em janeiro deste ano. Vá atrás do seu!

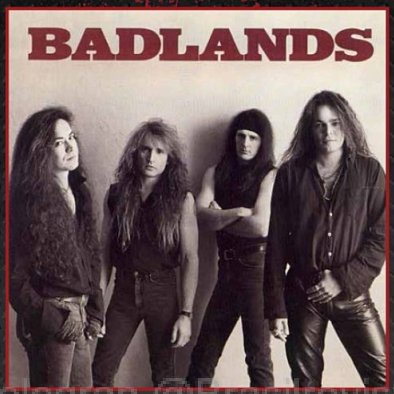
Ricardo Batalha

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

BADLANDS

BADLANDS



Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Tendo na formação o saudoso Ray Gillen (vocal), Jake E. Lee (guitarra), Greg Chiasson (baixo) e Eric Singer (bateria), o Badlands temperava seu hard rock com elementos de blues. "Sabia que todos esperavam um álbum de heavy metal quando formei o Badlands, afinal, eu vinha da banda de Ozzy Osbourne, e Ray Gillen, do Black Sabbath. Quando digo todos, incluo a Atlantic Records, porque muita gente na gravadora ficou decepcionada e questionou o que tínhamos feito, dizendo 'Mas isso não é heavy metal!', e nós sabíamos que perderíamos alguns fãs", declarou Jake E. Lee.

Seja como for, o disco obteve a 57ª posição na Billboard e vendeu 400 mil cópias, algo que acabou sendo decepcionante. O repertório de *Badlands* traz o single *Dreams in the Dark* (lançada em videoclipe), o riff bem sacado de *Hard Wire*, o suingue de *Devil's Stomp*, a "bluesy" *Rumblin' Train* e a balada dramática *Seasons*. "Não sei se foi o caso de fazermos o som errado na época errada, mas não vendemos bem. Nosso álbum de estreia não ganhou nem mesmo Disco de Ouro, o que no fim dos anos 80 significava o mesmo que não vender nada. O Badlands nunca decolou, mas fico feliz por ver que se tornou icônico ao longo dos anos", concluiu o guitarrista.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,5**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **10**
Claudio Vicentin (editor): **7,0**
Daniel Dutra (colaborador): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **8,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **7,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,5**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **7,5**
Sergiomar Menezes (colaborador): **9,0**
Thiago Prata (colaborador): **8,5**
Valtemir Amler (colaborador): **8,0**

MÉDIA FINAL:

8,5

Brasil Revistas

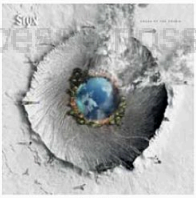
JINJER

WALLFLOWERS
NAPALM - IMP.

9,5

Formado na Ucrânia em 2009, o Jinjer está no rol de bandas que deram um novo sopro de vida ao heavy metal até mesmo de todo o período dos anos 2000 para cá. A mistura sonora – que talvez, mas somente talvez dê para explicar como metal extremo progressivo – tem rendido um ótimo trabalho atrás do outro, e o quarto álbum de estúdio do quarteto é um belíssimo massacre. O primeiro single, *Vortex*, mostra Tatiana Shmayluk (vocal), Roman Ibramkhalilov (guitarra), Eugene Abdukhanov (baixo) e Vlad Ulasevich (bateria) fazendo o que fazem maravilhosamente bem: a música começa prog e cheia de quebradas (como toca esse Ulasevich!), num início mais palatável até o bicho pegar. Mas é apenas a terceira faixa do disco, porque as duas primeiras, *Call Me a Symbol* e *Colossus*, são uma montanha-russa com o carrinho descontrolado. Peso, melodia, agressividade, vocais limpos e guturais, blast beats, industrial... Meu amigo, é para ficar sem fôlego tamanha a pressão. No geral, dá para dizer que *Sleep of the Righteous* talvez seja a única canção descartável entre as 11 do álbum, mas *Wallflowers* é um absurdo de bom! *Disclosure!* tem vocais ainda mais matadores de Tatiana, a faixa-título é de uma beleza ímpar; o instrumental de *Copycat* e *As I Boil Ice* é estúpido; e *Mediator* é um massacre. No fim das contas, você pode substituir todos os adjetivos desta resenha dizendo apenas que temos aqui um dos grandes discos de 2021.

Daniel Dutra



STYX

CRASH OF THE CROWN
UNIVERSAL MUSIC - IMP.

8,5

Se no disco anterior (*The Mission*, 2017) o veteraníssimo Styx havia dado uma guinada em termos de estilo, deixando de lado um pouco da grandiosidade dos anos 70 em prol de um som mais direto e até um pouco mais rápido e pesado, neste seu novo trabalho o que se vê é uma banda encontrando um ponto de equilíbrio entre as duas sonoridades. Assim, o que mais salta aos olhos (e ouvidos...) em *Crash of the Crown* são melodias e harmonias claramente inspiradas em Beatles, como *Reveries*, enquanto que as vocalizações cuidadosas continuam em primeiríssimo plano – afinal, uma banda que tem três vocalistas principais (os guitarristas James Young e Tommy Shaw e o tecladista Lawrence Gowan) teria mesmo que se valer disso à exaustão. Além disso, o Hammond de Gowan continua na linha de frente, conferindo à banda aquela sonoridade única, além de a guitarra continuar com papel de destaque – preste atenção no curto mas eficientíssimo solo de *Save Us from Ourselves* para entender o que estamos falando. Enfim, nenhuma banda consegue emplacar uma carreira de quase meio século se não tiver o que dizer. É o caso do Styx.

Antonio Carlos Monteiro

BLAZE BAYLEY

WAR WITHIN ME
DYNAMO - NAC.

9,0

De alguma maneira, descer a lenha em Blaze Bayley... Quem nunca? Agora, imagine se qualquer fã de heavy metal escutasse *War Within Me* sem saber que o vocalista um dia empunhou o microfone no Iron Maiden. Imaginou? Pois bem, o cara está na melhor fase da sua carreira, e olha que ele é mesmo sobrevivente de uma vida cheia de superações. O novo álbum não é apenas um dos grandes lançamentos de metal do ano, mas definitivamente o melhor trabalho desde a dobradinha *Silicon Messiah* (2000) e *Tenth Dimension* (2002), que à época já mostrava que havia vida fora da Donzela de Ferro. A frutífera parceria com o ótimo guitarrista Christopher Appleton, com quem compôs e produziu o disco, rendeu também a melhor performance vocal de Blaze. Duvida? Escute *Warrior*, por exemplo. De qualquer maneira, o riff nervoso da faixa-título, que abre o CD, já é o soco no estômago que prepara para grandes músicas como *Witches Night*, *18 Flights* e a bonita *Every Storm Ends*, além de uma trilogia impecável: *The Dream of Alan Turing*, *The Power of Nikola Tesla* e *The Unstoppable Hawking*, num complemento que para muitas bandas parece um luxo: ótimas letras. *War Within Me* é um trabalho para fazer qualquer um medir as palavras ao falar de Bayley, e isso significa muita coisa.

Daniel Dutra

MIKE TRAMP

SECOND TIME AROUND
TARGET - IMP.

7,5

Apesar da inatividade do White Lion, nome importante do hard rock dos anos 80, o vocalista dinamarquês Mike Tramp tem se mantido bem ativo, sempre aparecendo com um novo álbum de inéditas ou alguma coletânea. Desta vez, ele vem com um lançamento inédito, *Second Time Around*, lançado no ano passado. Gravado em Copenhague, sob a boa produção de Tramp e de Soren Andersen (The Dead Daisies, Artillery, Pretty Maids, Tygers of Pan Tang), *Second Time Around* consiste de regravações das músicas de *The Rock 'n' Roll Circuz* (2009), quinto álbum de estúdio do vocalista. O motivo de regravá-las é que, segundo Tramp, algumas são suas favoritas na carreira e não tiveram o devido reconhecimento. Nessas releituras, bons momentos estão garantidos com o clima southern de *All of My Life* e *No More Tomorrow*, no agito de *Come One*, *Back to You*, *Highway* e da 'thinlizzyana' *Between Good and Bad*, na beleza de *Lay Down Your Guns* e da emocionante *When She Cries*, que é dedicada à recém-nascida filha do cantor. Ainda que seja um álbum de regravações, seguramente é um dos melhores trabalhos solo de Mike Tramp.

Leandro Nogueira Coppi

MALVADA

A NOITE VAI FERVER
SHINIGAMI - NAC.

9,0

Quando começou a se falar neste quarteto feminino, muita gente, provavelmente com a Nervosa em mente, já imaginou que se tratava de mais uma banda feminina de heavy metal. Acertou 50% quem pensou assim. De fato, a Malvada é uma banda de garotas, mas Angel Sberse (vocal), Bruna Tsuruda (guitarra) Ma Langer (baixo) e Juliana Salgado (bateria) são adeptas de um som que tem raízes no rock'n'roll e no classic rock, e que, por vezes, não se envergonha de botar um pezinho no pop de alto nível. O resultado é mais do que surpreendente. A cozinha é eficientíssima (Juliana alterna sutileza e pancadaria com a maior naturalidade), Bruna vai do dedilhado ao riff distorcido e engata solos de extremo bom gosto e Angel, o grande destaque da banda, mostra potência, segurança e enorme poder de interpretação – não por acaso, já tem longa carreira na música e chegou a participar do programa "The Voice". O ponto alto está nas composições, todas muito bem estruturadas e com refrãos daqueles de sair cantando junto. *Disso que Eu Gosto*, rockão de riff ganchudo, a pesada *Mais um Gole* e a direta faixa-título são destaques em um disco homogêneo e que tem tudo para marcar o início de uma trajetória de sucesso.

Antonio Carlos Monteiro

Acesse o nosso canal no Telegram: @BrasilRevistas

Brasil Revistas

DJEVEL

Tanker som rir natten
MINDSCRAPE - NAC.

9,5

Considerado com muita justiça como um dos principais nomes da terceira geração do black metal, o norueguês Djevel mostra neste seu mais novo e sétimo álbum completo de estúdio, Tanker som rir Natten, que é também um dos melhores nomes do gênero em geral. Baseando seu som no black metal da velha escola, e com temas musicais longos (tanto quanto o nome das músicas), o álbum começa com o riff cativante de Englene som Falt ned i min Seng, Skal jeg Sette fri med Brukne Vinger og Torneglorier, que imediatamente fisgará os fãs do típico black norueguês. Porém, o álbum tem muito a oferecer: tristeza e desespero, contemplação e desesperança, desde Maanen skal være mine øine, den skinnende stierne mine ben, og her skal jeg vandre til evig tid até Vinger som tok oss over en brennende himmel, vinger som tok oss hjem as músicas vão mergulhando mais e mais fundo nos sentimentos, e embora qualquer música possa ser ouvida separadamente, é na sua totalidade que o álbum brilha em todo seu esplendor. Um dos melhores do ano, sem dúvida!

Valtemir Amler

STARMEN

BY THE GRACE OF ROCK 'N' ROLL
MELODIC PASSION - IMP.

8,5

Quando o assunto é hard rock, a Suécia é f***. Quanta coisa boa vem de lá! E o caso do Starmen, formado em 2018 por membros e ex-membros do The Poodles, Narnia, Requiem, Safemode e Obsession Mondays. Nesse seu terceiro álbum, fica evidente a influência do Kiss, principalmente de Paul Stanley, tanto pelo nome Starmen quanto pela 'make' de estrela que cada integrante usa no rosto. A semelhança com as músicas de Stanley é gritante na faixa-título, embora tenha aquele trabalho de vozes o qual cada integrante canta uma parte, como o Kiss fez, por exemplo, em *You Wanted the Best*, de *Psycho Circus* (1998). No entanto, o álbum não se encosta na sombra do Kiss, pois o Starmen abusa de outras ótimas referências. Entre os destaques, temos o clima dançante dos anos 70 em *Spaceplane*, *Bad Habit* e *Black Thunder White Lightning*, que lembra o funk daquela época. Além destas, ouça o melodic rock de *Kisses of an Enemy* e de *Shining Star* (essa bem Jeff Scott Soto), além da vibe Toto em *Kairi*. Aos que gostam de nostalgia e um bom hard rock, *By the Grace of Rock 'n' Roll* é um banquete.

Leandro Nogueira Coppi

TODD MICHAEL HALL

SONIC HEALING
HELLION - NAC.

9,0

Aos 52 anos de idade, o vocalista do Riot V e participante da 18ª temporada do The Voice americano, se uniu ao guitarrista Kurdt Vanderhoof (Metal Church) para soltar seu primeiro disco solo, *Sonic Healing*. Ao contrário do que possa parecer, não se trata de um disco de heavy metal, mas de classic e hard rock mais cru, especialmente indicado para fãs de Led Zeppelin, Cheap Trick e AC/DC. Bem, Kurdt Vanderhoof, que completou 60 anos de idade, sabe compor nessa linha e até em outras fora de sua área de conforto, como mostrou em projetos como Presto Ballet, por exemplo. Já Todd Michael Hall é um daqueles casos que nasceu para brilhar, pois apresenta belas linhas e um timbre que combina bem com os rockões *Overdrive* e *Let Loose Tonight* e no acento pop de *Running After You*, assim como *Somebody's Fool*. Destaque ainda para as belas melodias de *Love Rain Down*, que vem na escola Zeppelin, assim como a faixa-título. Rádios rock, por favor, descubram e passam adiante o talento deste vocalista americano, que também gravou com Timo Tolkki's Avalon, Harlet, Pulling Teeth, Jack Starr's Burning Starr e Reverence. Ah, e a capa foi feita pelo brasileiro Jean Michel.

Ricardo Batalha

SUNBOMB

EVIL AND DIVINE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,0

Com o sugestivo título desse álbum de estreia do Sunbomb, Michael Sweet (vocal, Stryper) e Tracii Guns (guitarra, L.A. Guns), criadores do projeto, tiram onda do estereótipo de, respectivamente, representarem "o bem e o mal" (em livre tradução): Um é cristão, o outro não; um é o maior nome do chamado white metal, o outro diz ter sido influenciado no álbum pelo black metal. E valendo-se da máxima que diz que os opostos se atraem, a dupla ignorou suas diferenças comportamentais e comungou do mesmo objetivo: compor um álbum pesado, influenciado por Black Sabbath e Judas Priest. E é descarada a influência do Priest nas aceleradas *Life's No Tomorrows*, e do Sabbath em *Better End* e nas arrastadas *Take Me Away* e *World Gone Wrong*. Destacam-se ainda a agressiva faixa-título, a balada *Been Said and Done* e *Born to Win*, que inicia praticamente plagiando a introdução de *Good Times Bad Times* do Led Zeppelin, e depois ganha riffs violentos e de pegada punk. *Evil and Divine* certamente ganharia nota melhor se não fosse pelas cansativas *Stronger than Before*, *Story of the Blind* e *They Fought*.

Leandro Nogueira Coppi

CROBOT

RAT CHILD
MASCOTE - IMP.

9,0

Após o excelente e aclamado *Motherbrain*, lançado em 2019, eis que os americanos do Crobot nos presenteiam com mais uma amostra de toda a sua qualidade sonora. O EP *Rat Child* traz quatro faixas praticamente irretocáveis e com participações especiais de peso. A abertura, com o rock'n'roll pesado e cheio de groove de *Mountain*, conta com o baixista Frank Bello (Anthrax). Na sequência, a poderosa *Kiss It Goodbye* vem mais cadenciada, com certa pitada de stoner rock e conta com o vocalista Howard Jones (Light the Torch, ex-Killswitch Engage). Porém, a balada *Everyone Dies* é o grande destaque do EP e traz a presença de Štix Zadinia, baterista do Steel Panther, que aqui colaborou no teclado. A composição foi feita em homenagem ao pai do vocalista da banda, Brandon Yeagley, falecido em 2019. *Everyone Dies* ganhou um videoclipe que aborda o tema com muito bom humor. A faixa-título fecha o EP com uma sonoridade calcada no funk rock, mostrando a capacidade que o Crobot tem em passear por diversos subgêneros da música pesada. Ao final da audição, que dura pouco mais de 17 minutos, fica a ansiedade para o próximo álbum completo.

Paulo Pontes

EVIL POLITICIANS

INDIGNATION ARMY
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Com o EP *No More Fear* (2020) o Evil Politicians mostrou que a tradição da música pesada do Paraná estava intacta. E ainda tinha uma versão excelente para *The Haunting*, do Kamelot, com a participação da brilhante cantora Isa Roddy. Agora, com *Indignation Army*, o primeiro álbum da banda de Curitiba (PR), Bruno Martins (vocal), Leandro dos Santos (guitarra), Lucas Marrero (baixo) e Lucas Lorenzetti (bateria) provam que o Brasil jamais vai deixar de ter bandas prontas para o mundo. O material de divulgação fala em "metal alternativo", mas, influências de Alter Bridge, Disturbed, Avenged Sevenfold, Hammerfall e vários nomes do thrash metal se misturam e fluem de modo envolvente e cativante em faixas como *Your Truth*, *Not Mine*, *Burnout*, *A New Kind Of Horizon*, *Signs Of Evi*, *Pt.1*, *Prior Crime* e o cover de *Pisces*, do Jinjer. *No More Fear*, a ótima *The 3rd War* e *Dreams Can Be*, do EP de estreia, ganharam versões remixadas, completando o álbum da banda que foi um dos destaques da nona edição do ROADIE CREW Online Festival.

Alessandro Bonassoli

Brasil Revistas

CONAN

LIVE AT FREAK VALLEY
NAPALM - IMP.

8,0

Não tem erro, se você gosta de stoner/sludge, o Conan é o grupo perfeito para você, até porque o trio britânico não brinca na hora de incorporar sujeira e peso aos riffs gordurosos que emolduram sua música. E, considerando a época sombria em que vivemos, nada melhor do que um álbum ao vivo, denso e sujo, para relembrar os bons tempos em que realmente podíamos estar presente em shows nossas bandas favoritas. Ao todo, *Live at Freak Valley* (gravado no festival que dá nome ao álbum, na edição de 2017) traz nove canções, logo de cara destacadas pelo 'riff neandertal' de *Gravity Chasm*, uma das melhores do repertório dos ingleses de Liverpool. Porém, se você é daqueles que gosta de mergulhar até a cabeça nas águas caudalosas do sludge, temos algumas velharias aqui que nunca mais sairão da sua cabeça – confira o peso incrível que *Battle In The Swamp* e *Hawk As A Weapon* (ambas de *Monnos*, 2012) ganharam ao vivo. Ah, e ainda tem a melhor parte: eles prometem um novo álbum de inéditas ainda em 2021!

Valtemir Amler

BERNIE MARSDEN

KINGS
CONQUEST MUSIC - IMP.

9,0

Claro que você conhece Bernie Marsden! O cara foi um dos fundadores do Whitesnake, ficou na banda de 1978 a 1982, gravou cinco discos de estúdio e, entre outras composições, é autor, junto com David Coverdale, do mega hit *Here I Go Again*. Além do Whitesnake, Marsden trabalhou com incontáveis outros grupos/artistas nesses quase cinquenta anos de carreira, como Babe Ruth e UFO, entre inúmeros outros. Agora, o que talvez nem todo mundo saiba é que esse inglês de Buckingham é um apaixonado por blues. E foi essa paixão que o levou a gravar esse sensacional disco. O título *Kings* tem como motivação os ícones do blues que ele resolveu homenagear: com exceção de dois temas próprios e instrumentais, as demais faixas são versões de temas gravados por B.B. King, Albert King ou Freddie King. Cuidando da guitarra (óbvio!) e da voz, Bernie se cercou de um time fantástico e gravou um disco em que *I'll Play the Blues for You*, com uma participação sensacional do teclado de Bob Haddrell, e o bluesão de chorar *You've Got to Love Her with Feeling* chamam a atenção (e revelam um Bernie Marsden excepcional vocalista). No entanto, seus dois temas instrumentais, *Runaway* e *Uptown Train*, merecem uma ouvida mais atenta.

Antonio Carlos Monteiro

MAGNUM

DANCE OF THE BLACK TATTOO
STEAMHAMMER/SPV - IMP.

7,5

Eis aqui mais uma vítima da pandemia. O Magnum estava escalado para sair em turnê após lançar seu último trabalho de estúdio, *Serpent Rings*, em janeiro de 2020. Adivinha se não ficou todo mundo em casa... Então, como disse a gravadora, "para a banda não ficar dois anos longe do mercado", o negócio foi soltar esta coletânea. Só que ela já estava nos planos do quinteto liderado pelo guitarrista Tony Clarkin e pelo vocalista Bob Catley. Ocorre que há quatro anos saiu *The Valley of Tears – The Ballads* (ótimo nome, por sinal), coletânea só com baladas (ah, vá!), e a ideia era soltar oportunamente outra com os temas mais rápidos forjados pela banda. Não tinha momento mais oportuno que esse e aí está *Dance of the Black Tattoo*. O apanhado envolve sete faixas ao vivo, todas raras, quatro músicas editadas para exibição nas rádios (três inéditas) e três de estúdio (*Born to Be King*, *Phantom of Paradise* e *No God or Saviour*, as duas últimas registradas nas sessões do antepenúltimo disco do Magnum, *Sacred Blood "Divine" Lies*, de 2016), tudo devidamente remasterizado por Clarkin. Uma bela compilação, sem dúvida, mas que se destina acima de tudo aos fãs da banda.

Antonio Carlos Monteiro

OUT OF THIS WORLD

OUT OF THIS WORLD
VICTOR - IMP.

8,5

Calma, este não é um daqueles supergrupos da Frontiers Music, mas tem a ver por causa de três envolvidos no Kee Of Hearts. Lançado inicialmente de forma independente e logo capturado pela Victor no Japão, este projeto une Tommy Heart (vocal, Kee Of Hearts, Fair Warning, Soul Doctor e Heartlyne), Kee Marcello (guitarra e teclado, Kee Of Hearts, Europe, Easy Action e outros), Ken Sandin (baixo, Alien, Kee Of Hearts, Swedish Erotica) e Darby Todd (bateria, Hot Leg). O nome, obviamente, tem a ver com o clássico álbum lançado em 1988 pelo Europe, mas aqui o objetivo não foi recriá-lo. Claro, existem semelhanças, pois o grupo atua na mesma base musical, que é o hard rock e AOR. Além disso, Marcello tem seu estilo próprio e sua técnica apurada, que qualquer fã dele no Europe e em outros projetos vai curtir, seja pela timbragem ou pelos solos. Além disso, as 'hardonas' *Twilight* e *Lighting Up My Dark* (com direito a um arregaço de Marcello), assim como *In A Million Years* (bem na linha Europe) e *Only You Can Teach Me How To Love Again*, contam com a participação do tecladista Don Airey (Deep Purple, ex-Rainbow, Ozzy e outros). Vale ouvir ainda *Staring At The Sun*, como se fossem Rush e The Police fazendo melodic rock; e *The Warrior*, que vem na escola Van Halen. Interessante notar que algumas linhas de voz e o timbre, além dos utilizados por Tommy Heart no Fair Warning, lembram algo de Michael Sweet, do Stryper, e Ron Keel. Aprovado!

Ricardo Batalha

LEBENSNACHT

THE REALM BEYOND
NATURMACHT - IMP.

8,5

Os teclados atmosféricos, rasgados por vocais e riffs ríspidos e a bateria esmurrada a toda velocidade em *Fallen Soul Under A Pale Star* são uma belíssima mostra de que o Lebensnacht permanece fiel aos seus preceitos artísticos. E tal impressão só se faz confirmar na bela passagem climática que conecta as duas partes da canção. A produção, intencionalmente modesta, aliada ao clima lúgubre torna *Moon And Stars* um destaque imediato para os fãs dos primeiros dias do norueguês Lymbonic Art. Movida principalmente por riffs melancólicos, *The Evil That Is Men* é de uma beleza mórbida, quase desconcertante. E isso tudo é feito sem apelar para os preceitos do chamado Depressive Suicidal Black Metal (DSBM), o que em si já é digno de nota. Destaques ainda para a tríade que fecha o disco, em especial para *Ravens Flight Over Northland*, uma faixa instrumental genial em sua 'tosqueira', e que já faz valer a audição de mais esse ótimo álbum dos alemães.

Valtemir Amler

TYGERS OF PAN TANG

MAJORS & MINORS
MIGHTY MUSIC - IMP.

8,5

"Não é um 'best of', mas uma coletânea com as preferidas dos últimos quatro discos da banda que, claro, contam com o incrível vocalista Jacopo Meille." Assim o guitarrista Robb Weir descreveu o mais recente lançamento do Tygers of Pan Tang, completado até aqui por Francesco Marras (guitarra), Gav Gray (baixo, que saiu recentemente) e

Acesse o nosso canal no Telegram @revistas

Brasil Revistas

Craig Ellis (bateria). Se a coletânea anterior, *Tygers Sessions: The First Wave* (2015), trazia faixas antigas na voz de Meille, desta vez as novidades são: *Plug Me In*, nunca lançada em CD e que antes tinha constado no lado B do single em vinil 7" *Never Give In* (2017); a versão orquestrada de *Spoils of War*, faixa originalmente de *Ritual* (2019); e a até então inédita *What You Say*, que é muito boa e nada tem a ver com *What You Sayin'*, lado do B do single de 1982, *Making Tracks*. Portanto, não deixe de conferir as instigantes *Only the Brave*, *Worlds Apart*, *Let It Burn*, *Damn You!* e *Keeping Me Alive*, com a veia NWOBHM de sempre, assim como as mais hard, como *Destiny*, *Glad Rags*, *She*, *White Lines* e *Hot Blooded*. Ouça o rugido do tigre, porque desde a entrada de Jacopo Meille, em 2004, o Tygers está em alta.

Ricardo Batalha

ACIDEMIA

PODRIDÃO
INDEPENDENTE - NAC.

6,5

Os primeiros segundos de *Névoas de Ácido* são suficientes para comprovar que a onda dos catarinenses do Acidemia é o doom/stoner. Também na faixa de abertura do debut *Podridão*, o grupo nascido em Lages, em 2015, mostra que o português foi o idioma escolhido para dar mais vazão à emoção emanada por suas letras que exalam angústia, morbidez, desespero e depressão. É o que se manifesta ao longo das demais seis músicas que fazem parte do álbum e ostentam longa duração. A menor dela, *Existência*, possui quase seis minutos e meio, e três ultrapassam os dez minutos, sendo a última, *Cachimbo*, dona de mais de 20. Com essa proposta, o Acidemia, atualmente formada por Henrique Soares (vocal e baixo), Mateus Varela (guitarra) e Thiago Granetto (bateria), acerta em criar uma atmosfera densa e pesada, mas há alguns momentos em que o som fica saturado ou repetitivo. Mesmo assim, é evidente o potencial de um grupo que tem muito a crescer e a evoluir.

Thiago Prata

SEGREGATORUM

LEMARCHAND'S DOMINUS
TOTEM/KAOTIC/CRANIUS BEER
HOUSE/TERROR MUSIC - NAC.

8,0

O nome da banda é o primeiro convite para reflexão. Vinda do latim, a palavra "Segregatorum" significa "isolado", fazendo menção a uma pessoa individualista, alguém que só se importa consigo mesmo. Ao mesmo tempo, "isolado" está diretamente ligado a *Isolate*, música que abre *Symbol of Life* (2002), do Paradise Lost, uma das influências deste grupo de Bento Gonçalves (RS). Criado em 2016 e tendo o EP *Death Bells* lançado em 2017, o Segregatorum regressa às terras do doom/death com o debut *Lemarchand's Dominus*. Neste reduto de brutalidade refinada, rebuscados solos e clima sombrio, temos sete novas faixas e três canções do EP que foram repaginadas. Ponto para Lucas A. Lazzarotto (vocal), Igor Alves Bidigaray e Luiz Felipe Dias Flores (guitarras), Lucas Carbonera (baixo) e Carlos Acosta (bateria), responsáveis pelo material presente aqui – após as gravações Igor deu lugar a Christian Gedoz. *Hex ov N'Guize*, *Nourished Wounds (Elysium Pt. I)* e *Initium Dolorum* são alguns dos mais cativantes temas. Para finalizar, uma observação: Lazzarotto poderia investir mais nos vocais rasgados, pois soam como seu diferencial.

Thiago Prata

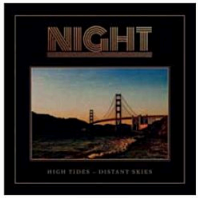
HAUNT

BEAUTIFUL DISTRACTION
CHURCH RECORDINGS - IMP.

7,5

Existem pelo menos dois fatos que permeiam o início de carreira dos californianos do Haunt: a quantidade de álbuns de estúdio em tão pouco tempo de trajetória (seis full-length desde sua criação, em 2017, além de EPs, splits e compilação) e o resgate da sonoridade oitentista do heavy metal. *Beautiful Distraction* (2021), mais recente fruto colhido do trabalho do vocalista e multi-instrumentista Trevor William Church, segue à risca essa linha nostálgica. E aí vem aquele "confronto" visto em várias esferas da vida: quantidade x qualidade. Em seu mais novo disco, o Haunt não apresenta nada de novo, o que, para um fã que espera exatamente pela mesma fórmula em todo álbum, é ótimo. E as dez faixas desse play com certeza vão agradar essa audiência. Por outro lado, não se ouve tanta evolução de um álbum a outro, e isso impacta em algumas músicas, dando a impressão de que poderiam soar muito melhores se tivessem tido tempo suficiente para serem lapidadas.

Thiago Prata



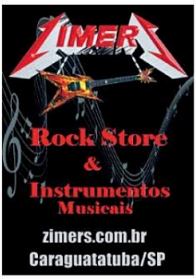
NIGHT

HIGH TIDES - DISTANT SKIES
HELLION - NAC.

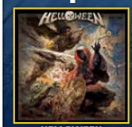
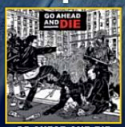
8,5

Parece que foi ontem que resenhei a estreia do Night aqui para esta mesma seção. Lançado em 2013, o debut autointitulado dos suecos apresentava aquele metal classudo do naipe do Saxon/Priest, além de uma forte pegada hard rock. Porém, de lá pra cá, muita coisa mudou. Daquela formação, permanecem apenas o guitarrista e vocalista Burning Fire e o baixista Highway Filip, enquanto o resto do time entrou em 2015. As influências voltadas aos anos 70 e 80 continuam cada vez mais fortes, mas há algo na sonoridade que remete a algo ainda mais clássico, como o caso da vicinte *Crimson Past*, uma cria perfeita de Blue Öyster Cult com Dire Straits. E o resto do álbum segue no mesmo naipe, intercalando músicas mais agitadas e outras mais calmas, todas recheadas com linhas de guitarras extremamente pegajosas, como *Falling in the Black* e *Running Away*. O trabalho vocal também é um dos destaques, vide *Lost in a Dream*, onde Oskar Andersson (vulgo Burning Fire) se sobressai, enquanto a rápida *Give Me to the Night* evoca os anos iniciais. Da safra mais recente do metal retrô sueco, o Night segue bem acompanhado pelo High Spirits e o magistral Horisont, todos com grandes álbuns lançados recentemente.

Maicon Leite



ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
HELLOWEEN	SMITH / KOTZEN	GRETA VAN FLEET	60 AHEAD AND DIE	EDU FALASCHI
HELLOWEEN	SMITH / KOTZEN	THE BATTLE AT GARDENS GATE	GO AHEAD AND DIE	VERA CRUZ

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Brasil Revistas

DEE SNIDER

DEIXE A SUA MARCA!

Em seu novo álbum solo, Dee Snider aprofunda seu caminho no heavy metal e acena para o metal extremo

Por Valtemir Amler

Depois de se tornar uma das referências máximas no mundo da música pesada durante os anos 80 com o Twisted Sister, o vocalista Dee Snider viveu alguns momentos de "vacas magras" nas décadas seguintes, quando ele mesmo chegou a questionar seu lugar no mundo da música. Porém, a parceria com Jamey Jasta (Hatebreed) mostrou o lado mais pesado e intenso de Snider, que agora chega ao seu quinto disco solo, *Leave a Scar*. Definitivamente recolocado em seu posto de protagonista da cena após *For the Love of Metal* (2018), Snider é afiado e inteligente, e nos deu uma visão apurada de seu novo e mais profundo mergulho no universo do heavy metal. Confira os melhores momentos!

Antes de falar de *Leave a Scar*, gostaria de saber o quanto você ficou satisfeito com o resultado de *For the Love of Metal*?

Dee Snider: Eu diria que *For the Love of Metal* foi um presente de Deus, honestamente! Bem, foi um presente de Jamey Jasta, que é um deus do metal, então está tudo certo (risos). Você sabe, eu sou fã do metal moderno, do metal mais atual, e finalmente estou fazendo algo neste meio. Durante os anos 90 eu acompanhei o que estava acontecendo neste meio, mas meio que me coloquei à parte de tudo porque não acreditava que ali houvesse lugar para mim. Então, foi fundamental o que Jamey fez por mim, ele me chamou e disse: 'Dee, sua voz é importante para o metal, existe um lugar para você e só quero que me deixe ajudá-lo a encontrar esse lugar.' E foi exatamente isso que ele fez, me ajudou a encontrar um lugar que eu não sabia mais que tinha no mundo da música pesada, e *For the Love of Metal* foi o melhor álbum possível para celebrar isso.

Concordo. O que mais gosto nesse álbum é que você não apenas colocou os dedos no mundo do metal, mas mergulhou de cabeça nesse universo.

Dee: Obrigado! E, acredite, é isso que estou fazendo também neste novo disco, *Leave a Scar*. A única diferença é que estou dando um mergulho ainda mais profundo, alcançando outros níveis. Por exemplo, quando disse a Jamey que gostaria de ter uma participação

Acesse o nosso canal no Telegram Brasil Revistas

Brasil Revistas

especial de George 'Corpsegrinder' Fisher (N.R.: vocalista do Cannibal Corpse) no novo álbum, ele não acreditou que essas palavras estivessem saindo da minha boca. Ele ficou absolutamente chocado, no bom sentido. Jamey disse: 'Dee, ninguém do seu universo, ninguém do mundo do metal clássico jamais sequer reconheceu bandas como Cannibal Corpse, e se algum dia mencionaram essas bandas foi para fazer piada delas. As pessoas não respeitam e nem admiram bandas extremas no universo musical de onde você vem.' Eu respondi para Jamey: 'Bem, eu admiro e respeito, e quero ele no novo álbum.'

É muito bom ouvir você dizendo isso. Confesso que não esperava.

Dee: Eu entendo, Valtemir, e sei exatamente a razão para isso. Do meu lado, também fiquei extremamente surpreso quando descobri quantos músicos de metal extremo eram fãs do Twisted Sister desde a infância. Eu não esperava isso, e imaginava que os preconceituosos fossem eles, era isso que nos diziam, que eles nos evitavam. Na verdade, éramos nós os evitando e ridicularizando-os o tempo todo. Com essa atitude, como eles poderiam admitir que gostavam de nós, como poderiam querer estar ao nosso lado quando agíamos como se eles fossem o mais baixo de todos os níveis? Bem, eu nunca compartilhei dessa opinião e acho que eles perceberam isso. Quando estávamos gravando o disco (N.R.: Dee refere-se a *For the Love of Metal*), começaram a aparecer todos esses caras incríveis para gravar conosco: Mark Morton (guitarra, Lamb of God), Howard Jones (vocal, Light the Torch, ex-Killswitch Engage e Devil You Know), Alissa White-Gluz (vocal, Arch Enemy, ex-The Agonist) e Joel Grind (Toxic Holocaust). Cara, eu tive um calafrio na espinha, literalmente. Quando Jamey disse 'existe um lugar para você no mundo do metal', eu não imaginava que seria do lado mais pesado. Quando vi todos esses caras no estúdio, todos com a mesma atitude, querendo me ajudar, compor para mim e com vontade de tocar em um álbum meu, não podia acreditar. Eu não imaginava que era tão respeitado por essas pessoas. Eu precisava retribuir todo esse carinho.

Sim, isso foi muito legal, uma grande mostra de força. Mas para *Leave a Scar* as coisas foram um pouco diferentes no processo de composição, certo?

Dee: Sim, daquela vez nós tivemos todas essas participações e todas essas pessoas nos ajudaram a compor, mas desta vez decidimos compor nós mesmos todas as músicas. Antes nós ainda estávamos vendo como as coisas funcionariam, mas desta vez já temos um álbum realmente composto como banda. *Leave a Scar* foi composto por mim, Jamey e Charlie Bellmore (guitarra, Kingdom of Sorrow). Compusemos nós mesmos, pois desta vez já sabíamos que tínhamos um time. Hoje eu tenho a minha banda, então queria ouvir a minha banda no álbum.

Faz sentido.

Dee: E era chegado o momento de deixar a insegurança de lado. Eu tinha uma grande preocupação em mente, pois sempre que começava a compor uma nova música ela soava como uma antiga (risos). E eu não queria compor um disco antiquado, isso é o que muitos dos meus pares estão fazendo hoje em dia, compondo as mesmas velhas canções que não têm a ver com ao momento atual. Então, depois de termos gravado *For the Love of Metal* e saído em turnê com ele,

LEAVE A SCAR
Hellion - Nac.

acredito que compreendi de fato o que estamos fazendo, então já era hora de eu fazer parte do processo de composição. Pensando nisso, entendo que as pessoas cresceram ouvindo uma sonoridade e se sentem presos a ela, não querem conhecer coisas novas, mas as coisas mudam. Eu sou da velha geração e a coisa mais incrível que existe no mundo é quando vejo pessoas mais jovens curtindo minha música, isso me deixa muito feliz! A minha filha, Shy, por exemplo, eu ouço muito o que ela tem a me dizer sobre música. E ela é absolutamente fã de metal extremo. Quando a conheceu e viu a playlist dela, Jamey disse que se sentiu como se fosse um cantor de música folk (risos gerais). E ela é a juíza da minha música! Se ela curtir, eu e Jamey seguimos em frente, senão, abandonamos a ideia. E ela disse que esse álbum é melhor que o anterior, então estamos muito felizes (risos).

É difícil discordar dela quando ouço o breakdown sujo de *Down but Never Out*...

Dee: Quer saber, essa é uma história interessante. Na época do álbum anterior, eu mostrei a música *For the Love of Metal* para Shy, para saber o que ela pensava. Ela ouviu e imediatamente me disse: 'Pai, é uma ótima música, mas precisa de um breakdown bem sujo nela.' Eu disse que não sabia o que isso significava, e ela emendou: 'Apenas diga isso ao Jamey, essa música precisa de um breakdown sujo, eu quero ouvir 'a coisa' quando escutar a sua música.' Cara, o que seria 'a coisa'? (risos). Mas cheguei ao estúdio, repeti aquelas palavras para Jamey e ele sabia exatamente do que se tratava. Na hora, ele chamou os outros caras, colocou todos no estúdio e gritou: 'Precisamos de um breakdown aqui, precisamos colocar 'a coisa' nessa música.' Foi assim que essa parte nasceu! Hoje eu sei o que é um breakdown e amo isso (risos gerais).

Na verdade, a única maneira de essa música ser melhor é se Scott Vogel (Terror) tivesse gravado os 'gang vocals' nela...

Dee: Nossa, é a segunda vez que você fala igual à Shy! (risos) Ela sugeriu exatamente Scott Vogel e exatamente para essa música (risos). Veja, eu amo 'gang vocals', amo hardcore, e uma das bandas que mais ouço é o Death Before Dishonor e essa é uma das principais características da música deles. Quando gravávamos essa música, eu disse para Jamey que precisávamos desses vocais e perguntei: 'Quer que eu chame Bryan (Harris) e Frankie (Puopolo) do Death Before Dishonor para nos dar uma mãozinha?'. E ele disse: 'Não, acho que deveríamos tentar gravar nossos próprios 'gang vocals', acredito que conseguimos fazê-los soar bem pesados' (risos gerais). Bem, acho que na próxima vou ouvir o que você e a Shy disseram e chamar uns caras do Terror e do Judge para participar do álbum (risos).

Seria ótimo, já que o fato de nunca se prender musicalmente é o que mais gosto nestes seus dois álbuns mais recentes. É como acontece em *Time to Choose*, que não é uma música de George "Corpsegrinder" Fisher, longe disso, mas a participação dele não é nada discreta. Quer dizer, é difícil para um urso passar despercebido em uma loja de cristais...

Dee: Exatamente! (rindo bastante) Veja, é como funcionou antes com a Alissa White-Gluz. Eu amo a voz dela, que é uma das melhores cantoras de sua geração e está à frente de uma das melhores bandas da atualidade, Arch Enemy... Bem, quando ela chegou para participar do álbum (N.R: Alissa gravou os vocais na faixa *Dead Hearts (Love Thy Enemy)*, de *For the Love*

Acesse o canal no Telegram Brasil Revistas

Brasil Revistas

of Metal), eu achei que poderia ser muito forçado, pois a música em questão é quase uma balada. Jamey me disse que ela tinha muitos recursos, que ela poderia assumir facilmente muitas vozes diferentes, e assim foi. Ela fez algo bem diferente daquilo que faz no Arch Enemy e ficou perfeito. Porém, quando chamei George para participar, eu não queria outra voz, eu queria George Corpsegrinder Fisher, o vocalista do Cannibal Corpse! Nada de vocais limpos, eu queria a voz dele. É como você disse, não é death metal, não foi o que tentamos, apenas queríamos aquela profundidade, aquela intensidade típica do estilo. São o bem e o mal em guerra, é uma declaração violenta, é treva e obscuridade, é o que a voz dele representa! Ele não precisou mudar quem é e foi incrível, pois ele estava realmente feliz. 'Você quer que eu seja eu mesmo?' Mas é claro, seja você mesmo, seja incrível!

E atitudes como essa geraram uma variação incrível no álbum.

Dee: É como nos álbuns antigos do Black Sabbath. Eles tinham uma sequência de canções absurdamente pesadas, riffs esmagadores, e então aparecia do nada uma balada carregada pelo piano (N.R: ele imita as linhas de piano de *Changes*, do álbum *Vol.4*, de 1972). Também fazíamos isso no Twisted Sister, tínhamos *Burn in Hell* e *Under the Blade*, que eram metal puro, mas também tínhamos *The Price*, que era uma balada. Então, repetimos a fórmula aqui, temos *Silent Battles*, que é uma música mais calma. E essa pedia isso pelo seu tema. Bem, um dia Jamey chegou dizendo que precisávamos ter uma música sobre depressão, pois as pessoas estão vivendo um momento muito sombrio. Eu disse a ele que não poderia escrever uma canção sobre isso, pois não poderia soar verdadeiro sem ter vivido essa situação e, então, ele me disse: 'Deixe comigo, eu já passei por isso, sei o que essas pessoas estão passando.' Então, a letra de *Silent Battles* não é minha, é de Jamey, e é uma das melhores canções do disco também por trazer uma mensagem tão importante.

Outro elemento que chama a atenção em *Leave a Scar* é o peso das guitarras. Falando nelas, o solo em *In for the Kill* é ótimo.

Dee: Vou passar seus cumprimentos para Nick Petrino e Charlie Bellmore, que são os responsáveis por isso que você está destacando. E vou ser sincero: estou adorando falar com você, pois você está destacando coisas que mostram que somos uma banda hoje, não um projeto solo! Essa é minha banda, olha do que meus guitarristas são capazes, eles estão sob os holofotes e isso é incrível. Essa é a maravilha de trabalhar como uma banda de verdade!

Aliás, existe algo intrigante em *In for the Kill*, certo?

Dee: Tem sim (risos). Você sabe como o mundo está hoje, todo mundo está hipersensível ao uso de certas palavras em letras e tal. Elas não gostam quando você usa expressões como 'in for the kill' ou 'fire at will', essas referências a armas, mas estas são metáforas! E eu nunca vou me censurar, jamais. Porém, o simples fato de ter que pensar sobre isso, o fato de eu ter que considerar isso durante o meu processo criativo... 'Ah, será que as pessoas vão ficar ofendidas porque eu disse 'pronto para matar' na minha música?' Isso é uma merda (risos). Não vou deixar de usar metáforas porque elas incomodam certas pessoas. Sei que vivemos em uma sociedade violenta, mas as metáforas não são a razão de a sociedade ser assim. Culpem a música, culpem os videogames, culpem os filmes, falem o que quiserem, mas vocês sabem que isso é mentira, a razão da violência não é essa!

E esse é um problema que vem afetando os músicos de metal em geral, e de metal extremo, em especial, por décadas...

Dee: Sim, porque algumas pessoas percebem que essa é a saída mais fácil. Quando teve o massacre de Columbine anos atrás, eles descobriram que um dos garotos era fã de Marilyn Manson, então já tinham a quem culpar pela violência. Mas só fazem isso quando é metal ou hip-hop, nunca quando é outra música. Quando Jeffrey Dahmer estava comendo cadáveres (N.R.: serial killer que matou 17 pessoas entre 1978 e 1991, praticando canibalismo em algumas delas) ninguém mencionou a música que ele estava ouvindo e sou capaz de adivinhar o motivo, pois não era metal. Provavelmente era música clássica, ou pior, Barry Manilow (risos gerais). Alguma vez você já ouviu alguém dizer: 'Uau, ele estava ouvindo Beethoven enquanto devorava sua vítima'? Essa é a merda, ninguém quer a verdade, apenas querem a história, o sensacionalismo, e isso vem do metal. O metal é sensacional mesmo (risos gerais).

"FIQUEI EXTREMAMENTE SURPRESO QUANDO DESCOBRI QUANTOS MÚSICOS DE METAL EXTREMO ERAM FÃS DO TWISTED SISTER DESDE A INFÂNCIA."

Acesse o canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

Odin, Sataniac, Infernal e Hont, mantendo viva a tradição do thrash/black teutônico

Arquitetura da Aniquilação

Longe dos holofotes e extremamente conectados ao underground, alemães mantêm seus valores no novo álbum

Por Valtemir Amler

Sempre atuando sob o comando do guitarrista Markus "Infernal" Kuschke, o Desaster nasceu em 1988 em Koblenz (ALE), tarde demais para que o grupo figurasse entre a primeira geração do metal extremo germânico. Porém, isso não foi um empecilho, mas sim um grande impulso para sua jornada, que já ultrapassa as três décadas. Sempre atento e pronto para absorver toda a música que descobria no underground, Infernal levou alguns anos até definir a clássica sonoridade thrash/black do seu grupo e para isso contou muito com a ajuda de seu parceiro mais longevo, o baixista Volker "Odin" Moritz. Desde o lançamento de seu álbum de estreia, *A Touch of Medieval Darkness* (1996), o Desaster vem refinando sua fórmula, adicionando camadas e mais camadas de peso e destruição ao seu intenso legado, intencionalmente sempre mantido longe dos holofotes e perto do underground. Com o mais novo petardo, *Churches Without Saints*, eles reafirmam seus valores e deixam um claro recado para aqueles que ainda desconhecem sua influência no cenário: eles podem ter chegado tarde para a formação do metal extremo teutônico, mas construíram uma discografia que solidifica o grupo entre os melhores do cenário. Com vocês, as palavras e as memórias daquele que carregou a tocha desde os primeiros dias, Infernal.

Quando falamos em Desaster, é quase impossível não usar o termo old school para definir sua música. Para compreendermos melhor o que isso significa para essa banda, guie-nos até o seu passado. Você ainda se recorda do momento em que a música pesada entrou na sua vida?

Markus "Infernal" Kuschke: Sim! Na verdade, eu lembro até mesmo do ano em que tive meu primeiro contato com o heavy metal, foi em 1986. A primeira banda que conheci foi Warlock, que tinha a vocalista Doro Pesch, que depois seguiu carreira solo. Accept e Running Wild também foram presenças constantes naqueles meus primeiros dias de paixão metálica. Falando nisso, quando o Metallica apareceu, as coisas realmente começaram a mudar para mim. Não demorou para eu começar a me interessar mais e mais pela sonoridade thrash e dali fui migrando para tudo que encontrava e que fosse mais intenso: speed, death, black, tudo passou a gravitar diante de mim, era o que eu queria ouvir. O Slayer teve um impacto incrível, pois lembro que ouvi e pensei: 'Que porra é essa, quanto esses caras conseguem acelerar uma música, quanto barulho eles conseguem fazer?!' Claro que adorei desde o primeiro momento, mas não poderia deixar de citar o Venom, que foi a influência mais brutal que tive. E não digo isso apenas no meu desenvolvimento musical, mas para todo o conceito em torno do Desaster.

Seu primeiro contato com o Venom foi uma apresentação ao vivo?

Infernal: Mais ou menos, quer dizer,

Brasil Revistas

foi ao vivo, mas em um vídeo ao vivo (risos). Foi em 1987, eu consegui uma cópia do vídeo *The 7th Date of Hell*, gravado no lendário Hammersmith Odeon (N.R: o vídeo foi lançado originalmente em 1984). Eu ficava vibrando diante da TV, tudo que eu conseguia pensar Era: 'Esses caras são incríveis, eu quero fazer isso, eu quero essas explosões, quero o baixo explodindo como o desse Cronos, quero fazer exatamente isso!' Bem, logo depois disso fundei a banda, então, você pode imaginar o quanto esta experiência foi marcante para mim.

Bem, foi um salto enorme. Não consigo imaginar o Desaster fazendo um show aos moldes da Doro...

Infernal: Nem eu (risos gerais). Foi uma grande evolução, sim, vínhamos daquilo que tínhamos em mãos na época, então era aquele metal mais tradicional, Iron Maiden, Judas Priest, mas logo migramos para algo mais extremo. É engraçado, hoje existe muita polaridade entre extremo e tradicional, mas sinto que naquela época, quando éramos jovens, todos queríamos explorar os limites do metal, então era genuíno e quase que geral o interesse em bandas que parecessem mais rápidas e malignas. Adorávamos o tradicional, aquelas bandas ainda destroem, mas eu fiquei realmente obcecado pelas que soavam mais 'conectadas com o mal', como o Mercyful Fate. Ouvir a música deles e sentir a experiência sendo complementada pelo tipo de letra que King Diamond fazia foi como um novo despertar para mim e muitos da minha geração. Acho que Venom, Slayer e Mercyful Fate foram os responsáveis pela nossa iniciação no caminho da mão esquerda, musicalmente falando. Claro, não éramos satanistas, nem o Venom era (risos). Não queríamos sacrificar virgens em um ritual, virgens são ótimas, parem com isso (risos gerais).

É incrível perceber que um punhado de bandas influenciaram tanta gente e de maneira tão diferente nos anos 80. Afinal, eles não eram tão mais experientes que nenhum de vocês naqueles dias...

Infernal: Sim, mas para nós aqueles caras eram heróis, eles representavam tudo o que queríamos ser. Ouvimos aqueles caras e imediatamente começamos a comprar instrumentos, já nos víamos como banda. Eu queria mesmo ser baterista, mas minha mãe detestou a ideia (risos). Lembro dela gritando: 'Essa geringonça ocupa espaço demais e faz muito barulho, ninguém aguenta viver nessa casa!' (risos gerais) Eu fiquei meio que: 'Beleza, mãe, compra uma guitarra pra mim, por favor?' (risos) Bem, digamos que decidi ser guitarrista desde então e que a decisão final foi minha (risos). Sei que sou um guitarrista razoável, não sou supertécnico, nem sou realmente atraído por isso. Violência e simplicidade me atraem na música e por isso amava tanto o metal extremo. O Hellhammer tinha ótimos riffs, o Sodom também, e eram muito simples. Lembro que eu tocava aqueles riffs usando um só dedo da mão esquerda (risos), levou um bocado de tempo até aprender a usar o indicador e o anular da mão esquerda ao mesmo tempo (risos), mas era assim que funcionava, era paixão pura! Ah, minha maior inspiração na guitarra foi o James Hetfield, eu tinha o songbook com tablaturas do *Kill 'Em All* (Metallica, 1983) e praticamente decorei tudo, tocava o tempo todo, foi com ele que aprendi a tocar guitarra. É engraçado pensar que não evoluí nada nos últimos trinta anos, mas a verdade é que não preciso, realmente sinto que nossa música está como eu gostaria que estivesse.

CHURCH WITHOUT SAINTS
Metal Blade/Mutilation - Nac.

Como toda essa vibração juvenil ajudou vocês na gravação do seu primeiro álbum completo, *A Touch of Medieval Darkness* (1996)?

Infernal: O álbum foi gravado em um estúdio aqui da nossa cidade que era muito usado por bandas pop e de rock mais comercial, então foi uma experiência incrível e ao mesmo tempo engraçada. Aqueles caras não tinham noção nenhuma de quanto barulho bateria, guitarra e baixo podem realmente fazer e quando Odin plugou o baixo no amplificador e começou a tocar, o técnico de som veio desesperado, gritando que algo estava errado, que o equipamento estava em pane (risos gerais). Precisamos de muita paciência para explicar para o cara que aquele era o som que queríamos, que tinha que soar exatamente daquele jeito (risos). Acho que a nossa juventude nos ajudou na hora de lidar com pessoas que claramente não estavam preparadas para a música que fazíamos e ainda assim conseguir um bom resultado. Foram tempos ótimos (risos).

Como você compararia o sentimento daqueles dias com o que tem hoje, ao lançar *Churches Without Saints*?

Infernal: Acho que a principal diferença é que naquela época ficávamos sempre muito ansiosos quando íamos para o estúdio, para nós era algo grandioso. Com os anos fomos nos acostumando e ficamos mais tranquilos com isso. Para esse novo álbum, gravamos tudo em nossa sala de ensaio e isso foi ótimo, pois ficamos realmente relaxados durante todo o processo. Não perder horas na estrada, dirigindo até um estúdio de gravação ajuda muito na hora de obter mais sentimentos, acho que descansada toda banda trabalha melhor na gravação.

O novo álbum mantém firme o legado do Desaster e em um dos meus momentos favoritos Sataniac canta o verso 'all hail to the anti after life', isso realmente soa edificante...

Infernal: Com certeza (risos). Essa é a coisa com o Sataniac, ele gosta demais de escrever as letras baseadas nessa filosofia muito própria dele, a maior parte das letras no novo álbum são baseadas nas experiências e ideias dele e eu simplesmente adoro cada uma delas (risos). É verdade, acho que essas letras também contribuem para que sejamos uma banda única no nosso segmento.

O título do álbum também é ótimo.

Infernal: Muito obrigado, e foi ideia minha! Odin me apoiou logo de cara, eu queria uma frase que confrontasse a cristandade que permanece no comando de muitas nações da Europa, eles ainda têm muito poder na Alemanha e no Leste Europeu. E eu não estou dizendo que é errado acreditar em Deus, mas sim que é errado achar que você é alguém superior e que pode julgar os outros puramente baseado na sua fé. Isso é loucura. Apoio muito o que Nergal faz com o Behemoth na Polônia, ele simplesmente está dizendo: 'Ei, eu quero ser livre para dizer o que quero, para falar no que acredito' e veja o tamanho dos problemas que ele tem com isso! O problema das religiões é simplesmente quando as instituições religiosas se colocam no direito de dizer para as pessoas o que elas podem ou não fazer. O título é a nossa mensagem, é o nosso jeito de dizer tirem os santos da igreja, deixem-nos ser livres, é tudo o que queremos!

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

Alexander Awn, Jason Pearce, Don Durr, Brent Satterly e Mike Erdody já preparam o quarto álbum de estúdio da banda death/doom

Divulgação

DEIXE A LUZ PARA TRÁS

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

O terceiro álbum e o início de uma nova era para a banda death/doom de Detroit

Por Valtemir Amler

Depois de muitos anos arrastando suas sombras mórbidas pela escuridão do underground, o death/doom metal parece ter conseguido alcançar um nível inédito de popularidade nesta última década. Mesmo que eternamente liderados pelos gigantes clássicos Asphyx, Incantation e Drawn and Quartered, uma nova geração vem fazendo o mundo do metal prestar atenção no subgênero, que cada vez é presença mais marcante nos grandes festivais e nome frequente entre os contratados dos grandes selos especializados em música extrema. Como um dos líderes do novo cenário, o Temple of Void está na ativa há quase uma década. Iniciou pequeno, mas logo com seu primeiro disco, *Of Terror and the Supernatural* (2014), passou a ser considerada como uma das melhores novas bandas do cenário. Se *Lords of Death* (2017) confirmou a ótima fase, *The World that Was* (2020) alçou o grupo para um novo nível, e nesta entrevista o guitarrista Alexander Awn comenta o passado e celebra os novos dias, que começam com um novo contrato assinado com a Relapse Records.

Estamos vivendo um momento muito prolífico para o death metal, com o surgimento diário de novas bandas e com muitos nomes clássicos lançando novos álbuns. Como você vê o momento atual?

Alexander Awn: Sendo muito sincero, acho que você tem até uma noção melhor do que está acontecendo no mundo do death metal neste momento, pois acredito que esteja até mais imerso nesse universo do que eu. Como fãs, estamos todos ligados ao estilo, mas como jornalista você acaba tendo acesso a tantas coisas e conseguindo conectar tantos pontos que eu só poderia imaginar, então sinto que ficaria um pouco em débito nessa resposta (risos). Como artista, acabo ficando um pouco fechado, mais focado na banda e naquilo que estamos fazendo, pois acho que é necessário para que não comecemos a soar todos iguais, entende? Então, nesse sentido, acabo tendo que forçar um olhar que vai mais na direção da música como um todo do que no gênero death metal unicamente, mas por favor, não me entenda errado. É claro que estou animado com o momento em que vivemos, com tudo o que está acontecendo, e tenho mantido os ouvidos atentos ao que está sendo lançado, mas os discos que realmente me empolgam e prendem minha atenção não são necessariamente as novidades que acabaram de ser lançadas, acho que musicalmente olho para trás mais do que para o momento atual. Acho que isso faz com que sempre que eu penso em death metal acabe lembrando da Finlândia. Acho que a coisa mais estranha e incrível na Finlândia é que as bandas de lá soam extremamente únicas, o que é estranho no sentido de que não existe uma sonoridade tipicamente finlandesa no metal, justamente porque eles estão o tempo todo tentando ser diferentes uns

Brasil Revistas

dos outros (risos). Adoro isso, eles estão sempre nadando contra a corrente, sempre tentando ir além do que se faz nos outros países e ser diferentes da própria vizinhança, nunca estão conformados. Tento manter esse espírito no Temple of Void também e acho que a Finlândia tem uma cena que todos deveriam acompanhar com atenção. E, sim, concordo que o death metal está vivendo um momento incrível e espero que sejamos criativos o suficiente para que isso não seja apenas mais uma onda. É ótimo ver que depois de tantos anos o death/doom finalmente esteja em voga no mundo da música extrema.

Bem, o Temple of Void começou ainda bem antes do death/doom voltar a ser uma tendência.

Alexander: Sim, é verdade! O Temple of Void começou comigo e Eric (N.R.: Eric Blanchard, ex-guitarrista, substituído em 2017 por Don Durr) e foi engraçado. Nós morávamos a apenas algumas quadras um do outro, mas nunca tínhamos nos encontrado, até o dia em que um amigo em comum nos apresentou. Ele simplesmente chegou e disse: 'Ei, este aqui é o Eric, guitarrista da banda Knife, e eu acho que vocês têm muito que conversar.' (risos) Como não tínhamos muita escolha, conversamos muito naquele dia (mais risos) e como ele morava perto, disse que ele poderia aparecer na minha casa quando quisesse trabalhar em algumas ideias. Ele apareceu na minha porta já na manhã do dia seguinte! (risos gerais) Desenvolvemos uma amizade incrível, ambos tocávamos guitarra, admirávamos o estilo um do outro, mas estávamos muito ocupados com as nossas bandas, ele com o Knife e eu com o Hellmouth. Mas, conforme o tempo passava, foi crescendo a vontade de fazermos algo juntos, até que as coisas realmente se alinharam. Começamos a desenvolver o Temple of Void e a primeira pessoa que chamei foi Brent Satterly (baixo), pois eu o conhecia e sabia quanto comprometimento e entusiasmo ele traria para a banda. Eric acabou chamando Jason Pearce (bateria), uma pessoa que ele só tinha encontrado uma vez na vida, mas que admirava tanto como músico que precisava tentar, e acabou dando certo (risos). Por fim, precisávamos de um bom vocalista e aí que foi o grande achado: não conhecíamos Mike Erdody, mas Eric tinha ouvido algo sobre ele. Então, falamos com um amigo que o conhecia, entramos em contato e Mike se uniu a banda. Ele nunca tinha cantado em uma banda antes (risos gerais). Olhando hoje, criar essa banda foi a única coisa que realmente planejamos, todo o restante foi um conjunto de coincidências e ocasiões circunstanciais (risos gerais).

Qual foi o grande ponto de conexão musical entre você e Eric?

Alexander: Foi o Paradise Lost. A única ideia musical que tínhamos no início é que queríamos algo como o Paradise Lost faz. Crescemos na cena de Detroit, mas queríamos seguir um caminho mais doom, mais arrastado... Sinceramente, a verdade é que não sabíamos nem por onde começar, mas queríamos que fosse algo doom. As coisas tomaram forma assim que nós cinco entramos em estúdio, a colaboração foi gerando o ambiente que queríamos, naturalmente. Já na segunda música que compusemos juntos, *Exanimate Gaze* (N.R.: presente na *Demo MMXIII*, de 2013), encontramos nosso ponto musical. Para mim, foi com essa música que encontramos o parâmetro do que essa banda era e se tornaria depois.

THE WORLD THAT WAS
Shadow Kingdom - Imp.

O Temple of Void teve seu primeiro álbum, *Of Terror and the Supernatural*, lançado no Brasil, mas o mesmo acabou não acontecendo com os demais álbuns.

Alexander: Bem, a verdade é que nós tínhamos os direitos de *Of Terror and the Supernatural*, então nós podemos lançá-lo em qualquer parte do mundo onde encontrarmos um parceiro confiável. Este ano mesmo ele estará novamente disponível no Brasil, por outro selo, em uma versão de luxe, que pelo que vi será a melhor que já tivemos. Aguardem por isso! Então, desde 2014 ele já foi lançado por selos de todos os continentes, pois sabemos que essa é a forma mais simples de entregar a nossa música para os nossos fãs sem preços exorbitantes. Porém, não temos os direitos para o lançamento de *Lords of Death* e *The World that Was*, que pertencem à Shadow Kingdom Records. Esses direitos não voltarão para as nossas mãos por sete anos, então, como eles não queriam lançar em novas praças... Bem, espero que agora que estamos com a Relapse, que tem uma estrutura de distribuição muito maior e mais efetiva, consigamos colocar os nossos discos mais facilmente nas mãos dos nossos fãs brasileiros, que têm nos apoiado tanto!

Bem, o novo álbum, *The World that Was*, aprofunda bastante aquele experimentalismo que dava as caras no primeiro álbum, soando como uma mistura muito mais abrangente do que apenas death/doom, concorda?

Alexander: Certamente! Para mim, misturar gêneros é fundamental e a mistura sempre deve ser cumulativa. Veja, eu gosto de olhar para um álbum como uma peça artística completa, não gosto de singles ou músicas aleatórias, gosto de pensar no conjunto completo. Sendo assim, não ligo se uma música é puramente death, outra é totalmente doom e uma outra ainda meio a meio, contanto que tudo faça sentido no contexto do álbum como um todo. O álbum é death/doom? Bem, então ele precisa reunir ambos os elementos, é assim que funciona para nós. Todos os outros elementos, algo mais ambiental e extraterrestre, tudo isso chega apenas para agregar à experiência.

Esse elemento 'extraterrestre' da sua música, ele vem mais de uma banda como o Nocturnus ou da leitura de Lovecraft, por exemplo?

Alexander: É difícil explicar, mas eu diria que não vem diretamente de nenhum dos dois. Veja, colocando o death/doom no plano cartesiano, digamos que o death é a 'reta X' e o doom seja a 'reta Y'. O que eu chamo de 'elemento extraterrestre' é tudo o que vem da 'reta Z', aquela que está mais profunda que as demais, mais desconhecida. Sabe, tipo o Hawkwind, tipo bandas de krautrock e post-punk? É nessas bandas que apoiamos nossa criatividade para modular o nosso som. Ninguém precisa se preocupar com isso, não vamos tocar música pop, somos death/doom e não importa de onde vêm nossas influências e sim o que fazemos com elas. Terror cósmico e ficção científica sempre me inspiraram e trazemos muito disso na nossa música, principalmente nas letras. Ajuda demais ter todo um ambiente criado na hora de trabalhar músicas como *Self-Schism* e *The World that Was*, por exemplo.

Quanto a novidades, o que pode nos dizer?

Alexander: Esperem por um novo álbum muito em breve, já estamos trabalhando nele e logo mais será lançado pela Relapse. Muito obrigado pela entrevista, espero falar com vocês novamente muito em breve!

Brasil Revistas

PLAYLIST

30 ANOS ESPECIAL FIRST

Por Ricardo Batalha • Fotos: Deise Aguiar

Volkana gravou o clipe de *Darkness* na Praça do Por do Sol (SP)

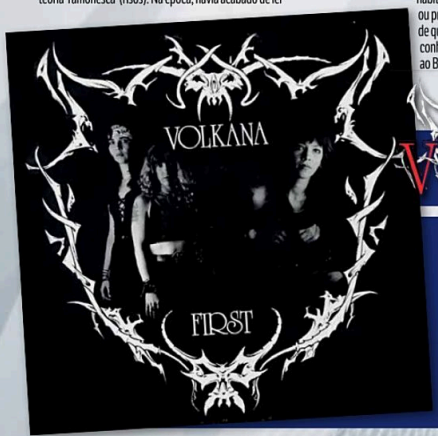
► **Darkness:** "No final dos anos 80, perdemos muitos amigos ainda jovens, através de uma nova doença desconhecida, com sintomas que expunham as pessoas a dores e aniquilação física, a AIDS. Na época, não se sabia exatamente como ela poderia ser transmitida, se somente pelo contato sexual, pelo simples contato físico de um abraço, suor, saliva... Enfim, era, sim, uma sensação de pânico. Declarar estar com a doença era um ato corajoso. A AIDS levou uma geração a repensar seus hábitos, sua maneira de ver o sexo e a tal liberdade sexual tão buscada pelas gerações anteriores. É daí que vem *Darkness*, a escuridão de uma geração através do sangue do amigo, do parceiro, o inferno exposto de Dante Alighieri... A última camada da Divina Comédia."

► **To Die Is Not to Die:** "Nessa letra faço uma reflexão sobre a morte. Ainda baseada na Divina Comédia, em como viver para na morte não sofrer. Reflito sobre o ato de fazer pessoas sofrerem achando que isso não terá reflexo nenhum em nossas vidas. Eu acredito que tudo é causa e efeito. Nela cito que somos os restos daqueles que fizermos chorar, sofrer e sangrar, e tento criar a sugestão de renovar, refazer pensamentos e atos, porque ninguém está sozinho nesse planeta... Somos todos imperfeitos e perdidos no meio de um caminho onde as estradas são construídas por nós mesmos, com pedras gigantes ou menores... Pois morrer não é morrer."

► **Pet Sematary:** "Regravar essa música foi algo maravilhoso! Vínhamos de bandas com raízes muito fortes do punk rock e Ramones era tudo. Eu, especialmente, não tinha uma ligação tão grande com a banda até aquele momento. Minha pegada era mais Dead Kennedys e uma vertente mais gótica, mas a Karla Carneiro (guitarrista) amava demais os caras e, através dela, comecei a compreender melhor a métrica e teoria 'ramonesca' (risos). Na época, havia acabado de ler o livro de Stephen King 'Pet Sematary' e estava apaixonada pela história. Então, quando sugeriram regravar uma música deles, no mesmo momento sugeri essa e todas aprovaram. Foi demais! Passei a analisar os arranjos de guitarra, que todos dizem ser simples... Não tem nada de simples (risos). E os arranjos de voz são geniais. Foi sinceramente um grande aprendizado, pois naquela época não se tinha o hábito de tocar sons de outras bandas, bem diferente de hoje em dia, né? Na verdade, a gente não tinha muita técnica para sair tocando as outras bandas (risos), então criar as nossas era mais interessante. Até hoje tenho um sério problema com covers, pois não consigo decorar letras, não me dá prazer cantar canções que eu não sinta o que estou dizendo. Sei lá... Um mau hábito adquirido durante aqueles anos, ou preguiça mesmo (risos). Me lembro de quando fomos convidadas para conhecer os Ramones quando vieram ao Brasil, meu Deus... Foi o máximo! A Karla teve uma crise de choro, muita emoção. Foi quando eles tocaram no Dama-Xoc, em São Paulo, simplesmente um sonho acordada para todas nós. A nossa versão acho que ficou 'fofa' (risos) pelo fato de a minha voz ser mais suave, sei lá. Mas acho que agradou alguns."

Acesse o nosso canal no @BrasilRevistas

► **That's My Victory:** "Adoro essa música. Nela tento relatar a inveja, sentimento que vem rasteiro e muitas vezes só é captado muito mais tarde. Uso um trecho de cantos islâmicos – cantado por meu irmão, Mariel Loyola, que cantava ópera e faleceu três anos após essa gravação, motivo pelo qual deixei a banda e muito da minha carreira. Foi uma fase muito pesada pra mim. O canto de vitória islâmico veio da proposta de expurgar os maus sentimentos vindos de outras pessoas. A inveja é um sentimento muito poderoso, infelizmente, pois ele se inicia na mente e eu vejo como um vírus em nosso HD. Ele se espalha ao redor das pessoas que o possuem e traz muitas coisas pesadas. Enfim, essa canção foi uma maneira que achei de as pessoas poderem declarar 'sua' vitória aos que lhes desejam o mal gritando ao



VOLKANA

MARIELLE LOYOLA

► **NOME COMPLETO:**
Marielle Do Rocio Loyola Portilho

► **NASCIMENTO:**
12/05/1966

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Escola de Escândalo, Arte No Escuro, Volkana e Cores D Flores

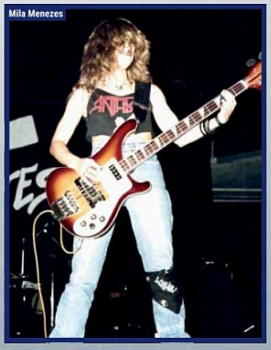
Brasil Revistas

Marielle Loyola

quatro cantos 'That's My Victory, cause I believe in me'. E quando isso acontecia nos shows, todos cantando esse refrão, eu sentia que a missão foi cumprida."

► **Descent to Hell:** "Mais uma inspirada na Divina Comédia, no capítulo do Inferno. Nessa eu tento descrever visualmente a chegada ao inferno, com suas portas gigantes em chamas, muitas pessoas prontas para lhe devorar de todas as maneiras, com olhares, pensamentos e principalmente com sorrisos, que naquele local traz um destino nada bom pra quem chega (na minha concepção, claro). Nela, após descrever todas as visões e sentidos recebidos no inferno, finalizo, mais uma vez, deixando a opção pessoal para cada um de não chegar até lá tentando prestar mais atenção nos caminhos que segue. Céu ou inferno... só depende de você."

► **Scratch Noise:** "Essa faixa veio através de um convite que fizemos aos rappers amigos, DJ Hum e Thaíde. Na época era bem estranho, quase impossível, aliar o rap, o hip hop ao som pesado, pois eram tribos muito distantes sonora e ideologicamente. Eu sempre gostei muito de escrever e ler, e isso me aproximou do rap que, em minha opinião, nada mais é do que uma maneira encontrada por artistas sem muitos recursos – na época, hoje é um mercado milionário né? (risos) – de falarem através da poesia, das palavras do dia a dia de suas realidades tão difíceis e marginalizada. Essa busca pelo escrito me aproximou muito deles e daí veio o convite. E essa faixa que abre *First* veio de uma brincadeira dentro do estúdio, muito bem orquestrada pelo genial, grande amigo e parceiro Carlos Eduardo Miranda, que estava produzindo seu primeiro disco por uma grande gravadora. Na verdade, eu os convidei inicialmente para uma participação na música *War! Where My Enemy Lies*. Essa parceria foi maravilhosa, muito criticada inicialmente pela mídia, mas que trouxe um diferencial reconhecido anos depois."


Mila Menezes

► **War! Where My Enemy Lies:** "Essa é minha composição preferida. Nela, tento gerar um debate sobre as guerras travadas entre pessoas que se matam sem se conhecer, sem saber a história de quem está do outro lado matando ou sendo morto. Vejo as guerras como um momento de busca do poder somente de um personagem, alguém que se senta atrás de uma cadeira e brinca com a vida de milhares outras pessoas, as enviando para lugares inimagináveis de dor e sofrimento, tanto deles quanto dos que estão do outro lado. Lembro que no momento em que escrevi essa letra o mundo estava com vários focos de lutas armadas, o que sempre achei uma imbecilidade humana. Mas o ser humano é o único animal que mata por prazer e, então, guerrear, lutar por poder, por aquisição, parece já estar definido em seu DNA. Questiono as mentiras que são repassadas às muitas pessoas que acreditam estar defendendo seus países, suas religiões e famílias. São só mentiras que saem da mente de uma pessoa, a que tem mais poder e ganância, aquela que jamais irá para um front, um grande covarde. Vejo muito disso acontecendo nesse momento político no Brasil, o brasileiro está sendo usado para guerrear entre si por personagens que não valem nem um milésimo de nosso tempo – voto então nem se fala, imagine nossas inimizades. Tenho assistido famílias se separando através de brigas sérias por causa de um escroto no poder... Enfim, melhor parar por aqui (risos)."

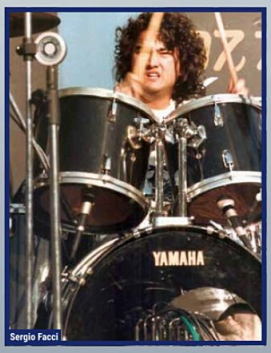
► **Silent City:** "Dessa eu também gosto muito! Nela falo mais uma vez de um assunto que é constante na vida de qualquer ser humano, a morte. Dizem que começamos a morrer no momento em que nascemos, eu acredito nisso, que todo dia pode ser o último. Então, ser feliz e realizar sonhos e desejos é essencial no hoje, no agora, não no amanhã. Eu falo da cidade do silêncio, onde todos irão descansar um dia, um lugar de paz, onde muitos veem maus sentimentos e tristeza eu achava um lugar acolhedor (risos). Eu morava perto da Consolação e sempre ia até o cemitério que tem ali para ler e adorava ler as lápides, imaginar como aquelas pessoas haviam passado seu tempo por aqui, quanto tempo elas viveram, se foram felizes. Enfim, adorava analisar suas histórias através das fotos e datas. Acho que tudo isso foi bem influenciado pela música dos Beatles *Eleanor Rigby*. Nela, Paul ou John – Paul e John sempre divergiram de quem compôs e o quanto na letra, Paul diz que John fez somente meia frase e John rebatia com o mesmo argumento – fala de uma mulher e sua triste história de vida. Paul não reconhece publicamente essa versão de que criaram a história de Eleonor através de um nome numa lápide, mas John falou que sim, entre seus passeios com Paul no cemitério próximo da quermesse que costumavam frequentar logo que se conheceram. Verdade ou não, gosto dessa história e *Silent City*, um tanto quanto mais tétrica, veio dela."

► **Hide:** "*Hide* teve as frases inicias criadas pela primeira guitarrista do Volkana, a Eliane. Gosto muito dela. Após

Karla Carneiro

sua saída, continuamos a executar a música, que é da Karla, por gostarmos da temática dela."

► **Volkanas:** "Escrever uma letra, uma poesia, sabendo que ela vai chegar a várias pessoas é um compromisso muito sério, pois você pode levar até quem ouve inúmeros sentimentos, bons ou não – dor, alegria, frustração, reflexão... Sempre achei que o momento em que damos uma melodia, uma vida a uma poesia é algo mágico. O disco *First* foi um passo gigante para a Volkana, pois éramos garotas entre a adolescência e a fase adulta, num universo completamente masculino enfrentando nossos 'demônios' que essa fase gera em qualquer ser humano. Por isso, vejo muito disso nas letras e nos instrumentais analisando-as hoje, e consigo quase que reviver os sentimentos que me levaram a escrevê-las. Ah, *Volkanas* é uma canção épica para a gente. Conseguimos tocá-la ao vivo pouquíssimas vezes, por ser muito longa e ter nuances que ao vivo não funcionavam muito bem, dando sono no público (risos). Mas para nós era a nossa história, as guerreiras que enfrentam tudo para realizar seus desejos e chegar onde desejam. E assim sempre foi nosso caminho, repleto de percalços e dificuldades que nunca nos impossibilitaram de fazer o que desejávamos: tocar. Essa letra é muito Volkana do início ao fim... Eternal Volkanas. Para Karla, Mila, Débora e, claro, nosso eterno cavaleiro e cavalheiro, Sergio Facci!"



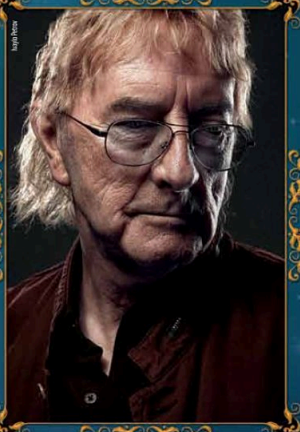
Sergio Facci

Brasil Revistas

JOHN LAWTON

☀ 11/07/1946 † 29/06/2021

Por Antonio Carlos Monteiro



Ele não era acrobático em cena como David Lee Roth; não tentava conquistar o público feminino, como Sebastian Bach; também não enfileirou dezenas de discos de ouro na parede, como tantos outros vocalistas. Mas o carisma em cena, a simpatia e, principalmente, a competência vocal fizeram de John Cooper Lawton um nome a ser sempre lembrado quando o assunto é grandes cantores de rock.

Nascido em 11 de julho de 1946 na cidade britânica de Halifax, Lawton começou sua carreira nos anos 60 com um grupo chamado The Deans. A partir de então, não parou mais: passou por várias bandas, incluindo a Stonewall. Numa tour desse grupo que se encerrou em Hamburgo (ALE), Lawton resolveu ficar por lá e em 1970 foi convidado a se juntar à banda local Lucifer's Friend, na qual teve três passagens (1969 a 1976, 1979 a 1995 e 2014 a 2021) e gravou dez discos. Em paralelo, participou do grupo vocal pop Les Humphries Singers no período de 1971 a 1976 – ele retornaria em 1991 e ficaria até 1993.

A primeira saída dele do grupo alemão se deu por conta de um daqueles convites irrecusáveis: a relação de David Byron no Uriah Heep ultrapassou todos os limites do desgaste e a cisão foi inevitável. John foi o escolhido para assumir os vocais no quinteto. Sua passagem foi curta, de 1976 a 1979, e rendeu três discos – *Fifefly* (1977), *Innocent Victim* (1977) e *Fallen Angel* (1978). Em entrevista para este repórter, publicada na ed. #124, Lawton falou a respeito: "Tenho certeza que não poderia substituir Byron no coração dos seus fãs, mas com o tempo eles acabaram me aceitando." Só que o desgaste não demorou a surgir, incluindo sérios desentendimentos com o tecladista (e um dos líderes da banda) Ken Hensley. Como desde o tempo dos fenícios a corda arrebenta do lado mais fraco, Lawton se viu desempregado. Sua última turnê com a banda ainda renderia o disco *Live in Europe 1979* (1986).

Lançou seu primeiro disco solo em 1980, *Heartbeat* – outro trabalho solo sairia vinte anos depois e se chamaria *Still Payin' My Dues*...

Após a saída do Uriah, Lawton voltou ao Lucifer's Friend e em paralelo participou do grupo Rebel, que depois mudaria seu nome para Zar.

Em 2000, além do seu segundo trabalho solo, também se entendeu com Ken Hensley e ambos participaram da 4th Uriah Heep Annual Convention em Londres sob o nome Hensley Lawton Band tocando clássicos do Uriah. Esse show gerou o ao vivo *The Return (Live at Heepvention)* (2000). A banda continuou em atividade e fez uma extensa turnê europeia em 2001.

Em 2002 uniu-se ao guitarrista Steve Dunning no Lawton Dunning Project e lançou dois discos, sendo um ao vivo.

Em duas ocasiões, em 1995 e 2003, John Lawton foi contratado para substituir o vocalista do Uriah Heep, Bernie Shaw, que em ambas as oportunidades enfrentava problemas de saúde.

Lançou mais dois discos com a John Lawton Band e em seguida soltou *Mamonama* (2008) pelo projeto OTR (On the Records), gravado com o guitarrista holandês Jan Dumeé e vários músicos brasileiros.

Veio para o Brasil em fevereiro de 2009 e este que vos fala teve oportunidade de abrir o show com a banda Jack Flash. Além de se mostrar um vocalista no auge da forma aos 62 anos, deu um verdadeiro show de simpatia e cordialidade.

Em 2010, estreou como ator no filme búlgaro "Love.net". Também participou de uma série documental sobre a Búlgária e em 2011 gravou o disco *The Power of Mind* com a banda búlgara Diana Express.

Integrou também o projeto Intelligent Music, que lançou dois discos, *The Power of Mind* (2012) e *My Kind of Lovin'* (2014).

Voltou a se unir ao Uriah Heep como convidado no dia 11 de julho 2019 no festival tcheco Masters of Rock.

No início de julho foi anunciado que John Lawton morreu de forma "repentina e inesperada" no dia 19 de junho. As causas não foram reveladas. "Não importa o que você faça na vida", disse ele em entrevista ao site Let it Rock em 2002, "seja um músico, um jornalista, ou o que for. O que importa é que você divirta e tenha prazer como que faz."

Lucifer's Friend
Lucifer's Friend (1970)

Lucifer's Friend
Banquet (1974)

Uriah Heep
Firefly (1976)

Uriah Heep
Innocent Victim (1977)

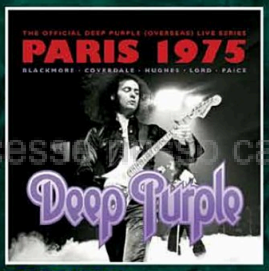
Uriah Heep
Fallen Angel (1978)

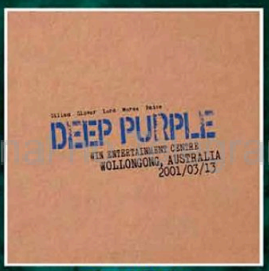
URIAH HEEP

SOUND CITY RECORDS
e·a·r MUSIC
Shinigami Records

URIAH HEEP
LIVE AT SWEDEN ROCK

Este bootleg oficial ao vivo é o primeiro de uma série de álbuns ao vivo que earMUSIC e Uriah Heep lançarão como edições limitadas – nossa homenagem aos fãs mais dedicados do mundo. Os fãs foram fantásticos e deram uma resposta maravilhosa do tipo Sweden Rock a cada uma de todas as músicas.





DEEP PURPLE
LIVE IN PARIS 1975

Uma performance avassaladora! Blackmore simplesmente se destaca, Coverdale é um dos maiores vocalistas de todos os tempos, Glenn Hughes com seu toque vocal comovente e baixo estrondoso, Jon Lord com seu Hammond maior que a vida e a pegada de Ian Paice dispensa menção. Todas as faixas explodindo de energia. Esta pode ser a única gravação ao vivo de "Highway Star" com esta formação.

DEEP PURPLE
LIVE IN WOLLONGONG 2001

Com "Live In Wollongong 2001" voltamos a 2001, quando o Deep Purple mais uma vez fez uma turnê em um dos países que mais os amas: Austrália. Gravado ao vivo em 13 de março de 2001, o show capta brilhantemente o Purple rumo a um novo milênio, impulsionado por constantes reinvenções, ainda galvanizado pelo sucesso do álbum "Purpendicular" e, é claro, sua típica performance ao vivo enérgica!

DEEP PURPLE
LIVE IN LONDON 2002

"Live In London 2002" é um show verdadeiramente especial. Não é apenas inédito, mas também é um dos últimos shows com Jon Lord antes de Don Airey se juntar à banda logo depois. O áudio do show foi cuidadosamente restaurado da fita digital original de 48 faixas e mixado e masterizado, transportando os ouvintes de volta àquela noite mágica no Hammersmith Apollo em 22 de fevereiro de 2002.

GAMMA RAY
MASTER OF CONFUSION

O CD contém 10 músicas contendo 2 faixas de estúdio, 2 covers de estúdio e 6 músicas ao vivo que mostram toda a energia da banda em ação. Gravadas em 2011 na cidade de Bochun, Alemanha.

VEM AÍ

BLACK LABEL SOCIETY
Unblackened

arte/edição: www.jeduartedesign.com

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

Brasil Revistas

Peter Thorslund, Kræn Meier, Michael Bastholm Dahl, Michael Stützer e Josua Madsen, novamente renovado, pioneiro thrash da Dinamarca segue adiante

Artillery

A SINFONIA DO DIABO

Acesso exclusivo para assinantes. Não autorizada a reprodução integral ou parcial deste conteúdo. Todos os direitos reservados.

Após tragédia, banda dinamarquesa reafirma sua força com o décimo álbum completo de estúdio

Por Valtemir Amler

Quase todas as bandas que estão na ativa há alguns anos conhecem a dificuldade que é a reestruturação após a saída de um dos seus integrantes mais importantes. Porém, as coisas ficam mais duras quando é a morte que força a reestruturação, principalmente quando ela leva um dos dois irmãos que comandam o grupo há décadas – é difícil imaginar a vontade férrea que o faz seguir adiante. Há dois anos, a clássica banda de thrash metal Artillery passou por isso com o falecimento de Morten Stützer. Porém, confirmou rapidamente que seguiria na ativa e que um novo álbum viria muito em breve. Irmão de Morten, Michael Stützer conversou com a ROADIE CREW e falou sobre o momento vivido, a força para a recuperação e sobre *X*, o novo trabalho dos gigantes dinamarqueses.

Em 2018 vocês lançaram *The Face of Fear*, mas infelizmente ele não ficou marcado na memória dos fãs por conta da força de canções como *Crossroads to Conspiracy*, *Through the Ages of Atrocity* e *Preaching to the Converted*. Embora seja um ótimo álbum, ele sempre ficará marcado como um momento difícil na jornada do Artillery.

Michael Stützer: Pois é, foi um momento realmente estranho. Fico feliz que as pessoas tenham gostado tanto desse álbum, que foi o último em que meu irmão Morten esteve com a gente no estúdio antes de ficar muito doente. Fiquei realmente feliz que ele tenha conseguido gravar todas as linhas daquele disco, pois pouco depois ele piorou e não pôde nos acompanhar na turnê, o que foi bem triste... Tenho ótimas lembranças do processo de composição e gravação de *The Face of Fear*, lembro que foi ele quem compôs *Crossroads to Conspiracy*, que você destacou, por exemplo. Ele estava realmente feliz com o que conseguimos musicalmente e espero que, onde estiver, possa estar feliz também com esse nosso novo álbum. É difícil dizer, dói pensar nisso, mas acho que *The Face of Fear* foi uma maneira incrível de Morten dizer adeus.

Sim, imagino a dor que você sentiu naquele momento e, como fã, compartilhei desse sentimento. Foi com alívio que recebemos a notícia de que vocês continuariam na ativa.

Michael: Nós realmente precisávamos fazer isso. Na última vez que vi meu irmão, as últimas palavras que ele me disse foram: 'Não ouse terminar o Artillery! A banda tem que continuar. É minha vontade maior que vocês sigam em frente.' Bem, nós seguimos, Morten. Esteja onde estiver, espero que possa ouvir o nosso novo álbum, você sempre será parte do Artillery.

Desde que Morten passou do baixo para a guitarra, essa foi a primeira vez que você precisou trabalhar com um guitarrista diferente ao seu lado. Sei que também é preciso uma adaptação nesse sentido.

Michael: Sim, é uma diferença enorme. E digo isso especialmente pelo fato de que eu e meu irmão trabalhávamos juntos de uma maneira realmente muito próxima. Nós basicamente aprendemos a tocar guitarra juntos e tocávamos juntos desde então... Havia momentos em que nem precisávamos falar nada e o outro já sabia se um riff estava agradando ou não (risos). Tínhamos uma sintonia muito grande. Claro, existia também o fato de nos complementarmos, ele era bom em partes que eu sou mais ou menos e vice-versa, acho

Brasil Revistas

que isso ajudou também a moldar nosso som naquilo que ele é. Trabalhamos juntos em muitas harmonias, alguns ajustes que precisavam ser feitos nas músicas, tempo, pegada, essas coisas eram feitas de forma bem simples. Porém, preciso dizer que trabalhar ao lado de Kræn Meier foi muito tranquilo e produtivo. Na verdade, ele já toca conosco desde 2017, quando começou a nos acompanhar em turnê, então meio que já conhecia a forma como as coisas são no Artillery, musicalmente falando. Mas, claro, esta foi a primeira vez em que ele esteve conosco em estúdio e isso é muito diferente. São músicas novas, que ninguém da banda conhece direito e que precisam ser ajustadas. Para mim foi um tempo complicado no estúdio, no sentido de que realmente precisei me adaptar a uma nova situação que eu jamais esperava enfrentar. No fim, Kræn foi muito gentil e competente, e conseguiu fazer essa experiência toda parecer muito mais legal do que eu poderia esperar.

O Artillery é uma dessas bandas em que realmente ouvimos o som de duas guitarras, mas, por conta de tudo o que vivia na época, você chegou a cogitar a possibilidade de seguir adiante apenas com a sua guitarra?

Michael: Não, pois eu não acho que isso realmente funcionaria. Claro que poderia gravar várias linhas no estúdio e depois mixar tudo para soar como guitarras gêmeas, mas ao vivo seria um pesadelo... Tudo bem, na hora dos riffs ninguém percebe muito a diferença, especialmente nas músicas novas que já poderiam ser trabalhadas para uma única guitarra, mas toda vez que partisse para um solo, ficaria aquela coisa constrangedora, aquela perda de peso por conta de não ter uma guitarra base. Poderíamos fazer um bom álbum com uma guitarra, mas teríamos um show péssimo (risos).

E thrash sem duelo de guitarras ao vivo é bem 'meia-boca'.

Michael: Com certeza (risos). Não me entendam errado, mas sempre vi o Artillery como uma banda para dois guitarristas. Você consegue construir harmonias muito melhores com duas guitarras e embora possa trapacear ao vivo com um computador para tocar algumas partes, ficaria realmente ridículo um duelo de solos entre eu e um computador nos shows (risos gerais). Pelo menos com Kræn podemos manter a tradição básica do thrash oitentista (risos).

E Kræn foi uma escolha tão boa que você nem precisou realmente 'escolhê-lo'...

Michael: Pois é, já pegamos o que estava à mão mesmo (risos gerais). Sendo sincero, não consigo imaginar ninguém melhor para estar no posto. Ele cresceu como um fã do Artillery, já sabia tocar nossas músicas antes mesmo de entrar na banda e eu valorizo muito esse tipo de comprometimento, de paixão. Além de tudo, ele já tinha se tornado um ótimo amigo, estava ao nosso lado nos shows, seria até estranho pegar outra pessoa sem falar com ele antes.

Essa parceria funcionou bem também na hora de compor?

Michael: Sim, muito bem, e bastante rápido. Acho que nós tínhamos umas três ou quatro músicas que precisavam ser terminadas no ano passado, o restante já estava pronto desde o início do processo. Bem, teve uma música que terminamos apenas na hora de entrar no estúdio (risos), mas sempre foi assim com o Artillery. Gostamos de fazer tudo rápido e terminar a maior parte do trabalho logo cedo, depois temos um meio período também intenso e algumas coisas de última hora. É um processo louco, mas acho que é um ótimo método de trabalho, para ser sincero com você. Acho que isso garante uma dinâmica extra para os nossos álbuns, pois eles não são totalmente compostos sob a mesma emoção.

X
Metal Blade - Imp.

Parece uma maneira de justificar certa preguiça de terminar logo, mas a verdade é que faz sentido (risos).

Michael: Ah, mas preguiça também é parte do processo criativo! (risos) Foi uma boa experiência, eu, Kræn e Peter (Thorslund, baixo) compusemos para o álbum e foi uma experiência bem leve e produtiva. Isso também é verdade para o processo de produção, pois não adiantaria seguirmos esse método para garantir certa dinâmica e então ficarmos enfurnados sete meses em um estúdio com um produtor que não consegue entender nossa música e fica 'cozinhando' demais as canções. Toda a dinâmica vai embora quando você cozinha demais as ideias. Neste sentido, somos muito afortunados por contar com a produção de Søren Andersen, que além de um ótimo produtor, também entende e gosta da nossa música (N.R: Andersen é guitarrista, trabalha com o Artillery desde *When Death Comes*, de 2009, e já produziu bandas como Pretty Maids e Tygers of Pan Tang).

Algumas músicas em *X* precisam ser destacadas. Antes das demais, eu citaria *In Thrash We Trust*, que soa como uma declaração.

Michael: É é exatamente isso que ela é, a nossa declaração de amor ao thrash! No começo, ninguém entendia nossa música, éramos uma banda que fazia thrash de uma maneira diferente e as pessoas nem sempre compreendiam isso. Hoje, com o passar dos anos e os vários discos, muitas pessoas finalmente entenderam do que a nossa música realmente se trata! Somos uma banda thrash com fortes melodias heavy, é isso que gostamos de fazer e essa música tem na sua raiz essa vontade de dizer 'acredite naquilo que você ama, não desista no meio do caminho'.

É verdade, vocês nunca soaram como as outras bandas thrash e hoje o estilo de vocês virou até uma referência para novas bandas.

Michael: Eu queria tocar em uma banda que fizesse a música que eu gosto de ouvir. Num dia eu queria ouvir Exodus, mas no outro Black Sabbath, no seguinte Iron Maiden. Assim tinha que ser a nossa música! Foi complicado, mas deu certo. Obrigado pelas suas palavras, fico feliz que tenha dito isso.

Para encerrar, fale sobre o verdadeiro sentido de *Beggars in Black Suits*.

Michael: Cara (risos gerais)! As coisas estão estranhas nos dias de hoje, não é mesmo? Veja, nos anos 80 o pessoal do metal era mal encarado, tinha fama de malvado, andava com roupas caindo aos pedaços e fazia a sua música, quase sempre, por conta própria. Hoje, as bandas têm cabeleireiros, profissionais para tomar conta do seu guarda-roupas e tudo mais, mas vivem pedindo dinheiro para os fãs (risos). 'Por favor, comprem nosso merchandise, apóiem nossa música, financiem nosso novo álbum.' Parecem um bando de mendigos vestidos de preto (risos gerais). Claro que eu sei de onde vem toda essa dificuldade, mas achei que a piada valia a pena (risos).

Acesse o canal no telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

Karlos Medina, Rob Alaniz, Phil Flores, Albert Gonzales e Juan Garcia, reunidos de novo, e desta vez com um novo álbum

Divulgação

ANIQUILANDO A CIVILIZAÇÃO

Após quase três décadas, *United States of Anarchy* mostra que a lenda cult californiana permanece firme no thrash

Acesso Brasil Revistas

Por Valtemir Amler

É uma daquelas histórias extremamente comuns para as bandas de sua geração: o EvilDead surgiu na época certa (meados da década de 80) e no local certo (Califórnia), e até mesmo o gênero musical abraçado pelos então garotos era o mais adequado para conseguirem uma grande exposição no cenário, coisa que eles de fato conquistaram. Com seus dois primeiros álbuns, *Annihilation of Civilization* (1989) e *The Underworld* (1991), os fundadores Phil Flores (vocal), Juan Garcia (guitarra), Rob Alaniz (bateria), Albert Gonzales (guitarra) e Karlos Medina (incorporado em 1990 para o segundo álbum) se mostraram como uma das grandes sensações do thrash estadunidense, mas então vieram as mudanças na indústria musical nos anos 90 e a banda sucumbiu. Se a história tem muitos lugares comuns em seu enredo, some isso ao preço que as bandas pagam para manter sua integridade intacta: o EvilDead preferiu cessar atividades por décadas em vez de transformar sua música. Com cenário propício e público empolgado, finalmente temos o EvilDead de volta com o terceiro capítulo da sua obra, *United States of Anarchy* (2020). Nesta entrevista, mesmo com seus planos de retorno atrapalhados pela pandemia, Juan Garcia e Rob Alaniz se mostram empolgados com o resultado que a banda conseguiu em estúdio.

Por favor, fale sobre a reunião: como aconteceu dessa vez?

Juan Garcia: Continuamos recebendo perguntas e muitas pessoas nos pediam para tocar ao vivo; havia uma demanda constante para a banda fazer shows. Eventualmente, tivemos vontade de tocar ao vivo novamente, principalmente para os fãs do nosso tipo de thrash metal. Nos reunimos para um show de alto nível em Los Angeles e as coisas correram muito bem para a banda neste sentido, então continuamos a fazer mais shows. Foi ótimo tocar o material antigo novamente. E foi assim que tudo aconteceu.

Lembro que o EvilDead teve uma reunião em 2008, mas nenhum álbum novo foi lançado.

Rob Alaniz: Sim, nos reunimos estritamente para fazer shows e atender à demanda depois que a volta foi confirmada. Só conseguimos gravar uma música demo com o então vocalista Steve Nelson. Depois de algumas datas da turnê, voltamos para casa e tudo parecia desmoronar. Até 2016, quando durante meu aniversário de 50 anos decidimos nos reunir desta vez com o vocalista original, Phil Flores. Após uma breve apresentação, começamos a ensaiar para mais shows e gravações. Tudo correu bem desde então.

Sendo assim, como funcionou o processo de composição para *United States of Anarchy*?

Juan: Começamos a levar a sério a criação de um novo álbum do EvilDead por volta de 2016, quando Phil Flores voltou para a banda; antes estávamos trabalhando com Steve Nelson nos vocais, que é um bom amigo da banda e ele fez um trabalho fantástico durante sua permanência no grupo. Começamos a nos ocupar com isso e por volta de 2016 gravamos demos com um material que Albert Gonzales e Rob Alaniz tinham da época anterior. Nós retrabalhamos essas músicas na afinação e no estilo do EvilDead, escrevemos novas músicas e continuamos a testá-las ao vivo quando fazíamos shows. Portanto, o novo álbum é uma combinação de velhas ideias, de músicas do passado com ideias novas. Queríamos criar canções que não fossem muito longas; material que arrasa e vai direto ao ponto, que vibram e fazem você bater cabeça. Acho que todos no grupo

Brasil Revistas

trouxeram o seu melhor para o estúdio de gravação. Além disso, nosso produtor Bill Metoyer deu muitas sugestões boas para as músicas. Foi um processo tranquilo e estamos felizes por finalmente termos concluído o novo álbum.

***United States of Anarchy* é o primeiro álbum do EvilDead em quase trinta anos. Conte-nos sobre essa nova experiência em estúdio com seus antigos companheiros, qual foi a sensação durante essa volta?**

Juan: Na maior parte do tempo, foi um processo bastante suave; começamos a gravar a bateria no início de novembro de 2019 e concluímos todas as faixas de bateria em três dias. Então começamos a trabalhar nos timbres da guitarra, tentando diferentes amplificadores e combinações de gabinetes. Assim que tivermos as guitarras base gravadas, trabalhamos nos vocais e no baixo e então tiramos um tempo para garantir que tudo soasse como queríamos. Em seguida, gravamos overdubs de guitarra e solos, e continuamos trabalhando nos vocais principais até concluir o projeto. Acho que por volta de junho de 2020 começamos a mixar o álbum. Estávamos um pouco atrasados no processo por causa da pandemia. Às vezes era um pouco difícil de gravar porque nossas agendas conflitavam com a do nosso produtor, então manobrar em torno da situação de pandemia não foi fácil. Estamos muito orgulhosos do resultado final do nosso novo álbum, só demorou um pouco mais do que esperávamos devido à pandemia.

Bem, o álbum se chama *United States of Anarchy* e chegou às vésperas de uma nova eleição para presidente dos Estados Unidos, o que gerou uma interpretação errada por parte do público. Por favor, conte-nos o real significado do título do álbum.

Rob: O mais estranho é que ele foi baseado no filme *Soylent Green*, dos anos 70, e não no que estamos vivendo atualmente. Devo dizer que é uma coincidência bastante estranha e inquietante. O título do álbum vem da letra da música *Without a Cause*, que diz "os Estados Unidos da Anarquia vão sufocar em apatia", e pinta uma visão de mundo sombria que infelizmente é a nossa realidade nos dias de hoje. Esperamos que toda essa pandemia termine logo e que um pouco da normalidade retorne. Estamos cruzando os dedos.

A faixa de abertura, *The Descending*, é uma explosão do passado, com um leve toque do thrash metal moderno.

Rob: Sim, e esse foi o primeiro single. Era para ser intitulado *Rise of Evil*, mas decidimos na última hora mudá-lo para *The Descending*. Realmente, possui todos os elementos que compõem a fórmula clássica do EvilDead. Apresenta um riff principal maluco, de Albert Gonzales. Tem elementos de punk rock e velocidade suficiente para manter sua cabeça batendo.

Falando em elementos punk, notei um pequeno aceno para o clássico do Dead Kennedys, *California Über Alles*, no refrão de *The Descending*.

Rob: Eu não tinha percebido isso, mas você pode estar no caminho certo... Nós definitivamente somos fãs de punk rock da velha escola. E Albert Gonzales contribuiu com algumas partes da letra no refrão de *The Descending*.

Juan: Eu amo os clássicos do Dead Kennedys, sempre quis fazer um cover da música *Police Truck*. Conheci Jello Biafra alguns anos atrás. O Dead Kennedys é uma banda icônica com certeza.

UNITED STATES OF ANARCHY
Shinigami/Sound City - Nac.

Outra música que realmente me pegou pelos tornozelos é *Napoleon Complex*, com seu riff incrível.

Rob: Essa música também foi escrita e arranjada por Albert, por mim e por um amigo nosso, Bob Rangel. Ela estava rondando nossa cabeça por uns três anos antes de finalmente ser elaborada. É o casamento perfeito de thrash metal mid tempo e hardcore. Amei também!

Juan: *Napoleon Complex* é uma das minhas músicas favoritas do álbum também. Os riffs de guitarra são esmagadores! A música se move e a seção intermediária com as harmonias de guitarra são superlegais. Eu acho que Phil Flores fez um trabalho fantástico com os vocais e o solo de Albert é estelar nesta faixa. Na verdade, toda a banda deu seu máximo nela!

***Greenhouse* é outra explosão do passado, e parabéns para Phil Flores, desempenho incrível! Definitivamente, há um sabor da velha escola nesta música, uma vibração crossover gigantesca!**

Rob: A letra e a melodia vocal foram escritas por Bob Rangel, que também contribuiu com letras para algumas faixas do álbum *Annhilation of Civilization*. Os vocais de apoio foram feitos por mim, Juan e Albert neste álbum.

Juan: *Greenhouse* é uma música que poderia estar em nosso álbum de estreia, de 1989. Costumávamos tocar essa música ao vivo naquela época. É uma música fantástica, sem dúvida, há muitas coisas acontecendo nela. Os vocais de apoio são estelares, de verdade! A mensagem lírica também é ótima. Para mim, músicas sobre questões ambientais são algo que não nos omitimos de fazer.

Também gostaria que você falasse sobre a música *No Difference*, que tem aquela parte jazz no começo.

Rob: Sim! Está definitivamente no meu top cinco deste álbum. Foi influenciada por alguns dos guitarristas de jazz favoritos de Albert, como Joe Pass e Wes Montgomery. Para mim, a influência do jazz foi fácil de entrar, já que eu estava muito interessado no Jane's Addiction na época e eles tinham algo semelhante em seu registro naquele ano de 1988.

Juan: Essa música também é uma das minhas favoritas. Eu gosto da conexão da linha de baixo durante a introdução jazz e como a mesma linha de baixo retorna no final da música, mas desta vez é superpesada junto com as guitarras.

Para finalizar, existiu uma razão especial para escolherem uma música do The B-52's como bônus no álbum?

Juan: Essa foi uma ideia que tivemos no final dos anos 80. Gostávamos de brincar com algumas canções cover nos ensaios, costumávamos tocar Jimi Hendrix, Black Flag e a *Planet Claire* (N.R.: hit do debut do The B-52's) era uma música que sempre quisemos fazer um cover, mas esquecemos dela até que nossa gravadora nos pediu uma faixa bônus para o vinil e uma versão digital do novo álbum. Então, logo antes de entrar no estúdio de gravação, tivemos a ideia de dar uma chance e a primeira vez que tocamos a música foi já no estúdio de gravação. Acho que ficou fantástica! Há alguns ótimos solos de guitarra de Albert nela. Eu gosto de como ela começa com o baixo e então as guitarras entram. Transformamos numa música nossa, demos a ela a vibe do EvilDead.

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

Sem meias palavras

Banda carioca apresenta *Pandemia*, disco que conta a história de um país fictício, mas na verdade bem conhecido de todos nós

Por Antonio Carlos Monteiro

O vocalista, guitarrista e compositor Carlos Lopes resolveu tirar a Dorsal Atlântica da aposentadoria que havia anunciado após o lançamento de *Canudos* (2017) para soltar um novo disco, *Pandemia*, no qual relata aquilo que vivemos no país através de uma história ficcional. O tema, criado por ele, fala sobre um país chamado Brazilândia, em que a sociedade é dividida em três segmentos: equinos, caninos e símios. Assim, ele se desenvolve em músicas de títulos mais que explícitos, como *Infectados, Pobre de Direita, Resistência* e *Terra Arrasada*. Financiado através de campanha de crowdfunding, o disco contou com Carlos, seu irmão Cláudio Lopes (baixo) e Braulio Drumond (bateria), que gravaram sem ensaio por conta das restrições orçamentárias. Para falar sobre tudo isso, procuramos Carlos Lopes e, como sempre, a conversa transitou pelos mais variados temas: política, literatura, artes plásticas e até heavy metal. O papo durou mais de duas horas e os melhores momentos você confere a seguir.

Você havia anunciado que pararia com a música e ia se dedicar à carreira de desenhista e ilustrador. O que o fez mudar de ideia?

Carlos Lopes: O país. É uma resposta simples e direta. Não sou um artista comercial. E isso afetou diretamente minha carreira. Sempre me perguntam: 'Se você tivesse que fazer tudo de novo você faria igual?' Eu faria! O país está desse jeito e eu já sabia o que ia acontecer porque sou carioca e estou acostumado com a criatura (risos). Era morte certa. Mas o destino é muito curioso... Veio a pandemia, que ninguém esperava, e aí todas aquelas criaturas grotescas saíram do esgoto. Eu comecei a banda para combater a ditadura. Naquela época só tinha o Stress em Belém (PA) e o Vulcano em Santos (SP). O princípio era artístico, fazer nascer o heavy metal no Brasil, mas a missão era política. E quando aconteceu tudo que aconteceu agora, eu me senti na obrigação de falar. Porque eu sentia que tinha condições de fazer um trabalho artístico e diferente do padrão, que nenhuma outra banda faria – não estou dizendo que as bandas são ruins, estou dizendo que estou num processo muito particular de compreensão. Mas eu repito a história pra você: não me vejo gravando outro disco. Porque psicológica, física e mentalmente estou muito desgastado.

Por que você acha que as bandas de rock e de heavy metal em especial não adotam um posicionamento como a Dorsal sempre fez?

Carlos: O metal tem uma origem parecida com a black music americana. A black music veio de guetos, tem uma origem étnica, e o heavy metal teve origem operária. O melhor exemplo é o Black Sabbath. Mas houve uma desconexão – pelo menos é o que eu sinto – com o surgimento do rock progressivo, que era algo branco, de meninos que tinham estudado música com partitura. Isso criou uma segmentação dentro da concepção original do rock. O rock era música pra soltar os bichos! Então, houve um afastamento das raízes, o heavy migrou para um lado que o afastou dessa raiz. Mas eu não culpo ninguém, a gente vê assim porque nós somos de uma outra geração,

Brasil Revistas

temos uma outra concepção. Então, eu tinha que gravar *Pandemia*.

O disco foi produzido com recursos vindos de financiamento coletivo. Como foi a campanha de crowdfunding?

Carlos: Faz um ano que a campanha foi feita. E o trabalho não para! E olha que eu não faço turnê, não me exijo fisicamente nesse sentido. Mas só de administrar criação e divulgação foi quase um ano. E vai ter mais um ano de trabalho pela frente! E como você arruma disposição pra isso com quase 60 anos? (risos) Aliás, sempre me perguntam por que eu com 60 anos sou a maior voz revolucionária desse estilo de música no Brasil...

Você acredita que o crowdfunding é a única forma de um artista independente fazer algo de alto nível?

Carlos: A não ser que você tenha nascido em berço de ouro. Uma hora de gravação no estúdio mais barato custa cem reais... Eu recebi muitas mensagens durante a campanha e teve gente que perguntou: 'Por que você não grava o disco em casa?' Respondi: 'A Dorsal não grava disco em casa...' (risos) E eu moro num apartamento pequeno. Você já imaginou eu incomodando todo mundo aqui aos gritos? Isso não existe! As pessoas perderam um pouco de senso de realidade por conta do home office. Eu pedi R$ 45 mil na campanha, consegui R$ 60 mil. E mesmo assim o disco teve uma defasagem de 30 mil. Por quê? O cara do estúdio me ligou, depois de a gente ter acertado um valor, e disse que só faria pelo dobro. Ele achou que por causa do resultado da campanha eu estava cheio de dinheiro. Entende como o processo funciona? Se algo dá certo, crescem os olhos dos outros. Ou seja, não é fácil e eu tive que fazer minha pedalada fiscal... (risos) Tive que reduzir horas de estúdio, não fizemos ensaios, os músicos estudaram com as demos e fizemos os arranjos na hora da gravação.

O disco parece um pouco mais hardcore do que os mais recentes da Dorsal. Foi a própria urgência do tema que levou a isso?

Carlos: É isso mesmo! Mas eu diria o seguinte: eu estou sempre brigando por uma estética própria. Você precisa ter um senso de entendimento da sua obra. Se me perguntam se estou feliz por vender mil cópias, eu digo que sim, porque essa é a minha realidade. Porque pra vender cem mil eu teria que abrir as pernas... E não é assim que funciona. E quando eu chego na virada do século eu vejo que o heavy metal se tornou uma coisa pequeno burguesa, alienada, despolitizada e totalmente desconectada da realidade de onde veio. O heavy metal hoje está mais parecido com uma cadeia de hambúrguer. Isso pra mim é matar o estilo. Então, quando eu componho um disco hoje, preciso que ele tenha uma estética própria. E no meu processo atual, se a melodia não for brasileira não me serve – é algo difícil de explicar em palavras... Seria unir todos os elementos que fazem a formação original do Brasil: um pouco lusitana, um pouco Ariano Suassuna, tenho que estar ligado à musica armorial, tenho que estar ligado a todos os pontos de candomblé e umbanda, também tenho que estar ligado à música do interior e me afastar da música da capital.

Você caprichou nos timbres e nos riffs. Aliás, o Carlos guitarrista é um dos maiores destaques do disco. *Pandemia* seria seu principal disco como guitarrista?

Carlos: Eu te diria que é meu principal disco como guitarrista descoloniza-

PANDEMIA
Die Hard - Nac.

do... (risos) De *Canudos* pra cá, eu tomei a decisão de nunca mais tocar guitarra 'grande'. Eu queria ter um instrumento brasileiro e me lembrei que existe a guitarra baiana (N.R.: instrumento criado nos anos 40 pela dupla Dodô e Osmar, também criadores do trio elétrico). Então eu desenhei um instrumento baseado na guitarra baiana, criei as especificações técnicas e passei para um luthier da Bahia que construiu pra mim. Eu precisava de um som pesado, mas também de um som mais rústico. A guitarra baiana tem as casas muito pequenas e a afinação é outra, então você tem que reaprender a tocar. Além disso, a guitarra baiana normal tem quatro cordas e a minha tem seis. Então, eu consigo atingir timbres diferentes e eu acho que é por isso que todo mundo está tão admirado com o som da guitarra.

Na mixagem a voz está um pouco mais na frente. A intenção foi dar destaque às letras?

Carlos: A música é interpretativa. Eu tenho que interpretar os personagens, por isso a letra é muito importante. Se eu vier com essa estética de gringo, essa coisa escrota, vão encher minha voz de reverb, vão botar uma bateria com trigger... Eu não quero, isso não tem nada a ver comigo.

Falando da história, você fala de uma sociedade em que equinos, símios e cães são os protagonistas. 'A Revolução dos Bichos' (1945), de George Orwell, foi uma inspiração?

Carlos: Exatamente. Ele é um escritor que me marcou muito. Ele tem dois grande trabalhos populares, 'Revolução dos Bichos' e '1984' (1949), mas tem vários outros que eu adoro, como aquele em que ele resolve virar mendigo – mendigo numas, porque a tia dele levava comida pra ele... Mas ele resolveu sentir como era ser mendigo, o livro se chama 'Na Pior em Paris e Londres' (1933). E ele lutou na Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939), sendo que do outro lado estava Adolf Hitler. E também fiquei muito marcado com uma leitura de '1984' que é o filme 'Brazil' (1985, dirigido por Terry Gilliam, do grupo Monty Python). Eu vi no cinema e compreendi já na época que dava pra ter uma leitura diferente do livro, só que Orwell foi a influência primordial. E você não pode nunca descartar o que está nas entrelinhas das letras: Graciliano Ramos, muito Machado de Assis, Suassuna...

A colagem sonora na última faixa, *Número 28*, é um resumo de tudo que acontece há décadas por aqui? E por que ela tem esse nome?

Carlos: O disco termina com terra arrasada. *Pandemia* não é pra todo metaleiro, pra todo banger, pra todo rockeiro. É pra iniciados. Mas quando eu coloquei um batidão de candomblé pra encerrar achei que ainda não estava claro. Aí, eu revi o último filme do Glauber Rocha, 'A Idade da Terra' (1980), e percebi que faltava terreiro no final do disco. E qual a outra nossa grande inspiração, nosso outro grande amor? Os Beatles! E eu fui na música do 'Álbum Branco' que é muito simbólica pra mim, *Revolution 9*. Aquilo é mantra de gringo! (risos) *Número 28* é porque eu nasci dia 28 de agosto e meu filho, no dia 28 de setembro. Eu começo com uma batida de candomblé, misturo com Villa-Lobos, coloco cantos indígenas, Brasil do litoral, Brasil do interior, bota negro, índio, branco, Getúlio Vargas, Leonel Brizola, Darci Ribeiro, Glauber... Aí eu falei: agora o trabalho tá feito!

Acesse a versão completa para assinantes em Brasil Revistas

Brasil Revistas

PARADISE LOST

PERFEITO PARA TEMPOS SOMBRIOS

Lenda britânica revisita seu grande catálogo no novo registro "ao vivo" *At the Mill*

Por Valtemir Amler

Não faz tanto tempo assim. Afinal, foi ainda em 2020 que o Paradise Lost lançou um dos seus discos mais completos de toda a sua carreira, *Obsidian*. Reunindo elementos de todas as fases da jornada, ele evidenciava ao mesmo tempo as eras doom/death e gothic rock da banda inglesa e encontrou grande acolhida dos novos e velhos fãs. Motivados mais por esse intenso mergulho em seu próprio universo musical do que pelo sucesso alcançado, Nick Holmes (vocal), Greg Mackintosh e Aaron Aedy (guitarras), Steve Edmondson (baixo) r Waltteri Väyrynen (bateria) estão de volta com um disco muito especial. *At the Mill* é um álbum ao vivo, porém – por conta daquele motivo que você já conhece – não conta com a presença, o calor e a empolgação dos fãs diante dos britânicos. O material celebra o passado e revisita todas as extensas décadas de música do grupo, ao mesmo tempo em que se mostra como um exemplo perfeito da realidade que vivemos desde 2020. Conversamos novamente com Mackintosh, que falou sobre o momento atual do gigante britânico do doom/death e da música gótica.

Como você está, e como estão as coisas na Inglaterra neste momento?

Greg Mackintosh: Nada mal, tirando o fato de estar bastante deprimido por conta do vírus, mas acho que isto é o que a maior parte das pessoas está passando neste momento. Por aqui, ainda estamos vivendo uma fase de reabertura parcial, ainda muito longe da normalidade, mas pelo menos sinto que as coisas estão começando a se mover novamente. Mas sinto que ainda estamos longe de shows de verdade e coisas assim.

Nada em 2021, eu suponho.

Greg: Isso mesmo, acredito que sair em turnê ainda em 2021 não seria uma coisa inteligente a se fazer. Creio que existe um único festival aqui na Inglaterra que ainda não foi cancelado, então as possibilidades são escassas. A coisa piora quando se fala em uma turnê internacional, são muitas pessoas tendo que viajar, cada país tem uma política de fronteiras diferente neste momento, cada um está em um momento no calendário de vacinação... Não acho que seria inteligente anunciar uma turnê agora apenas para ter que cancelar novamente em seguida. Mas realmente acho que no ano que vem coisas vão funcionar, de uma forma ou de outra. Não imagino que teremos uma cura completa por enquanto, mas com o avanço da vacinação a pandemia deve virar uma endemia, então teremos aquela situação de ter que aprender a lidar com isso que temos na mesa. Esta é a realidade no momento.

Colocando isso à parte, imagino que vocês estejam bastante felizes com a resposta para *Obsidian*, certo?

Greg: Com certeza! E diria que tivemos uma resposta mais positiva e barulhenta para este disco do que para qualquer outro que já lançamos. E, na verdade, acho que isso teve a ver com a pandemia. As pessoas tiveram muito mais tempo para sentar e apreciar o disco como um todo antes de dizer o que pensavam. Você precisa ouvir de verdade um disco para absorver sua música e se encantar por ela, e acho que dessa vez isso aconteceu. Da nossa parte, penso que percebemos uma resposta maior porque foi a primeira vez que estávamos em casa vendo de longe as opiniões dos fãs, pois geralmente a visão que temos é do palco, da turnê e, de modo geral, as pessoas que estão no show gostam da sua

Brasil Revistas

música. Então, desta vez foi uma visão diferente, mais ampla, e gostamos muito do que vimos.

Sim, este tempo é fundamental, especialmente para um álbum com tantas personalidades diferentes, como foi *Obsidian*.

Greg: É muito gentil da sua parte falar isso, e eu concordo, embora tenha que dizer que não foi algo que planejamos fazer. Bem, nós queríamos fazer um álbum que fosse variado, que não soasse completamente doom/death ou gótico, mas a verdade é que não esperávamos que as pessoas fossem gostar disso, achávamos que estaríamos indo contra a corrente (risos gerais). No fim, penso que *Obsidian* foi o disco certo para o momento em que vivemos, um tempo sombrio. Creio que ele é um disco perfeito para tempos sombrios.

Concordo, pois música tem tudo a ver com a emoção do momento. E esse é o lance com o Paradise Lost, vocês têm o disco certo para tantos momentos emocionais diferentes que é realmente complicado alguém não estar com a vibração correta para a sua música.

Greg: Muito obrigado de novo, e vou lhe contar uma coisa: esse sempre foi o nosso ideal, desde que começamos a banda. Sempre quisemos lançar discos diferentes, que emoldurassem nossa vibração naquele momento, e não ser uma banda que simplesmente repete sempre a mesma fórmula. Isso é também o que eu espero das bandas que amo, especialmente daquelas que têm uma carreira longa. Se elas começam a se repetir, eu logo penso: 'Por que vocês estão lançando um novo álbum mesmo?' (risos gerais) Obrigado por pontuar isso, é muito gentil.

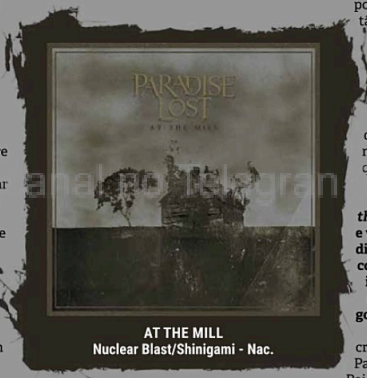
Quais são as suas músicas favoritas em *Obsidian*?

Greg: Ah, você sabe, eu tenho a tendência de preferir as coisas realmente arrastadas e pesadas, sou muito fã de doom. Mas também gosto muito de *Darker Thoughts*, pois acho que ela representa algo diferente para nós. E essa é uma coisa importante quando você já tem várias décadas de história, é bem difícil fazer algo que seja novo para você. O fato de ela ter essa coisa quase folk, com Nick cantando enquanto linhas acústicas soam, e então toda a explosão... Adoro essa música. Também gosto demais da última do álbum, mas não lembro o nome dela...

***Ravenghast*. Aliás, é um ótimo título, embora eu não tenha ideia do que se trata...**

Greg: Obrigado! É engraçado eu ter esquecido o nome justamente dessa, que foi a única música que nomeei em todo o álbum (risos). Sabe, nós temos esse processo: enquanto trabalhamos na composição, colocamos títulos provisórios nas músicas e depois Nick muda tudo quando tem as letras prontas. No caso de *Ravenghast*, ele gostou tanto do título que acabou mantendo. E faz sentido você não entender, pois realmente não significa nada, eu apenas criei uma palavra que soasse bem, pois não imaginava que fossemos usar o nome (risos). Sei que destruí o sonho de muita gente agora, mas é isso, esse é só um nome legal que não significa nada (risos gerais).

Além de *Obsidian*, vocês acabam de aparecer com novos trabalhos ao vivo. Neste sentido, imagino que esta seja a primeira vez que lançaram um disco e não saíram imediatamente em divulgação, certo?



AT THE MILL
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Greg: Sim, e isso é uma sensação realmente muito estranha para mim, meu amigo. Sabe, desde os meus 18 anos o tempo mais longo que eu havia passado longe dos palcos tinha sido dois meses. Dois meses! E agora... Bem, claro que isso é complicado para uma banda, mas, na maior parte dos países, os artistas têm algum tipo de apoio do governo, o que é diferente no caso dos técnicos de som, roadies etc. Os governos simplesmente não sabem o quanto essas pessoas ajudam a economia dos seus países e então eles foram deixados na mão, uma situação realmente terrível, em muitos sentidos.

Para você, qual é a importância de lançar um novo álbum ao vivo neste momento?

Greg: Acredito que a principal razão é permanecermos conectados com os nossos fãs e com a cena em geral. É preciso que as bandas mostrem que ainda estão ali, que ainda querem seguir em frente de alguma forma, que ainda querem produzir. A vida das pessoas já está miserável o suficiente, elas não precisam ter que se preocupar com o fato de sua banda favorita estar ou não ativa, apenas dê essa certeza para elas.

Você gosta de discos ao vivo?

Greg: Sim, embora ache que para cada ao vivo bom existe um outro miserável por aí (risos). Gosto de ver os discos ao vivo como uma espécie de coletânea do que há de melhor na carreira de uma banda até aquele momento, e às vezes isso é fenomenal. Um dos discos que mais gosto é o *No Sleep 'Til Hammersmith* do Motörhead (1981), que traz o melhor dos primeiros álbuns da banda. O som pode ser uma merda, mas a energia é tão grande que compensa tudo, é um disco incrível. Então, não fizemos um verdadeiro 'álbum ao vivo' agora, acho que nenhuma banda fez. Mas somos nós tocando juntos e realmente gravando ao vivo, apresentando um repertório que julgamos importante para este momento e mostrando para os fãs que ainda estamos aqui.

Gostei muito do repertório do *At the Mill* e é realmente diferente ouvir e ver vocês nesse formato. Quer dizer, todos temos uma ideia sobre como é o Paradise Lost ao vivo, vocês imóveis no palco e Nick resmungando com a plateia enquanto toma um gole de vinho...

Greg: Cara, essa é a melhor descrição que já fizeram de um show do Paradise Lost, é perfeita (risos gerais). Pois é, desta vez não tinha uma plateia lá com quem Nick pudesse resmungar e nós continuamos parados, quase imóveis. Realmente, não somos o tipo de banda que pula pelo palco e saí dando 'high-five' com os fãs, simplesmente não combina conosco. Muitas bandas se decepcionaram em turnê com a gente, pois achavam que seríamos superdivertidos fora de cena e descobriram que na verdade somos um bando de ingleses quietos que não querem papo com ninguém (risos gerais). Acho que você gostou do disco porque ele soa mais como um ensaio, para mim é isso que ele é, um disco de um ensaio. Ele soa humilde, soa como se você estivesse na sala conosco. Quanto ao repertório, ele realmente é especial, pois não é exatamente o que tocaríamos na turnê. Tínhamos a oportunidade de optar por um repertório diferente e aproveitamos. Acho que é isso que torna *At the Mill* especial.

Brasil Revistas

CLASSICREW

#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

1991 TYPE O NEGATIVE

Slow, Deep and Hard

Os anos ao lado do Carnivore haviam sido tumultuados e musicalmente muito produtivos. Ao lado daquela banda, foram forjados dois álbuns completos, dois eternos clássicos da música underground – o debut autointitulado de 1985 e em seguida o poderoso *Retaliation*, de 1987 – e até alguma polêmica já cercava o nome do trio, especialmente por conta das faixas *Angry Neurotic Catholics* e *Jesus Hitler*, do disco álbum. Mesmo com isso, e embora o nome do baixista e vocalista Peter Steele (que aqui atuava como 'Lord Petrus Steele' e, na verdade, se chamava Peter Thomas Ratajczyk) tivesse se tornado figura certa no circuito alternativo de Nova York, ele ainda estava muito longe de alcançar o status e a popularidade de Rob Halford, por exemplo. Isso ele jamais alcançaria, e muito por conta da sua própria personalidade. Steele era irônico, ácido e provocador demais para encenar com sucesso o típico rockstar da sua ou de qualquer outra geração.

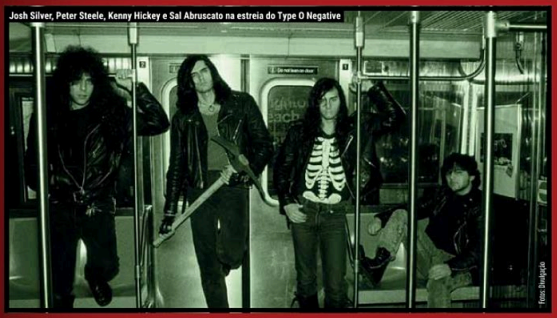
Assim, com o Carnivore colocado na geladeira em 1990, nascia no mesmo ano o Type O Negative. O próprio Peter sentiu que uma reformulação musical era bem-vinda e até mesmo necessária em sua carreira. Nesta nova etapa, se uniu ao guitarrista Kenny Hickney (atual Silvertomb), ao tecladista Josh Silver e ao baterista Sal Abruscato (ex-baterista do Life of Agony e atual vocalista/guitarrista do A Pale Horse Named Death) para formatar sua nova faceta artística. Mantendo os elementos hardcore da antiga banda e promovendo um flerte obsessivo com a música gótica, o Type O Negative tinha a cara da nova década, embora não encontrasse similares entre os seus pares: ninguém mais nos anos 90 estava fazendo a música típica do quarteto, algo que seria muito bem articulado e manipulado por Steele, um artista que provava ter uma visão diferenciada e bem adiante do seu tempo.

Com essa visão o grupo começou a trabalhar em seu primeiro álbum completo. *Slow, Deep and Hard* é um disco liricamente rancoroso, que parece ter sido composto com alguém em mente, um alvo específico para críticas bastante 'especiais'. E de fato isso parece se confirmar, já que o próprio Steele clamava ter composto o álbum todo de porre, em meras quatro horas, pouco após o fim de um relacionamento nada saudável.

Portanto, espere ouvir aqui um Peter Steele 'na fossa', resmungando, esbravejando e amaldiçoando o mundo e seus habitantes ao mesmo tempo em que cria música ótima e atemporal, pois é disso que se trata. Nada politizado, nada engajado, nada inteligente, apenas os gritos de torpor de uma alma angustiada e repleta de desgosto, como você ouve já na faixa de abertura, *Unsuccessfully Coping with the Natural Beauty of Infidelity*. "Você acredita na eternidade, eu nem acredito no amanhã", canta Steele aos berros, fazendo o ódio ganhar vida na violência do hardcore. Mas é claro, nada supera o refrão hilário, com Steele bradando 'I know you're fucking someone else', ao que o coro responde 'he knows you're fucking someone else', tudo sob uma ótima melodia. Tragicômica, a canção é marcada por muitos movimentos, passagens góticas, teclados viscerais e ótimas vocalizações, algo que imediatamente alçou a banda diante dos olhos atentos do underground.

Como polêmica pouca era bobagem na vida do saudoso Peter Steele, ele resolveu batizar a segunda faixa como *Der Untermensch*, o que causou certo reboliço entre algumas pessoas, que logo conectaram a música ao discurso nazista, sem qualquer preocupação em olhar ao menos descuidadamente para a letra, que ficava a anos-luz de qualquer idealismo político. Além disso, muita gente não recebeu bem os versos 'I'll kill you tonight' e 'I got a pickax in the trunk of my car', apenas duas mostras da 'sutileza' lírica que marca *Xero Tolerance*. Porém, se você é capaz de entender o que é ironia (e o que é um belo porre de vodca barata), terá ótima música para apreciar neste álbum, o prelúdio daquela sonoridade gótica e explosiva que ganharia o mundo com *Bloody Kisses* (1993) e *October Rust* (1996).

Valtemir Amler



Josh Silver, Peter Steele, Kenny Hickey e Sal Abruscato na estreia do Type O Negative

Divulgação

Brasil Revistas

O Made in Brazil vinha de uma trajetória marcada por três discos com três vocalistas diferentes: Cornelius Lucifer, Percy Weiss e Caio Flavio. Cansado da interminável troca de cantores, no início dos anos 80 o baixista e líder Oswaldo Vecchione resolveu radicalizar: assumiu ele mesmo a função (posto que ocupa até hoje, aliás). E como a banda havia sofrido uma debandada total após o disco anterior (*Pauliceia Desvairada*, de 1978), ele teve que começar do zero. "Chamei Kim Kehl (guitarra) e Índio (bateria). Os dois eram do Lírio de Vidro, ou seja, eu acabei com a banda...", comentou ele, rindo, em entrevista para o "Background" do Made in Brazil (edições #144, #145 e #146). Além deles, também foram convidados dois músicos da banda argentina Burmah, o tecladista Javier Staricco e o guitarrista Eduardo Deposse.

Em *Minha Vida É Rock'n'Roll* Oswaldo Vecchione assumiu os vocais do Made

E acabou sendo o disco que Oswaldo sempre quis fazer, pois pela primeira vez tinha controle de todo processo, sem nenhum sócio, papel que seu irmão Celso Vecchione, Percy e o baterista Ricardo Fenilli haviam assumido ao longo da carreira da banda. "Em todos os nosso trabalhos há músicas que eu talvez não tivesse incluído. Mas em *Minha Vida É Rock'n'Roll* eu gravei o que eu quis e do jeito que eu quis. E de lá pra cá tem sido sempre assim", revelou ele, que também assinou a produção do álbum.

Uma dessas músicas que ficaram de fora de outros trabalhos está justamente a faixa-título, já que o vocalista anterior, Caio Flavio, não curtia muito. Mas, uma vez lançada, acabou se tornando o maior hit do grupo.

Como sempre em se tratando do Made, inúmeros convidados participam do disco, como o guitarrista Tony Babalu, o baterista Juba (atualmente na Blitz) e os à época ex-Made Cornelius Lucifer e Celso Vecchione.

Do repertório de treze músicas Oswaldo assina sozinho nove delas. E além de rockões como a faixa-título, *Fim de Semana*, *Rock'n'Roll Suicídio* e *Eu Quero Mesmo É Tocar*, há espaço para temas bem mais malemolentes, como *Menina* e *Gatinha Fujona (Volta pra Mim)*, que surgem repletos de percussão, com direito até a cuíca.

Um dos legados do disco está na já citada faixa-título, que já recebeu várias versões e é lembrada por incontáveis bandas. "Se você vai num bar em que alguma banda toca cover de bandas nacionais, *Minha Vida É Rock'n'Roll* é quase obrigatória." Oswaldo não vê problema quando alguém quer gravar a música: "Libero de graça, tranquilo. Só faço questão que coloquem meu nome."

Antonio Carlos Monteiro

1981 MADE IN BRAZIL
Minha Vida É Rock'n'Roll

URIAH HEEP 2011
Into the Wild

Se considerarmos a coletânea comemorativa *Celebration – Forty Years of Rock*, *Into the Wild* é o 23º álbum de estúdio do Uriah Heep. Produzido por Mike Paxman (Status Quo, Asia), foi o primeiro pela Frontiers Music. "Fizemos a coisa da mesma forma de quando produzimos *Wake the Sleeper* (2008). Paxman sabe tirar nossa melhor performance, dá boas ideias e consegue antecipar como a música poderá soar melhor", declarou o vocalista Bernie Shaw à ROADIE CREW.

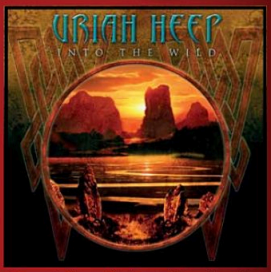
Além da costumeira classe e boa performance de Shaw, o trabalho mostra Mick Box (guitarra), Trevor Bolder (baixo), Russell Gilbrook (bateria) e Phil Lanzon (teclado) ampliando algumas características marcantes da lenda inglesa, como os coros, o Hammond e o wah-wah. Segundo o vocalista, a forma de gravação foi similar ao que ocorria nos anos 70. "Chegar lá e mandar ver, para garantir a mesma energia e força de quando tocamos ao vivo. Nossa intenção é ter a magia, o carisma e a vibração dos cinco caras gravando dentro da mesma sala. A coisa é mais direta e vibrante", explicou.

Em 2011, Mick Box, Phil Lanzon, Bernie Shaw, Trevor Bolder e Russell Gilbrook estrearam pela gravadora italiana Frontiers

Com metade das faixas do repertório prontas, a gravação de *Into the Wild* durou um mês. "Mick e Phil de vez em quando se isolavam e passavam horas trabalhando em músicas novas. Tudo bem que, às vezes, eu levava um vinho tinto para dar uma clareada na mente deles", recordou Shaw.

O disco, que teve arte da capa a cargo do artista grego-americano Ioannis (Sepultura, Deep Purple, Lynyrd Skynyrd, Styx e outros), trouxe uma dose extra de adrenalina e a pegada firme e criativa de Gilbrook, que se mostrou uma escolha acertada para substituir o saudoso Lee Kerslake, como se comprova em *Money Talk*. O primeiro single, porém, foi para a faixa de abertura, *Nail on the Head*, que também saiu em clipe.

Em sua despedida, Bolder, falecido em 2013, assinou a faixa *Lost*. "As músicas de Trevor são um pouco diferentes, mas dão certa diversidade aos álbuns", avaliou Shaw, que teve problemas de saúde e foi substituído em algumas datas da turnê, em 2013, por ninguém menos que o ex-Heep e Lucifer's Friend, John Lawton, falecido no último dia 29 de junho.



O repertório ainda traz outras músicas instigantes e marcantes, como *I'm Ready*, *I Can See You*, *Into the Wild*, *Southern Star*, *T-Bird Angel* e a bela *Kiss of Freedom*, mais próxima do Heep dos anos 70. Assim, *Into the Wild* mostrou o quanto o Heep ainda tinha relevância e conseguia surpreender seus fãs.

Ricardo Batalha

Brasil Revistas

Nemesis: os primórdios do Candlemass

Candlemass

O NASCIMENTO DO EPIC DOOM METAL PARTE 1

Os primeiros anos e os primeiros clássicos dos gigantes suecos do doom metal

Acesso Exclusivo Telegram Brasil Revistas

Por Valtemir Amler

No ano passado, durante uma entrevista em que promovia o lançamento do EP mais recente do Candlemass (*The Pendulum*, 2020), o líder da maior instituição mundial do doom metal foi confrontado com uma pergunta simples: "Para você, o que é o som do doom?" Simples como a pergunta, veio a resposta, sem titubear, sem pensar melhor e sem falsa modéstia: "Posso responder isso com três palavras: *Epicus Doomicus Metalicus*." A afirmação simples fazia tanto sentido que sequer foi questionada. Ninguém virou os olhos diante do artista ou viu ali qualquer tipo de prepotência. Era apenas e tão somente a verdade. Uma constatação que é testificada e corroborada pela História.

Verdade também é que toda jornada tem um começo e o início desta está distante quase que seis décadas no tempo. Mais precisamente em 1963, quando, em 6 de agosto, nasceu o baixista Leif Erik Edling, na Suécia. Como convém, nossa narrativa tem alguns pequenos saltos, passa por momentos mais calmos e outros mais tempestuosos, mas os primeiros anos de Leif foram como os de qualquer criança: um período de experiência, de aprendizado e de grandes e definitivas descobertas.

A música, parte fundamental da vida daquele jovem sueco, sempre esteve ali, à espreita, apenas esperando o momento ideal para aparecer e tomar conta de sua vida por completo. A ela, Leif primeiro se entregaria como fã devotado e depois como trabalhador inveterado, um artista sem folga ou limites, que atuaria literalmente até a exaustão na criação de uma obra única e de valor inestimável. Uma obra que nem ele mesmo consegue ao certo identificar o tamanho ou a importância, mas que desde então vem fomentando ideias e influenciado centenas de outros músicos ao redor do mundo. Com as influências certas, o impulso de um trabalho constante e um vigor acima da média, Leif foi um dos criadores daquilo que chamamos "epic doom metal".

Após um curto período como Nemesis, Leif Edling, Mats Ekström e Mats Björkman estavam de volta como Candlemass

Da gênese à nêmese: um prenúncio à jornada

Vindo de uma família que dedicava grande atenção à música, foi fácil para Leif encontrar as primeiras obras que mudariam seu ponto de vista em relação à música. Nascido na primeira metade dos anos 60, ele começaria a dedicar uma atenção cada vez maior às bandas que ia descobrindo e já nos primeiros anos da década seguinte era um apaixonado por heavy metal. Sua banda favorita, como você certamente já adivinhou, era um certo quarteto de Birmingham (ING) que começava a ganhar o mundo justamente naquela época. "A influência do Black Sabbath na minha música é enorme, claro", diz Edling, como sempre sem rodeios, "mas também fui influenciado pela NWOBHM e pelas primeiras bandas de metal dos Estados Unidos, então não é como se eu fosse alienado pelo Black Sabbath."

Porém, o grupo britânico seria definitivo na experiência do baixista, que declara o segundo disco gravado por Ozzy Osbourne, Tony Iommi, Geezer Butler e Bill Ward como o primordial para a sua jornada como fã de música: "Eu ganhei *Paranoid* da minha mãe quando tinha 7 ou 8 anos de idade. Era algo em volta de 1971 ou 1972 e ainda acho que ele contém algumas das melhores músicas já criadas. Teve um impacto enorme em mim, claro". Dali em diante, já absolutamente fanático pelo estilo mais visceral de música que existia, ele começou a consumir a música no mesmo ritmo em que descobria novas bandas, tornando-se um frequentador assíduo das lojas de discos de Estocolmo: "Comecei a comprar discos em 1973 ou 1974, e tantos álbuns ótimos foram lançados naquela época", ele recorda, com certa saudade. "Sparks (banda de Los Angeles, que lançou *Halfnelson* em 1971 e que seria relançado em 1972 sob o nome *Sparks*), Uriah

Brasil Revistas

Heep, Bachman Turner Overdrive, Black Sabbath, Deep Purple, Rainbow... A lista não tem fim, tudo estava acontecendo naqueles anos", acrescenta.

A grande quantidade de referências foi formando ao longo do tempo uma visão única daquilo que Leif considerava música pesada. Ao lado dos riffs de guitarra pesados e intensos, sempre uma

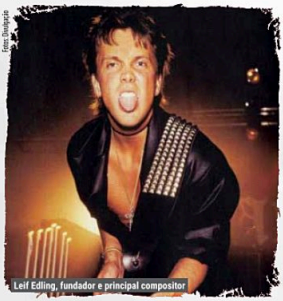


Foto: Divulgação

Leif Edling, fundador e principal compositor

dose elevada de melodia deveria ser acrescentada, tudo com o intuito de ganhar os ouvidos e fisgar os ouvintes através de um ambiente musical que ia além da repetição de progressões em um tempo determinado. "Existe algo sobre a música épica e pesada que, combinado com as guitarras altas e distorcidas do metal, cria uma mágica incrível no seu coração, mente e alma", ele divaga. Sobre isso, ele cita o álbum que melhor criou essa aura: "O Black Sabbath alcançou o pico com *Sabbath Bloody Sabbath*. Nem um único segundo naquele álbum é sequer razoável. É pura magia do início ao fim. E isso tudo complementado pela melhor arte de capa de todos os tempos", ele declara, colocando o disco de 1973 dos ingleses e a arte inconfundível de Drew Struzan (criador dos pôsteres para as séries de filmes "Star Wars", "De Volta para o Futuro" e "Indiana Jones") no mesmo patamar, algo que faz sentido quando a banda busca por uma obra completa, além das notas musicais.

Porém, embora a ideia de como uma banda deveria soar e se portar artisticamente já fosse forte em sua cabeça, ainda demoraria alguns anos até Leif de fato começar a tocar. Foi apenas aos 16 anos (no final da década de 70) que ele começou a tocar em bandas, primeiro ainda de maneira muito descompromissada e depois de forma cada vez mais séria. Sua primeira banda mais "profissional" foi o Trilogy, que, como muitos outros grupos da época, praticava um híbrido de hard rock e heavy metal. Pouco depois, participou também da banda Witchcraft, que obviamente nada tem a ver com aquela capitaneada por Magnus Pelander, formada apenas no ano 2000. Nenhuma dessas conseguiu de fato progredir e ambas jamais ultrapassaram o estágio das demos. Se queria conquistar algo real no mundo da música, ele precisaria seguir outros rumos.

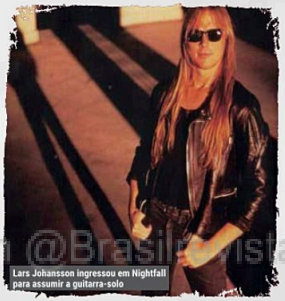
E foi justamente por saber disso que se desligou de ambas e, em 1982, fundou o Nemesis ao lado dos guitarristas Anders Wallin (solo) e Christian Weberyd (base), além do baterista Anders Waltersson. Aqui o então baixista e vocalista Leif Edling sentiria o primeiro gosto da composição, dos palcos e do público, algo que o cativaria para sempre. Com os pés cravados no som da New Wave Of British Heavy Metal, mas com os riffs latentes de Black Sabbath firmemente incorporados a sua trama, eles foram aos poucos cimentando seu nome na cena local, dando o passo definitivo em 1983, quando em dezembro adentraram o estúdio para gravar as cinco canções que fariam parte do seu EP de estreia.

Lançado com o título *The Day of Retribution* originalmente via Fingerprint Records em 25 de setembro de 1984, o disco trazia as primeiras composições de Leif, algumas delas que seriam mais tarde revisitadas com o Candlemass. Tanto quanto as ótimas composições, chama a atenção a precariedade de informações sobre o disco, que teria sido gravado na sala Nemesis Heavenly Songs do estúdio Praise, antes de serem masterizadas no Cutting Room, em Estocolmo. Hoje, novos e velhos fãs ficarão com a sensação de déjà vu ao ouvir a faixa de abertura, *Black Messiah*, já que ela apareceria anos mais tarde no álbum *Ancient Dreams* (1988) sob um novo nome, *Incarnation of Evil*. Outros ainda, os fãs mais devotados da NWOBHM, talvez percebam certa familiaridade ao ouvir o encerramento,

Jan Lindh, que substituiu Ekström em Nightfall

Goodnight, que nada mais é do que uma nova versão para *The Night Is Calling*, do Angel Witch. Curiosamente, essa última fazia parte do repertório ao vivo da banda britânica desde os seus primórdios, mas só ganhou uma versão oficial nas mãos de seus legítimos autores quase quarenta anos mais tarde, naquele que é o álbum mais recente do Angel Witch, *Angel of Light* (2019).

Em entrevista de 2019, o guitarrista e vocalista Kevin Heybourne, autor da composição original, se divertiu ao pensar que o Angel Witch só registrou uma versão oficial de sua música mais de


Lars Johansson ingressou em Nightfall para assumir a guitarra-solo

três décadas após o lançamento do cover: "Pois é, o mundo gira de maneira estranha às vezes, mas acho que tudo acabou sendo perfeito." Em outra conversa, ele completou: "Nós incluímos *The Night Is Calling* no set novamente há cerca de dez anos! Nós a amamos ela e sempre vai muito bem, então pensamos que deveríamos tentar fazer justiça à canção no estúdio. Nossa principal preocupação era que ela pudesse soar muito antiga, muito 'tocada' e que não parecesse com algo novo, mas acho que acabou soando igual ao resto do álbum em termos de energia e vibração. Estou feliz por finalmente ter tido a chance de fazer isso corretamente."

Porém, o que não andava tão corretamente assim eram as coisas com o Nemesis. Após o lançamento do disco, a banda se viu diante de uma situação completamente inesperada. O próprio Edling explica: "No final de 1984, fomos forçados a mudar de nome por causa de direitos autorais. Havia uma rede de lojas de equipamentos eletrônicos chamada Nemesis no sul da Suécia e eles ameaçaram nos processar se não mudássemos o nome da banda." Com isso, a breve e promissora jornada do Nemesis chegaria ao fim, apenas para dar lugar para uma besta ainda maior e mais ameaçadora.

Acervo Digital Brasil Revistas @BrasilRevistas

Brasil Revistas

Com os vocais de Messiah Marcolin (centro) o Candlemass assumiu uma postura mais profissional e pronta para as apresentações ao vivo

Acendam as velas...

Como o Nemesis precisava ficar de lado, nascia em 1984 o Candlemass. Ainda ocupando o posto de baixista e vocalista (mas já começando a perceber que essa não seria a melhor alternativa para sua música), Leif tinha ao seu lado dois parceiros de Nemesis, Mats Ekström (que entrou no lugar de Waltersson) e Christian Weberyd, e inicialmente contou também com a guitarra de Johnny Reinholm (ex-Mercy e Shock Tilt). Com essa formação o Candlemass não passaria de algumas demos, e mais tarde se estabilizaria com o seu trio principal – Leif Edling (baixo), Mats Björkman (guitarra) e Mats Ekström (bateria) –, ainda sem a presença de um vocalista. Conforme o processo de composição prosseguia, Leif seguia gravando os vocais nas demos, cada vez mais consciente de que precisaria de um ótimo vocalista para alcançar o real potencial daquelas canções.

Mesmo com uma formação incompleta, Edling já apresentava um conceito muito claro de como deveria soar o Candlemass, e com isso, o processo corria rapidamente. Ainda em 1985, canções como *Demons Gate*, *Crystal Ball*, *Dark Reflections* e *Under the Oak* começaram a ganhar suas formas definitivas. Com os vocais provisórios de Edling, a demo foi enviada para algumas gravadoras e logo rendeu aos garotos o seu primeiro contrato de gravação: um modesto acordo de "um único disco" com uma verba de menos de dois mil dólares com a gravadora francesa Black Dragon Records, responsável também pelo lançamento de discos de Chastain, Savage Grace, Liege Lord e Manilla Road, entre outros de menor expressão.

Com tudo acertado, o trio rumou para o Thunderload Studio, em Estocolmo, onde seu primeiro álbum ganharia os contornos completos. O estúdio, que ficava em um porão localizado em uma estação de metrô e era capitaneado por Ragne Wahlquists (Heavy Load), fora usado uma vez por Yngwie Malmsteen, que tinha gravado uma demo de boa qualidade por lá. Para auxiliar no processo, eles contariam com o trabalho do guitarrista solo Klas Bergwall (da banda Night Arrow, depois renomeada Grace), que daria novo corpo aos riffs sólidos de Mats Björkman. Ainda mais importante, finalmente eles encontravam um vocalista à altura de suas composições, embora ele apenas aceitasse a empreitada como músico contratado. Johan Längquist, então vocalista da promissora Jonah Quizz, emprestaria sua voz ao Candlemass, mas deixava claro que seria apenas para a gravação do álbum.

Dono de uma voz impressionante e de uma abordagem única, em entrevista ao The Razors Edge ele recordou como se tornou vocalista: "O que normalmente acontece quando você começa uma banda é que alguém fala: 'Eu fico com a bateria'; outro diz: 'Eu fico com a guitarra'; e por fim vem o 'Eu fico com o baixo'. Aí já não havia mais nada para mim! Então foi: 'Tudo bem, eu posso fazer os vocais'. Alguns instrumentos têm mais status do que os vocais quando você é muito jovem. Você cresce e então percebe que todos são necessários."

Parte do Jonah Quizz desde sua fundação, em 1979, Längquist recorda nesta mesma entrevista como juntou-se ao Candlemass para a gravação do debut, *Epicus Doomicus Metalicus*: "Sim, eles estavam procurando por um vocalista e tinham um baterista que morava em Jocose Bay", recordou. "Ele me perguntou se teria interesse em fazer *Epicus* com eles. Mais tarde eu os conheci e disse-lhes que estava muito envolvido com minha banda e que, embora fosse ótimo cantar no álbum, também teria que continuar a trabalhar em meu próprio projeto. Eles decidiriam se estava tudo bem com isso. Nós conversamos a respeito e obviamente eu não poderia deixar minha própria banda. De qualquer maneira, eles ficaram felizes por eu ter feito os vocais."

Fato curioso é que, embora privilegiasse o trabalho com o Jonah Quizz, Längquist nunca havia gravado nada além de demos com o grupo, sendo *Epicus* também o seu debut naquilo que se refere a algo realmente profissional. Ele, porém, sempre destacou que sua recusa não tinha a ver com o fator musical, mas com o momento em que vivia na época e a busca pelo sucesso com a sua própria banda: "Sabe, quando gravamos *Epicus* eu já tinha família e um filho. Quando eu tinha 24, 25 anos, eles me perguntaram: 'Você poderia se juntar a nós e fazer uma tour?' É claro que eu precisava ganhar dinheiro para pagar as contas. Eu não poderia deixar a minha família naquela época."

A verdade é que *Epicus Doomicus Metalicus* é um dos álbuns mais sólidos de sua geração. Repleto de melodias pungentes, riffs sólidos, andamentos lentos e um clima épico complementado por letras imperativamente lúgubres, o álbum basicamente fundou os alicerces do epic doom e gravou em definitivo composições clássicas como as sempre reverenciadas *Solitude*, *Demons Gate*, *Under the Oak* e *A Sorcerer's Pledge*, que conta ainda com a participação especial da vocalista Cille Svenson, que fez aqui sua única participação no universo da música pesada.

Ainda assim, o álbum não foi uma unanimidade na época. Longe disso, muitos questionavam a qualidade daquele material, como Längquist recorda: "Muitas pessoas pensaram que era muito incomum, eles nunca tinham ouvido nada parecido antes e talvez aquele disco fosse um pouco à frente do seu tempo na época. Algumas pessoas até riram quando ouviram as demos." No fim das contas, o álbum de estreia do Candlemass havia vendido bem menos do que o esperado e,

Epicus Doomicus Metallicus (1986)

Nightfall (1987)

até onde eles sabiam, tinha encontrado uma recepção muito morna nos círculos do heavy metal. Claramente, pensavam eles, as pessoas não tinham captado a mensagem daquelas músicas, tampouco conseguido criar um vínculo com aquelas canções. Eles ainda não sabiam, mas a verdade estava bem longe disso. Porém, Leif e seus parceiros já haviam decidido que não perderiam tempo com questionamentos vazios e dúvidas sabotadoras. A melhor estratégia nesse momento era seguir adiante, planejar o próximo passo e criar algo ainda maior. E para isso, dessa vez eles precisariam de um vocalista que realmente se juntasse ao grupo.

Ao cair da noite

Sem uma noção clara do impacto do seu álbum de estreia, o Candlemass sentia que precisava atacar os palcos para alcançar de uma forma mais apropriada

Messiah Marcolin, com seu tradicional traje de monge ao centro

os fãs de metal, e a única maneira de fazer isso seria contando com um vocalista, alguém que assumisse o posto e estivesse disposto a sair em turnê com o grupo. O que eles mal poderiam imaginar é o tipo de figura que apareceria em seu caminho, tampouco o tamanho do impacto que ela teria em sua música. Claro, a tal figura seria Bror Jan Alfredo Marcolin, ou Messiah Marcolin, um vocalista sueco que sonhava ser baterista e que havia trabalhado com a banda Mercy.

Fora do usual desde o contato inicial, Messiah explicou ao Metal Rules como foi seu primeiro contato com a música do Candlemass e seu autor, Leif Edling: "Quando ouvi *Epicus* pela primeira vez, havia sido enviado a mim por um jornalista em uma fita cassete. Eu amava a música do Trouble, de Chicago, uma banda muito pesada doom. Então o jornalista me mandou essa fita com o Candlemass e eu fiquei tipo: 'O que é isso?' Ele me disse que era uma banda sueca. Eu respondi: 'De jeito nenhum! Bandas suecas são uma merda.' Bem, não pude acreditar que era uma banda sueca, era bom pra caralho", ele explica. "Eu amei aquelas músicas, perguntei se eles tinham um vocalista e o jornalista respondeu: 'Não, eu acho que é um músico contratado.' Eu perguntei se ele poderia descobrir o telefone do compositor, Leif Edling, ele prometeu que sim e me ligou em seguida dizendo que tinha conseguido. Comecei a ligar para Leif todas as noites e pensava: 'Sim, eu sou seu novo vocalista e vou entrar na sua banda.' Leif achava que eu estava louco e estava certo. De qualquer forma, continuei ligando e tocando minhas músicas doom com o violão para mim mesmo. Ele realmente pensava: 'Esse cara é muito louco.' Então um dia ele se cansou de mim e disse: 'Se você se mudar para Estocolmo, onde temos nossa sala de ensaios, podemos fazer uma audição.' Liguei para ele uma semana depois e perguntei quando seria a audição."

A determinação de Messiah era tão grande que, de fato, ele conseguiu a vaga já no primeiro momento. Com sua presença, muito mais do que apenas a voz mudou no Candlemass: toda a banda passaria para um estágio muito mais profissional e isso de cara refletiria em mais mudanças na formação. Para começar, eles decidiram que precisavam que um guitarrista solo fixo, não mais recorreriam ao trabalho de um músico contratado. Outro ponto seria a bateria, algo que nem poderíamos imaginar que seria um problema. Deixemos que Marcolin explique os próximos passos: "O Candlemass era apenas o baixista e compositor Leif e Mappe na guitarra, eles eram os caras originais. Eles tinham o baterista Mats Ekström, mas ele tinha problemas para tocar ao vivo, ele dizia: 'Oh, não quero tocar para as pessoas, estou com muito medo e fico nervoso.' Deixamos claro que ele precisava fazer uma escolha: você não pode estar em uma banda se não puder tocar para ao vivo, pois essa é a razão de se fazer música. Então ele saiu e tivemos que arranjar um novo baterista e um novo guitarrista principal para reunir a banda e começar a conseguir alguns shows."

De cara, as mudanças surtiram efeito, primeiro nos palcos: "Fizemos alguns shows na Suécia, quatro ou cinco, então o sexto foi com King Diamond porque eu enviei nossos álbuns para ele e perguntei se eles queriam ter uma boa banda de apoio", contou Marcolin. "Enviei o álbum *Epicus* e ele disse: 'Sim, claro que vocês podem ser nossa banda de abertura em Oslo, Estocolmo e Copenhague.'" A postura proativa no novo vocalista, aliado a sua vontade e enorme força de trabalho, guiavam a banda sueca por um novo caminho, muito mais firme do que o imaginado, e Marcolin não tem falsa modéstia para relembrar isso: "Eles (o Candlemass) levaram um verdadeiro chute na bunda para acordar, eles eram muito preguiçosos. Se eu não tivesse entrado para a banda, provavelmente nada teria acontecido. Quando fiz a audição, conhecia as músicas melhor do que ninguém, porque eles não tinham ensaiado desde o álbum de estreia. Eu estava muito determinado com o material e com a banda."

Com as coisas devidamente estabilizadas, era hora de dar também o próximo passo no estúdio gravando um novo álbum. Estabilizados com Leif Edling (baixo), Mats "Mappe" Björkman (guitarra base), Lars "Lasse" Johansson (guitarra solo), Jan Lindh (bateria) e Messiah Marcolin (vocal), o Candlemass adentrou o Thunderload Studios em julho de 1987 e saiu de lá apenas em setembro do mesmo ano, já com *Nightfall* pronto. Produzido pela própria banda, o álbum traria em seu repertório clássicos eternos, como *The Well of Souls*, *At the Gallows End*, *Samarithan* e *Bewitched*, canções que seriam repetidas à exaustão nas turnês posteriores. Porém, ao lado de Marcolin, este era apenas o início da jornada do Candlemass, e muito ainda havia para ser feito. *Continua...*

Nightfall foi o primeiro álbum com a formação clássica: Lindh, Edling, Marcolin, Björkman e Johansson

Brasil Revistas

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br a fala fidelidade para todos

Por Thiago Prata • Foto: Fred Guerrero

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

BLACK SABBATH

ÁLBUM: BLACK SABBATH (1970)
MÚSICA: THE WIZARD

"Essa música define simplesmente o começo de tudo para mim, literalmente. Meus pais sempre curtiram som, tanto que minha mãe conheceu meu pai em um show de sua banda, que se chamava Éter na Mente (risos). Quando eu tinha 4 anos de idade, em um ambiente onde sempre se ouvia rock, blues, hard rock e heavy metal, estava rolando essa música no toca-discos do meu pai. Quando o perguntei o que era, ele me explicou que se tratava de *The Wizard*, música do primeiro álbum da banda Black Sabbath, que era uma de suas favoritas, ao lado de Led Zeppelin, Deep Purple e Yes, dentre outras. A partir daquele dia, passei a querer saber o nome de músicas, discos e bandas de tudo que rolava em casa. O Black Sabbath é, até hoje, o grupo mais importante para mim."

MASTODON

ÁLBUM: CRACK THE SKYE (2009)
MÚSICA: THE CZAR

"É muito louco quando ouvimos uma banda em determinado momento de nossas vidas e não gostamos, seja por imaturidade, limitação de repertório musical ou mesmo por simples falta de interesse. Porém, tempos ou mesmo anos depois ouvimos a mesma banda e nos surpreendemos com seu trabalho e viramos fãs. Posso dizer que isso já ocorreu diversas vezes comigo ao longo dessa vida inteira sendo fanático por música, em especial rock e metal. Isso aconteceu comigo com o Mastodon. E essa faixa, *The Czar*, marcou de forma poderosa meu interesse pela banda que, através da minha namorada, Letícia, passei a conhecer mais a fundo. Cheguei a ver a banda ao vivo e não dei tanta importância. Hoje me tornei grande fã e considero essa faixa uma das composições mais brilhantes do gênero."

DISSECTION

ÁLBUM: REINKAOS (2006)
MÚSICA: BLACK DRAGON

"Considero os trabalhos anteriores de Jon Nödtveidt, *The Somberlain* (1993) e *Storm of the Light's Bane* (1995), dois marcos na história da música extrema. E são muito importantes para mim. Aí, depois de um hiato de mais de dez anos quanto a discos de estúdio e após Jon cumprir pena, *Reinkaos* apresenta uma musicalidade diferente, porém, com o habitual toque de maestria nas composições. Esse álbum se tornou rapidamente um dos favoritos da minha coleção. Lembro de comentar com um amigo que somente pararia de ouvir *Black Dragon* depois que completasse 666 ouvidas (risos). Mas nesses anos todos eu já a ouvi muito mais que isso."

MALEVOLENT CREATION

ÁLBUM: THE WILL TO KILL (2002)
MÚSICA: THE WILL TO KILL

"O Malevolent Creation faz meio que parte da minha 'escola do death metal' e me inspira há muito tempo. Quando esse disco foi lançado, me recordo de ter ficado muito impressionado com tamanha agressividade, que pode ser muito bem resumida pela faixa-título. Foi o primeiro de dois álbuns gravados pelo vocalista Kyle Symons com a banda, ele que se tornou uma grande referência em termos de vocal gutural/rasgado para mim, me influenciando até hoje. Sempre que penso em como definir death metal, acabo tendo minhas lembranças totalmente remetidas a esse play."

TESTAMENT

ÁLBUM: THE RITUAL (1992)
MÚSICA: RETURN TO SERENITY

"O Testament é uma de minhas bandas favoritas do gênero thrash metal e até possuo outros álbuns de maior preferência na discografia dos norte-americanos. Porém, essa 'balada', além de ser uma composição muito bela e inspirada, possui um dos solos de guitarra que considero mais marcantes para meu gosto musical. Trata-se de ninguém menos que Alex Skolnick, um dos meus 'guitar heroes', que possui outra composição que faz parte do meu top 5 de solos de guitarras, que seria junto à banda Savatage, na faixa homônima do álbum *Handful of Rain* (1994)."

VULTURE

ÁLBUM: DESTRUCTIVE CREATION (2012)
MÚSICA: RIDERS OF A NEW AGE

"O Vulture é uma das bandas mais importantes do underground brasileiro, além de uma grande influência para mim também. Eles trabalham duro e estão no corre desde a década de 90. Somos grandes amigos e me sinto honrado por ser próximo e poder acompanhar a carreira deles há mais de duas décadas. Essa faixa, além de poderosa, com riffs cortantes e um refrão muito marcante, me acompanhou em um momento bem complexo e sombrio da minha vida. Sempre que a ouço me sinto muito bem."

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 20º ANIVERSÁRIO
DO ÁLBUM, COM FAIXAS BÔNUS
E NOVO ENCARTE.

SOUND CITY RECORDS
www.soundcityrec.com.br

WWW.TORTURESQUAD.COM.BR

Valhall Music
www.valhallmusic.com.br

Brasil Revistas

MONSTER MAGNET

Acesse nosso canal no Telegram (@brasilrevistas

MELHOR E COM (BOA) MÚSICA

Dave Wyndorf conta como surgiu a ideia de um disco com covers de bandas obscuras e, sincero, descreve o papel do Monster Magnet na música pesada

Por Daniel Dutra

À exceção de subir ao palco para uma plateia cheia de fãs, a maioria das bandas mundo afora fez o que estava ao seu alcance para manter as atividades durante a pandemia. Especialmente, tivemos shows em streaming pagos ou não, shows em streaming que viraram CD e DVD e, claro, novos álbuns de inéditas. No entanto, a mente inquieta de David Wyndorg, vocalista, guitarrista e líder do Monster Magnet, resolveu escolher algumas canções obscuras de bandas igualmente obscuras, regravá-las e lançar *Better Dystopia*. Ao lado de Phil Caivano e Garrett Sweeny (guitarras), Chris Kosnik (baixo) e Bob Pantella (bateria), Wyndorf criou o que poderia muito bem ser um ótimo novo disco da banda. Na verdade, não deixa de ser, e aqui ele explica por quê.

Como você está neste momento complicado de pandemia?

Dave Wyndorf: Eu estou bem, obrigado! Sou muito cuidadoso e não contraí o vírus. No geral, as coisas estão boas para mim, então só estou de saco cheio, mesmo! (risos)

***Better Dystopia* é uma consequência direta dos lockdowns, de um período sem música ao vivo, mas acredito que o título também esteja relacionado ao que estamos vivendo...**

Dave: Sim, com certeza! Dei esse nome porque me lembrei da época em que a mídia gostava de dizer que tudo era distópico. Isso foi há muito tempo, no início dos anos 1970, quando eu era criança, e a mídia amava esse discurso porque tínhamos a guerra no Vietnã, houve rebeliões semanalmente durante anos, aconteceu o Charles Manson... Era uma época muito louca! Agora, pelo menos aqui nos Estados Unidos, os últimos quatro anos foram uma loucura por causa do Donald Trump. Somando a pandemia a isso, a mídia retomou o discurso sobre distopia, o que me fez pensar: 'Sabe? Eu já sobrevivi a dois períodos que a mídia chamou de distópicos, mas qual deles tinha a melhor trilha sonora? Sem dúvida aquele de quando eu era criança!'. (risos)

Isso torna a situação mais interessante, porque muitos artistas optaram por fazer shows via streaming, por exemplo, mas você decidiu gravar um novo álbum. E um de covers...

Dave: Eu quis me ocupar com algo, claro. Quando se tem uma banda, você quer tocar, mas eu não gosto muito da ideia do streaming por dois motivos: para começar, eu já nem gosto muito de fazer videoclipes tradicionais; e depois, sinceramente, achei que não tinha nada de especial para oferecer às pessoas. Não há como oferecer uma experiência ao vivo assim, então seria apenas a imitação de uma experiência ao vivo. Realmente, não me anima a ideia de ligar os amplificadores e tocar em frente a uma câmera! Por isso, achei melhor fazer um disco, que é algo que dura para sempre. E a melhor forma seria começar imediatamente e lançar o quanto antes.

E foi fazer um de covers, especificamente de bandas e músicas mais obscuras!

Dave: (rindo) Ah, mas foi porque achei que seria diferente. Na verdade, eu queria fazer dois discos... Quer dizer, eu

Brasil Revistas

ainda farei o segundo, porque será um novo do Monster Magnet, mas este eu ainda não compus (risos). Estávamos no meio de uma turnê quando a pandemia estourou, então eu não tinha nenhum material novo ou algo em processo de composição. Assim, decidi fazer esse álbum de covers primeiro, lançá-lo e começar a trabalhar no próximo trabalho do Monster Magnet. Acredito que será lançado em 2022, quando o mundo voltar a funcionar novamente.

Bom, tirando Hawkwind e Dust, as outras bandas de *Better Dystopia* são realmente obscuras para a grande maioria das pessoas. Assim, eu diria que o disco é uma lição de história musical. Faz sentido?

Dave: Com certeza, e é sempre divertido encontrar faixas desconhecidas de bandas antigas. Sou viciado em discos e sabia que boa parte da seleção para o álbum seria desconhecida para a maioria, então acho que será interessante para todos tanto quanto é para mim. Espero que o disco desperte a curiosidade das pessoas por essas bandas, que busquem seus trabalhos, porque são do fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, um período incrível da música, apesar de também um período tenebroso para a vida. Naquela época havia hard rock nas grandes paradas de sucessos, com Black Sabbath, Led Zeppelin, Uriah Heep, Deep Purple e outros, mas o que realmente vendia era country rock e rock mais suave, como Neil Young, Carole King e James Taylor. Por baixo disso tudo, havia uma fase muito estranha, que era o fim da psicodelia e o início do hard rock. E havia umas bandas estranhas! (risos) Isso foi antes de o rock se tornar uma máquina de fazer dinheiro, antes das arenas. Era quase uma coisa underground, então há vários grupos obscuros da época que as pessoas nunca ouviram.

E foi difícil filtrar até chegar aos 12 nomes do álbum?

Dave: Não foi tão difícil quanto pensei que seria. Se a minha ideia inicial fosse fazer covers das melhores faixas de hard rock de todos os tempos, aí seria diferente, mas não era isso o que eu queria. Queria tocar as músicas mais obscuras que eu gosto há anos, desde que eu era mais jovem. De certa forma, isso me obrigou a cantá-las corretamente, e em algumas eu acho que fiz jus ao original, honestamente. Eu jamais poderia gravar uma música do Led Zeppelin, porque não consigo cantar em tons tão altos, então mantive tudo dentro do meu alcance vocal para fazer de *Better Dystopia* não apenas um disco de covers obscuros, mas um trabalho que poderia facilmente ter sido escrito por nós, que soasse como um disco do Monster Magnet.

Falando especificamente sobre o Monster Magnet, a banda é uma das principais razões de o stoner rock ser o que é hoje: um gênero musical influente e relevante. Você já parou pensar nisso?

Dave: Se isso for verdade, eu me sinto honrado e agradecido pelas pessoas pensarem em nós de uma maneira que as inspire. Faço isso há muitos anos e sempre quis... Sabe, era fim dos anos 1980 quando começamos, e naquela época não havia muita gente pensando na música do início dos anos 1970 e fim da década de 1960. Até havia o Grateful Dead, mas as músicas que eu ouvia quando era criança não eram representadas na música moderna, mas eu sempre achei que poderiam ser. Não achava que o rock psicodélico deveria ficar trancado na década de 1970. Havia espaço suficiente

A BETTER DYSTOPIA
Napalm - Imp.

no mundo para essa música prosseguir, e decidi representar esse estilo. Depois de um tempo, vi outras bandas nesse caminho, surgidas depois de nós, e fiquei imensamente feliz porque isso me fez sentir que tinha amigos! (risos) De fato, acho que o Monster Magnet e o Kyuss pavimentaram esse caminho.

E o que você pode dizer sobre a cena hoje em dia, 30 anos depois de *Spine of God* (N.R.: o disco de estreia do Monster Magnet, lançado em 1991)

Dave: Trinta anos, cara! Isso só prova que eu estava certo! Esse tipo de música não poderia simplesmente morrer nos anos 1970. É uma forma honesta e justificável de gênero musical que deve existir para sempre. Há uma determinada mentalidade nesse gênero que as pessoas compartilham, e os jovens também!

E depois de dar o pontapé com *Spine of God*, o Monster Magnet lançou uma obra de arte chamada *Powertrip* (1998), que definiu a grandeza da banda no gênero. É o seu trabalho mais bem-sucedido, mas deveria ter ido muito mais longe...

Dave: Poxa, obrigado! O *Powertrip* foi muito bem recebido, tinha um apelo comercial, e acho que foi o disco certo do Monster Magnet para a época certa. Ele chegou às rádios, mas acredito que não ficamos gigantes por culpa minha, porque não sigo o que o "rock para as rádios" faz. Nunca faço o mesmo álbum duas vezes, e isso é meio o que se deve fazer se você quiser crescer mais e mais. As bandas grandes têm que fazer o mesmo disco pelo menos umas três vezes. Além disso, os ingredientes do Monster Magnet, como letras e referências, sempre foram muito complicadas para o público de massa entender. São referências ao passado, sátiras, sarcasmo e humor, e muitas pessoas não sabiam se deveriam rir ou levar a sério. Creio que essas coisas nos impediram de ser um nome gigantesco como o Metallica, mas tem também o fato de que a época não era muito propícia para surgir outra grande banda. Se você parar para pensar, não houve outro grande nome no fim dos anos 1990, e o rock como algo realmente grande acabou ali. Houve boas bandas como o Foo Fighters, que não é exatamente rock, mas pop rock, e teve o Limp Bizkit com aquele tipo de rock que não durou muito. Foi o fim de uma era, e o Monster Magnet foi a última banda de rock old school, então provavelmente chegamos um pouco atrasados (risos). No entanto, o que eu sempre quis foi somente viver de música, porque nunca tive meus olhos na conquista do mundo. Basicamente, eu nunca quis ter de trabalhar novamente na sociedade comum! (risos) Sou bom fazendo música, é o que eu amo fazer, e sempre foi esse o objetivo: explorar minhas fantasias adolescentes, transformar minha adoração por música quando criança na minha vida adulta e fazer isso durar o máximo possível. E digo a você que está durando bem mais do que pensei que duraria! Achei que depois de *Powertrip* seria o fim, mas o Monster Magnet ainda está aqui. É incrível!

Muito obrigado pelo papo. O espaço final é todo seu, se quiser acrescentar algo.

Dave: O prazer foi meu! Fico feliz que as pessoas estejam gostando do *Better Dystopia*, porque essas músicas realmente merecem ser ouvidas novamente ou pela primeira vez pela maior quantidade de pessoas possível. São muito legais e não devem ficar escondidas nas sombras.

Brasil Revistas

Com disco novo do Joel Hoekstra's 13, o guitarrista do Whitesnake e do Trans-Siberian Orchestra conta como a pandemia o fez trabalhar muito mais

Por Daniel Dutra

Responsável por um dos discos mais legais de 2021, *Running Games*, do seu projeto Joel Hoekstra's 13, o guitarrista fala não apenas dos detalhes que diferenciam o novo do trabalho do álbum de estreia, mas de como tem pegado muito pesado em vez de ficar de pernas para o ar em casa. Com o Whitesnake e o Trans-Siberian Orchestra fora dos palcos por causa da pandemia, Joel Hoekstra tem criado mais música do que o normal, incluindo um novo supergrupo organizado pela Frontiers, e relembra um pouco de diversão nas quadras de basquete. Curioso? Aumente o som e mergulhe na entrevista.

Antes de qualquer coisa, uma pergunta que eu gostaria de parar de fazer: como você está neste momento de pandemia? (risos)

Joel Hoekstra: Eu estou bem, obrigado, e não posso reclamar. Tenho estado bem ocupado tocando guitarra, o que mantém o dinheiro entrando na conta, então não perdi muito nos últimos tempos. Terminei o meu disco; lancei o projeto Echobats com Tony Harnell (N.R.: ex-vocalista do TNT); tenho gravado videoaulas na quarentena; estou trabalhado no projeto com Michael Sweet e Nathan James (N.R.: o guitarrista e vocalista do Stryper e o vocalista do Inglorious, respectivamente); faço master classes no Rock 'n Roll Fantasy Camp e, também, aparições; componho com outras pessoas, inclusive com meu amigo Jim Peterik (N.R.: ex-vocalista do Survivor)... Cara, eu estou totalmente ocupado! É muito diferente dos anos em que estou na estrada.

Acesse nosso canal no telegram.com/Brasilrevistas

E eu imaginando que haveria mais tempo livre de 2020 para cá, por causa da pandemia e o fato de as turnês terem sido adiadas...

Joel: (rindo) Ah, eu nem chamaria de folga, mesmo, porque é um tempo para fazer coisas novas. Estou bastante ocupado, sim, mas parece que estou trabalhando muito mais agora do que antes (risos). Só que, honestamente, não é tão divertido assim ficar em casa o tempo todo para fazer tudo isso, porque sair em turnê é ótimo! Afinal, ser pago para viajar o mundo todo e tocar para milhares de pessoas não é uma vida ruim (risos), e eu sinto falta disso. Ao mesmo tempo, é importante se manter ocupado e ser produtivo nesse período que estamos vivendo.

Falando agora sobre o *Running Games*, eu gostaria de destacar algumas mudanças que achei significativas em relação ao *Dying to Live* (2015). Começo com o trabalho de guitarras, pois há muito mais camadas e detalhes.

Joel: Legal você ter percebido isso. Obrigado! Eu basicamente peguei o riff principal e o quadripliquei, então parece que são quatro de mim tocando, por isso soa cheio e enorme. Gosto muito de overdubs, especialmente nos refrãos; de elementos que melhorem algumas seções; e, claro, também curto uma 'fritação' aqui e ali, você sabe (risos). Tudo isso adiciona textura às músicas, mas há o trabalho magnífico do Chris Collier para balancear tudo isso com a mixagem. Isso depois de ler milhões de anotações que ele faz, normalmente quando está quase querendo me matar (risos), mas sempre conseguimos sair vivos.

Brasil Revistas

Outro aspecto legal no álbum é que há espaço para todos os músicos brilharem. Os teclados do Derek Sherinian estão bem proeminentes, por exemplo.

Joel: Sim, e eu quis dar mais espaço ao Derek no novo disco. Sinceramente, eu não estava certo se queria ter teclados em *Dying to Live*, porque enquanto compunha as músicas eu pensava: 'Acho que isso não serve para teclados. Está muito pesado'. No fim das contas, em todos os solos do Derek, parecia que ele estava querendo se livrar dos solos de guitarra, e em algumas, que eu esqueci quais são, ele tocou o solo no meu lugar. Assim, em *Running Games* eu quis deixar espaço para trocarmos solos, passarmos a bola um para o outro.

Por último, o novo álbum é mais orientado para o melodic hard rock, apenas de algumas canções mais pesadas garantirem uma diversidade sonora...

Joel: Há mais material pesado em *Dying to Live*, com algumas coisas mais melódicas do hard rock, músicas nas quais acreditávamos e que tinham a energia da época, aquele som quase alternativo. Eu gosto de misturar tudo, mas a Frontiers pediu que eu fosse mais focado desta vez (risos). Fiz desse jeito, e as pessoas têm gostado.

E gostaria de destacar algumas músicas agora, começando por *Finish Line* porque não consigo deixar de pensar em *We Rock*, do Dio, quando a escuto. Faz sentido?

Joel: Com certeza, porque o riff é inspirado no Dio, apesar de refrão e ponte já não serem tão Dio. No geral, eu diria que o Joel Hoekstra's 13 é assim: o lado pesado é mais Dio, e o lado leve, mais Foreigner. Bom, eu não sei se o refrão de *Finish Line* parece com Foreigner (risos), mas há os momentos em que as pessoas podem reconhecer as duas bandas. E acho legal usar essas influências. Além disso, como eu tinha Russell Allen e Vinny Appice comigo, falei para mim mesmo: 'Cara, é lógico que vai ter um pouco de Dio aqui!'.

Acesse o canal no Telegram: t.me/brasilrevistas

A segunda música é *Fantasy*, que mostra exatamente a diversidade do álbum, porque é mais heavy rock do que melodic hard rock. Além disso, e perdoe o meu francês, que refrão foda de bom e de grudento!

Joel: (rindo bastante) Cara, isso é ótimo. Obrigado! Eu criei um riff para que o Vinnie pudesse tocar por cima, com aquelas pausas para ele descer o braço... Na verdade, eu quis deixar bastante espaço do tipo para ele no disco. E gosto muito de refrãos assim, daqueles que nos empurram e guiam, que provem algo na música, sabe?

Por último, destaco a faixa-título, porque é um jeito muito legal de fechar o álbum. Particularmente, gosto muito quando um trabalho como *Running Games* termina com uma canção mais intimista e bonita. Neste caso, acústica mesmo, com violão, percussão e violino. E eu não esperava que fosse assim, pois se trata da faixa que dá nome ao álbum...

Joel: Muito obrigado! Esta foi a última música que compus, e o disco já tinha *Running Games* como nome. Eu já tinha muitas canções mid-tempo, sendo que até as duas músicas bônus são assim... Quando comecei a sequenciar as faixas para organizá-las no álbum, me surpreendi com a quantidade delas! (risos) Por isso pensei que

RUNNING GAMES
Hellion - Nac.

Brasil Revistas

"É IMPORTANTE SE MANTER OCUPADO E SER PRODUTIVO NESSE PERÍODO QUE ESTAMOS VIVENDO."

poderia fazer uma com o mesmo título do disco e encerrá-lo com ela, desde que fosse uma música acústica. Eu a compus bem rápido, em apenas uma noite, e logo em seguida já tinha a percussão do Lenny Castro gravada. É a única canção sem o Vinnie, porque é basicamente violão, o baixo do Tony (Franklin) e a percussão. O Derek também não está nela, mas o Russell faz a voz principal com os backing vocals do Jeff (Scott Soto) e da minha amiga Chloe Lowery.

Você citou seus projetos no início do papo, mas eu gostaria de falar um pouco do supergrupo com Nathan, Michael, Marco Mendoza e Tommy Aldridge. Como surgiu o projeto?

Joel: Ah, foi ideia da Frontiers. Serafino (Perugino) e Mario (de Riso) (N.R.: presidente e manager da gravadora, respectivamente) perguntaram se eu gostaria de fazer algo com Michael e Nathan, e sou amigo dos dois há muitos anos! Além disso, eu já havia trabalhado com Nathan no primeiro disco do Inglorious e tenho duas músicas no novo álbum da banda, então achei uma boa ideia. Já o baterista e o baixista eram uma surpresa, porque eu não sabia mesmo quem seriam. Pensei: 'Legal! Michael, Nathan, eu e... Ah, agora já é meio que uma festa Whitesnake!' (risos). Mas está ótimo, e vamos aproveitar ao máximo, tocar bastante e nos divertir.

E fico imaginando o que sairá da dupla Joel e Michael...

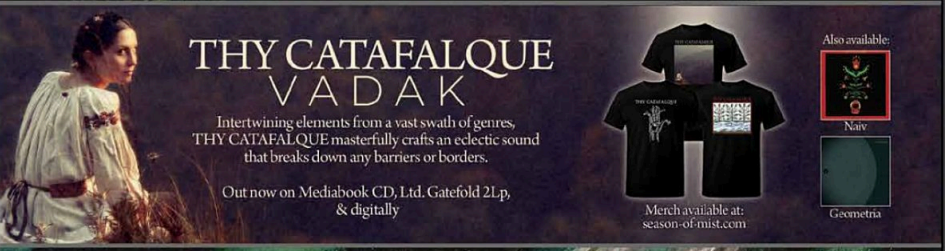
Joel: Vamos ver como ficará! Michael e Alessandro (Del Vecchio) estão produzindo o disco, e meu trabalho é dar a eles o que eles pedem. Michael quis que eu escrevesse os riffs, o que fiz, mas acho que ele queira trabalhar da mesma forma como foi com George Lynch no Sweet/Lynch, porque recebia os riffs sem uma forma definida. Eu dei aos dois riffs para todas as ideias de músicas, mas não as coloquei numa forma engessada, então agora o Michael está arranjando esses riffs da maneira que acha melhor, caso queira mudar alguma coisa. Receberemos os arranjos de volta tão logo a formatação das canções comece, porque agora o Michael deve estar fazendo isso com as guitarras.

Para terminar, o redator-chefe da ROADIE CREW, Ricardo Batalha, pediu que eu perguntasse algo: como você avalia a sua performance no torneio de basquete do Monsters of Rock Cruise de 2019?

Joel: (rindo bastante) Cara, aquilo foi divertido! Eu adorei! Não sou um jogador profissional, mas gravo alguns vídeos fazendo lances livres por diversão, então foi muito bom juntar um time com aqueles caras! Diga-me se não vale o ingresso para ver Gary Cherone, Nuno Bettencourt, Doug Aldrich, Richie Kotzen e eu num time de basquete? (risos) Acho até que nos divertimos mais naquele jogo do que tocando nossos sets no palco, mesmo sendo terríveis no basquete! (risos) Mas eu gosto demais do cruzeiro. Toco lá desde o início, então agradeço que me convidem todo ano. Adoro a tradição da Bloody Mary Jam. Na primeira vez, havia só oito pessoas assistindo ao show (risos), mas depois virou um evento com 150 pessoas!

Bom, ele me disse que ficou impressionado com a sua habilidade, e eu respondi que quem o segue no Instagram já sabia disso, por causa dos vídeos de lances livres...

Joel: (rindo bastante) Obrigado a vocês dois! Sendo eu um rockeiro das antigas, eu jogo muito bem, mas não a ponto de ser um profissional. Eu jogo bem para um velho, mesmo (risos).



THEODOR BASTARD
Volch'ya Yagoda

The pioneering Russian Neofolk band create an exotic and unique blend of world, dark wave, folk and more to create an elegant northern atmosphere.

KHANDRA
All Occupied By Sole Death

A crushing black metal attack from the East. Feat mems of ESSENCE OF DATUM

SEPTICFLESH
In the Flesh - Part II

A ltd, low-price 4 cd set inc/. their legendary 'Communion' & 'The Great Mass' albums + 'Sumerian Daemons' & 'Revolution DNA'

ERDVE
Savigaila

Genre-smashing noise-core and a violent helping of Baltic darkness from the Lithuanian quartet.

IMPURE WILHELMINA
Antidote

An elegant and dramatic form of post-hardcore on the borders of rock & metal. Strictly ltd 2Lp & Mediabook cd.

PESSIMIST
Blood For the Gods

Reissued w/ 2 bonus tracks + pressed on lp for the 1st-time

Also available: Cult of the Initiated

Brasil Revistas

Andrea Cantarelli, Nik Mazzucconi, Oleg Smirnoff, Roberto Tiranti, Matt Peruzzi e Olaf Thörsen: os responsáveis pelo segundo grande marco na carreira da banda

LABŸRINTH

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

METAL MELÓDICO ATEMPORAL

Inspirados e dispostos a entregar o melhor de si, os italianos ofertam em seu novo disco exatamente aquilo que os fãs saudosistas sempre pediram

Por Guilherme Spiazzi

Aqueles que conhecem bem o Labÿrinth sabem que seu segundo disco, *Return to Heaven Denied* (1998), contribuiu para a crescente do metal melódico na virada do século. Mais ainda, sabem que apesar dos altos e baixos a banda italiana nunca foi de seguir tendências ou jogar na zona de conforto. Sua discografia comprova isso, sobretudo seu nono disco de estúdio, *Welcome to the Absurd Circus*, um trabalho inspirado nas raízes da banda e que também incorpora a maturidade dos seus mais de 25 anos de estrada. Nele, Roberto Tiranti (voz), Olaf Thörsen (guitarra), Andrea Cantarelli (guitarra), Nik Mazzucconi (baixo, Edge of Forever), Matt Peruzzi (bateria, Shadows of Steel) e Oleg Smirnoff (teclado, Eldritch, ex-Vision Divine) resgatam grandes momentos e proporcionam, sem saudosismo algum, a mesma empolgação de outrora. Conforme contam Thörsen e Tiranti, trata-se de um trabalho moderno, inspirado e... Descubra a seguir.

Sem soar datado, *Welcome to the Absurd Circus* é um álbum que resgata as raízes do Labÿrinth. De forma geral, como vocês o encaram?

Olaf Thörsen: Ele é um disco de produção moderna e que, ao mesmo tempo em que traz uma sonoridade atual, sinto que é a maior aproximação daquilo que fizemos em *Return to Heaven Denied*. Pensando nisso, estou muito feliz com ele.

Roberto Tiranti: Eu diria o mesmo. O processo (de composição) de *Welcome to the Absurd Circus* foi muito tranquilo e orgânico. Fiquei impressionado, pois eu não esperava que compor e gravar seria tão fácil. Nele eu busquei cantar lembrando aquilo que eu fiz em *RTHD*, mas sem me repetir.

Por que ficar impressionado com a tranquilidade do processo? Ele não costuma ser fácil?

Olaf: Depois de tantos anos, sempre que pensamos que devemos compor um novo disco é realmente estressante começar. Você acha que quer fazer algo diferente, mas o que pode ser feito? Tiranti, Cantarelli e eu nos perguntamos que tipo de banda somos (risos). Sei que as pessoas esperam aquela coisa rápida do power metal, mas não somos apenas isso. Por isso, acho que precisamos de um equilíbrio entre o que somos e o que os fãs esperam. Veja, eu ainda não entendi o que exatamente é power metal. Algumas músicas nossas se encaixam nisso, mas outras, como as de *Architecture of a God* (2017), estão completamente fora desse padrão.

Roberto: O fato é que é um saco sempre que precisamos iniciar as composições, mas a coisa vai ficando cada vez melhor conforme trabalhamos. Geralmente a música vem até mim, ou seja, se eu tenho que insistir muito, temos um problema. Acho que tínhamos cerca de 30% do disco planejado, o restante veio livre de qualquer regra.

Roberto, considerando o seu comentário de cantar nos moldes de *RTHD*, o que você faz para conservar a sua voz depois de tantos anos de estrada?

Brasil Revistas

Roberto: A voz é o meu trabalho desde 1996 e é a única forma que tenho de viver. Veja, eu não bebo e nem fumo. Eu preciso cuidar do meu instrumento. Tenho muito orgulho de ainda ter uma boa voz aos 47 anos de idade. Para mim isso denota respeito com as pessoas que seguem meu trabalho com a banda.

Falou-se que a produção proporcionou uma sonoridade mais moderna, o que faz sentido, afinal estamos em 2021...

Olaf: Nós mesmos cuidamos da produção, mas contamos com a ajuda de Simone Mularoni (DGM) na mixagem. Confiamos muito nele. Ele é como um irmão para mim. Ele trabalha para entregar exatamente aquilo que queremos e é fundamental para a sonoridade que temos hoje.

Pensando nas músicas, nos detalhes, o que em *Welcome to the Absurd Circus* mais os agrada?

Olaf: Gosto muito da faixa título. Veja, em *RTHD* não temos nenhuma música que soa como ela. Quando a compusemos, seu título provisório era *No Limits* (N.R.: fazendo referência ao disco de estreia, de 1996), pois ela soava um pouco como a faixa *In the Shade*, que por sua vez na época era chamada de 'a música tipo Judas Priest' por conta da guitarra base, que remete mais a eles do que a uma banda de power metal como o Gamma Ray.

Hoje a banda conta apenas com três dos seis músicos da formação clássica que gravou *RTHD*. Mesmo assim, percebe-se que os integrantes atuais conseguiram incorporar as características marcantes que definiram a sonoridade do Labÿrinth. Isso veio naturalmente da parte deles ou foi algo trabalhado?

Olaf: Eu diria que nós não escolhemos os novos integrantes aleatoriamente. Queríamos pessoas de personalidade forte e que gostassem da música que tocamos. Mazzucconi é grande amigo de Tiranti e já era para estar na banda há muito mais tempo. Peruzzi cresceu e desenvolveu seu estilo ouvindo nossos discos. É por isso que dizem que ele consegue trazer a nossa sonoridade lá de trás. Já Smirnoff foi a adição perfeita. Veja que interessante, lá atrás, quando ele ainda fazia parte do Eldritch e depois do Vision Divine, Smirnoff mostrou um lado mais eletrônico que inspirou o nosso então tecladista, Andrea De Paoli. Pensando no nosso novo disco, quando Smirnoff percebeu que trazíamos o som que remetia a *RTHD*, ele disse que não adicionaria muitos teclados justamente porque aquele disco não tem muitos teclados. Eu admiro um músico do calibre dele dizendo tal coisa. Isso é incrível.

E como tem sido trabalhar com Cantarelli, o único músico presente em todos os discos do Labÿrinth?

Olaf: Considero Cantarelli um guitarrista incrível. Ele merece muito mais reconhecimento do que tem. Nos conhecemos desde 1992 e devo dizer que ele me inspirou muito. O cara nunca saiu da banda – para mim ele é mais guitarrista do Labÿrinth do que eu mesmo. Fico envergonhado quando as pessoas começam a comparar os discos, dizendo não curtir a fase em que eu não estive na banda.

Pelas suas palavras, fica evidente a empolgação e a confiança de vocês com *Welcome to the Absurd Circus*. O que vocês esperam desse trabalho em termos de mercado?

WELCOME TO THE ABSURD CIRCUS
Frontiers Music - Imp.

Olaf: Nós nunca temos expectativas. Porém, já se vão 25 anos de estrada e, sendo assim, quando finalizamos o disco nós o escutamos e sabemos se aquilo é bom ou ruim. Quando escutamos *Welcome to the Absurd Circus*, sabíamos que ele era particularmente bom e que era o disco certo para as pessoas que conhecem a banda. Ele soa como o Labÿrinth de 1998, mas ao mesmo tempo a produção é moderna e poderosa. Estamos muito satisfeitos, mas não temos expectativas quanto a vendas ou críticas.

Também não havia expectativas quando *Return to Heaven Denied Pt. II* (2010) e *Architecture of a God* foram lançados?

Olaf: Não. *RTHD2* era para ter acontecido logo depois de *Sons of Thunder* (2001). Ele era exatamente o disco que as pessoas esperavam de nós nos idos de 2003, mas eu acabei saindo da banda antes disso. Ele invariavelmente seria feito após um eventual retorno meu. Lançar *RTHD2* foi uma forma de dizer que tínhamos voltado. Tenho muito orgulho dele e ainda o considero um dos melhores que já fizemos. Já *Architecture of a God* era exatamente um álbum do qual gostamos, mas sabíamos que nem todos o entenderiam. Sabíamos que ele era muito progressivo, mas depois de vinte anos nós precisávamos fazer um disco assim. Sentíamos necessidade disso, queríamos algo tanto para limpar a nossa cabeça quanto para refletir nossas idade e experiência. É um disco muito maduro. Sem ele não teríamos feito *Welcome to the Absurd Circus*.

Falando em *Sons of Thunder*, o disco está completando vinte anos. Vocês consideram alguma ação comemorativa?

Olaf: Na verdade não. Apesar de o disco trazer algumas das melhores músicas que já compusemos, tivemos muitos problemas durante a produção e nunca ficamos felizes com a mixagem. Para se ter uma ideia, o produtor, Neil Kernon, intencionalmente apagou alguns dos meus solos e adicionou barulhos aleatórios alegando que as pessoas não queriam mais solos. Enfim... Não sei se gostaríamos de fazer alguma coisa tocando o disco inteiro. Também não faz sentido regravá-lo. Não é justo ou respeitoso. Mesmo se os velhos integrantes estivessem na banda, é sempre perigoso fazer algo assim.

Infelizmente, nosso tempo é curto para tantas histórias. Antes de encerrar, você gostaria de adicionar algo?

Olaf: Somos uma dessas bandas sortudas, pois temos um disco que as pessoas sempre comentam. Sempre que lançamos algo, as comparações são com *RTHD*. O mundo está cheio de músicos talentosos que não têm essa sorte de terem feito ao menos um disco bom em sua carreira. Temos muito orgulho de tudo que fizemos nesses 25 anos de carreira. Quantas bandas, depois de 25 anos, ainda lançam música de qualidade? O que aqueles que nos criticam esperam de uma banda como a nossa? O que deveríamos fazer depois de tanto tempo? Eu fiquei impressionado com o fato de ainda conseguirmos fazer músicas inspiradas depois de ouvir *Welcome to the Absurd Circus* pela primeira vez. Esse disco tem qualidade, talento e inspiração. Então, não sei o que poderíamos ter feito de diferente. Ainda somos a mesma banda tocando com a mesma paixão e isso não é muito comum. Algumas das minhas bandas preferidas ainda lançam discos, mas, honestamente, eles mudaram, a sua atitude não está mais lá.

Brasil Revistas

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

PERDIDO NO WACKEN

Faz onze anos que fui escalado pela ROADIE CREW para cobrir o Wacken Open Air. Foi uma experiência única, em que tive oportunidade de conferir Iron Maiden, Alice Cooper, Slayer, Mötley Crüe, Anvil e ainda entrevistar Hansi Kürsch (Blind Guardian). Não podia ser melhor, certo? Claro! Mas sempre tem um porém, como diria Plínio Marcos...

Wacken é uma cidade essencialmente rural, com população de duas mil pessoas, ou seja, a única saída é acampar numa das inúmeras áreas destinadas a esse fim. Fotos aéreas mostram a grandeza do negócio.

E é aí que mora o perigo – principalmente para alguém que carece de um senso de orientação mais apurado, como este que vos fala...

Encerradas as atividades do primeiro dia do festival, a missão era voltar até a barraca, que tinha sido armada logo na chegada ao local. Já tinha escurecido (o que na época do festival acontece por volta das 21h30), mas não era um problema. Vamos caminhar...

Anda, anda, anda e começa a achar que não é bem por ali, volta, tenta reconhecer algum detalhe do caminho. Nada. Voltei ao local do show e tentei chegar no acampamento pelo caminho (mais longo) que tinha usado na chegada. Impossível, alguns acessos já estavam fechados. Tentar argumentar com o segurança é um problema, já que o Wacken, a despeito de receber gente de todas as partes do mundo, é um festival essencialmente alemão – ou seja, poucos dos que trabalham lá falam inglês.

Já estava disposto a me meter numa das muitas festas que rolavam por lá e virar a noite ouvindo metal e bebendo, até que surgiu a salvação: como um oásis no deserto, um membro da equipe do Wacken com um mapa nas mãos conversava em inglês com duas mulheres. Esperei acabar o papo, perguntei onde era a área cinco, o local onde eu havia armado a barraca, e o cara explicou. Nem estava tão longe... Fui seguindo as orientações e cheguei no lugar que achava que era o certo. Estava sem placa com indicação na entrada, mas tinha um segurança ali. Lembrei das aulas de alemão que tive na infância, repassei de cabeça como se contava de um a dez e meti moral: "Fünf?" (cinco) O sujeito devolveu "Ja!" (sim) com um sorrisão e já quis engatar um papo. Mandei um "danke" (obrigado) e segui meu rumo. Mal sabia ele que tinha usado exatamente todo meu alemão ali...

Chegando no acampamento, mais uma jornada: havia dado um problema com as barracas da galera brasileira que tinha ido ao festival e elas estavam sendo montadas no escuro... Mas essa história eu conto outra hora.

A DÚVIDA QUE ME PERSEGUE

Tem uma conta na música que não consigo fechar nem a pau. É a explicação de por que raios a maioria das bandas vira o fio (emprestando expressão futebolística) e após uma fase dourada nunca mais volta a ser o que um dia foi (em brilho). Pode ser que o problema esteja comigo, e eu que não evolua com o som da banda. Pode ser. Mas as evidências contrárias são maiores do que a suspeita de que meus ouvidos é que não estão bem regulados. Vamos a exemplos práticos.

Começo com o Metallica, que alcançou a condição certa feita de maior banda do mundo. E não apenas no metal, mas do universo musical todo. Meu preferido é o *Kill 'Em All* (debut, se é que alguém não sabe), em empate com o segundo disco, *Ride the Lightning*. Daí um degrau abaixo vem *Master of Puppets* e a sequência vai quicando até estatelar no final da escadaria – mais precisamente com *St. Anger*. *Death Magnetic* tem seus suspiros e sinais de ressuscitação pintam no *Hardwired... to Self Destruct*. Mas nada que se compare às sombras dos três primeiros discos.

Para não pensar que é perseguição injusta, consideremos o Manowar. Após os quatro primeiros (brilhantes) discos, parece que os corpos e almas dos músicos foram tomados e, nos lugares, aplicados seres de criatividade infinitamente inferiores.

Isso vale para os sete primeiros do Iron Maiden (nem curto muito o *Seventh Son...*, mas vá lá), as (primeiras) fases douradas de Ozzy e Dio no Black Sabbath, os anos 70 e 80 de Scorpions, Judas Priest, AC/DC e Kiss (os dois últimos esgotaram fôlegos na primeira metade da década) e por aí vai.

Acho que você entendeu o raciocínio, certo? Claro que a partir do momento em que estabeleço teoricamente uma regra, surgem as exceções. O Aerosmith é um grupo que teve uma brilhante década de 70, sofreu (quase) morte nos 80 e renasceu lindamente nos 90.

O Kreator é outro que considero exceção, pois teve dois discos de cara nota 11, deu uma barrigada nos anos 90 e desde a virada do século lança um disco melhor do que o anterior em sequência. (Coloco entre parênteses a melhor banda de todos os tempos, o Slayer, pois esses nunca, em momento algum, pisaram na bola. Tanto que minhas músicas favoritas atualmente são do *Repentless*, lançamento derradeiro da banda. Nem vem acenar com *Divine Intervention* ou *Diabolus in Musica*, pois 99,99% dos grupos de metal dariam quatro rins para lançar UM trabalho nesse nível.)

Ou seja, resumindo, minha dúvida é pertinente?

A pergunta acima não é retórica. Se alguém souber desvendar esse mistério que me consome, sou todo ouvidos.

Brasil Revistas

A LOOK AT METAL

Por Claudio Vicentin

Claudio Vicentin é editor da Roadie Crew

CAMPO DE BATALHA

Por Ricardo Batalha

Ricardo Batalha é redator-chefe da Roadie Crew e diretor da ASE Press/Music

MAIS DO QUE UM FILME

Há cinquenta anos, o Pink Floyd realizou o show antigo anfiteatro romano em Pompeia (ITA) que foi lançado no ano seguinte com o título *Live at Pompeii*. Uma ideia do diretor e produtor Adrian Maben, que não sossegou enquanto não convenceu a banda, mas penso que a locação acabou por fazer com que todos curtissem a ideia.

Embora tenha sido grandiosamente anunciado como "Mais do que um filme! Um Concerto de Cinema Explosivo", *Pink Floyd: Live At Pompeii* é um pequeno filme pessoal, que encerra uma fase da banda mais rock espacial e extremamente artística, quando acrescentavam trilhas sonoras a filmes de arte estrangeiros e gravavam em Paris.

Considero esse filme um dos momentos mais marcantes do rock, pois ali temos um grupo fenomenal tocando ao vivo, expondo toda sua arte de forma diferente de tudo que era feito no segmento e experimentando sem medo. Não há artifícios. Você pode ver todos os fios conectados e músicos atuando. Isso é o que o torna um tanto revolucionário para a época.

Os Beatles tentaram fazer isso com *Let It Be*, desejando inicialmente filmar seus ensaios e culminar em um show em um transatlântico ou nas pirâmides, mas terminou com uma apresentação no teto do prédio de seu escritório.

A segunda versão do filme, lançada em 1974, quando o Floyd se tornou conhecido mundialmente, mostrou músicos compartilhando o almoço e gravando em um momento de muita tranquilidade e simplicidade.

Live At Pompeii expandiu a reputação da banda ao longo dos anos 70, junto com *Meddle*, que é um trabalho maravilhoso, e com o sucesso estrondoso de *The Dark Side of the Moon* (1973). Aliás, a banda executando no anfiteatro os mais de vinte minutos da música *Echoes*, de *Meddle*, é emocionante. Por sinal, visitei o anfiteatro na cidade de Pompeia em 2017 e foi uma experiência para guardar para o resto da vida. Foram alguns bons anos assistindo ao filme e então lá estava eu andando por aquele local sagrado. Nas laterais do anfiteatro acontecia uma exposição sobre o filme, com toda a história contada em detalhes, muitas fotos e vídeos.

Vale lembrar que a antiga cidade foi aniquilada durante a erupção do vulcão Vesúvio no ano 79, provocando uma intensa chuva de cinzas que a soterrou. E assim ficou por 1.600 anos, até ser reencontrada em 1748. A lama e a cinza protegeram as construções e objetos dos efeitos do tempo e moldou os corpos das vítimas. As escavações revelaram um sítio arqueológico importante e por isso hoje é possível ter uma visão da vida de uma cidade dos tempos da Roma Antiga.

ESPECULAÇÕES TÉTRICAS

Quando o Whitesnake informou que adicionou o multi-instrumentista e vocalista croata Dino Jelusick, de 29 anos de idade, ao line-up, começaram a pipocar especulações de que ele poderia se tornar o frontman efetivo da banda após a "The Farewell Tour MMXXII", que já tem datas agendadas na companhia de Europe e Foreigner. Os ex-tecladistas, Timothy Drury e Brian Ruedy, e o atual, Michele Luppi (Secret Sphere e Vision Divine), bem como todos os músicos de apoio da banda, exceto pelo baterista Tommy Aldridge, também cantam e fazem backing vocals, ajudando Coverdale nos shows. Mas pare para pensar e se questione: existe Whitesnake sem David Coverdale?

Jelusick, que faz parte das turnês da Trans-Siberian Orchestra, gravou com Animal Drive, Dirty Shirley, Jeff Scott Soto e tem discos solo lançados, além de ser vencedor do "Festival Eurovisão da Canção Júnior", em 2003, declarou: "Estou muito honrado por fazer parte de uma das minhas bandas favoritas de todos os tempos. Receber um telefonema de David Coverdale é algo com que todo vocalista e músico da minha geração só pode sonhar. Ainda parece completamente surreal."

Da mesma forma que a internet e as mídias sociais nos brindam diariamente com uma infinidade de coisas boas, também nos deixam abismados com a quantidade de babaseiras proferidas por alguns fãs e seguidores. Portanto, ficar lendo absurdos como este, assim como se o Kiss continuará como franquia tipo Menudo ou ver um apoio irrestrito a shows de holograma, me parece uma preocupação extrema com novas gerações. Não vi Elvis Presley, Led Zeppelin e muitos outros grandes nomes do rock, mas existem bandas tributo talentosas que se encarregam disso.

Rapidamente, de cabeça, lembrei do Quiet Riot, que está seguindo, ainda que com o anunciado retorno de Rudy Sarzo, sem nenhum integrante original. Este foi um pedido do saudoso baterista Frankie Banali, que também não fazia parte do line-up que fundou o grupo americano, em meados de 1975, mas pelo menos tinha a cara da banda.

Existem outras seguindo só com um integrante original, é verdade. Porém, ter um Whitesnake, grupo criado por Coverdale após deixar o Deep Purple e lançar discos solo, sem a presença do vocalista apenas para contentar gerações futuras, me parece não só ridículo, mas inconcebível. Não gosto de futurologia, mas ficar lendo tantas asneiras e especulações tétricas é irritante. Vamos aguardar e ter paciência, porque daqui a pouco poderão falar em Motörhead sem Lemmy Kilmister ou com holograma. Bem, vou tomar uma água com açúcar e volto no mês que vem.

Brasil Revistas

MORTEN VELAND (SIRENIA, MORTEMIA, EX-TRISTANIA)

Por Claudio Vicentin

Primeiro disco que comprou:
"Não consigo lembrar se foi *Trash*, do Alice Cooper ou *Appetite for Destruction*, do Guns N'Roses."

Melhor disco de heavy metal:
"Essa é uma pergunta muito difícil, mas eu diria *Masters of Puppets* ou *Ride the Lightning*, do Metallica. Álbuns incríveis e uma nostalgia mágica para eles."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Reise, Reise* (Rammstein)."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Metallica, Guns N'Roses, Rammstein e AC/DC."

Música que mais gosta de tocar:
"*Addiction No. 1* (Sirenia)."

Apresse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

Último disco que comprou:
"Acredito que foi um do Five Finger Death Punch."

Disco que mudou sua vida:
"*Appetite for Destruction*, do Guns N'Roses. Este é o álbum que me fez querer ser guitarrista."

Disco que mais ouviu na vida:
"Provavelmente *Use Your Illusion II*, do Guns N'Roses."

Melhor capa de disco:
"*Wildhoney*, do Tiamat."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"*The Spaghetti Incident?*", do Guns N'Roses."

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Pulse*, do Pink Floyd."

Música que gostaria de ter composto:
"*High Hopes*, do Pink Floyd."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Paranoid* (Black Sabbath)."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Ride the Lightning* (Metallica)."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Wildhoney* (Tiamat)."

Música que melhor define sua carreira:
"*The Other Side* (Sirenia). Essa música se tornou muito popular e fez a banda crescer de várias maneiras."

Três hinos do rock/metal para você:
"*Paranoid* (Black Sabbath), *Highway to Hell* (AC/DC) e *Killing in the Name* (Rage Against the Machine)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Se eu gosto de uma música, acho que é boa. Não consigo pensar em nenhuma, embora eu saiba o que você quer dizer (risos)."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Pink Floyd."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Tenho muito orgulho e prazer em tocar no Sirenia e no Mortemia. Eu realmente não tenho vontade de tocar em outras bandas no momento."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Não tenho certeza, mas provavelmente uma música dos anos 80. Existem tantas músicas melódicas excelentes daquela década..."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Ninguém em particular vem à mente, mas às vezes os músicos podem ser irritantes se não servirem à música que estão tocando. Quero dizer, alguns estão mais ocupados em mostrar o quão bons eles são ao invés de tocar o que serve à música da melhor maneira possível."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Violino ou violoncelo."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Eu geralmente não ouço música logo de manhã. Prefiro aproveitar o silêncio e manter minha mente focada e pronta para o trabalho."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Tenho mente aberta quando se trata de música. Além de rock e metal, posso ouvir música clássica, pop (por exemplo, Lana Del Rey) e bandas dos anos 80. Também há muita música excelente para filmes por aí."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Provavelmente trabalharia com petróleo, como muitos de meus amigos aqui na Noruega."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Tive muitos encontros excelentes com fãs, mas não consigo me lembrar de nada bizarro."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"... posso comprar uma guitarra de cinco mil dólares e não ficar com a consciência pesada depois disso."

Brasil Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

1ª EDIÇÃO

2ª EDIÇÃO

3ª EDIÇÃO

4ª EDIÇÃO

5ª EDIÇÃO

6ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

7ª EDIÇÃO

8ª EDIÇÃO

9ª EDIÇÃO

10ª EDIÇÃO

11ª EDIÇÃO

12ª EDIÇÃO

13ª EDIÇÃO

14ª EDIÇÃO

15ª EDIÇÃO

16ª EDIÇÃO

17ª EDIÇÃO

arte: www.jduartedesign.com

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELITONTOMASI

MARILLION

Acesse mais revistas no Telegram @Brasilrevistas
Brasil Revistas

Acesse mais revistas no Telegram @Brasilrevistas
Brasil Revistas

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas
Brasil Revistas

MS METAL RECORDS – A NÚMERO UM DO METAL BRASILEIRO

apresenta:

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

COM PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS DE ELBA RAMALHO E MAX CAVALERA

VERSÃO NACIONAL EM LUXUOSA EMBALAGEM COM LUVA E RELEVO PRATEADO, DIGIPACK DE QUATRO PAINÉIS, ENCARTE DE 20 PÁGINAS, POP-UP EDIÇÃO ESPECIAL E UMA FAIXA BÔNUS EXCLUSIVA PARA O MERCADO BRASILEIRO.

Embarque nesta epopeia que nos transporta para o período do descobrimento do Brasil, vivenciando ao lado de personagens marcantes, seus dramas, aventuras e conquistas. Uma história épica que merece ser experienciada por todos.

MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO DO RENOMADO DENNIS WARD.

www.edufalaschi.com.br

AUDIOTECH MUSIC STORE · Takamine · cdbaby · MS METAL RECORDS · Fusão Vinyl · Ressonância Amadeus · CARLOS FIDES · JD QUARTE MASTER